



the *Rake*

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

L.J. SHEN







A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo, não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

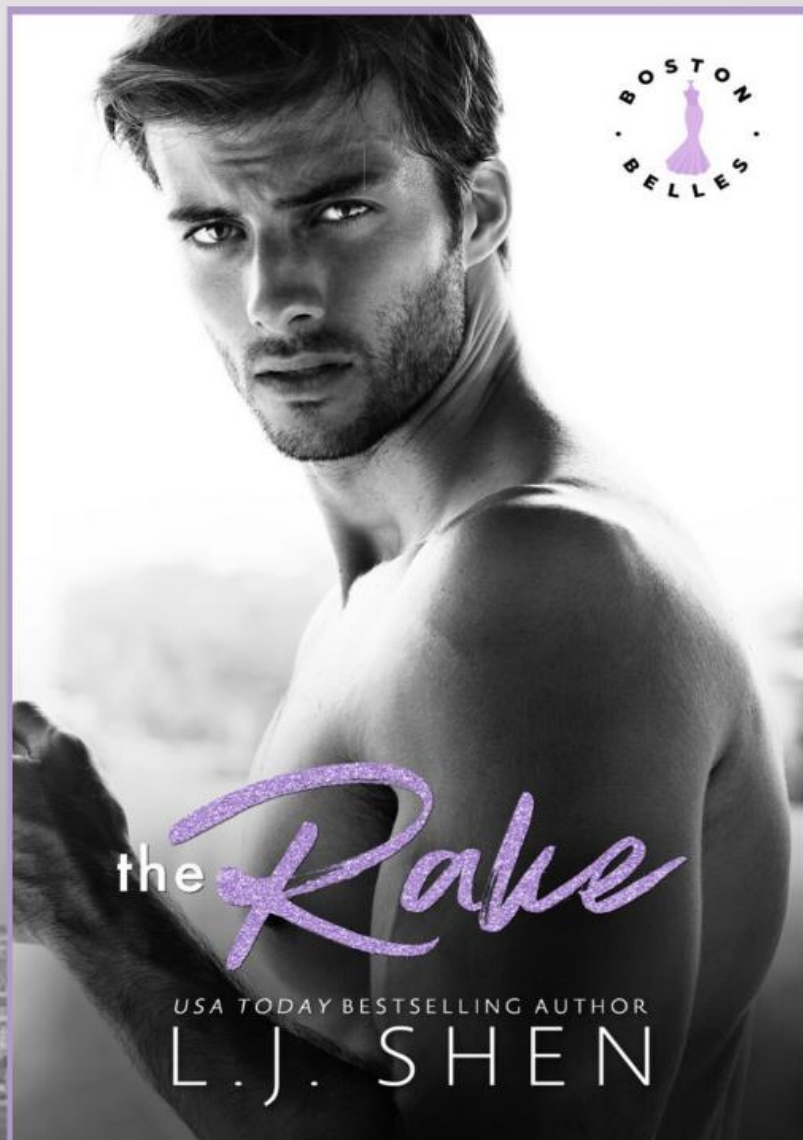
O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.





Boston Belles

LANÇAMENTO



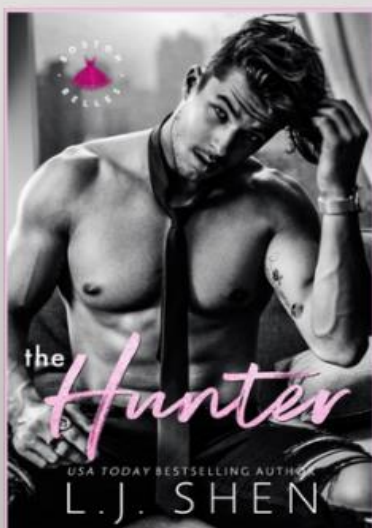
LIVRO #4



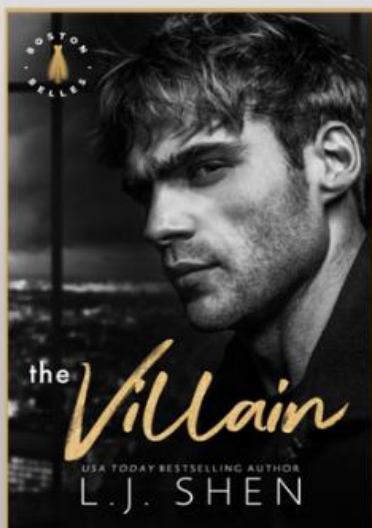
Boston Belles

ORDEM DA SÉRIE

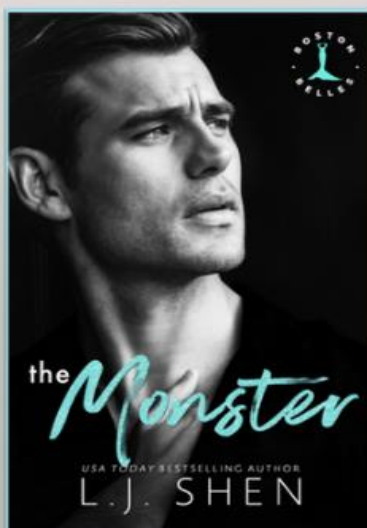
LIVRO UM



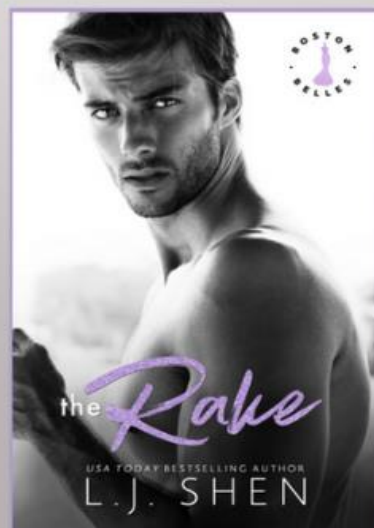
LIVRO DOIS



LIVRO TRÊS



LIVRO QUATRO



SINOPSE

Emmabelle Penrose percorreu a vida sem nunca precisar de um homem, um plano que funcionou maravilhosamente bem até cerca de cinco minutos atrás, quando ela decidiu que deveria ter um bebê.

Devon Whitehall tem 1,80 m de DNA premium, segurança financeira e títulos reais britânicos. O melhor de tudo, ele teme a única coisa que ela mais teme: casar-se.

Emmabelle acha que é uma escolha óbvia quando Devon oferece seus serviços -- esperma e envolvimento na vida de seu futuro filho.

O que começa como um arranjo inocente e moderno de família, rapidamente se desfaz em uma teia de mentiras, passados obscuros e segredos desvendados.

Dentro deste caos, Emmabelle e Devon são forçados a enfrentar a terrível verdade -- eles são capazes de amar.

Pior ainda, eles podem sentir isso um em relação ao outro.

the *Rake*
L.J. SHEN





AVISO DE GATILHO

Esta história contém assuntos que alguns podem achar desencadeantes, incluindo abuso e aliciamento de crianças.

Este livro não foi feito para que você se sinta confortável e tranquilo por dentro.

Por favor, leve isto em consideração antes de iniciá-lo.



DEDICATÓRIA

Ao meu irmão, que nunca lerá isto.

Fiquei sem gente para dedicar meus livros, por isso aqui estamos.



NOTA DA AUTORA

Em função desta história, tomei liberdade criativa em relação à forma como a propriedade e as posses são tratadas pela monarquia britânica.

Deve-se notar que Whitehall e Butchart não são títulos nobres atuais.



***rake*¹, n.7** - Um homem na moda ou elegante de hábitos dissolutos ou promíscuos.

¹ 'Rake' pode ser traduzido como ancinho. A própria autora explicou ancinho como "um homem na moda ou elegante de hábitos dissolutos ou promíscuos. Libertino.



PLAYLIST

Empara Mi: “Alibi”

Purity Ring: “Obedear”

Rolling Stones: “Under My Thumb”

Young Fathers: “Toy”

Everybody Loves an Outlaw: “Red”



EPÍGRAFE

Algumas das coisas mais belas que vale a pena ter em sua vida
vêm envoltas em uma coroa de espinhos.

— **Shannon L. Alder**



PRÓLOGO

Devon

Eu estava noivo pouco antes de ser concebido.

Meu futuro escrito, selado e acordado antes de minha mãe ter sua primeira consulta de ultrassom.

Antes de eu ter coração, pulso, pulmões e coluna. Ideias, desejos e preferências. Quando eu não passava de uma ideia abstrata.

Um plano futuro.

Uma lista a ser riscada.

O nome dela era Louisa Butchart.

Lou, realmente, para aqueles que a conheciam.

Embora eu não estivesse ciente do arranjo até completar quatorze anos. Contado logo antes da tradicional caçada pré-Natal que os Whitehalls tinham com os Butcharts.



Não havia nada de errado com Louisa Butchart. Nada que eu pudesse encontrar, de qualquer forma.

Ela era adorável, bem-educada, de excelente pedigree.

Nada de errado com ela, exceto por uma coisa: ela não era *minha* escolha.

Acho que foi assim que tudo começou.

Como me tornei quem sou hoje.

Um hedonista divertido, bebedor de uísque, esgrimista, esquiador que não respondia a ninguém e caía na cama com todas.

Todos os números e variáveis estavam lá para criar a equação perfeita.

Grandes expectativas.

Multiplicadas por demandas esmagadoras.

Moralmente dividido por mais dinheiro do que jamais poderia gastar.

Fui abençoado com o físico certo, a conta bancária certa, o sorriso certo e a quantidade certa de charme. Com apenas uma coisa invisível faltando -- uma alma.

A coisa sobre não ter uma alma é que eu nem estava ciente disso.



Foi preciso alguém especial para me mostrar o que eu estava perdendo.

Alguém como Emmabelle Penrose.

Ela me cortou e o alcatrão derramou.

Pegajoso, escuro e sem fim.

Este é o verdadeiro segredo do rake da nobreza.

Meu sangue nunca correu azul.

Era como meu coração, preto puro.



Quatorze anos de idade.

Nós cavalgamos ao pôr do sol.

Os cães lideravam o caminho. Meu pai e seu camarada, Byron Butchart Sr²., seguiram de perto. Seus cavalos galopavam em ritmo perfeito. Byron Jr., Benedict e eu fomos atrás.

Deram aos rapazes as éguas. Elas eram indisciplinadas e mais difíceis de domar. Domesticar jovens e espirituosas fêmeas era um exercício que os homens da minha classe recebiam desde tenra idade. Afinal, nascemos em uma vida que exigia uma esposa bem treinada, bebês gorduchos, críquete e amantes atraentes.

Queixo e calcanhares para baixo, costas retas, eu era a imagem de um cavaleiro nobre. Não que isso me ajudasse a evitar ser jogado na caixa de suor³, enrolando-me como um caracol.

Papai adorava me jogar lá para me ver contorcer, não importa o quanto eu tentasse agradá-lo.

A caixa de suor, também conhecida como caixa de isolamento, era um elevador de alimentos do século XVII. Tinha a forma de um caixão e oferecia a mesma experiência. Como eu era notoriamente claustrofóbico, esse era o castigo do meu pai sempre que eu me comportava mal.

O mau comportamento, no entanto, não era algo que eu fazia com frequência, ou mesmo em tudo. Essa era a parte triste. Eu queria muito ser aceito. Eu era um aluno nota dez e um esgrimista

² Sr. ou Sir, traduz-se como Senhor e é utilizado após o nome na Inglaterra. Tratamento destinado aos cavaleiros da Ordem do Império Britânico. A honra dada pela rainha transforma o homenageado em um membro da nobreza monárquica. Quem não é cidadão do Reino Unido, mas que recebe o título, não pode usar 'Sir'.

³ Uma caixa ou cela estreita na qual um prisioneiro é colocado para punição.



talentoso. Eu até cheguei ao Campeonato Juvenil da Inglaterra de espada, mas ainda fui jogado no elevador quando perdi para George Stanfield.

Talvez meu pai sempre soubesse o que eu tentava esconder da vista.

Por fora, eu era perfeito.

Por dentro, porém, estava podre até os ossos.

Aos quatorze anos, eu já tinha dormido com duas filhas dos criados, conseguido montar o cavalo favorito de meu pai até a morte prematura e flertado com cocaína e Special K⁴ (não o cereal).

Agora, íamos caçar raposas.

Odiava tanto caçar raposas. E por tanto, quis dizer um tanto da porra. Detestava isso como um esporte, um conceito e um hobby. Eu não sentia prazer em matar animais indefesos.

O pai disse que o esporte sangrento era uma grande tradição inglesa, muito parecida com a corrida do queijo⁵ e a dança Morris⁶.

⁴ Ketamina ou cetamina anestésica, utilizada ilicitamente na forma líquida ou em pó.

⁵ Evento anual realizado no mês de maio em Cooper's Hill, Inglaterra. Do alto da colina em que ocorre o evento, são lançados sucessivamente diversos queijos de Gloucester, em formato redondo (um por cada corrida), por um convidado. Os queijos descem a colina rolando e os concorrentes precisam então descer o monte a correr para os alcançarem. A primeira pessoa a chegar à linha da chegada na parte de baixo da colina ganha o queijo. Contudo, como o terreno é irregular muitas pessoas se machucam.

⁶ Dança de Morris é uma forma de dança folclórica inglesa geralmente acompanhada por música. É baseado em passos rítmicos e execução de figuras coreografadas por um grupo de dançarinos usando sinos nas canelas. Implementos como bastões, espadas e lenços também podem ser empunhados pelos dançarinos. Em um pequeno número de danças para uma ou duas pessoas, os passos são próximos e atravessam um par

Pessoalmente, achei que algumas tradições não envelheceram tão bem quanto outras. Queimar hereges na fogueira era um exemplo, caça à raposa outro.

É digno de nota destacar que a caça à raposa era – ou, devo dizer, é -- ilegal no Reino Unido. Mas os homens de poder, vim a saber, tinham uma relação complexa e muitas vezes tempestuosa com a lei. Eles a aplicavam e determinavam, mas a desconsideravam quase completamente. Meu pai e Byron Sr. gostavam de caçar raposas ainda mais porque era proibido para as classes mais baixas. Dava mais brilho ao esporte. Um lembrete eterno de que eles nasceram diferentes. Melhores.

Estávamos entrando na floresta, passando pelo caminho de paralelepípedos até o grande portão de ferro forjado do Whitehall Court Castle, a propriedade da minha família em Kent. Meu estômago revirou quando pensei no que estava prestes a fazer. Matar animais inocentes para acalmar meu pai.

As batidas suaves de Mary Janes⁷ soaram atrás de nós, batendo nas pedras.

— Devvie, espere!

A voz estava sem fôlego, carente.

de cachimbos de barro colocados uns sobre os outros no chão. Eles batem palmas, espadas ou lenços juntos para combinar com a dança.

⁷ Modelo de sapato feminino, Mary Jane, no Brasil seria estilo boneca com solado emborrachado e com fivela lateral, na cor preta.

Inclinei-me para trás na Duchess⁸, empurrando meus pés para frente, puxando as rédeas. A égua recuou. Louisa apareceu ao meu lado, segurando algo embrulhado desordenadamente. Ela estava de pijama rosa. Seus dentes estavam cobertos por aparelhos coloridos e horrendos.

— Eu te trouxe uma coixa⁹. — Ela afasta as mechas do cabelo castanho que grudava na testa. Lou era dois anos mais nova. Eu estava na infeliz fase da adolescência em que achava qualquer coisa, incluindo objetos pontiagudos e certas frutas, sexualmente atraentes. Mas Lou ainda era uma criança. Sem coordenação e pequena para caber em um bolso. Seus olhos eram grandes e curiosos, bebendo o mundo em goles. Ela não era exatamente bonita, com suas feições medianas e corpo juvenil. E seu aparelho dava a ela um problema de fala sobre o qual ficava constrangida.

— Lou, — falo lentamente, arqueando uma sobrancelha. — Sua mãe vai ter um ataque se descobrir que você escapou.

— Não me importo. — Ela fica na ponta dos pés, entregando-me algo embrulhado em um de seus suéteres adequados. Joguei seu suéter de lado, encantado ao encontrar o frasco gravado do meu pai dentro, cheio de bourbon.

— Eu sei que você não gosta de caça à raposa, então trouxe algo para você... como papai chama isso? Para aliviar a prexão.

⁸ Duquesa, nome da égua.

⁹ O erro na fala e escrita é intencional, a personagem pronuncia errado por causa do aparelho.

Os outros seguiram em frente, entrando na floresta espessa e coberta de musgo que cercava o Whitehall Court Castle, sem saber ou desinteressados com minha ausência.

— Sua maluca. — Tomo um gole do frasco, sentindo a queimadura aguda do líquido descendo pela minha garganta. — Como você conseguiu colocar as mãos nisso?

Lou sorri com orgulho, cobrindo a boca para cobrir todo o metal. — Entrei no escritório do seu pai. Ninguém nunca me nota, então posso me safar com um monte de coisas! — O desânimo em sua voz me deixa triste por ela. Lou sonhava em ir para a Austrália e se tornar uma salvadora da vida selvagem, cercada por cangurus e coalas. Eu esperava pelo bem dela que ela conseguisse. Os animais selvagens, por mais agressivos que fossem, ainda eram superiores aos humanos.

— Eu noto você.

— Jura? — Seus olhos ficam maiores, mais castanhos.

— Juro. — Coço atrás da orelha da Duchess. As mulheres, percebi, eram ridiculamente fáceis de agradar. — Você nunca vai se livrar de mim.

— Eu não quero me livrar de você! — ela diz calorosamente. — Farei qualquer coisa por você.

— Ah, qualquer coisa, agora? — Eu rio. Lou e eu tínhamos o relacionamento de um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Ela fazia coisas para tentar ganhar minha afeição, e eu, em troca, asseguro que ela era legal e carinhosa.

Ela assente ansiosamente. — Eu sempre vou te apoiar.

— Certo então. — Estava pronto para seguir em frente.

— Você acha que um dia vai contar aos seus pais que é vegetariano? — ela desabafa. Como ela sabia disso?

— Percebi que você evita carne e até peixe quando jantamos. — Ela enterra um de seus Mary Janes nas pedras, cravando os dedos dos pés, olhando para baixo com vergonha.

— Não. — Balanço minha cabeça, meu tom frio. — Há algumas coisas que meus pais não precisam saber.

E então, porque não tínhamos mais nada a dizer, e talvez porque eu estava com medo de que papai me jogasse no elevador se me visse vagando atrás, eu disse: — Bem, viva a bebida.

Levanto o frasco em saudação, aperto a barriga da Duchess com minhas botas de montaria e junto-me aos outros.

— Oh, olhe, se não é Posh Spice¹⁰. — Benedict, o irmão do meio de Lou, enfia um dedo para soltar a alça de seu capacete. — O que te prendeu?

— Lou nos deu um amuleto de boa sorte, Baby Spice¹¹. — Inclino o frasco em sua direção. Ao contrário de Louisa, que era um

¹⁰ Posh Spice era o apelido de Victoria Beckham enquanto era integrante da famosa banda britânica Spice Girls, por ser elegante e refinada.

¹¹ Baby Spice era o apelido de Emma Bunton enquanto era integrante da famosa banda britânica Spice Girls, por ser angelical e de caráter delicado.

pouco ávida, mas no geral agradável, seus irmãos – por falta de uma descrição melhor – eram idiotas completos e absolutos. Valentões gigantes que gostavam de beliscar a bunda das empregadas e fazer uma bagunça desnecessária só para ver os outros arrumando depois.

— Maldito inferno, — Byron bufa. — Ela é patética.

— Você quer dizer atenciosa. Passar tempo com meu pai requer algum nível de embriaguez, — eu digo sarcasticamente.

— Não é sobre isso. Ela está obcecada com sua bunda lamentável, — Benedict fornece.

— Não seja ridículo, — eu rosno.

— Não seja cego, — Byron late para mim.

— Eh. Ela vai superar isso. Todas elas o fazem. — Tomo outro gole, agradecido por meu pai e Byron Sr. estarem tão absortos em discutir assuntos relacionados ao parlamento que não acharam por bem virar a cabeça e verificar como estávamos.

— Espero que ela não o faça, — Benedict zomba. — Se ela está destinada a se casar com seu cérebro de merda, ela deveria, pelo menos, se divertir.

— Você disse casar? — Abaixo o frasco. Ele poderia muito bem ter dito enterrar. — Sem ofensa para a sua irmã, mas se ela está esperando uma proposta, é melhor se sentar porque uma não está chegando.

Byron e Benedict trocam olhares, sorrindo conspirativamente. Eles tinham a mesma cor de Louisa. Claros como a neve recém-

caída. Só que tinham a aparência como se eu os tivesse desenhado com a mão esquerda.

— Não me diga que você não sabe. — Byron inclina a cabeça, um sorriso cruel se espalhando por seu rosto. Eu nunca gostei dele. Mas particularmente não gostava dele naquele momento.

— Sei o quê? — Grito, detestando que eu tenha que jogar junto para descobrir o que eles estavam falando.

— Você e Lou vão se casar. Está tudo resolvido. Tem até um anel.

Eu rio metalicamente, chutando o lado direito de Duchess para fazê-la esbarrar na égua de Benedict, desequilibrando-o. Que monte de lixo. Enquanto eu continuava rindo, notei que seus sorrisos haviam desaparecido. Eles não estavam mais olhando para mim com malícia brincalhona.

— Você está falando merda. — Meu sorriso cai. Minha garganta parecia estar cheia de areia.

— Não, — diz Byron, sem rodeios.

— Pergunte ao seu pai, — Benedict desafia. — Foi decidido por nossa família há anos. Você é o filho mais velho do Marquês de Fitzgrovia. Louisa é filha do Duque de Salisbury. Uma dama. Um dia você se tornará um marquês, e nossos pais querem que o sangue real permaneça na família. Manter as propriedades intactas. Casar-se com um plebeu enfraqueceria a corrente.

Os Whitehalls eram uma das últimas famílias na nobreza que as pessoas ainda davam a mínima. Minha tataravó, Wilhelmina Whitehall, era filha de um rei.

— Eu não quero me casar com ninguém, — eu digo com os dentes cerrados. Duchess começa a ganhar velocidade, entrando na floresta.

— Bem, obviamente, — Benedict faz uma cara desagradável de ‘dãããã’. — Você tem quatorze anos. Tudo o que você quer é jogar videogame e apalpar sua carne com pôsteres de Christie Brinkley¹². No entanto, você vai se casar com nossa irmã. Muitos negócios entre nossos pais para deixar esta oportunidade ser desperdiçada.

— E não se esqueça das propriedades que ambos terão que manter — acrescenta Byron prestativo, dando um chute violento em sua égua para fazê-la ir mais rápido. — Eu vou dizer, boa sorte dando seus filhos a ela. Ela se parece com o Alien¹³ de Ridley Scott.

— Filhos...? — A única coisa que me impedia de vomitar minhas tripas era o fato de que eu não queria desperdiçar o conhaque perfeitamente bom que agora esguichava em meu estômago.

¹² Foi no início dos anos 1980 considerada a modelo mais bem paga do mundo e das primeiras na indústria a ser-lhe atribuída a designação de supermodelo.

¹³ Alien - O 8.º Passageiro é um filme de ficção científica/terror de 1979.

— Lou diz que quer cinco quando crescer, — Byron gargalha, divertindo-se. — Eu acho que ela vai mantê-lo ocupado na cama, companheiro.

— Para não mencionar exausto, — Benedict olha malicioso.

— Sobre o meu cadáver.

Minha garganta fica apertada, minhas mãos úmidas. Sinto-me o alvo de uma piada terrível. Claro, eu não podia falar com meu pai sobre isso. Não poderia enfrentá-lo. Não quando eu sabia que estava sempre a uma palavra errada do elevador.

Tudo o que podia fazer era atirar em animais indefesos e ser exatamente quem ele queria que eu fosse.

Sua pequena máquina bem lubrificada. Pronto para matar, foder ou casar como ordenado.



Mais tarde naquela noite, Byron, Benedict e eu nos sentamos na frente de uma das raposas mortas no celeiro. O cheiro pavloviano de morte envolvia a sala. Meu pai e Byron Sr. levaram todas as suas raposas mortas para o taxidermista e deixaram uma para nós.

— Queime-a, brinque com ela, deixe para os ratos comerem, não me importo, — meu pai cospe antes de virar as costas para o cadáver.

Era uma fêmea. Pequena, desnutrida e de pelo sem brilho.

Ela teve filhotes. Poderia dizer pelas tetas apontando sobre a pele de sua barriga. Pensei sobre eles. Como estavam sozinhos, famintos e presos no escuro e vasto bosque. Pensei em como atirei nela quando papai me ordenou. Como acertei uma bala bem entre os olhos dela. Como ela olhou para mim com uma mistura de espanto e terror.

E como desviei o olhar porque era papai que eu queria acertar.

Benedict, Byron e eu estávamos passando uma garrafa de champanhe de um lado para o outro, discutindo os eventos da noite, com Frankenfox¹⁴ olhando-me acusadoramente do outro lado do celeiro. Benedict também conseguiu cigarros enrolados a mão de um dos criados. Nós sopramos neles com entusiasmo.

— Vamos, companheiro, casar-se com nossa irmã não é o fim do mundo. — Byron dá uma risada de vilão de Bond¹⁵ enquanto estava parado sobre a raposa, uma de suas botas pressionada contra as costas dela.

¹⁴ Raposa Frankenstein.

¹⁵ James Bond, também conhecido pelo código 007, é um agente secreto fictício do serviço de espionagem britânico.

— *Ela é uma criança, — eu cuspo. Espalhado em um banquinho de madeira, sinto como se meus ossos tivessem um século de idade.*

— *Ela não vai ser uma criança para sempre. — Benedict enfia a ponta da bota na barriga da raposa.*

— *Para mim, ela será.*

— *Ela vai fazer você ainda mais rico, — acrescenta Byron.*

— *Nenhum dinheiro pode comprar minha liberdade.*

— *Nenhum de nós nasceu livre! — Benedict troveja, pisando forte. — Qual é o incentivo para permanecer vivo, se não para ganhar mais poder?*

— *Eu não sei qual é o significado da vida, mas tenho certeza de que não vou aceitar dicas de um garoto rico e rechonchudo que precisa pagar as empregadas para apalpar, — rosno mostrando os dentes. — Escolherei minha própria noiva, e não será sua irmã.*

Francamente, eu não queria me casar de forma nenhuma. Por um lado, tinha certeza de que seria um péssimo marido. Preguiçoso, infiel e com toda probabilidade obtuso. Mas queria manter minhas opções em aberto. E se eu realmente encontrasse Christie Brinkley? Eu me casaria com ela se isso significasse entrar em sua calcinha.

Byron e Benedict trocam olhares perplexos. Sabia que eles não tinham lealdade para com sua irmã mais nova. Afinal, ela era uma menina. E as meninas não eram tão distintas, nem tão importantes quanto os meninos na sociedade de pares. Elas não

podiam continuar o nome da família e, portanto, eram tratadas como nada mais do que uma decoração que você tinha que se lembrar de incluir nas fotos dos cartões de Natal.

Era o mesmo com minha irmã mais nova, Cecilia. Meu pai em grande parte ignorou sua existência. Eu sempre a mimava depois que ele a mandava para o quarto ou a aconchegava por estar muito perto ou muito “chata” para desfilar pela alta sociedade. Levava biscoitos para ela, contava histórias de ninar e a levava para a floresta, onde brincávamos.

— Desça do seu maldito pedestal, Whitehall. Você não é bom demais para nossa irmã — geme Byron.

— Pode ser, mas não vou dormir com ela.

— Por quê? — Byron exige. — O que há de errado com ela?

— Nada. Tudo. — Cutuco o feno com a ponta da minha bota. Eu estava bastante bêbado agora.

— Você prefere beijar a boca dessa raposa ou a de Lou? — Benedict pressiona, seus olhos vagando ao redor do celeiro, atrás do meu ombro e além.

Dou a ele um olhar irônico. — Prefiro beijar nenhum dos dois, seu desagradável classe A.

— Bem, você deve escolher um.

— Eu devo? — Soluço, pegando uma ferradura perdida e jogando nele. Errei por cerca de um quilômetro. — Por que diabos?

— Porque — diz Byron lentamente —, se você beijar a raposa, direi ao meu pai que você é gay. Isso resolveria tudo. Você estaria fora do gancho.

— Gay, — repito entorpecido. — Eu poderia ser gay.

Não tecnicamente, não. Eu amava demais as mulheres. Em todas as formas, jeitos, cores e penteados.

Byron ri. — Você, com certeza, é bonito o suficiente.

— Isso é um estereótipo, — eu digo e imediatamente me arrependo. Não estava em condições de explicar a palavra estereótipo para esses dois idiotas.

— Liberal de coração sangrando, — Byron gargalha, dando uma cotovelada em seu irmão.

— Talvez ele seja gay, — Benedict medita.

— Não. — Byron balança a cabeça. — Ele já transou com alguns passarinhos que eu conheço.

— Bem? Você vai fazer isso ou não? — Benedict exige.

Considero a proposta. Benedict e Byron eram conhecidos por esse tipo de estratégia ultrajante. Eles inventavam mentiras sobre as pessoas, e outros simplesmente compravam. Eu sabia por que ia para a mesma escola com eles. O que era um beijo bobo na boca de uma raposa morta no grande esquema das coisas?

Essa era minha única esperança. Se eu batesse de frente com meu pai, um de nós morreria. Do jeito que estava agora, esse alguém seria eu.

— Tudo bem. — Levanto-me do banco, ziguezagueando meu caminho para Frankenfox.

Abaixo-me e pressiono meus lábios na boca da raposa. Era gomoso, frio e cheirava a fio dental usado. Bile cobriu minha garganta.

— Cara, oh gawd¹⁶. Ele está realmente fazendo isso. — Benedict bufa pelas minhas costas.

— Por que não tenho uma câmera? — Byron geme. Ele estava no chão agora, segurando o estômago de tanto rir.

Empurro para trás. Meus ouvidos estavam zumbindo. Minha visão ficou leitosa. Eu via tudo através de uma névoa amarela. Alguém atrás de mim gritou. Girei para trás rapidamente, caindo de joelhos. Lou estava lá. Nas portas duplas abertas do celeiro, ainda de pijama rosa. Sua mão pressionada contra sua boca enquanto ela tremia como uma folha.

— Você... você... você... pervertido! — ela mia.

— Lou, — resmungo. — Eu sinto muito.

E eu sentia, mas não por não querer me casar com ela. Apenas sobre como ela descobriu isso.

Benedict e Byron estavam rolando no feno, socando um ao outro, rindo, rindo e rindo.

¹⁶ Gawd é usado para representar a palavra "god" (deus) pronunciada em um sotaque ou tom de voz particular, especialmente para mostrar que alguém está entediado, irritado ou chocado.

Eles armaram para mim. Eles sabiam que ela estava lá, perto da porta, observando o tempo todo. Eu nunca iria sair desse arranjo.

Lou se virou e fugiu. Suas lágrimas, como pequenos diamantes, voaram atrás de seus ombros.

O grito que saiu de sua boca era feroz. Como o que Frankenfox tinha feito antes de eu matá-la.

Tombei de joelhos e vomitei, caindo sobre os restos do meu jantar.

A escuridão girou ao meu redor.

E eu, em troca, sucumbi a isso.



Meu pai me deu um uísque na manhã seguinte. Estávamos em seu grande escritório de carvalho com um carrinho de bar dourado e cortinas cor de vinho. Um dos criados tinha me arrastado para seu escritório minutos antes. Nenhuma explicação foi necessária. Ele simplesmente me arrastou pelos tapetes e me jogou aos pés de papai.

— Aqui. Para sua ressaca.

Papai apontou para a poltrona de couro marrom na frente de sua mesa. Sentei-me, aceitando a bebida.

— Você está me dando uísque? — Cheiro, meus lábios se curvando em desgosto.

— Curar a ressaca. — Ele se esparrama em sua cadeira executiva, alisando o bigode com os dedos. — Curar a ressaca com o que te mordeu facilita o resultado.

Tomo um gole do veneno, estremecendo enquanto queima meu estômago. Tive uma noite sem dormir no feno no celeiro. Continuei acordando suando frio, sonhando com bebês parecidos com Louisa correndo atrás de mim. O gosto do beijo da raposa morta também não suavizou o golpe.

O cheiro de chá preto e biscoitos frescos flutuava pelos corredores do Whitehall Court Castle. O café da manhã ainda não tinha acabado. Meu estômago revirou, lembrando-me que o apetite era um luxo para os homens que não eram recém-casados e involuntariamente.

Esvazio meu uísque. — Você queria me ver?

— Eu nunca quero ver você. Infelizmente, é uma necessidade que vem com procriar você. — Papai não mede palavras. — Algo bastante perturbador foi trazido à minha atenção esta manhã. Lady Louisa contou a seus pais o que aconteceu ontem, e seu pai me contou a situação. — Meu pai -- alto, magro e atraente, com cabelos louros cor de areia e um terno bem passado -- falou com acusação em sua voz, convidando-me a me explicar.

Nós dois sabíamos que ele não gostava de mim em um nível pessoal. Que ele geraria novos sucessores, se não fosse pelo fato de eu continuar sendo o mais velho e, portanto, o herdeiro de seu título. Eu era muito delicado, devorador de livros, muito parecido com minha mãe. Permiti que outros garotos me dominassem, me fizessem profanar um animal.

— Eu não quero me casar com ela.

Esperava um tapa ou uma surra. Nenhum deles seria uma surpresa. Mas o que consegui foi uma risada leve e um aceno de cabeça.

— Entendo, — diz ele.

— Eu não preciso? — Animo-me.

— Oh, você vai se casar com a garota. Seus desejos não têm significado. Nem seus pensamentos, aliás. Os casamentos de amor são para as grandes massas imundas. Pessoas nascidas para seguir as regras ingratas da sociedade. Não desejará sua esposa, Devon. O propósito dela é servir a você, gerar filhos, e ficar linda. Palavra para o sábio -- mantenha seu desejo por aquelas de quem você pode se descartar. É mais inteligente e mais limpo. As regras mais comuns não se aplicam à classe alta.

A necessidade de esmagar violentamente a cabeça dele contra a parede era tão urgente que meus dedos se contraíram no meu colo. Quando permaneci em silêncio por vários minutos, ele revirou os olhos, olhando para o céu, como se eu fosse a pessoa irracional.

— Você acha que eu queria me casar com sua mãe?

— O que há de errado com mamãe? — Ela era bonita e razoavelmente boa.

— O que não há? — Ele tira um charuto de uma caixa e acende. — Se ela corresse tanto quanto sua boca, ela estaria em boa forma. Era um pacote, no entanto. Ela tinha o dinheiro. Eu tinha o título. Nós fizemos isso funcionar.

Olho para o fundo do meu copo de uísque vazio. Isso soou como um slogan para a comédia romântica mais deprimente do mundo. — Não precisamos de mais dinheiro e já terei um título.

— Não é apenas o dinheiro, seu idiota. — Ele bate a palma da mão contra a mesa entre nós, rugindo: — Tudo o que está entre nós e os plebeus que nos servem é pedigree e poder!

— O poder corrompe, — eu digo secamente.

— O mundo é corrupto. — Seu lábio curva-se em desgosto. Eu sabia muito bem que estava perto de ser jogado no elevador. — Estou tentando explicar a você em inglês simples que o assunto de suas núpcias com a senhorita Butchart não está em debate. De qualquer forma, dificilmente acontecerá amanhã.

— Não. Nem amanhã e nem nunca, — ouço-me dizer. — Eu não vou me casar com ela. Mamãe não vai tolerar isso.

— Sua mãe não tem voz nas coisas.

Seus olhos azuis escureceram em um espelho de mármore. Eu podia me ver em seu reflexo. Parecia pequeno e rebaixado. Não era eu. Não o menino que andava a cavalo com o vento dançando em seu rosto. Que enfiou a mão sob o vestido de uma criada e a

fez rir sem fôlego. O garoto com a velocidade explosiva e um jogo de pés deslumbrante que fazia alguns dos melhores esgrimistas da Europa chorarem. Aquele menino poderia perfurar o coração negro de seu pai com uma espada pontiaguda e comer seu coração enquanto ainda estava batendo. Este menino não podia.

— Você vai se casar com ela, e você vai me dar um neto do sexo masculino, de preferência um superior a você. — Meu pai termina seu charuto, apagando-o em um cinzeiro próximo. — Esse assunto está resolvido. Agora vá se desculpar com Louisa. Você vai se casar com ela depois de terminar a Universidade de Oxford – e nem um momento depois, ou você perderá toda a sua herança, seu nome de família e os parentes que, por um motivo que não sei, ainda o toleram. Porque não se engane, Devon, quando eu disser à sua mãe que ela deve renegar você, ela não pensará duas vezes antes de virar as costas para seu filho. Fui claro?

Minha astúcia ultrapassou-me naquele momento, como tinha a tendência de fazer, lavando minha pele como ácido. Fazendo-me virar do avesso e tornar-me outra pessoa. Não fazia sentido lutar contra ele. Eu não tinha impulso. Poderia ser espancado, trancado, zombado e torturado... ou poderia jogar minhas cartas direito.

Fazer o que ele e o Sr. Butchart faziam com tanta frequência. Burlar o sistema.

— Sim, senhor.

Meu pai estreitou os olhos desconfiado. — Estou dizendo para você se casar com Louisa.

— Sim, senhor.

— E peça desculpas a ela agora.

— Certamente, senhor. — Inclino minha cabeça ainda mais, um fantasma de um sorriso pairando sobre meus lábios.

— E beije-a. Mostre que você gosta dela. Nenhuma língua ou negócios engraçados. Apenas o suficiente para provar que você é fiel à sua palavra.

Bile queima seu caminho até minha garganta. — Eu vou beijá-la.

Surpreendentemente, ele parecia ainda menos satisfeito, a ponta de seu lábio superior torcendo enquanto rosnava. — O que o fez mudar de ideia?

Meu pai era malvado e idiota, uma combinação horrível. Ele tinha mais temperamento do que cérebro, o que o levou a cometer muitos erros nos negócios. Em casa, ele reinava com um punho de ferro que, na maioria das vezes, pousava no meu rosto. Os erros de negócios eram mais fáceis de lidar -- minha mãe havia assumido os livros sem o seu conhecimento, e ele quase sempre estava bêbado demais para perceber. Quanto ao meu abuso... ela sabia muito bem que se tentasse me proteger, ele levaria o cinto para ela também.

— Suponha que você esteja certo. — Inclino-me para trás em meu assento, cruzando minhas pernas casualmente. — Que diferença faz com quem eu me case, desde que eu consiga dormir no livro dos recordes da história?

Ele ri, a escuridão em seus olhos derretendo. Esta era mais a sua velocidade. Ter um filho pagão pecador com déficit de escrúpulos e ainda menos traços positivos.

— Já transou com alguém?

— Sim, senhor. Aos treze.

Ele passa o polegar sob o queixo. — Dormi pela primeira vez com uma mulher aos doze anos.

— Brilhante, — eu digo. Embora a ideia de meu pai batendo em uma mulher por trás aos doze anos fez-me querer encolher-me no sofá de um terapeuta e não sair por uma década.

— Bem, então. — Ele dá um tapa na coxa. — Para frente e para cima, jovem rapaz. A aristocracia inglesa não sai barato. É preciso preservá-la para mantê-la.

— Então farei minha parte, papai. — Levanto-me, lançando-lhe um sorriso malicioso.

Esse foi o dia em que realmente tornei-me um libertino.

O dia em que me transformei no homem astuto e sem alma que agora via quando me olhava no espelho.

O dia em que realmente pedi desculpas a Louisa, até beijei-a na bochecha e disse para ela não se preocupar. Que eu estava bêbado, que tinha sido um erro. Que definitivamente nos casaríamos e que seria um lindo evento. Com floristas e arcebispos e um bolo mais alto que um arranha-céu.



Joguei minhas cartas corretamente durante a próxima década.

Enviei seus presentes de aniversário, cobri-a de cartões e encontrei-a com frequência durante as férias de verão. Coloquei flores em seu cabelo e disse a ela que todas as outras garotas que eu tinha transado não tinham sentido. Deixei-a esperar, e definhar, e crocheter um futuro para nós dois em sua cabeça.

Até convenci meus pais a financiar minha graduação em direito em Harvard e adiar o casamento por alguns anos, explicando que voltaria assim que me formasse para ter Louisa como minha esposa.

Mas a verdade é que no dia em que completei o ensino médio e fui enviado para Boston, seria a última vez que pisaria em solo britânico.

A última vez que meu pai me veria.

Foi a traição perfeita, na verdade.

Usei sua riqueza e conexões até não precisar mais delas.

Um diploma avançado em direito de uma universidade da Ivy League era capital suficiente para conseguir uma parceria de 400 mil por ano em um dos maiores escritórios de advocacia de Boston. No meu terceiro ano, tripliquei esse valor, incluindo bônus.

E agora? Agora eu era um milionário por conta própria.

Minha vida era minha. Para liderar, para governar e para foder.



E o único caixote em que eu estava preso era no fundo da minha cabeça.

As vozes do meu passado ainda ecoavam dentro dele, lembrando-me que o amor não era nada além de uma aflição da classe média.



CAPÍTULO UM

Belle

Nos Dias de Hoje.

— Malformação uterina, — repeti entorpecida, olhando para o Doutor Bjorn.

Eu me senti ridícula. Na minha saia lápis de couro vermelha apertada e cropped branco, uma perna jogada sobre a outra, minhas sandálias Prada de salto alto penduradas nos dedos dos pés. Tudo em mim gritava mulher. Tudo menos o fato de que, aparentemente, eu não poderia ter filhos.

— Isso é o que o ultrassom indicou. — Meu ginecologista dá-me um olhar solidário, em algum lugar entre um estremecimento e uma careta. — Pedimos a ressonância magnética para confirmar o diagnóstico.

Era peculiar que a coisa em que eu pensava naquele momento não era a implicação da minha condição, mas sim o quão seriamente e estranhamente cabeludo o doutor Bjorn era.

Como um *Pomeranian Teacup*¹⁷, embora não tão bonito, ele parecia estar em seus sessenta e poucos anos, cabelos grisalhos cobrindo a maior parte dele. De suas sobrancelhas espessas e juba selvagem aos tufo fofos em seus dedos. Seu cabelo no peito enrolado em seu uniforme verde, como se estivesse escondendo um *chia pet*¹⁸.

— Explique-me o que significa novamente. Malformação uterina. — Seguro meu joelho, enviando-lhe um sorriso com gloss.

Ele se mexe na cadeira, limpando a garganta.

— Bem, seu diagnóstico é septo uterino, a forma mais comum de malformação uterina. Esta é realmente uma boa notícia. Estamos familiarizados com isso e podemos tratá-lo de várias maneiras. Seu útero é parcialmente dividido por uma parede muscular, o que a coloca em risco de infertilidade, abortos repetidos e parto prematuro. Você pode ver aqui mesmo.

Ele aponta para a foto do ultrassom entre nós. Não estava com vontade de fazer contato visual direto com minha falha de útero, mas olhei de qualquer maneira.

— Infertilidade? — Eu não tinha o hábito de repetir as palavras das pessoas, mas... que *merda? Infertilidade!* Eu mal tinha trinta anos. Tinha pelo menos mais cinco anos para

¹⁷ Uma raça de cachorro.

¹⁸ São estatuetas de terracota usadas para brotar chia, onde os brotos crescem dentro de algumas semanas para se parecerem com o pelo ou cabelo do animal.

cometer erros lindos e memoráveis com homens aleatórios antes de precisar pensar em ter bebês.

— Correto. — Doutor Bjorn assente, ainda hipnotizado pela minha falta de emoção. Ele não sabia que eu não tinha nenhuma? — Emparelhado com o seu SOP, pode ser um problema. Fico feliz em discutir os próximos passos com você...

— Espera. — Levanto a mão, balançando minha francesinha de ponta vermelha para frente e para trás. — Volte para essa abreviatura. SO-o quê?

— SOP. Síndrome dos ovários policísticos. Diz em seu arquivo que você foi diagnosticada aos quinze anos.

Certo. As coisas estavam um pouco nebulosas quando cheguei ao hospital daquela vez.

— Estou supondo que não é bom também, — brinco.

Ele passa o polegar no telefone - para mim, era um ponto baixo na minha vida, mas para ele era apenas mais uma quarta-feira. — Isso pode causar mais problemas de infertilidade.

Excelente. Meu ventre deu a Monica de *Friends*¹⁹ um adversário a altura. Eu queria comprar uma briga. Voltei minha ira para o Doutor Bjorn.

¹⁹ Seriado de comédia (Sitcom).

— O que isso significa mesmo? — Bufo. — A malformação uterina não é um problema que se desenvolve ao longo da gravidez?

Com outro sorriso de desculpas, o Dr. Bjorn vira-se para a tela à sua frente e franze a testa, suas sobrancelhas espessas erguendo-se. Ele clica com o mouse para percorrer meu histórico médico. Mouse estúpido com cliques estúpidos.

— *Diz aqui que você teve um aborto espontâneo aos quinze anos.*

Um aborto espontâneo.

Como se eu tivesse decidido ir ao café com um amigo.

O doutor Bjorn parecia tão envergonhado que fiquei surpresa por ele não ter cavado um buraco no tapete e desaparecido no andar de baixo. Seus olhos perguntaram-me se era verdade. Sua boca não. Ele sabia a resposta.

— Opa. — Sorrio sombriamente. — Está certo. Devo ter esquecido. Foi um ano de muito trabalho.

O doutor Bjorn acaricia seu braço peludo. — Olha, eu sei que isso é esmagador...

Solto uma risada rouca. — Por favor, doutor. Poupe-me do discurso estamos-aqui-para-você e vamos ao que interessa. Quais são minhas opções?

— Você tem muitas opções! — ele anuncia, animando-se. Isso, ele poderia trabalhar. Soluções. Fatos. Ciência. — Existem

maneiras de garantir sua futura maternidade. Se você estiver interessada em se tornar mãe, é claro.

Fiquei tentada a dizer não, eu não tinha a ver com a troca de fraldas ou polimento poético sobre a vida dos desenhos de bonecos de palito. Essa maternidade era uma força de desempoderamento para as mulheres em uma sociedade altamente patriarcal. Até certo ponto, eu até *acreditava* nessa ideologia pós-feminista. Afinal, eu era uma empresária autônoma cuja ambição de vida era irritar as pessoas. Quebrava um pote de pickles no chão e comia, com vidro e tudo, antes de pedir a um homem que o abrisse para mim.

Mas eu não conseguia tirar as palavras da minha boca.

A verdade era que eu *queria* ser mãe. Com cada fibra do meu ser.

Não era sofisticado, ambicioso ou digno de nota, mas era verdade. Foi por isso que, algumas semanas atrás, fiz minha primeira visita ao Dr. Bjorn para garantir que meu sistema reprodutivo estivesse em ordem e pronto para funcionar, sempre que decidisse *fazê-lo*. Não precisa nem dizer que não foi.

— Sim. — Dou de ombros evasivamente. — Estou, eu acho.

O doutor Bjorn inclina a cabeça e franze a testa. Ele tenta decifrar por que, exatamente, estava comportando-me assim. Como se ele estivesse tentando me vender painéis solares e eu o dispensasse. Eu não era uma ambientalista?

— Nesse caso, o primeiro estágio é congelar seus óvulos.

Atiro-lhe um sorriso doce e impaciente.

— Você está planejando levar seus futuros filhos até o parto? — ele pergunta.

— Posso evacuá-los durante o segundo trimestre? — Bocejo, verificando minhas unhas. — Os bebês não precisam ser totalmente cozidos?

— O que quero dizer é que sua idade deve ser uma de suas considerações. A cada ano que passa, o risco de aborto espontâneo ou parto prematuro aumenta.

— O que você está dizendo, exatamente? — Pressiono.

— Você pode querer considerar a barriga de aluguel se planeja ter filhos mais tarde na vida. O ideal, e considerando as complicações, se você estiver pronta, deve tentar engravidar imediatamente. Mas, em última análise, não quero que você se sinta apressada.

Um pouco tarde demais para isso, querido. Fui de cinco anos para ser jogada na estrada da maternidade no minuto em que ele disse isso. Porque, de novo, que merda? Esta não era a minha vida. Deveria esperar até os trinta e cinco anos, escolher um doador de esperma bonitão – Eu até ia esbanjar e obter a filiação realmente cara junto ao banco de esperma para poder ver fotos destes homens em potencial –, então conseguir alguns filhos e criar minha própria mini-família.

— Mês que vem parece um bom momento para engravidar, — ouço-me dizer. — Deixe-me ver se posso mudar meu compromisso de depilação.

— Senhorita Penrose, — Doutor Bjorn repreende, levantando-se para me servir um copo de água. Ele me entrega. Engulo de uma vez. — Eu sei que não é a notícia que você queria ouvir. Você não precisa ser corajosa aqui. Está tudo bem ficar chateada.

Isso, é claro, não era verdade. Quebrar era um privilégio que outras pessoas tinham. Fui programada para ser destemida. A vida jogou bolas curvas em mim para a esquerda e para a direita. Passei por elas como um personagem de desenho animado com um sorriso no rosto.

Peguei minha bolsa Chanel do chão. — Se eu preciso engravidar este ano, eu vou. Sem homem? Sem problemas. Vou arranjar um doador de esperma. Ouvi dizer que são altos, inteligentes e bons com números. O que mais você pode pedir em um papai de bebê? — Solto uma risada metálica, levantando-me. O ginecologista permanece sentado, ainda encarando-me em completo choque.

Sim, eu sei. Sou sem coração. Sem emoção. E, a partir de cinco minutos atrás, clinicamente sem útero também.

— Você não quer pensar sobre isso? — ele pergunta.

— Não há nada em que pensar. O tempo está trabalhando contra mim. Vou conseguir um doador de esperma e fazer isso.

Eu também não tinha o dinheiro necessário para obter uma barriga de aluguel. Além disso, engravidar fazia parte do acordo. Nos últimos anos, eu tinha visto minhas amigas e minha irmã

colocando para fora crianças como se fossem embalagens de PEZ ²⁰ . Ostentando barrigas redondas, bonitas, desejos excêntricos e sorrisos vertiginosos enquanto refletiam sobre a eterna questão: tinta pastel ou papel de parede para os berçários?

Eu queria todas essas coisas.

Cada uma de suas experiências mundanas e triviais.

Exceto uma.

O *marido*.

Casar não estava nos meus planos.

Os homens eram voláteis, indignos de confiança e, acima de tudo... um perigo para mim.

— Bem, nesse caso... — Doutor Bjorn estende a mão para eu apertar. — Estou prescrevendo 50 miligramas de clomifeno. Você deve tomá-lo a partir do segundo dia do seu ciclo menstrual no mês em que pretende engravidar. Cinco comprimidos, um para cada dia, durante cinco dias. Para ser tomado na mesma hora. Mantenha-se hidratada e observe seu ciclo. Os testes de ovulação serão seu novo melhor amigo. Quando você encontrar o doador perfeito, avise-me. Quero ler o histórico médico dele para ver se é adequado para você.

²⁰ Um tipo de doce em forma de pequenos blocos que é vendido em pequenos recipientes de plástico.

— Maravilhoso! — Viro-me, andando arrogantemente para fora da sala, fugindo antes que ele consiga fazer outro diagnóstico grave sobre o meu corpo.

Aceno adeus para a recepcionista e saio do prédio sem nenhuma lembrança de fazê-lo. Acho que estava tendo uma experiência fora do corpo.

Avanço em direção ao meu BMW esportivo, quando meu celular toca Tiro-o da minha bolsa. É minha irmã, Persy.

— Ei, Pers. — Cumprimento-a calorosamente, nenhum sinal de angústia em minha voz. Fingir que eu tinha minhas coisas juntas era uma forma de arte que aperfeiçoei há muito tempo.

— Ei, Bela. Onde você está?

— Acabei de sair do ginecologista.

— Nada como ter suas entranhas cutucadas por um completo estranho com uma lupa. — Ela suspira com o que eu suspeitava ser um desejo genuíno. Droga, ela e seu marido Cillian eram excêntricos. — Tudo bem lá embaixo?

Ouvi meu sobrinho, Astor, fazendo sons de explosão ao fundo. Ele adorava imaginar que a merda estava explodindo quando estava brincando com Legos. Aquele garoto estava se tornando noventa e nove por cento tirano, e eu estava aqui para isso. A tia precisava de novos quebra-gelos e ter um sobrinho ditador era um ótimo tópico de conversa.

— Minha vagina está em condições imaculadas, para alguém que trabalha demais e é mal paga. — Enfio meus óculos



escuros de grife no nariz, andando pela rua. — Você precisa de alguma coisa?

Minha irmã e eu conversávamos pelo menos quatro vezes por dia, mas ela normalmente não me perguntava onde eu estava. Talvez quisesse que eu tomasse conta de Astor. Agora que ela tinha um recém-nascido – o bebê Quinn, o carinha mais bonito do planeta Terra – ela muitas vezes precisava de uma mão amiga.

— Não. Mamãe está vindo para cuidar das crianças. Cillian está me levando para um encontro. Nosso primeiro desde que Quinn nasceu. Eu só tive essa vontade estranha de ligar para você para ter certeza de que você está bem. Eu não sei o que deu em mim, — minha doce e intuitiva irmãzinha lamenta.

Persephone “Persy” Fitzpatrick era tudo o que eu não era – romântica, maternal e seguidora de regras.

Ah, e a esposa do homem mais rico da América. *Nada demais.*

Parei, apoiando a mão contra uma parede de tijolos vermelhos. A Salem Street se estendia à minha frente em toda a sua glória de verão, salpicada de padarias, cafês coloridos e flores caindo de vasos penduradas.

— Não, Pers. Você tem razão. Eu precisava ouvir sua voz.

Um silêncio inquieto enche meus ouvidos. Quando Persy percebe que eu não vou explicar *por que* precisava ouvir a voz dela, ela diz: — Há algo que eu possa fazer por você, Belle? Qualquer coisa?



Você pode ter um bebê para mim?

Você pode consertar meu útero?

Você pode apagar meu passado, que me ferrou tão completamente, tão exaustivamente, que não posso mais confiar em nada nem em ninguém além de mim mesma?

— Só ouvir sua voz é o suficiente, — sorrio.

— Amo você, Belle.

— Eu também, Pers.

Coloco o telefone de volta na minha bolsa, sorrindo despreocupadamente como se nada estivesse errado.

E então... então sinto minhas bochechas molhadas com lágrimas furiosas e imparáveis.

Eu estava chorando no meio de uma movimentada rua principal? Pode apostar sua bunda que sim.

Um choro de cinema era mais parecido com isso. A falta de ar também servia. Minhas lágrimas eram amargas e quentes, cheias de autopiedade e raiva fresca. A injustiça da minha situação fez minha respiração parar. Por que isso estava acontecendo? Por que *eu*? Eu não era uma pessoa ruim.

Na verdade, eu era muito foda.

Doava para instituições de caridade e tomava conta dos filhos dos meus amigos e sempre comprava biscoitos de



escoteira. Até os *lemon-ups*²¹ – que, vamos admitir – eram tão ruins que deveriam ser ilegais em todos os cinquenta estados.

Por que ter um filho seria mais difícil para mim – se fosse sequer *possível* – quando todos ao meu redor engravidavam sempre que seus maridos lhes pediam para passar o sal?

Abatida, ansiosa e confusa, tropecei direto no templo.

Não, não é o lugar onde você ora. Um lugar chamado *Temple Bar*.

Ficar bêbada em plena luz do dia pode não ser a coisa inteligente a se fazer, mas, com certeza, era reconfortante. Além disso, precisava de um esquentar antes de ir a uma festa hoje à noite. E eu, *definitivamente*, iria festejar esta noite.

Abro a porta, vou até o bar e peço um copo alto de qualquer coisa que me deixasse bêbada em tempo recorde.

— Um *After Shock*²² e uma taça de vinho chegando. — O barman saúda, jogando um pano de polimento sobre o ombro e puxando um copo cheio de vapor da máquina de lavar.

Sento-me em uma banqueta, massageando minhas têmporas enquanto tento processar minha nova realidade. Ter um bebê agora ou praticamente nunca.

²¹ Biscoitos de limão com cobertura de açúcar.

²² Bebida do tipo licor produzida no Canadá.

Turistas e trabalhadores espreguiçados em cabines de madeira verde, saboreando canecas de Guinness, coddles²³ e guisado irlandês²⁴.

Canções folclóricas irlandesas cantavam dos alto-falantes, alegres e cheias de alegria. O mundo não sabia que eu estava sofrendo?

O lugar parecia um autêntico pub irlandês, com tetos altos ornamentados e paredes encharcadas de licor.

O barman voltou com minhas bebidas antes que eu pudesse explodir em lágrimas espontâneas. Eu não chorava desde os cinco, talvez seis, e não ia começar a ligar o sistema de abastecimento de água regularmente agora que descobri que tinha que engravidar aos trinta enquanto estava financeiramente insegura.

Tomei o *After Shock* de uma vez, batendo o copo no balcão e indo direto para o vinho.

Um tipo alto, moreno e bonito apareceu na minha periferia. Ele apoiou um cotovelo contra o bar, seu corpo inclinado em minha direção.

— Você não é Emmabelle Penrose?

²³ Prato típico irlandês preparado com linguiça de porco, bacon, batatas e cebola.

²⁴ Elaborado com carne de cabrito ou borrego, batatas, couve-branca, alho-poró, cenoura e aipo.

— Você não é um homem de meia-idade com experiência de vida suficiente para saber melhor do que interromper as pessoas quando elas estão tentando ficar bêbadas? — Estalo, pronta para outra rodada.

Ele ri. — Geniosa, assim como pensei que você seria. Queria dizer que aprecio seu modelo de negócios. E sua bunda. Ambos ficam ótimos pendurados em um outdoor em frente ao meu prédio. — Ele inclina-se para frente, prestes a sussurrar em meu ouvido.

Giro no meu banquinho, agarrando seu pulso em um aperto mortal e torcendo-o para baixo, girando seu braço inteiro no processo, a ponto de quebrá-lo. Ele solta um gemido, apertando os olhos.

— Que po...

É a minha vez de inclinar-me para ele. — A porra é que estou tentando aproveitar minha bebida aqui sem ser assediada sexualmente. Acha que seria pedir demais? O fato de eu ser dona de um clube burlesco não te dá permissão para tentar me apalpar. Assim como se você fosse um dentista, isso não me daria autoridade para me deitar em sua mesa de jantar em um restaurante e pedir para você tratar minha cárie. Agora, cai fora.

Empurro o cara, mandando-o cambaleando pelo bar, de volta ao seu banco, cuspidando palavrões em seu rastro. Ele pega seu casaco e sai do bar.

— Uau. Seu dia está tão ruim quanto a ressaca que você vai ter amanhã de manhã? — O barman sorri para mim



maliciosamente. Ele parecia estar em seus vinte e poucos anos, com cabelo ruivo e uma tatuagem de trevo no antebraço.

— Meu dia está pior do que qualquer envenenamento por álcool registrado no planeta Terra. — Bato minha taça de vinho no bar. — Confie em mim.

— Não *confie* nela. Ela é inconstante. — Um elegante sotaque inglês ri três bancos abaixo. A pessoa a quem pertencia estava sombreada nas profundezas do bar, uma mancha de escuridão ocultando sua silhueta elegante. Não precisei apertar os olhos para saber quem era.

Apenas um homem em Boston soava como poder, fumaça e um orgasmo iminente.

Diga olá para Devon Whitehall.

Também conhecido como O Bastardo Que Quebrou Minha Estrita Regra de Apenas Uma Noite.

Ele chegou a uma terceira conexão antes que eu caísse em mim e me libertasse. A partir do momento em que pulamos os ossos um do outro, cerca de três anos atrás, na casa de campo do meu cunhado Cillian na floresta, eu sabia que Devon Whitehall era diferente.

Ele era uma criatura perigosamente discreta, o estudioso de seu grupo de amigos. Manipulador, arrogante e o melhor nas atividades.

Outros homens ao seu redor tinham falhas gritantes – Cillian, meu cunhado, era um sangue frio de terno; Hunter, o

marido da minha melhor amiga, era de língua solta e pateta; e Sam, o marido de minha amiga Aisling, era... bem, um *assassino em massa*. Mas Devon não tinha nenhum sinal de neon gigante avisando para ficar longe. Ele não estava danificado, ou quebrado, ou zangado. Pelo menos não externamente. Ainda assim, ele tinha a mesma qualidade intocável que fazia você querer queimar como um meteoro, o que inevitavelmente a reduziria a nada além de cinzas.

Ele era tudo o que uma mulher queria, embrulhado em um pacote divino.

E aquele pacote tinha um corpo de última geração, até os músculos do antebraço de Moisés de Michelangelo, que faziam meu QI cair para a temperatura ambiente sempre que eu os tocava.

Eu tinha colocado um fim ao nosso encontro após a terceira conexão, alegando que *eu não era uma idiota*. Sempre gosto de dizer que onde tem vontade, tem jeito. Mas no caso de Devon, ele parecia o tipo de cara que eu poderia realmente sentir sentimentos.

Naquela conexão, depois de termos feito sexo animalesco, Devon virou-se, deixou cair a cabeça no travesseiro ao meu lado e fez algo ultrajante e vulgar. Ele adormeceu.

— *Hum, o que você pensa que está fazendo?* — Pergunto, chocada.

Qual é o próximo? Levar-me para jantar? Molettons combinando da Minnie e do Mickey? Assistir Schitt's Creek²⁵ juntos?

— Dormindo, — ele diz em seu tom paciente, todo mundo ao meu redor é um idiota. Seus olhos, azuis e prateados como gelo derretido, piscam abertos. Um sorriso diabólico forma-se em seus lábios. Sento-me ereta, olhando.

— Vá dormir na sua própria cama, mano.

— São três horas da manhã. Tenho um dia de julgamento cedo amanhã. E por favor, não use o termo 'mano'. O uso excessivo de apelidos comuns é indicativo de uma cultura linguística pobre.

— História legal, mano. Você tem uma versão dessa frase em inglês? — E então, porque eu realmente estava cansada, digo: — Não importa. Apenas saia daqui.

— Você está tirando uma com a minha cara? — Ele usava uma expressão vazia como se fosse um smoking completo.

— Fora.

Marchei até a porta e joguei fora suas roupas e mocassins. Ele tropeçou seminu no meu corredor, recolhendo os itens de grife do chão. Verdade seja dita, não foi minha melhor exibição de caráter. Estava sobrecarregada com o medo de apegar-me.

²⁵ É uma série de televisão canadense exibida pela CBC de 13 de janeiro de 2015 a 7 de abril de 2020.

Agora, Devon estava na minha frente, todo alto, lindo e fodível. Peguei seu corpo na margem da minha visão, mãos nos bolsos, mandíbula quadrada afiada como uma lâmina.

— Chamar-me de não confiável é difamação, Sr. Advogado Espertalhão. — Franzo meus lábios, deslizando para o papel da sereia castradora. Eu não estava com vontade de ser a Belle excêntrica e perspicaz, mas essa era a única versão de mim que as pessoas conheciam.

— Na verdade, é uma calúnia. A difamação é quando a falsa acusação é escrita. Eu poderia enviar uma mensagem de texto para você, se você quiser tanto. — Ele vira-se para o barman, jogando um cartão Amex²⁶ preto no balcão. — Um Stinger²⁷ para mim e um Tom Collins²⁸ para a dama.

— P-por que, sim, Sua Alteza. — O barman fica nervoso. — Quero dizer, senhor. Quero dizer... como devo te chamar?

Devon arqueia uma sobrancelha. — Honestamente preferiria que você não o fizesse. Você está aqui para me servir bebidas, não para ouvir minha história de vida.

Com isso, o barman vai pegar nossas bebidas.

²⁶ Cartão de crédito American Express. O cartão preto, Amex Black, é considerado o cartão mais exclusivo do mundo.

²⁷ Drink feito com aguardente e licor.

²⁸ Drink de gim e limão.

— Eu não vejo uma dama em qualquer lugar nesta vizinhança, — murmuro em meu copo de chardonnay²⁹.

— Há uma bem atrás de você, e ela está bem em forma, — ele brinca, rosto estoico.

Uma das coisas boas sobre Devon Whitehall (e, infelizmente, havia muitas) era que ele nunca encarava as coisas muito a sério. Depois que eu o bani vergonhosamente da minha cama, ele parou de me ligar. A próxima vez que nos encontramos, porém, em uma festa de Natal, ele me abraçou calorosamente, perguntou como eu estava e até mostrou interesse em investir no meu clube.

Ele se comportou como se nada tivesse acontecido. E para ele eu acho que nada tinha. Não sabia por que Devon nunca se casou, mas suspeitava que ele sofresse da mesma fobia de relacionamento que eu era propensa. Ao longo dos anos, vi-o desfilar uma mulher atrás da outra. Elas eram todas de pernas compridas, estilosas e tinham diplomas em assuntos que eu mal conseguia pronunciar.

Elas também tinham a vida útil de um abacate.

Devon nunca tentou ficar comigo novamente, mas continuou a gostar de mim, do jeito que você gostava do cobertor de infância com o qual costumava aconchegar-se, mas não seria mais pego nem morto no mesmo quarto com ele. Atualmente, ele fazia-me sentir cronicamente indesejável.

²⁹ É um tipo de uva, reconhecida por produzir excelentes vinhos.

— O que deixou sua calcinha em tal torção? — ele pergunta, correndo os dedos pelo cabelo grosso. Faixas das cores de trigo fresco e ouro.

Limpo os olhos rapidamente. — Vá embora, Whitehall.

— Querida garota, suas chances de evacuar um inglês de um bar em uma tarde de sexta-feira são quase nulas. Algum pedido que eu possa realmente atender? — Sua benevolência casual rolando deixou-me enjoada. Ninguém deveria ser *tão* perfeito.

— Morrer no inferno? — Pressiono minha testa no bar frio.

Eu não quis dizer isso. Só recebi de Devon uma boa conversa, elogios e orgasmos. Mas eu estava realmente chateada.

Ele deslizou para o banco ao meu lado, sacudindo o pulso para verificar seu Rolex. Eu sabia que ele não iria me responder. Às vezes, tratava-me como uma criança de oito anos.

Nossas bebidas chegam. Ele empurra o Tom Collins na minha direção, entregando meu copo de chardonnay de volta ao barman em silêncio.

— Aqui. Isso vai fazer você sentir-se melhor. E então significativamente pior. Mas já que não estarei lá para lidar com as consequências... — Ele dá de ombros descuidado.

Tomo um gole e balanço a cabeça.

— Eu não sou uma boa companhia agora. Seria melhor você começar uma conversa com o barman ou com um dos turistas.

— Querida, você é pouco civilizada, e ainda melhor companhia do que qualquer um neste CEP. — Ele dá um aperto rápido, mas quente, na minha mão.

— Por que você é legal comigo? — Exijo.

— Por que não? — Mais uma vez, ele parecia completamente à vontade.

— Eu não fui nada além de horrível com você no passado.

Pensei na noite em que o expulsei do meu apartamento, com medo de que de alguma forma ele encontrasse uma rachadura no meu coração, abrisse-a e se infiltrasse nela. O fato de que ele estava aqui, pragmático e despreocupado, apenas provava que ele tinha um coração partido escrito sobre ele.

— Não é assim que me lembro de nossa breve, mas alegre história. — Ele toma um gole de seu *Stinger*.

— Eu te expulsei.

— Minha bunda já sofreu pior. — Ele oferece um movimento desdenhoso de seu pulso. Ele tinha boas mãos. Ele tinha *tudo* bom. — Não há necessidade de levar para o lado pessoal.

— O que você *realmente* leva para o lado pessoal?

— Não muitas coisas na vida, para ser honesto. — Ele franze a testa, dando-lhe um pensamento genuíno. — Impostos corporativos, talvez? É essencialmente dupla tributação, um conceito ultrajante, você deve admitir.

Pisco lentamente para ele, perguntando-me se eu estava começando a ver uma pitada de imperfeição no homem que todos admiravam. Sob as camadas de boas maneiras e aparência esculpida estava, eu suspeitava, um homem realmente estranho.

— Você se importa com impostos, mas não que eu tenha humilhado você? — Desafio.

— Emmabelle, amor. — Ele me dá um sorriso que faria o gelo derreter. — A humilhação é um sentimento. É preciso submeter-se a ela para experimentá-la. Você nunca me humilhou. Eu estava desapontado por nosso caso ter corrido mais rápido do que queria? Correto. Mas era seu direito terminar as coisas a qualquer momento. Agora me diga o que aconteceu, — Devon persuade.

Seu sotaque parecia ter uma linha direta com aquele lugar entre minhas pernas. Ele parecia Benedict Cumberbatch lendo um audiolivro erótico.

— Não.

Ele estuda-me friamente, esperando. Isso me incomoda. Como ele estava confiante. Quão pouco falou, e quanto transmitiu com as poucas palavras que usou.

— O que você quer? Somos completos estranhos. — Meu tom era objetivo.

— Eu rejeito esse enquadramento. — Ele desliza uma folha de hortelã decorando seu copo ao longo de sua língua. Desaparecendo em sua boca. — Conheço cada centímetro e curva do seu corpo.

— Você só me conhece no sentido bíblico³⁰.

— Eu gosto da Bíblia. É uma leitura muito boa, você não acha? As passagens sobre Sodoma e Gomorra são bastante cheias de ação.

— Prefiro ficção.

— A maioria das pessoas prefere. Na ficção, as pessoas recebem o que merecem. — Ele morde um sorriso. — Além disso, muitos argumentariam que a Bíblia é ficção.

— Você acha que as pessoas têm o que merecem na vida real? — Pergunto desanimada, pensando no diagnóstico do Dr. Bjorn.

Devon esfrega um dedo sobre o queixo, franzindo a testa. — Nem sempre.

Ele parecia tão experiente, muito mais velho do que eu aos quarenta e um. Eu geralmente ia para homens que eram o completo oposto de Devon. Jovem, imprudente e instável. Caras que eu sabia que não ficariam por aqui e também não esperariam que eu ficasse.

Descartável.

Devon tinha a autoridade inata de um homem que sempre tinha a vantagem, aquele ethos³¹ masculino real.

³⁰ Conhecer no sentido bíblico quer dizer “ter relações sexuais com”.

— Por que eu me envolvi com você? — Solto, sabendo que estava sendo malcriada e descontando minha raiva nele e permitindo-me fazer isso de qualquer maneira.

Devon desliza a ponta do dedo sobre a borda do copo. — Porque sou bonito, rico, divino na cama, e nunca colocaria um anel em seu dedo. Exatamente o que você está procurando.

Não me surpreende que Devon tivesse percebido que eu tinha problemas de compromisso, considerando como nos separamos.

— Também: arrogante, muito mais velho e o amigo assustador da família. — Faço uma cruz com os dedos para mantê-lo longe, como se ele fosse um vampiro.

Devon Whitehall era o melhor amigo e advogado do meu cunhado Cillian. Eu o tinha visto em eventos familiares pelo menos três vezes por ano. Às vezes mais.

— Não sou psicólogo, mas se isso cheira a problemas de papai e anda como problemas ... — Um cubo de gelo escorrega entre seus lábios carnudos quando toma um gole de seu conhaque, e esmaga-o entre seus dentes brancos e retos, um sorriso demorando em seu rosto.

— Eu não tenho problemas com papai, — rebato.

³¹ É uma palavra com origem grega, que significa "caráter moral".



— Certo. Nem eu. Agora me diga por que você estava chorando.

— Por quê você se importa? — Gemo.

— Você é a cunhada de Cillian. Ele é como um irmão para mim.

— Se esta é a parte em que você nos faz parecer vagamente relacionados, vou vomitar.

— Você vai fazer isso hoje à noite, de qualquer maneira, no ritmo que você está bebendo. Então?

Ele não ia deixar passar, ia?

— Eu não te darei um centímetro, Whitehall.

— Por que não? Eu te dei vinte e dois.

Vinte e dois? Sério? Não é à toa que eu ainda tinha sonhos vívidos sobre nossos encontros.

— Pela última vez, eu não vou te contar.

— Muito bem. — Ele inclina-se sobre o bar e pega uma garrafa de conhaque e dois copos limpos, batendo-os entre nós. — Eu vou descobrir sozinho.



CAPÍTULO DOIS

Devon

Uma hora antes.

Estava sentado na sala de conferências do Whitehall & Baker LLP, discutindo meu assunto favorito em todo o mundo, provisões (outros Ps, como boceta³² e pôquer, vieram em segundo lugar), quando meu mundo explodiu em minúsculas partículas.

— Senhor. Whitehall? Senhor?

Joanne, minha assistente, irrompeu pela porta, seus cachos grisalhos rebeldes geralmente domados, seus óculos de leitura tortos. Olhei para Cillian, Hunter e o resto do conselho da Royal Pipelines.

³² Em inglês “boceta” é ‘pussy’.

— Como você pode ver, Jo, estou em uma reunião. — Os americanos eram um grupo notoriamente grosseiro e desnecessariamente dramático, mas isso era impróprio.

— É uma emergência, senhor.

Isso, claro, era impossível. Emergências pertenciam a outras pessoas, com coisas a perder. Eu tinha muito pouca família e um punhado de amigos. A maioria deles estava atualmente na sala comigo, e se eu fosse honesto, não perderia um membro para salvar algum deles. Ou até mesmo uma noite de sono completo.

Descanso na minha poltrona reclinável, jogando minha caneta sobre a mesa. — Qual é o problema?

Ofegante, Joanne coloca a mão no peito, balançando a cabeça.

— É um telefonema, — ela ofega. — Pessoal.

— De quem?

— Sua família.

— Não tenho uma. Tente novamente.

— Sua mãe implora para discordar.

Mãe?

Eu falava com minha mãe duas vezes por semana. Uma vez no sábado de manhã e novamente na terça-feira. Nossos telefonemas eram planejados por nossos respectivos assistentes

peçoais, e dificilmente afastamo-nos desse arranjo. Naturalmente, meu interesse foi despertado.

Cillian e Hunter, que estavam sentados ao meu lado, lançaram-me olhares curiosos. Eu nunca sussurrei um pio para eles sobre minha vida familiar. Em parte, porque disse que a vida familiar era um show de merda enorme. Não que os Fitzpatricks corressem o risco de ganhar algum prêmio Brady Bunch³³, mas a privacidade era crucial para mim.

— Diga a ela que ligo depois. — Empalo Cillian com um olhar que dizia, *continue*.

Joanne não deixou seu lugar perto da porta.

— Desculpe, Sr. Whitehall, senhor. Acho que você não entende. Você *precisa* atender essa ligação.

Hunter estala o pescoço ruidosamente, rolando-o para a esquerda e para a direita. — Apenas atenda a maldita ligação para que todos possamos seguir em frente com nossos planos diários. Eu tenho merda para fazer.

— Planos diários? — Maravilho-me. O homem era tão produtivo quanto um ladrão de túmulos em um crematório. — Você pode se masturbar no banheiro. Eu tenho um privado no meu escritório. — Coloco a chave em suas mãos. O pequeno idiota era o homem mais bonito que eu já tinha visto fora de um filme da Marvel. Apropriadamente, ele também possuía as

³³ Série estadunidense exibida de 1969 até 1974.

capacidades intelectuais de um pôster de filme rasgado. Embora fosse preciso dizer, o casamento estava de acordo com ele. Eu ainda não o colocaria no comando de nenhuma instalação de pesquisa nuclear, mas, pelo menos, ele não era mais um idiota imprudente.

— Rá. — Hunter joga a chave de volta para mim. — Vá cuidar dos seus negócios antes que meu punho cuide do seu rosto.

— Eu não posso acreditar que estou dizendo isso, mas Hunter está certo, — Cillian fala lentamente, pingando tédio. — Acabe com isso. Alguns de nós temos responsabilidades que vão além de escolher com quem dormir esta noite.

Era inútil dizer a eles que eu já havia escolhido Allison Kosinki. Ela era esperada no meu apartamento às oito e meia.

— *Vá!* — rugiram em uníssono.

Com uma dose saudável de irritação, segui os passos apressados de Joanne até meu escritório.

— Como estão as crianças, Jo?

— Muito bem, obrigada, Meritíssimo. Quero dizer, Sua Alteza... — As pessoas sempre ficavam nervosas em torno de um membro da realeza. Mesmo que trabalhassem com eles diariamente. — Você está bem?

— De fato, estou.

— Bom. Apenas lembre-se de que estamos aqui para você.



Uh-hum. Nenhuma boa notícia era recebida depois de “estamos aqui para você”.

Joanne abriu a porta para mim, então correu de volta para sua estação, evitando contato visual.

Olhei para a mesa de comando por um instante.

É melhor que alguém esteja terrivelmente ferido, ou melhor ainda, morto.

Pego o fone, mas não digo nada. Espero que mamãe dê o primeiro passo.

— Devvie? Você está aí?

— Mamãe. — O termo carinhoso não era o meu favorito – fazia-me parecer uma criança de quatro anos – mas, pessoas elegantes, infelizmente, muitas vezes falavam como se ainda estivessem de fraldas.

— Ah, Devvie. Estou devastada! Você está sentado?

Ainda de pé, olho ao redor do meu escritório, que foi projetado de maneira antiquada – teto de caixotões, armários embutidos, uma grande mesa executiva. — Sim.

— Papai faleceu esta noite.

Esperei para sentir alguma coisa – *qualquer coisa* – à luz da notícia de que meu pai chutou o balde. Mas, pela minha vida, eu não poderia.

Edwin Whitehall passou a maior parte da minha infância lembrando-me que eu não era suficiente. Ele não me deixou escolha a não ser fugir de minha terra natal, meu país, e negou-me o privilégio mais básico de todos – escolher minha própria esposa.

Nenhuma parte de mim lamentou sua morte, e mesmo que eu mantivesse um relacionamento próximo com mamãe e Cecilia, ele se recusou a ver-me até meu casamento com Louisa Butchart, ao que respondi, *não me ameace com bons momentos...*

Estava tendo muita diversão desde então.

— Isso é terrível, — eu digo categoricamente. — Você está bem?

— Eu estou... — ela funga —... bb-bem.

Na verdade, ela não parecia bem.

— Foi de repente? — Inclino o quadril contra a minha mesa, enfiando a mão no bolso da frente da minha calça. Eu sabia que foi. Mamãe fez questão de contar-me tudo sobre o golfe e a caça.

— Sim. Ataque cardíaco. Acordei esta manhã e ele estava ao meu lado, sem responder.

— O motivo, sim, mas quando você descobriu que ele estava morto? — Murmuro baixinho. Felizmente, ela não me ouviu.

— Eu simplesmente não consigo entender isso. — Ela rompe em outro ataque de lágrimas. — Papai se foi!

— Terrível, — repito entorpecido, sentindo uma alegria tranquila e descarada. O mundo não era grande o suficiente para mim e Edwin.

— Ele queria muito ver você, — mamãe choraminga. — Especialmente nos últimos anos.

Eu sabia que isso era verdade. Não porque ele sentia minha falta, Deus me livre, mas porque eu era o herdeiro de fato das propriedades, dinheiro e seu título de marquês. Tudo o que os Whitehalls valorizavam e defendiam estava aos meus pés, e ele queria ter certeza de que eu não iria chutá-lo para o meio-fio.

— Minhas condolências, mamãe, — eu digo, agora com toda a sinceridade de um vendedor de carros usados.

— Você irá ao funeral?

— Quando será? — Pergunto.

— Semana que vem.

— Maldição. — Finjo soar devastado. — Não tenho certeza se posso fazer isso. Tenho reuniões de fusão consecutivas. Mas certamente irei aí para apoiá-la assim que puder.

Mamãe e Cece vinham me visitar duas vezes por ano desde que me mudei para os Estados Unidos. Eu sempre garantia diversão, regava-as com presentes e fazia com que elas ficassem felizes. Mas voltar para a Inglaterra para mostrar respeito a Edwin era um erro moral com o qual eu não seria capaz de conviver.

— Você terá que vir aqui em algum momento, Devon. — Seu tenor endurece. — Não apenas para a leitura do testamento, mas, como você bem sabe, o Whitehall Court Castle agora é legalmente seu. Sem mencionar, agora que Edwin está morto, você é oficialmente um marquês. O solteiro mais procurado da Inglaterra.

Solteiro mais procurado da Inglaterra, uma ova. Casar-se com uma família real era apenas um pouco pior do que se casar com a máfia. Pelo menos Carmella Soprano não teve que lidar com os fotógrafos do *Daily Mail* tirando fotos do conteúdo de sua lixeira.

— Irei para garantir a transição suave da propriedade e dos fundos, — eu digo. — E, claro, estar lá para você e Cece. Como ela está lidando com isso?

— Nada bem.

Minha mãe morava no Whitehall Court Castle, assim como minha irmã Cecilia e seu marido, Drew. Eu pretendia entregar o castelo para eles – eu nunca iria viver na maldita coisa, de qualquer maneira – e lhes dar uma mesada mensal para mantê-los confortáveis.

— Irei assim que puder. — O que, para constar, ainda seria cedo demais.

A última vez que vi minha mãe foi há um ano. Perguntava-me como ela estaria esses dias. Ela ainda seria tragicamente linda, envolta da cabeça aos pés em sedas pretas? Ela manteve o hábito de uma xícara de chá à tarde com suas amigas, onde se

permitia metade de um biscoito amanteigado que depois queimava na esteira?

— Já se passaram mais de vinte anos, — diz ela.

— Eu posso contar, mamãe.

— E embora nos tenhamos visto com frequência... não é a mesma coisa quando você não está aqui.

— Eu sei disso também. E lamento ter que ir embora. — Não lamentava. Boston serviu-me bem. Era culturalmente diverso, inerentemente áspero e encharcado de história, muito parecido com Londres. Mas sem os paparazzi correndo atrás de mim ou tias de classe alta jogando suas filhas na minha porta esperando que eu fizesse uma delas minha legítima esposa.

— Você está saindo com alguém? — Mamãe soava como uma viúva arrasada como eu soava como Celine Dion. Deve ser o choque, pensei.

— Alguéns. Plural. Eu sou, como você está bem informada por seus amigos do outro lado do lago, um libertino bem estabelecido.

Essa parte era verdade. Eu amava as mulheres. Amava-as ainda mais sem suas roupas. E fazia questão de examiná-las como se fossem o jornal da manhã — uma vez era suficiente, e elas precisavam ser trocadas diariamente.

— Assim como seu pai, até certo ponto, — mamãe medita.

Pego um umidificador de madeira, girando-o na minha mão.
— Esse ponto não foi depois que ele se casou, então não chore muito por ele.

Ela choraminga em protesto, mas muda de assunto, sabendo que era tarde demais para convencer-me de que meu pai era tudo menos um monstro. — Louisa está solteira novamente. Você deve ter ouvido.

— Eu não devo ter. — Coloco o umidificador de volta na mesa, enquanto o cheiro de folhas de tabaco envelhecidas e almíscar âmbar enche minhas narinas.

Louisa era o assunto que eu menos gostava de conversar com mamãe, embora aparecesse com bastante frequência. Fiquei muito tentado a enrolar o fio da central telefônica em volta do pescoço e puxá-lo. — Eu não cuido de ninguém de casa.

— O fato de você ainda chamá-lo de casa diz muito.

Eu rio baixinho. — Esperança é como sorvete. Quanto mais você se entrega a isso, mais doente você fica.

— Bem, — ela diz brilhantemente, recusando-se a admitir a derrota, — Louisa está, de fato, solteira. Perdeu o noivo num acidente de polo há um ano. Foi bem terrível. Havia crianças assistindo ao jogo.

— Deus, — concordo. — O polo é chato para quase todos os adultos, quanto mais para as crianças. Que atroz.

— Ah, Devvie! — Mamãe repreende. — Ela ficou destruída quando aconteceu, mas agora... bem, eu quase acho que é o destino, não é? — Mamãe funga.

Essa mulher acabou de encontrar o lado bom em um homem que encontrou sua morte prematura em um violento acidente *público*? Senhoras e senhores, minha mãe, Ursula Whitehall.

— Estou feliz que você veja o lado positivo nas duas mortes que trariam Louisa e eu de volta ao mesmo código postal, — eu digo com um leve sorriso.

— Ela está esperando por você, não tão pacientemente.

— Chame-me de cético.

— Você pode ver por si mesmo quando chegar aqui. Você deve a ela, no mínimo, um pedido de desculpas adequado.

Esta era uma verdade que eu não podia escapar. Antes de pegar um avião para Boston aos dezoito anos, eu disse a Louisa que voltaria para buscá-la. Isso nunca aconteceu, embora ela tenha esperado pacientemente nos primeiros quatro anos, enviando-me impressões de vestidos de noiva e anéis personalizados. Em algum momento, a pobre moça percebeu que nosso noivado não seria cumprido e seguiu em frente. Mas ela levou cerca de uma década ou duas.

Eu devia um pedido de desculpas a ela, e ia entregar um, mas pensar que devia a ela um casamento inteiro era absurdo.

— Sabe, — minha mãe diz, baixando a voz uma oitava em tom conspiratório, — foi o último desejo de seu pai que você se casasse com Louisa.

Você sabe, queria dizer, exatamente no mesmo tom, eu não poderia importar-me menos.

— Embora eu simpatize com sua dor, acho extremamente difícil fazer concessões por Edwin. Especialmente agora, quando ele não está por perto para apreciá-las, — eu digo suavemente.

— Você precisa se acalmar, meu amor. Ter sua própria família.

— Não vai acontecer.

Mas Ursula Whitehall não deixava que uma coisa insignificante como a realidade a impedisse de fazer um bom discurso. Praticamente podia imaginá-la subindo no púlpito.

— Ouço sobre você o tempo todo de conhecidos na Costa Leste. Dizem que você é esperto, astuto e nunca deixa uma boa oportunidade ser desperdiçada.

— Eles *também* dizem que sua vida pessoal está em frangalhos. Que você passa suas noites jogando na espelunca bárbara de Sam Brennan, bebendo e tendo como companhia mulheres idiotas com metade da sua idade.

A primeira acusação foi certa. A última, no entanto, era uma mentira simples. Eu tinha um máximo rigoroso de cinco anos em vigor. Teria amantes cinco anos mais jovens ou mais velhas. Na verdade, eu só tinha quebrado a regra uma vez, com a



deliciosamente irritante Emmabelle Penrose. Apesar de todas as minhas falhas, eu não era um traste. Não havia nada tão patético quanto andar por aí com uma mulher que poderia ser confundida com sua filha. Felizmente, ninguém em sã consciência teria pensado que eu deixaria minha filha se vestir como Emmabelle Penrose.

— Entendo que você está chateada, mamãe, mas não serei convencido a casar-me.

Através da grande porta de vidro, posso ver Cillian, Hunter e o resto do conselho da Royal Pipelines saindo da sala de conferências. Hunter mostra o dedo do meio em seu caminho enquanto Cillian me oferece um breve aceno de cabeça para falar depois.

Esse telefonema atrasou-me uma hora. Era mais tempo do que eu tinha dado ao meu pai em três décadas. Iria enviar-lhe uma conta pesada direto para o inferno. Enquanto isso, mamãe continuava a falar.

— ... fora de contato com suas raízes, com sua linhagem. Suspeito que muitas coisas vão ressurgir quando você voltar para casa. Eu poderia enviar o jato particular, se você quiser.

O jato particular pertencia aos Butcharts, não aos Whitehalls, e eu sabia que não devia aceitar favores de pessoas a quem não tinha intenção de ficar em dívida.

— Não há necessidade. Voarei comercialmente, com os outros camponeses.

— A primeira classe é tão comum, a menos que seja a Singapore Airlines. — Se havia algo que poderia distrair minha mãe do fato de ela ter ficado viúva, era discutir riqueza.

— Eu voo de executiva, — digo sarcasticamente. — Escovando os ombros com pessoas honestas a Deus, comuns.

Eu sabia que, para minha mãe, voar na classe executiva era como fazer a viagem em um barco de papel enquanto sobreviveria exclusivamente de peixes crus do oceano e raios de sol.

— Oh, Devvie, odeio isso por você. — Praticamente podia imaginá-la segurando suas pérolas. — Quando devemos esperá-lo?

— Vou entrar em contato nos próximos dias.

— Por favor, apresse-se. Sentimos tanto a sua falta.

— Também sinto saudade.

Quando desligamos, parecia que minha carne havia sido rasgada.

Posso ter sentido saudade da minha mãe e minha irmã.

Mas não do Whitehall Court Castle.





Tirei o resto do dia de folga. Ao contrário da crença geral, eu não era casado com o meu trabalho. Na verdade, nem estava noivo disso. Eu tinha um relacionamento casual com a empresa que integrava e usava todas as chances que podia para passar um tempo fora do escritório.

Perder um pai, mesmo que eu tivesse esquecido como ele era, era uma desculpa brilhante para tirar uma folga.

Nuvens deslizavam preguiçosamente no alto, curiosamente observando para ver qual seria meu próximo passo. Não sendo de deixar a natureza esperando, entrei no *Temple Bar*, um pub irlandês na rua do meu escritório. Estava sentado no bar quando Emmabelle Penrose irrompeu pelas portas de madeira pegajosa, lágrimas escorrendo pelo rosto, parecendo um acidente de trem segundos depois de uma explosão colossal.

Emmabelle era a mulher mais bonita do planeta Terra. Não era um exagero, mas um fato claro. Seu cabelo, longo e sedoso, parecia absorver cada raio de sol a que tinha sido exposto, caindo em fios de diferentes tons de loiro. Seus olhos felinos, da cor de uma raspadinha de mirtilo, estavam perpetuamente encapuzados. Seus lábios eram carnudos, inchados como se ela tivesse acabado de ser beijada selvagemmente.

E isso sem falar no seu corpo, que eu estava inclinado a suspeitar que poderia causar uma Terceira Guerra Mundial um dia.

Ela era jovem. Onze anos mais nova que eu. A primeira vez que a vi, três anos atrás, quando fui servir sua irmã mais nova,



Persy, com os papéis pré-nupciais de Cillian, eu a vi dormindo e passei o mês seguinte fantasiando sobre conquistar a ninfa loira dorminhoca.

O que tornava Belle ainda mais atraente era o fato de ela, como eu, rejeitar o casamento como instituição e tratar seus casos românticos com a mesma praticidade que trataria suas finanças. Achei seu fogo, intelecto e modos inconformistas refrescantes. O que eu *não* achei revigorante foi o jeito que ela me expulsou de seu apartamento no meio da noite logo depois que começamos a dormir juntos.

A senhorita Penrose poderia ser a própria Afrodite, surgindo da espuma do mar na costa de Cypress, mas eu ainda era um homem de respeito próprio e posição social.

Perdoei, mas não esqueci.

Embora agora que dei uma boa olhada nela, ela parecia um pouco... *desgastada*?

Como se ela estivesse prestes a chorar em seu copo de chardonnay.

Um homem deu em cima dela nem mesmo um segundo depois que ela entrou no bar, e eu me sentei no canto, vendo-a quase quebrar o braço dele em dois, rindo para mim mesmo.

Mas com a diversão veio um senso bastante exasperante de responsabilidade roendo minhas entranhas. Não importa o quão desagradável eu achasse a ideia de ajudar essa megera malcriada, sabia que a esposa de Cillian e a irmã de Belle, Persy,

colocar-me-iam em todos os nove círculos do inferno de Dante se ela descobrisse que eu simplesmente a ignorei.

Além disso, Emmabelle não era do tipo que se entregava a um colapso mental completo por causa de uma unha quebrada. Como advogado, sempre fui antropológicamente curioso. O que poderia fazer essa mulher durona desmoronar?

Aproximei-me dela, cobri-a de elogios e segurança, e tentei persuadi-la a obter informações. Belle recusou-se a cooperar, como eu sabia que ela faria. A garota era mais espinhosa do que um jardim de rosas – e tão bonita quanto.

Decidi soltar a língua de Belle através do soro da verdade internacional e não oficial. Álcool.

Foi depois do terceiro conhaque que ela se virou para mim, seus grandes olhos turquesa brilhando, e disse: — Tenho que engravidar imediatamente se quero ter um filho biológico.

— Você tem trinta anos, — eu digo, ainda bebendo o mesmo Stinger com o qual comecei a noite. — Você tem muito tempo.

— Não. — Belle balança a cabeça furiosamente, soluçando. Suponho que hoje era o dia das mulheres histéricas. Não conseguia escapar delas. — Eu tenho uma... condição médica. Isso precisa acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas eu não tenho com quem fazer isso. *Ou* a estabilidade financeira.

Uma ideia prática, embora doentia, começou a se formar em minha mente. Uma situação de dois coelhos, uma cajadada.

— A parte do pai não é grande coisa. — Belle funga, prestes a tomar outro gole de sua bebida. Arranco-a de sua mão e coloco um copo alto de água lá em vez disso. Se ela tinha problemas de fertilidade, tornar-se alcoólatra não era um passo na direção certa. — Eu sempre poderia conseguir um doador de esperma. Mas Madame Mayhem está apenas começando a obter um lucro substancial após meses de equilíbrio. Eu não deveria ter comprado a parte dos outros parceiros.

Belle era a única proprietária de um clube burlesco no centro da cidade. Pelo que seu cunhado havia me explicado, ela era uma empresária astuta com instintos assassinos no caminho certo para obter um lucro de sete dígitos. A compra da parte dos outros dois sócios do clube prejudicou sua conta bancária.

— Bebês custam dinheiro, — faço um som de desdém, estabelecendo as bases para o que eu estava prestes a propor.

— *Oof*. — Ela toma um gole da água com relutância, jogando os braços no bar. — Não é à toa que as pessoas costumam parar no segundo.

— Sem mencionar, você precisará voltar ao trabalho em algum momento. Você trabalha à noite, não é? Alguém vai ter que cuidar do bebê. Ou uma babá cara ou o pai.

Eu estava indo para o inferno, mas pelo menos iria para lá em grande estilo.

— Um pai? — Ela olha-me incrédula, como se eu sugerisse que ela o deixasse com uma gangue de rua. — Já disse que vou usar um doador de esperma.

Ela usaria agora?

Engravidar Emmabelle Penrose era a solução perfeita para todos os meus problemas urgentes.

Eu não proporia a ela – não. Nenhum de nós queria um casamento, e suspeitava que Belle fosse mais difícil de domar do que um texugo de mel usando crack. Mas eu chegaria a um acordo com ela. Providenciaria para ela. Ela, em troca, seria minha marca de Caim. Meu ingresso fora da realeza.

Minha mãe estaria fora do meu caso, Louisa não queria nada comigo, e outras mulheres não teriam falsas ilusões sobre me fazer sossegar. Para não mencionar, eu realmente *queria* um herdeiro. Não queria que o título de marquês morresse comigo. Recentemente, o Parlamento britânico, em um esforço para ser mais progressista, apresentou um projeto de lei para dizer que os filhos nascidos fora do casamento agora eram herdeiros legítimos. Era como se o universo estivesse enviando-me uma mensagem.

Emmabelle era uma candidata perfeita para o meu plano.

Desapegada. Impiedosamente protetora de sua independência. Dona de um útero.

Além disso, precisava ser dito – engravidar a mulher não ia ser a tarefa mais difícil que eu já tinha recebido.

Quando minha mente começou a redigir as letras miúdas de tal acordo, Belle estava quatro passos atrás de mim, ainda lamentando sua conta bancária insuficiente.

— ...provavelmente preciso pegar um empréstimo da minha irmã. Quero dizer, eu quero? Não. Mas não posso agir a partir de um lugar de orgulho aqui. Nunca deixei de pagar um empréstimo, Devon. É difícil dormir à noite quando você sabe que deve dinheiro às pessoas. Mesmo que seja sua irmã...

Interrompo-a, girando no meu banco para encará-la. — Eu vou ter um bebê com você.

A mulher estava tão bêbada, sua resposta inicial foi olhar-me lentamente, como se ela tivesse acabado de perceber que eu estava lá em primeiro lugar.

— Você, hum, o quê?

— Eu vou te dar o que você quer. Uma criança. Segurança financeira. O pacote completo. Você precisa de um bebê, dinheiro e um “co-pai”. Eu posso te dar todas essas coisas, se você me der um herdeiro.

Ela se afasta de mim.

— Eu não quero me casar, Devon. Sei que funcionou para Persephone, mas a coisa toda da monogamia não é minha praia.

Não é. Ela disse que não. Pegue suas coisas e vá embora.

Meu pau me obrigou a ficar.

Peguei o copo de água na frente dela e o guiei até seus lábios.

— Eu não estou te oferecendo casamento, querida. Ao contrário de Cillian, não tenho interesse em transmitir ao mundo

que fui domado e fiquei sem garras. Tudo que eu quero é alguém com quem ter um filho. Famílias separadas. Vidas separadas. Pense nisso.

— Você deve estar chapado. — Generoso, vindo de uma mulher que atualmente não consegue contar o número de dedos da mão direita.

— Seu filho pode ser Sua Alteza, se você disser sim, — sibilo.

Não havia uma alma idiota em Boston que não estivesse ciente dos meus títulos reais. As pessoas tratavam-me como se eu fosse o próximo na linha de sucessão ao trono, quando, na prática, cerca de trinta pessoas na monarquia teriam que encontrar sua morte prematura – e improvável – antes que eu fosse feito rei.

Coloquei meu copo para baixo, sinalizando para o barman e pedindo algo gorduroso em um pão para ajudar com a ressaca iminente dela. Do lado de fora do pub, a noite descia nas ruas de Boston. O relógio estava correndo. Eu sabia que Emmabelle passava suas noites trabalhando no Madame Mayhem ou curtindo em boates.

— E essa criança seria um marquês? — Ela mastiga uma mecha de seu cabelo amarelo, mais divertida do que contemplativa.

— Ou uma marquesa.

— Eles seriam convidados para funções reais na Inglaterra? Um batizado de bebê? Eu teria que usar chapéus bobos e fazer uma reverência?

— Talvez, se você gostar de se punir aceitando o convite.

— Eu não possuo nenhum chapéu engraçado. — Ela torce o nariz.

— Eu te daria um se nos reproduzirmos, — digo rudemente, ficando cada vez mais apaixonado pela ideia a cada segundo que passava. Ela era perfeita. E por perfeita, quis dizer uma bagunça. Ninguém me tocaria com uma vara de três metros se eu a engravidasse. Muito menos Louisa Butchart. — Olha, nós já fizemos sexo, então sabemos que a parte da concepção seria explosiva. Sou rico, moro aqui e de boa saúde e QI. Eu pagaria pensão alimentícia, colocaria você em um lugar legal e ajudaria a criar a criança. Podemos seguir a rota da guarda conjunta, ou você pode me deixar ter visitas nos fins de semana e feriados. De qualquer forma, eu insistiria em passar um tempo regular com o bebê, já que deixaria uma herança astronômica e um título real.

Ela inclina a cabeça para o lado, estudando-me como se eu fosse a pessoa irracional entre nós dois.

— Pense nisso. Dessa forma, você obtém todas as coisas de que precisa – mais do que um doador de esperma, um pai para a criança e dinheiro para o seu problema – sem todas as coisas que você não quer, ou seja, um marido, alguém para amarrá-la e um pessoa a quem responder.

— Você está louco? — ela esfrega a testa. Penso seriamente nisso, caso tivéssemos pulado para a parte dos ancestrais do DNA sem meu aviso.

— É uma possibilidade, mas não deve ser hereditário.

— Eu não posso fazer isso com você! — Ela joga os braços para o céu.

— Por que não?

— Por um lado, eu não sou uma garimpeira.

— Você não é, — concordo enquanto o barman desliza um prato com um cheeseburger e batatas fritas do jeito de Belle. — O que é uma pena. Os garimpeiros são subestimados. Eles são empreendedores com um plano.

— Nossas famílias ficariam loucas, — ela diz em torno de uma mordida saudável cheia de condimento, carne e ketchup, lambendo os dedos. Não havia nada mais sexy do que Belle Penrose apreciando carne. Além de, talvez, Belle Penrose apreciando *minha* carne.

Seria um prazer colocar um bebê dentro dessa mulher.

— Não tenho certeza sobre a sua, mas a minha já não é exatamente *sã*, — digo impassível, removendo fiapos do meu casaco. — Brincadeiras à parte, estou com quarenta e poucos anos. Você está na casa dos trinta. Nós dois somos os indivíduos mais independentes do nosso grupo de amigos. Todos os outros ao nosso redor herdaram ou se casaram em suas posições. Ninguém poderia desprezar esse arranjo.

— *Eu* desprezaria. — Belle coloca uma batata frita na boca e mastiga pensativa. — Isso complicaria as coisas para mim. Um doador de esperma não teria nenhum direito sobre meu filho. Eu não teria que lhes pedir permissão para fazer nada. Para que escola mandá-los, como criá-los, como vesti-los. O controle seria todo meu. Não gosto de abrir mão do poder.

— Querida. — Tiro um charuto da caixa de lata no bolso e empurro-o entre os lábios, acendendo-o. — Muito pouco em sua vida está em seu poder. Fingir o contrário te prepara para o desgosto. Se você realmente não quer jogar pelas regras dos mortais, amarre seu destino ao meu.

— Você não deveria fumar aqui, cara de bunda. — Ela deixa cair o hambúrguer meio comido em seu prato, virando-se para observar o barman atentamente para ver o que ele faria.

— A realidade dita o contrário. — Eu poderia cagar bem ali no bar e ninguém piscaria. Viro-me para olhar para o barman, soprando uma nuvem de fumaça diretamente em seu rosto.

— Não é mesmo, Brian? — Assobio.

— Sim, meu senhor, e é Ryland. — Ele inclina a cabeça.

Belle inclina a cabeça, olhando-me com ceticismo. — Qual é o truque aqui?

— Não há truque. Respeito é dado àqueles que nasceram nele.

— Esse é o seu ponto de venda, Einstein? Porque nenhuma parte de mim quer uma cria tão condescendente e mimada quanto você.

Sorrindo cordialmente – nós dois vimos além dessa mentira – eu digo: — Diga seu preço.

— Pare de chamá-la de 'isso', para começar.

— Como você sabe que vai ter uma menina? — Estava divertindo-me muito. Eu não pensava em Emmabelle como uma mulher emocional e cheia de sonhos. Você vive, você aprende.

— Eu só sei.

— Então? — Pergunto secamente. — Vamos fazer a pessoa geneticamente mais dotada do planeta Terra ou o quê?

Belle levanta-se, pega sua bolsa de grife de segunda mão e mostra-me o dedo do meio. — *Ou o quê.* Encontre outra mulher para ser seu útero de aluguel. Vou sair para beber até que essa conversa se apague da minha consciência. De jeito nenhum merece qualquer espaço na minha massa cinzenta.

Ela vai embora, deixando-me com a conta, uma ideia pela qual estava apaixonando-me, e um celular com uma dúzia de ligações perdidas da Inglaterra e uma frustrada Allison Kosinki que estava esperando do lado de fora do meu apartamento a metade da noite em altos saltos, um casaco e nada mais... esperando para ser fodida.

Merda.

CAPÍTULO TRÊS

Belle

Quatorze anos de idade.

Primeira queda.

É assim que eles chamam.

Agora estou começando a entender o por quê.

Parece que estou caindo no oceano.

Não tipo bala de canhão. Mais como pular de barriga. Você sabe, quando quebrar a superfície parece bater no concreto.

Dói como uma cadela.

Dói olhar para seus olhos castanhos. A maneira como eles piscam quando nossos olhares se encontram do outro lado do corredor ou na sala de aula.



Dói quando ele solta uma risada, e eu sinto isso sacudindo meus ossos, e então sinto sua felicidade se espalhando pelo meu corpo, quente e pegajosa, como se fosse mel.

Dói quando vejo outras garotas conversando com ele, e só quero agarrá-las pelos ombros e GRITAR que ele é meu. Porque ele é. É por isso que ele guarda aqueles sorrisos e olhares e sobrancelhas levantadas só para mim.

Não sei se é normal se sentir assim. Como se este cara segurasse a chave para o meu humor.

A parte estranha é... isso não sou eu. Eu não sou maluca por garotos. Sou mais como... eu não sei, uma garota maluca.

Uma menina-moleque. Uma malandra. Sempre fazendo nada de bom. Fazendo brincadeiras, subindo em árvores, implorando para mamãe me deixar ficar fora e brincar mais alguns minutos antes do jantar. Este é o meu primeiro encontro com sentimentos que não têm nada a ver com a minha família.

Eu nunca tive uma queda antes. Então não posso dizer se está tudo bem se sentir assim. Como se ele estivesse carregando meu coração no bolso.

Uma coisa é certa.

O primeiro ano do ensino médio vai ser um longo ano.

Porque a pessoa por quem estou apaixonada?

Bem, é o Sr. Locken, meu treinador.



CAPÍTULO QUATRO

Belle

Há pouco mais de uma década, minha irmã Persy, minha melhor amiga Sailor, Aisling, e eu estávamos em um baile beneficente, organizado pelos Fitzpatricks.

Enquanto observávamos uma de nossas amigas do ensino médio sendo desfilada como um cavalo premiado por um dos homens mais velhos, fizemos um pacto ali mesmo. Prometemos uma as outras que só nos casaríamos por amor.

Não por causa de dinheiro, não por causa das circunstâncias, ou qualquer outro motivo oculto.

Nem todas nós cumprimos essa promessa com igual sucesso.

Sailor, sempre a superdotada, manteve sua palavra. O dela era um casamento de amor como manda o protocolo, cheio de emojis de coração e bebês de bochechas rechonchudas, e um homem galinha reformado para um marido que beija o chão por onde ela pisa.

Persy casou-se com Cillian Fitzpatrick, irmão de Hunter. Aqueles dois eram o que eu chamava de expresso de bagunça fumegante. Eles começaram estritamente como negócios. Mas eu sabia que minha irmã sempre amou o irmão Fitzpatrick mais velho. Ele, em troca, apaixonou-se por ela do jeito que você cai em um abismo. Forte e rápido, sem nada para agarrar no seu caminho para baixo.

Aisling foi pega nas garras venenosas do monstro favorito de Boston, apenas para descobrir que era letal para todos, menos para ela. Sam Brennan não tinha medo de Deus, mas toque um fio de cabelo na cabeça de sua esposa e ele destruiria a cidade.

E então havia *eu*.

Sabia que nunca me casaria, mas ainda assim participei do pacto. Não porque acreditei que mudaria de ideia, mas porque entendi que minha irmã, Aisling e Sailor precisavam dessa garantia.

A garantia de que eu estava bem. Que nada foi quebrado. Que eu era capaz de me apaixonar, mesmo não sendo.

Ou talvez eu fosse capaz. Eu não saberia, porque nunca corri o risco de enfrentar uma farsa dessas.

— Madame? Senhora da mansão? Você está mesmo conosco? — Sailor estala os dedos na frente do meu rosto, tentando tirar-me do meu devaneio. Estávamos todas jogadas no sofá do meu apartamento, aproveitando nossa refeição semanal. Peruano, desta vez. Eu, Sailor, Persy e Aisling, irmãzinha de Cillian e Hunter.

— Seu cérebro entrou em curto-circuito. — Aisling tira o cabelo preto do rosto, pegando meu telefone entre meus dedos enquanto mastigava paella de frutos do mar. — Ela deve estar sobrecarregada. Passe-me o vinho, por favor. Eu vou assumir.

Aisling estava aninhada ao meu lado. Persy, com seu cabelo dourado espalhado sobre meu ombro em fitas de seda, sentou-se do meu outro lado, espiando por cima da minha cabeça para observar a tela enquanto Aisling percorria meu telefone. Empoleirada na mesa de centro, Sailor – ruiva, sardenta e jovial – encheu todas as nossas taças de vinho e devorou ceviche.

Projetei meu apartamento para expressar minha personalidade. E minha personalidade, de acordo com o pequeno lugar que ocupava, era esquizofrênica, divertida e precisava desesperadamente de uma boa esfoliação.

Com papel de parede de palmeira, teto verde escuro e sofá laranja brilhante, você não pode me acusar de ter um gosto conservador. Eu tinha pinturas pop art, uma coleção de vasos de todo o mundo e gravuras de citações feministas que achei particularmente atraentes.

Ah, e pôsteres promocionais enormes de mim vestindo nada além de uma tanga e um sorriso, desfrutando de um banho de champanhe em um copo enorme. Eles também estavam espalhados por todos os outdoors de Boston.

Madame Mayhem: Onde sua moral vai morrer

— Eu não posso acreditar que vocês duas estão bebendo. — Sailor olha para Persy e Aisling, ambas mães de bebês amamentados. Aisling, especialmente, era o tipo de mulher que

não conseguia nem atravessar fora da faixa sem ter urticária. Ambrose, seu filho, ainda era pequeno.

— Eu não posso acreditar que você nunca fez sexo casual.
— Aisling “Ash” Fitzpatrick deu de ombros, tomando outro gole de vinho. — E as pessoas pensam que *eu sou* a nerd.

— Você é! — Todas nós dizemos em uníssono.

Ash estava atrasada para a festa das Boston Belles. Persy e eu conhecemos Sailor na escola, mas Aisling se tornou parte da gangue somente depois que Sailor conheceu Hunter. Ela era a certinha de nós quatro. A médica. A filha abastada e com pedigree de uma família do petróleo que se casou com o príncipe da máfia mais brutal e proibitivo de Boston.

— Sei que chamam o leite materno de ouro líquido. Mas isso? — Persy ergue o copo, estalando a língua. — Isso não tem preço. Tenho que aproveitar enquanto posso.

— Por quê? — Sailor franze a testa.

Os cílios pretos como fuligem de Persy escondiam seus olhos enquanto ela olhava para baixo, sorrindo.

— Cillian e eu tentaremos um terceiro em alguns meses.

— Vocês são como coelhos. — Engasgo.

— Você sabe como é quando você quer um pequenino, — diz Persy na defensiva.

Uma pontada de agonia corta minhas entranhas. Eu estava saindo e ficando bêbada todas as noites desde que o doutor Bjorn

me informou que meu útero era mais inútil do que o G da palavra lasagna. Estava tentando beber e afastar a dor. Eu não podia acreditar como, da noite para o dia, fui de um inferno de salto alto para uma pilha de hormônios. Não conseguia conciliar meu antigo eu com o novo. Por que eu queria um filho? Eles eram confusos, caros e atrapalhavam seu sono.

Mas eles eram seus. Sua família. Sua constante. Sua bússola.

Fiquei surpresa com a forma como minhas amigas e minha irmã receberam a notícia de que eu estava correndo contra o relógio para engravidar. Elas foram tão solidárias, tão *animadas*, que me fez sentir um pouco menos de pena de mim mesma.

Persy se ofereceu para ser babá o quanto eu quisesse (“Já tenho dois em casa, o que é mais um?”), Ash se ofereceu para assumir os deveres noturnos (“Sou médica, passar a noite acordada não me incomoda”), e Sailor disse que me daria *todos* os seus suprimentos e móveis de bebê (“Minha maneira de dizer a Hunter que não há nenhuma chance de ter um terceiro”).

Agora havia apenas o mísero negócio de, você sabe, *engravidar*.

Aceitar a oferta de Devon Whitehall não era uma boa ideia. Eu não tinha nenhum desejo de forçar meu filho a entrar em uma instituição antiquada e hereditária de pessoas brancas.

E era por isso que agora estávamos percorrendo os perfis de doadores de espermatozoides para ver se havia alguém que agradasse minha imaginação. O que era deprimente, porque as qualidades significativas em humanos não eram algo que você pudesse

encontrar em uma lista de supermercado. Você tinha que *experimentar* uma pessoa para apreciá-la plenamente. Era por isso que o namoro online quase sempre era uma droga.

Loiro e recatado, também conhecido como doador número 4322, nascido em 1998, cujo animal favorito era um golfinho pode ser geneticamente ótimo, mas e se ele fosse um humano terrível?

— Que tal este? — Ash empurra a tela do telefone na minha cara. Não havia foto do cara — apenas outro avatar cinza e sem rosto — mas uma descrição altamente detalhada dele e um nome de perfil que escolheu para si mesmo.

— *Mestre da Grelha?* Sêrio? — Preocupo-me. — Se a única coisa que ele escolhe destacar sobre si mesmo é seu talento para virar hambúrgueres, eu vou ter que passar. Se estou pagando por porra, quero que meu dinheiro valha a pena.

E a porra não saía barata. Prometi a mim mesma que iria para o tipo *Premium*. Aquela que custava quatro dígitos. Meu filho merecia o melhor.

— O homem tem 1,90, com covinhas. Nas notas da equipe, eles disseram que ele se parece com o jovem Sean Connery, — exclama Persy.

— Que tal este? — Sailor aponta para outro perfil. — Multiétnico. Alto. Atlético. QI insanamente alto. Melhor amigo de sua mãe.

Pego o telefone dela, franzindo a testa. — Então. O tipo sanguíneo dele é AB negativo, o que significa que se Deus me

livre algo acontecer, seria uma merda encontrar doações de sangue para o meu filho. Ele também se chama *Come Together*³⁴. Quero dizer, pode ser mais irônico? Literalmente, *ele* foi o único bastardo que gozou ao criar nosso bebê hipotético.

— Tudo bem, mal-humorada. Alguém entrou nessa experiência toda com algum preconceito. — Sailor curva uma sobrancelha.

— Oh, você vai encontrá-lo, Belly-Belle. Eu prometo. — Persy escova meu cabelo carinhosamente enquanto Ash balança a cabeça, ainda mexendo no meu telefone.

Percorremos os perfis por mais quarenta minutos antes de encontrarmos a combinação perfeita. Ele se autodenominava *Friendly Front Runner*³⁵, tinha 1,85, Leste Asiático, com mestrado em ciência política e políticas públicas. Seu almoço dos sonhos seria com Nikola Tesla³⁶, e seu perfil parecia envolvente, divertido e inteligente sem parecer que ele estava se esforçando demais.

— O cara é perfeito. — Sailor bate com a mão na mesa de centro em que estava sentada. — Honestamente, eu engravidaria dele se tivesse a chance.

³⁴ Pode ser entendido como “gozar juntos” ou como “junte-se/venha junto”.

³⁵ Líder amigável.

³⁶ Nikola Tesla foi um inventor, engenheiro eletrotécnico e engenheiro mecânico sérvio, mais conhecido por suas contribuições ao projeto do moderno sistema de fornecimento de eletricidade em corrente alternada.

— O que aconteceu com não querer outro filho? — Persy brinca, trançando meu cabelo.

Sailor ergue as mãos. — Estou apenas tentando fazer com que nossa garota aqui concorde com um doador antes que todos os nossos óvulos morram de velhice.

— Há um número limitado de frascos para esse cara, então você precisa ser rápida com isso, — Ash avisa, folheando todo o seu histórico no meu telefone.

Eu sabia que ela estava certa. Também sabia que *Friendly Front Runner* era provavelmente a melhor opção. Ele parecia genuinamente engraçado e envolvente. Humilde. E, no entanto... eu não conseguia ficar animada em escolhê-lo como o pai do meu filho.

Quero dizer, o que eu realmente sabia sobre esse cara, além de suas credenciais e as coisas que ele provavelmente me diria em um primeiro encontro?

Ele era gentil com estranhos?

Ele mastigava muito alto?

Ele achava que pizza de abacaxi era um prato aceitável na sociedade civilizada?

Havia tantos pontos decisivos que permaneceriam um mistério para mim.

E havia algo mais. Algo que eu não conseguia parar de pensar, mesmo sabendo que era uma receita para o desastre.

A proposta de Devon Whitehall.

— *Oh-oh*. Estamos perdendo-a de novo. Sinto que estou em um episódio ruim de *Grey's Anatomy*³⁷. — Sailor joga um camarão tempura³⁸ em sua boca.

— Eles eram todos ruins e altamente imprecisos, medicamente falando, — Aisling entra na conversa.

— Belle. — Persy apoia o queixo no meu ombro, seus olhos azuis bebê brilhando cheio de preocupação. — Está tudo bem?

Abaixo minha taça de vinho. — Esqueci-me de mencionar que há outra opção.

Aisling inclina a cabeça para o lado. — Você sabe que Deus não vai fazer com você o mesmo que fez com a Virgem Maria, certo?

— Dã. Eu tenho sido uma cristã tão ruim que tenho uma chance melhor de transar com uma cegonha. — Reviro os olhos.

— O que você quer dizer, então? — Sailor endireita-se, usando a ponta do dedo para tirar o resto da comida do recipiente, levando-o aos lábios.

³⁷ Seriado americano onde o ambienta.

³⁸ Tempura é um prato clássico da culinária portuguesa e exportada para o Japão que a popularizou. Consiste de pedaços fritos de vegetais ou mariscos envoltos num polme fino. A fritura é realizada em óleo muito quente, durante apenas cerca de dois ou três minutos.

Brinco com uma mecha do meu cabelo trançado. Eu estava em um conjunto de pijama de cetim rosa que dizia *You Look Like I Need a Drink*³⁹.

— Devon Whitehall ofereceu seus serviços – e pau. Ele basicamente disse que adoraria ter um herdeiro, mas não quer se casar. Em troca, ele me ajudaria financeiramente e seria co-pai. Isso é tão assustador, certo?

— Puta merda. — Sailor tapa a boca com a mão. — Ele não é, tipo, um duque?

— Um marquês, — corrijo, como se tivesse alguma ideia do que *isso* significa. — Eu não acho que ele seja. Ainda não, de qualquer maneira.

— O que ele é é um milionário, inteligente e um artigo sobre ser gostoso. O que você está fazendo vasculhando os perfis dos estudantes universitários quando uma oferta como essa está na mesa? — Exige Aisling. — É diferente de você, Belle. Você geralmente é a astuta.

Verdade, eu queria dizer. E porque sou inteligente, sei que não devo dar a um homem como Devon as chaves da minha vida.

— Além disso, você tem uma chance real aqui de dar ao seu bebê uma figura paterna, — acrescenta Persy.

³⁹ Tradução “Parece que estou precisando de uma bebida”, título da música country de Justin Moore.

— Não é tão simples assim. — Faço uma careta, deixando cair minha caixa de comida na mesa de centro perto de Sailor. — Todo o exercício de ter um filho sozinha é garantir que ninguém se intrometa nos meus negócios e dizer-me como criar meu filho.

— Seria uma segunda opinião sobre as coisas de vez em quando realmente tão horrível? — Aisling pergunta baixinho. — As crianças são um trabalho árduo. Você vai precisar de toda a ajuda que conseguir.

— E de qualquer forma, — Persy entra em cena, — paternidade é como um trabalho de escritório. Aqueles que estão nisso há mais tempo agora são seus superiores. Você receberá opiniões não solicitadas, quer você as queira ou não. Quer dizer, mamãe não me deixou levar Astor para passear no parque durante todo o inverno porque ela achou que ele pegaria pneumonia.

— É fácil para vocês falarem. — Tomo outro gole do meu vinho. — Vocês estão todas em relacionamentos com homens que são doidos varridos quando se trata de vocês. Claro que para vocês foi uma decisão fácil fazer surgir algumas crianças. Eu não conheço Devon, Devon não me conhece, e não gosto da ideia de um estranho com dinheiro e uma reputação questionável dando as cartas quando se trata do meu futuro filho.

Mas por dentro, eu já estava vendo cifrões e escolas particulares chiques para minha criança. Rejeitei os homens por uma boa razão. Mas eu ainda poderia montar o pau de Devon – e cartão de crédito – mantendo-o no comprimento do braço.

— Desculpe, Belle, você começou a falar do seu rabo? — Sailor finge inclinar-se para o meu traseiro, como se quisesse

verificar sua teoria. — Que cartas? Não finja que você vai fazer seu filho estudar em casa ou criá-lo como vegano ou pagão. Você vai criar essa criança como qualquer outra criança comum na América. Só com mais dinheiro e um pai cujo sotaque deixa as mulheres com os joelhos fracos.

— E se tivermos um desentendimento? — Desafio.

— Dá um tempo. — Sailor bufa, pegando os recipientes vazios e levando-os para a cozinha. — O homem fez uma fortuna transformando pessoas como ele e, ao mesmo tempo, ferrando com elas. Ele é um diplomata experiente. Por que vocês teriam um desentendimento?

— Mas eu vou quebrar o pacto, — digo finalmente.

Sailor joga os recipientes para viagem na minha lixeira enquanto Aisling lava as taças de vinho na pia. Persy fica ao meu lado.

Minha irmã murmura em meu ouvido. — Histórias de amor não são como musicais. Você não precisa ter um começo, meio e fim perfeitamente construídos para fazê-los funcionar. Às vezes o amor começa do meio. Às vezes até começa do fim.

— Eu não sou como você. — Viro-me para olhar para ela, baixando minha voz para que ninguém nos ouça. — Ouça, Pers, eu...

Ia dizer que nunca me casaria, me apaixonaria, viveria o sonho entediante da cerca branca, quando minha irmã pressionou um dedo em meus lábios, balançando a cabeça solenemente.

— Não diga o que você está prestes a dizer. Você pode, e você vai. Nada é mais forte que o amor. Nem mesmo ódio. Nem mesmo a *morte*.

Minha irmã estava errada, mas eu não digo isso a ela.

A morte era mais forte do que qualquer coisa.

Tinha sido o meu caminho para a libertação e renascimento.

Minha alma tinha sido seu preço.

Isso, e qualquer esperança de amor.



Mais tarde naquela noite, enquanto estava na cama, fiquei entediada e mandei uma mensagem para Devon. Eu ainda tinha seu número de telefone de três anos atrás, quando montei em seu rosto a caminho da Vila do Orgasmo antes de expulsá-lo.

Belle: por que você quer um filho afinal?

Ele responde depois de vinte minutos. Provavelmente ocupado entretendo uma de suas amigas com pernas de palito de dente e com doutorado.

Devon: este é o censo nacional?



O bastardo apagou meu número ou nunca o salvou. Isso definitivamente me derrubou um pouco em termos de ego.

Belle: é Belle. Responda à pergunta.

Devon: por que deve haver uma razão desonesta por trás do meu desejo por um herdeiro?

Belle: porque você é inteligente, e eu não confio em pessoas inteligentes.

Devon: confiar em pessoas estúpidas é pior. Pessoas inteligentes são, no mínimo, altamente previsíveis.

Belle: tudo o que sei sobre você é que você é da realeza. E rico.

Devon: isso é o suficiente para a maioria das mulheres oferecerem sua completa submissão a mim.

Belle: Eu não sou a maioria das mulheres, Devon. Mesmo seus amigos mais próximos não sabem nada sobre sua bunda. Se fizermos isso, e não estou dizendo que faremos, não quero ficar no escuro.

Ele me deixa esperando por alguns minutos. Pergunto-me se era porque ele queria fazer um ponto – que ele não estava largando o que estava fazendo esta noite para conversar comigo – ou porque ele realmente estava com outra mulher. Eu não me importava se ele estava fazendo sexo com toda a equipe do Miami

Heat Dancers⁴⁰. Ou se ele estava na casa de Sam Brennan, bebendo e fumando até a morte prematura e contagem de esperma questionável.

Devon: você não ficará no escuro. Eu te arrebataria em plena luz do dia.

Viro de barriga para baixo no colchão. Meus dedos voando sobre minha tela.

Devon: quem não gostaria disso? <imagem anexada>

Penso, com certeza, que o enfadonho me mandou uma foto de pau. Mas quando abro a imagem, era uma foto de um bebê com uma mecha de cabelo louro-branco e olhos azuis penetrantes em uma fantasia completa de marinheiro. A roupa parecia um vestido, e o bebê era tão angelical, eu queria morder as dobrinhas macias de sua coxa.

Belle: CALA A BOCA.

Não houve resposta. Droga, ele era tão literal.

Belle: é você?

Devon: sou eu.

⁴⁰ Grupo de dança, composto por mulheres, pertencente ao time de basquete Miami Heat.

Ele era o bebê mais fofo do mundo, com certeza. Mas por alguma razão, meu desafio mental não podia lhe fazer este simples elogio.

Belle: azul e branco não são suas cores, mano. E esse vestido faz seus tornozelos parecerem enormes.

Eu sabia que ele estava rindo, assim como sabia que ele não iria escrever LOL. Devon estava acima de abreviaturas e siglas. Certa vez, ele jogou uma barra de sabão em Hunter quando usou a palavra “rando⁴¹” para se referir a um estranho, e insistiu que ele esfregasse a boca com ela, já que manchava o inglês da rainha.

Devon: Eu atualizei minha agenda de cardio desde então. Esgrima, principalmente.

Belle: por que você quer ter um filho?

Insisto, perguntando novamente.

Devon: Eu preciso de alguém para herdar tudo o que deixarei.

Belle: já ouviu falar em caridade?

Devon: parece uma stripper.

Belle: ha ha. De verdade agora.

⁴¹ Abreviação de “random” que significa aleatório.

Devon: a caridade começa em casa. Pergunte a Dickens⁴².

Belle: tenho certeza de que ele está um pouco morto demais para responder. É disso que se trata? O dinheiro?

Eu não tinha ideia de em que ponto ganhei consciência, mas lá estávamos nós. Que direito eu tinha de julgá-lo quando estava (talvez) entrando nesse arranjo por sua grana e para ser convidada para casamentos reais?

Devon: não. Além disso, gosto mais de crianças. Eu acho que eles são divertidos, perspicazes e geralmente mais cultos do que a maioria dos adultos.

Belle: se fizermos isso (e novamente, NÃO ESTOU DIZENDO QUE FAREMOS), eu nunca dormiria com você depois que concebermos. Eu nunca namoraria você, nunca me casaria com você, nunca lhe daria todas as coisas que os homens querem das mães de seus filhos.

Estava começando a pensar em fazer isso com ele. O dinheiro era um fator importante, mas também gostei que ele não fosse um avatar cinza em um mar de doadores de bancos de esperma. Eu tinha pontos de referência que mais tarde poderia comparar com meu futuro bebê. Sabia que ele era um esgrimista talentoso, que achava brega falar sobre dinheiro e era um nazista da gramática. Sabia que ele era horrorizado com o futebol americano e apaixonado pela história mundial. Que ele era

⁴² Escritor inglês Charles Dickens.



esquiador e possuía um título e jaquetas Barbour velhas. Sabia como ele cheirava depois do sexo. A masculinidade suada, o couro caro e o sândalo dele.

E eu sabia que ele não me devia exatamente nada e poderia ter um filho com qualquer outra mulher da Costa Leste. A maioria cairia a seus pés apenas por uma chance.

Devon: compreendido e subestimado. Fazer sexo com a mesma pessoa por mais de cinco meses é intimidante para todas as partes envolvidas.

Quem falava assim? Tipo, *quem?*

Belle: você é muito velho.

Devon: você está obstruindo.

Belle: as pessoas pensariam que você é um idiota se você me engravidar.

Devon: talvez, mas eu não seria a realza mais bizarra, então eles superariam isso rapidamente.

Belle: então como você vê isso acontecendo?

Belle: (SE FIZERMOS ISSO, E NÃO ESTOU DIZENDO QUE FAREMOS).

Devon: poderíamos começar este mês. Tenho alguns negócios a tratar na Inglaterra, mas devo estar livre depois. Basta ligar quando for a hora.



Belle: Vou precisar de um teste de DST para saber que você está limpo.

Devon: Vou enviar por fax.

Fax. O homem ainda usava um aparelho de fax. Ele era tão velho que fiquei surpresa por ele não ter me enviado os resultados via pombo-correio.

Devon: Vou redigir um contrato no qual resolvemos coisas como custódia, finanças e assim por diante. Eu exigiria um certo envolvimento para garantir que o contrato seja satisfatório para ambas as partes.

Belle: estamos mesmo fazendo isso, não estamos?

Devon: por que não?

Belle: bem, vamos ver...

Belle: PORQUE, É LOUCURA?

Devon: não é tão louco quanto engravidar de um estranho sem rosto, e ainda assim as pessoas fazem isso o tempo todo. Evolução, querida. No final do dia, não somos nada além de macacos glorificados tentando garantir que nossa pegada neste mundo não seja esquecida.

Belle: você acabou de me chamar de macaco? Jogada romântica forte, Whitehall.

Ele não responde. Talvez Devon não fosse tão velho quanto eu me sentia tão jovem em comparação com ele.



Belle: mais uma pergunta.

Devon: sim?

Belle: qual seu animal favorito?

Achei que ele com certeza diria um golfinho ou um leão.
Algo brega e previsível.

Devon: peixe-mão-de-rosa⁴³.

Ah, incrível. Mais merda estranha.

Belle: por quê?

Devon: eles parecem brutamontes de futebol bêbados tentando provocar uma briga em um bar. E suas mãos são assustadoras. Suas falhas exigem compaixão.

Belle: você é estranho.

Devon: verdade, mas você está interessada, querida.

⁴³ Nativo apenas na Austrália, o peixe-mão-de-rosa é considerado extremamente raro e está ameaçado de extinção.

CAPÍTULO CINCO

Belle

No dia seguinte, parei na Walgreens ⁴⁴ a caminho do trabalho e comprei um kit de ovulação e vitaminas pré-natais mastigáveis. Passando por um cartaz meu nu, coloquei quatro na minha boca e li as instruções no kit. Empurrei a porta do escritório dos fundos de Madame Mayhem.

Madame Mayhem estava a poucos passos de *Chinatown Gate*, no centro de Boston. Ficava entre dois *brownstones*⁴⁵, uma agência de viagens e uma loja de produtos agrícolas. O preço era muito barato quando comprei com dois outros parceiros e o transformei de um restaurante falido em um bar moderno. Dois anos atrás, o dono da lavanderia ao nosso lado faliu, e o convenci a nos vender o lote a um preço reduzido. Eu ia e voltava para a prefeitura, tentando obter aprovação para derrubar as paredes divisórias entre as duas propriedades. Ao final do processo, a

⁴⁴ Rede de farmácia.

⁴⁵ É um estilo arquitetônico, são geminadas, verticalizadas, situadas em terrenos longos e estreitos e com fachadas cobertas por pedras marrons.



nova e melhorada Madame Mayhem havia sido inventada – grande, atrevida e ousada.

Assim como eu.

Agora, eu era a orgulhosa proprietária de um dos estabelecimentos mais infames da cidade. O lugar não era apenas uma boate da moda com um menu de coquetéis obscenamente caro, mas também oferecia shows burlescos, completos com recriações ao estilo dos anos 50 de entretenimento de Nova Orleans, mulheres e homens em lingerie bonita, bem como uma noite amadora toda quinta-feira, em quais exibicionistas em formação tinham a chance de exibir seus materiais.

No papel, tive um grande lucro. Mas desde que comprei as partes dos outros dois sócios, e remodelei o lugar completamente, minha renda pessoal era modesta. Não muito ruim, mas ruim o suficiente para que se ter um bebê prejudicaria seriamente minhas economias.

Ainda assim, eu era uma trabalhadora esforçada, inabalável por dificuldades. Trabalhava na administração durante o dia e ajudava meus bartenders à noite.

— Belly-Belle, — Ross cumprimenta-me assim que eu deslizo em minha caixa de sapatos cinza considerada como escritório. Ele desliza uma xícara de café ao longo da minha mesa e senta-se na beirada dela. Meu melhor amigo da escola cresceu e se tornou meu chefe de bar e gerente de equipe no Madame Mayhem. Ele *também* cresceu para ser um gostosão total. — Boston não está acostumada a ver você vestida. Como você está se sentindo?

— Alta na vida e baixa em dinheiro. O que está rolando? — Tomo um gole do meu café, minha bolsa ainda pendurada no meu antebraço. Eu precisava fazer xixi em um dos palitos de ovulação antes de começar a trabalhar.

Ross ergue um ombro. — Só queria ter certeza de que você estava bem depois do show de merda da semana passada.

— Houve um show de merda na semana passada? — Estava meio ocupada bebendo meu próprio peso corporal e tentando esquecer as notícias que o doutor Bjorn me deu, então minha memória estava embaçada.

— Frank, — ele esclarece.

— Quem diabos é Frank? — Pisco.

Ross me dá um olhar de você-tem-de-estar-de-brincadeira.

— *Ceeeerto*, aquele saco de merda. — Frank era um ex-barman. Na semana passada, peguei-o assediando sexualmente uma das garotas burlescas nos bastidores. Eu o demiti na hora. Frank concordou em ir embora, mas não antes de dizer-me o que achava sobre o desastre de uma cadela bêbada que eu era. Felizmente para mim, eu estava sempre pronta para uma luta, especialmente com um homem. Então, quando ele gritou comigo, gritei mais alto. E quando ele tentou jogar uma lâmpada em mim... bem, joguei uma cadeira *nele*, então deduzi o custo para substituir a cadeira quebrada de seu último salário.

— *Aí está, seu pedaço de lixo desperdiçador de oxigênio. Agora se certifique de esquecer essa cidade, porque esta cidade*



com certeza vai esquecer você depois que eu contar a todos os meus amigos donos de clubes sobre o que você fez!

Não parei por aí. Também enviei a foto de funcionário dele para os jornais locais e contei o que fez.

Muito duro? Que pena. Da próxima vez, ele não deveria apalpar a equipe.

— Está tudo esquecido agora. — Aceno minha mão no ar com desdém. Eu não tinha tempo para falar sobre Frank. Precisava checar e ver se meus óvulos estavam fazendo seu maldito trabalho.

— Precisamos preencher o lugar dele. — Ross ainda está empoleirado na minha mesa. Retomo meu passo em direção ao banheiro.

— Sim, bem, apenas certifique-se de que eles sejam totalmente avaliados.

Entro no banheiro, agacho-me e faço xixi no bastão de ovulação. Em vez de colocá-lo de lado e esperar pelos resultados como um adulto de verdade, olhei para o bastão, rezando para ver duas linhas rosa fortes em vez de uma maçante.

Quando duas linhas realmente aparecem na vareta, tiro uma foto com meu telefone e envio para Devon com a legenda: **é uma chance.**

Saio, sento-me à minha mesa e tento me concentrar nas planilhas do Excel à minha frente. Meus olhos continuam correndo de lado, para o meu telefone, esperando Devon

responder. Quando ele não envia nada de volta por uma hora inteira, viro o telefone para que a tela não fique visível.

Hora de acalmar seus peitos, repreendo-me internamente. O homem tinha uma carreira. Cada hora de seu dia de trabalho era faturável. Claro que ele não podia simplesmente largar tudo e correr para Madame Mayhem para colocar um bebê em mim.

Cerca de duas horas depois que enviei a mensagem de texto, Ross entra no meu escritório novamente. Ele joga uma garrafa de champanhe cara na minha mesa. Tinha um pequeno cartão dourado pendurado no gargalo.

— Dom Pérignon? — Levanto uma sobrancelha cética. Esta edição específica custava cerca de mil dólares. — Nós não temos isso aqui. Onde você conseguiu?

— Ah, essa é a questão do momento. Abra o maldito envelope e descobriremos. — Ross aponta com o queixo para o cartão, que, após um segundo exame, parecia um envelope em miniatura. O medo encheu minhas entranhas. Isso parecia muito com romance, e eu não fazia romance. Gostava mais quando Devon nos comparava a macacos.

— Como você sabe que é para mim? — Olho-o desconfiada.

— Vadia, por favor. A única bebida que meus namorados comprem para mim é um refrigerante da máquina de refil. Vá em frente. De quem é?

Meus dedos trabalham rapidamente para desembrulhar o misterioso envelope. Dois bilhetes saem de sua abertura. Pego um, notando que meus dedos estão tremendo.

— Ingressos para a ópera? — A voz de Ross pergunta maravilhada. — Com que tipo de mentira você está alimentando esses pobres homens no Tinder? Esse cara obviamente não conhece você.

Ele está provocando minha bunda. Ele sabe muito bem que eu não vou a encontros.

— Eu disse que amava Oprah, não ópera. Ele obviamente entendeu errado. — Solto um bocejo provocativo. Não havia nenhuma maneira de eu contar a Ross sobre Devon. Era esmagador o suficiente admitir minha infertilidade para minhas amigas. Eu era uma mulher de muito orgulho.

— Como é que os homens nunca me levam a nenhum lugar legal? — Ross faz beicinho.

— Você dá a mercadoria muito rápido, — murmuro, ainda olhando para o bilhete na minha mão como se fosse um cadáver do qual eu precisaria me livrar.

— Você também. E você nem sequer sai com eles.

— Você pode ficar com meu ingresso, se quiser.

Eu não ia assistir a uma ópera hoje. Tinha trabalho a fazer. Estávamos com um barman a menos.

Lembro-me de que Devon fazia isso pela mesma razão que fazia todo o resto – manipular, brincar e desequilibrar as pessoas. Ele provavelmente pensou que era hilário fazer-me sentir como se estivéssemos namorando. Eu tinha que corrigir a situação.



Belle: olá, seu cara chique comedor de caracóis, vestindo colete e frequentador de regata, você. Não poderei acompanhá-lo na ópera hoje, mas você pode parar no meu apartamento a qualquer hora depois da meia-noite e prometo finalizar com chave de ouro. – B.

Essa mensagem também permaneceu sem resposta.

Trabalhei até a noite, cuidando do bar junto com mais seis garçons, vestida com um vestido de espartilho com babados de renda. O cheiro do meu próprio suor tornou-se tão familiar para mim ao longo dos anos que construí minha carreira, eu o apreciava.

Servi bebidas, cortei limões e corri para o depósito para pegar mais guarda-chuvas de coquetel. Dancei no bar, flertei com homens e mulheres e toquei a campainha várias vezes, sinalizando uma maratona de gorjetas.

A cortina cor de vinho havia subido sobre o palco da frente, revelando uma banda ao vivo em smokings. A melodia jazzística deles impregnava as paredes altas. Os dançarinos burlescos vagavam lentamente pelo palco em saltos altos e vestidos de lantejoulas cor de sálvia. As pessoas gritavam, batiam palmas e assobiavam. Eu parei, um caixote de guarda-chuvas de coquetel em meus braços, suor escorrendo da minha testa, e os observei com um sorriso.

Minha decisão de comprar Madame Mayhem não foi acidental ou improvisada. Surgiu do meu desejo de promover a ideia de que ser uma criatura sexual não era pecaminoso. Sexo não significa sujeira. Pode ser casual e *ainda* ser bonito. Minhas dançarinas não eram strippers. Você não podia tocá-las – você

não podia nem *respirar* na direção delas sem ser expulso do local – mas elas assumiam o controle de sua sexualidade e faziam o que quisessem.

Isso, na minha opinião, era a verdadeira força.

Quando voltei atrás do bar, eram quase onze horas. Eu sabia que precisava terminar as coisas logo se quisesse voltar para casa antes da meia-noite, com tempo suficiente para tomar um banho, depilar as pernas e parecer a parceira sexual de Devon Whitehall.

— Ross, — rujo sobre a música, deslizando pelo chão pegajoso atrás do bar e apontando uma lata de refrigerante em um copo, fazendo uma vodka diet coca para um cavalheiro de terno. — Sairei em dez.

O polegar de Ross se ergue no ar para sinalizar que ele me ouviu. Sua outra mão pega uma nota de cinquenta dólares de uma mulher encostada no balcão, seus seios saindo de um sutiã esportivo amarelo neon.

Eu estava prestes a receber um pedido de um monte de mulheres usando faixas de despedida de solteira (*Dama da Desonra, Má Influência e Bêbada Designada*). Quando me apoio para fazer isso, uma mão dispara em minha direção do escuro, agarrando meu antebraço e dando-lhe um aperto doloroso.

Viro minha cabeça na direção da mão e estava prestes a puxar meu braço para longe quando notei que a pessoa presa a essa mão estava olhando para mim com a morte em seus olhos.

Seu rosto estava tão marcado que eu não poderia adivinhar sua idade, mesmo que eu quisesse. Uma grande parte era tatuada. Ele estava vestido da cabeça aos pés de preto e não parecia nada com a clientela habitual que tínhamos aqui.

Ele me deu vibrações de Lúcifer... e ele não estava prestes a me soltar.

— Eu sugiro que você retire sua mão do meu braço agora, a menos que você não esteja se sentindo particularmente apegado a ela, — assobio com os dentes cerrados, meu sangue fervendo.

O homem sorri um sorriso horrível e podre. Não que seus dentes fossem ruins. Pelo contrário, eles eram grandes, brancos e brilhantes, como se ele tivesse feito recentemente um trabalho dentário. Era o que estava atrás disso que me deixou desconfortável.

— Eu tenho uma mensagem para entregar a você.

— Se é de Satanás, diga a ele para vir a mim pessoalmente se tiver coragem, — cuspo, puxando meu braço com força. Sua mão cai, e uso cada grama do meu autocontrole para não enfiar a faca de limão nela.

— Sugiro que ouça com atenção, Emmabelle, a menos que queira que coisas muito ruins aconteçam com você.

— *Quem* disse? — Eu rio.

— Se você não...

Assim que ele começa a falar, uma forma alta e elegante se materializa das sombras do clube, jogando o homem para longe

como se ele não pesasse mais que um canudo. Meu agressor com cicatrizes desaba no chão. Devon aparece na minha linha de visão, vestido com um smoking de grife completo, o cabelo com gel para trás, as maçãs do rosto afiadas como lâminas. Ele pisa no homem – deliberadamente – franzindo a testa para seus mocassins como se precisasse limpar a sujeira deles.

— Eu estava no meio de uma coisa. — Mostro-lhe meus dentes.

— Permita-me não simpatizar.

— Você é capaz de simpatia?

— Geralmente? Sim. Com mulheres que me deixam esperando? Não muito.

Devon inclina-se sobre o bar em um movimento rápido e jogou-me sobre seu ombro, virando-se e marchando em direção às portas de entrada. Olho para cima, pegando a expressão de cervo-nos-faróis de Ross, congelado com uma garrafa de cerveja em uma mão e um abridor de garrafa na outra.

— Devo chamar a segurança? A polícia? Sam Brenan? — Ross grita das profundezas do bar, sobre a música. Devon não diminuiu a velocidade.

— Não, está tudo bem, eu mesma vou matá-lo. Mas pegue os detalhes desse estranho. — Estava prestes a apontar para o cara de cicatriz, onde o vi pela última vez no chão, apenas para descobrir que ele havia sumido.

Eu não lutei com Devon. Ser carregada depois de trabalhar em pé por seis horas seguidas não era o pior castigo do mundo. Em vez disso, lancei um ataque verbal a ele. — Por que você está vestido como um garçom chique?

— É chamado de terno. É uma forma apropriada de se vestir. No entanto, acho que os homens que você gosta costumam usar macacões laranja.

— Quem te contou? Persy? — Grito. — Eu só dormi com *um* ex-presidiário. E foi para um esquema Ponzi. É como transar com um político.

— Eu esperei por você, — diz ele categoricamente, sua voz ficando gelada.

— Por quê? — Bufo, resistindo à vontade de beliscar sua bunda. — Já lhe disse que não vou à ópera.

— Não, você não disse, — diz ele secamente, seus dedos se curvando mais fundo na curva da minha bunda. — Meu champanhe e ingressos chegaram sãos e salvos, e como não tive notícias suas, presumi que o plano era nos encontrarmos hoje à noite.

Isso era impossível. Enviei-lhe uma mensagem.

Oh. Ah. A mensagem não deve ter sido enviada. Minha empresa de celular tinha uma recepção muito ruim. Especialmente quando eu estava no bunker subterrâneo chamado de meu escritório.

— Eu te enviei uma mensagem. Não foi. Você acha que toda essa charada de macho alfa me excita ou algo assim? — Solto um bufo. Porque, deixe-me dizer-lhe, isso *absolutamente* me excitava. Não que eu fosse admitir isso em voz alta. Mas, santo inferno. Fazia um tempinho desde que eu tinha sido tratada com uma confiança tão impetuosa.

— Nem todos nós fazemos teatro para sobreviver, minha querida Emmabelle. O que você pensa de mim não é absolutamente da minha conta. — Devon sai do meu clube para a noite fria e fresca, caminhando em direção ao seu carro. — Você diz que quer ter um filho, mas também sai brincando, bebendo e trabalhando até os ossos. Um de nós sabe como engravidá-la, e temo que essa pessoa não seja você.

O nervo deste idiota. Ele estava fazendo *mansplaining*⁴⁶ sobre sexo para mim. Poderia esfaqueá-lo se não estivesse, de fato, um pouco bêbada e muito exausta do dia de trabalho.

Devon abre a porta do passageiro de seu Bentley verde escuro, colocando-me dentro e colocando meu cinto. — Agora me diga quem era aquele homem. Aquele que segurou seu braço.

Ele fecha a porta e contorna o carro antes que eu possa responder, então desliza ao meu lado. Uma lufada de seu aroma rico e irresistível deriva em mim.

⁴⁶ É o termo usado para descrever a atitude de um homem que tenta explicar algo a uma mulher, assumindo que ela não sabe sobre o assunto, subestimando sua inteligência.

— Eu não faço ideia. Estava prestes a descobrir quando você apareceu, dando-me sua melhor impressão de *Saído Diretamente do Complexo do Salvador*.

— É uma ocorrência comum? Homens agarrando você no trabalho? — Ele liga o carro, correndo pelas ruas cobertas de gelo em direção ao meu apartamento. Meu coração não tinha motivo para pular uma batida porque ele se lembrou do meu endereço. O que estava acontecendo no meu peito era melhor ser um maldito problema cardíaco.

— O que você acha? — Sou insolente.

— Acho que certos homens sentem que podem tocar em você por causa de sua linha de trabalho, — ele responde honestamente.

Aconteceu muitas vezes, na verdade. Especialmente quando eu dançava no bar ou subia no palco com meus dançarinos. Mas sabia como estabelecer limites e colocar as pessoas em seus devidos lugares.

— É verdade. — Sorrio. — Constantemente preciso lutar contra os homens. Como você acha que eu desenvolvi esses bebês? — Beijo meu bíceps.

Quando ele não diz nada, abro seu porta-luvas e começo a vasculhar sua merda. Muitas vezes eu fazia coisas assim. Instigava as pessoas a uma reação. Você pode aprender muito sobre os humanos pela maneira como eles se comportam quando estão com raiva. Encontro um pequeno fóssil gravado e puxo-o para fora.

— Não estou impressionado com o que vi esta noite. — Devon, tão calmo quanto o Dalai Lama, arranca o fóssil de minhas mãos e joga-o entre nós.

— Meu Deus, você não está! — Bato a mão no meu decote, exibindo meu melhor sotaque britânico falso. — Céus acima. Devo me demitir neste exato momento e me tornar uma governanta ou freira. O que for de seu gosto, *milorde*.

— Você está irritando. — Ele esfrega sua bochecha perfeita, exasperado.

— E você estava no meu caminho, — concluo, pegando o pequeno fóssil novamente e mexendo nele. — Eu posso lutar minhas próprias batalhas, Devon.

— Você mal é capaz de se manter viva. — Sua expressão glacial diz-me que ele não estava sendo engraçado. Ele realmente pensava isso.

No meu prédio, Devon pega o lance de escadas para o meu apartamento, em vez de usar o elevador, ainda carregando-me em seus braços. *Mais* estranheza. Como é que nenhuma de suas superfãs nesta cidade nunca percebeu o quão estranho ele era?

— Há um elevador *bem* aqui. Coloque-me no chão, Sr. Caverna.

— Eu não uso isso. — Sua voz estava cortada.

— Você não usa elevadores? — Pergunto, saboreando a sensação de seu abdômen e peitorais contra o meu corpo.

— Correto. Ou qualquer tipo de espaço confinado do qual não consigo sair com facilidade.

— E os carros? Aviões? — Lá se foi meu sonho de *mile-high*⁴⁷ com uma realza. Foi bom enquanto durou. Também: muito específico.

— A lógica determina que eu use os dois, mas tento ficar longe deles sempre que possível.

— Por quê? — Eu estava perplexa. Parecia um medo tão irracional para um homem que era puro racionalismo.

Seu peito tremeu com uma risada. Ele olhou para mim, divertido. — Isso não é da sua conta, querida.

Quando chegamos ao meu apartamento, fico surpresa ao descobrir que Devon não está com pressa de tirar minhas roupas e fazer sexo selvagem e desenfreado comigo. Em vez disso, ele tira um lote de documentos de uma elegante pasta de couro e colocou-o na mesa de centro, sentando-se. Esparramo-me em uma poltrona colorida, olhando para ele.

— O que você está fazendo? — Pergunto, embora fosse bastante óbvio que ele estava removendo documentos de papel, suficientes para fazer uma Estátua da Liberdade de papel machê, colocando-os sobre a mesa.

⁴⁷ Fazer sexo durante uma viagem de avião.

Devon não se incomoda em tirar os olhos dos arquivos. — Resolvendo nosso contrato juridicamente vinculativo. Enquanto isso, sintase à vontade para acompanhar a ópera que você perdeu esta noite. *La bohème*.

Ele me oferece seu telefone, no qual uma gravação já estava tocando.

— Como você entrou? Você me enviou dois ingressos.

— Eu queria ter certeza de que você tinha um sobressalente no caso de um se perder, então comprei a fileira inteira.

Filho da puta. Isso me deixava caidinha como o inferno, mas de um jeito meio idiota, porque ele ainda trabalhava com a suposição de que eu não ia ter sucesso.

Pego o telefone de suas mãos. — Como você sabe que eu não vou ler suas mensagens?

— Como você sabe que é meu telefone pessoal e não o que eu uso para o trabalho? — ele bate de volta.

Lanço-lhe um olhar *tanto faz*. Porque, aparentemente, a diferença de idade atual entre nós não era suficiente. Eu só tinha que agir como um adolescente.

— Assista. — Ele empurra o queixo para o telefone, sem se incomodar com meus olhares malignos.

— Você gravou a coisa toda?

Poucas pessoas tinham a habilidade ou talento para me chocar, mas isso chocou. Geralmente era eu quem causava um escândalo.

Devon pega uma caneta vermelha, lendo o material na frente dele, ainda não me poupando atenção. — Correto.

— Mas, por quê? Eu te ferrei.

— E estou prestes a foder você sem sentido. Seu ponto? — Seu rosto impalpável não cede. — Agora, por favor, assista à ópera enquanto leio o contrato mais uma vez.

Nos quarenta minutos seguintes, faço exatamente isso. Assisto à ópera enquanto ele trabalha. Nos primeiros dez minutos, roubo olhares para ele. Foi bom, sabendo que eu estava prestes a estar sob este macho potente e sofisticado.

Mas, dez minutos de ópera, algo estranho aconteceu. Eu comecei... bem, meio que entrar nisso. *La bohème* era uma história sobre uma costureira pobre e seus amigos artistas. A coisa toda estava em italiano, e mesmo que eu não soubesse uma palavra do idioma, *senti* tudo o que a heroína estava sentindo. Havia poder nisso. A maneira como a música puxou minhas emoções como se eu fosse uma marionete em uma corda.

Em algum momento, Devon deslizou o telefone da minha mão e o enfiou de volta no bolso. Ele estava sentado mais perto de mim agora.

— Ei! — Envio-lhe um olhar sujo. — Eu estava no meio de algo. Mimi e Rodolfo decidiram ficar juntos até a primavera.

— O final é excelente, — ele assegura-me, tirando uma caneta de aparência cara de sua pasta. — Você teria adorado se tivesse se juntado a mim na ópera.

— Quero ver o final.

— Jogue suas cartas direito, e você vai. Vamos rever o contrato juntos.

— E então? — Levanto uma sobrancelha, cruzando os braços sobre o peito.

— E então, minha querida Emmabelle, — ele sorri diabolicamente. — Eu vou foder seus miolos.



Uma hora e vinte e três minutos.

Esse foi o tempo que Devon e eu levamos para revisar todas as cláusulas do contrato que ele redigiu para nós.

Ele então começou a me mostrar seu teste de DST – o homem estava limpo como um apito – e informou-me que concordou em dispensar meu próprio teste sob a alegação de tentar criar um ambiente de trabalho respeitável e confiável.

Gostei que ele se referisse ao arranjo como trabalho. Parecia clínico, desapegado.

O problema era que, quando terminamos de revisar os documentos legais, já era meio da noite, e eu estava enrolada no sofá ao lado dele, bocejando em uma almofada. Ainda estava com o mesmo espartilho que usava no trabalho e parecia uma prostituta medieval prestes a corromper o primeiro filho do rei.

— Esta é sua arma secreta? Esgotar as pessoas até a submissão? — Ronrono no travesseiro, lutando contra o peso insuportável das minhas pálpebras.

Ouçõ Devon colocando os contratos assinados de volta em sua pasta de couro e fechando-a.

— Entre outros. — Sua mandíbula se contrai, e penso ter visto algo frio e sem emoção passar por seu rosto.

Deixo meus olhos descansarem por alguns segundos.

— Hmm, — respondo, abraçando o travesseiro contra o qual eu estou descansando, enrolando em volta dele como um gato. — Acredito que você acabou de encontrar seu par. Eu nunca me curvo a ninguém.

— Você já teve um namorado? — ele pergunta.

— Não.

— Isso foi o que eu pensei.

— E você? — Eu já estava meio dormindo quando pergunto.

— Não para um namorado. Já tive algumas namoradas. Nenhuma delas sobreviveu à marca de seis meses, no entanto.

— *É oquepensei*, — eu digo arrastado, deixando escapar um ronco suave. A essa altura, estava roncando em minha própria axila, em uma exibição de fascínio explosivo e feminilidade delicada.

— *Suécia*. — Sua voz baixa rola como uma nuvem escura acima da minha cabeça. — Vamos lá.

— Você vai para a Suécia? — Eu estava babando sobre o meu braço agora. A saliva fria e pegajosa colando minha bochecha contra ele.

Ele ri. — Não a Suécia, *Sweven*⁴⁸.

— Oh. — Uma pausa. Eu ainda estava dormindo, mas ainda de alguma forma falando com ele. — O que é isso?

— Um sonho, uma visão. Algo que vem até você em seu sono. Você é uma fantasia, Emmabelle. Muito boa para ser verdade. Muito ruim para ser experimentada.

— Parabéns para mim, — gemo. Esperava que ele não fosse me pedir em casamento. Eu estava exausta e privada de sono o suficiente para considerar isso.

— Hora de tomar banho.

⁴⁸ Suécia em inglês é “Sweden”, a pronuncia dessa palavra e da palavra “*Sweven*” são parecidas, por isso a personagem Belle escuta e entende o contexto errado.

— Amanhã, — falo confusamente.

— É *amanhã*, — argumenta. — E o Google disse-me que sua janela de ovulação é de apenas doze a vinte e quatro horas. Entre no chuveiro para que possamos cumprir nosso contrato.

Rapidamente, e sem fazer barulho, Devon me pega no estilo lua de mel e carrega-me pelo meu apartamento. *Finalmente*, pensei, meus olhos ainda fechados. O bastardo estava levando-me para minha cama. Faríamos isso amanhã, ou no dia seguinte, ou...

Que diabos?

Meus olhos se abrem quando me deparo com agulhas de água gelada. Desorientada, encontro-me deitada no chão do meu chuveiro. Ambos os chuveiros estavam cuspidos em mim. Olho em volta freneticamente, vendo Devon parado do outro lado da porta de vidro, seu quadril estreito encostado na parede, as mangas da camisa arregaçadas até os cotovelos, expondo os antebraços cheios de veias e de dar água na boca.

O sorriso do diabo estava manchado em seu rosto.

Arrasto-me para fora do meu vestido já arruinado, que ficou pesado com o líquido, despejando-o com um tapa no chão ao meu lado.

— Eu vou te matar! — Arranho a porta como um felino molhado, totalmente acordada – e *nua* – agora. Eu estou prestes a abri-la e atacá-lo. Ele se move para o outro lado da porta de vidro, puxando a maçaneta e mantendo-a fechada.



— Mate-me depois. Primeiro, preciso de você limpa e alerta.

— O único toque entre nós quando eu sair daqui é eu esfaqueando você na cara. — Mostro meus dentes através do vidro.

Não me lembrava dele tão exasperante quando fazíamos sexo casual. Ele teve um transplante de personalidade de merda ou algo assim?

— Sexo com raiva é o melhor sexo. — Devon passa o polegar sobre o lábio inferior, jogando-me no limite da minha sanidade.

— Vou congelar até a morte! — Eu estava tentando negociar agora.

— Vou escrever-lhe um obituário adorável.

— Você não pode ser tão sem coração! — Bato na porta de vidro com o punho.

— Claro que posso. — Ele sorri cordialmente, como um anfitrião em um restaurante com estrela Michelin. — Além disso, os diamantes são feitos sob pressão.

— Solte a maçaneta.

— Lave-se primeiro.

— *Ou* o quê? — Sinto-me louca com a necessidade de retaliar pelo que ele estava fazendo comigo. Minha mente começa a trabalhar horas extras. Eu não ia deixá-lo escapar com isso. Sem chance.

— *Ou* esta será a única maneira de você se molhar esta noite. E ameaças à parte, nós dois sabemos que você está sonhando com isso desde a noite em que me expulsou todos esses anos atrás.

Suas palavras me fazem olhar para sua calça. Para a tenda impressionante que esperava minha atenção. Meus olhos voltam para ele. — Desculpe, amigo. Meu tempo com você não entrou nas primeiras vinte fadas memoráveis que tive.

Devon sorri, pequenas rugas de felicidade decorando seus olhos cor de joias. — *Mentirosa.*

Ele se vira e sai do banheiro, cheio de confiança e suavidade. Aproveito a oportunidade e saio do chuveiro, pulando na frente dele e bloqueando seu caminho. Empurro-o de volta para o banheiro, meu corpo encharcando seu smoking com água.

— Não tão rápido, Duque de Cuntington. Acredito que é sua vez...

Antes que eu possa terminar a frase, ele me empurra contra a parede e cobre minha boca em um beijo punitivo e contundente.

Suas mãos percorrem minhas costas, descendo até minha bunda e segurando-a com dedos fortes. Ele me empurra contra sua ereção através de suas calças. O ar ao nosso redor zumba com raiva, frustração e escuridão. Nós dois estamos famintos.

Ele arranca sua boca da minha, rolando o polegar sobre meus lábios, eroticamente abrindo-os.

— Vamos lá, *Sweven*. Não fique tão chateada. Eu sabia que precisava acordá-la, era de suma importância para estar dentro de você e tocá-la, antes de embarcar em um avião para a Inglaterra.

— Quando você vai embora? — Jogo minha língua para fora para rodopiar sobre seu polegar. Seus lábios se separaram, um olhar meio bêbado se formando em seu rosto de Adônis.

Meus dedos desabotoam sua calça. Meu corpo se ilumina como um fio vivo.

— Amanhã.

— Por quê?

— Negócios. — Sua boca mergulha entre nós, para os meus seios, e ele pega um dos meus mamilos entre os dentes, olhando para cima e sorrindo para mim antes de desaparecer dentro de sua boca quando ele chupa.

— Mas e se perdermos minha janela de ovulação? — Deixo minha cabeça rolar para trás, um gemido baixo escapando-me. Enfio meus dedos em seu cabelo, o intenso prazer de estar em seus braços voltando para mim com força total.

Os lábios de Devon se curvam. — Então temo que teremos que passar por mais um mês fodendo um ao outro. Lembre-se, você tem cinco meses antes que eu descarte sua linda bunda.

Seu pau salta livre de sua calça quando seus dedos roçam minha fenda. Eu sabia que ele não ia me dedilhar. Não era o estilo de Devon. Havia algo escandalosamente apropriado na

maneira como ele fodia. Ele te fodia de uma maneira que parecia limpa e suja. Era por isso que eu estava tão obcecada por ele – na cama – em primeiro lugar. Meu corpo tremia com antecipação do jeito que tinha feito todos aqueles anos atrás, quando ele me encurralou no chalé de Cillian Fitzpatrick e desafiou-me a deixá-lo me fazer gozar cinco vezes em uma noite. Ele cumpriu essa promessa. De sobra.

Devon agarra seu pau grosso e inchado, rolando-o ao longo da minha fenda, batendo no meu clitóris com ele. Nós dois assistimos atentamente, nossas respirações quentes se misturando.

Ele empurra sua ponta dentro de mim para descobrir que eu estou completamente encharcada. Seus olhos viajam para cima. Nós dois sorrimos um para o outro. Balanço a cabeça uma vez, dando-lhe permissão.

Ele desliza seu pau inteiro dentro de mim, agarra a parte de trás das minhas coxas e começa a me foder contra a parede. A superfície fria atrás de mim cava entre minhas omoplatas.

E ainda assim eu não me importo.

Não importava que Devon ainda estivesse totalmente vestido.

Não importava que fosse no meio da noite e eu estava gemendo alto o suficiente para acordar as pessoas em Wisconsin.

Não. Importava. Nada além do momento que estávamos compartilhando.

O prazer intenso de tê-lo dentro de mim novamente foi gratificante, mas foi a possibilidade de criar outra vida que me deixou frenética.

Gozamos juntos, onda após onda de prazer atravessando-me. Foi diferente das vezes anteriores. O orgasmo foi ótimo, mas quando ele começou a gozar e senti o líquido quente e pegajoso derramando dentro de mim, nós dois nos olhamos, tremendo nos braços um do outro, sorrindo. O fato de ele estar tão presente me emocionou.

Ele me abaixou no chão com cuidado, dando um passo para trás. Li em algum lugar em uma das minhas caçadas na internet que era uma boa ideia me deitar na cama com as pernas para cima para aumentar minhas chances de conceber. De repente, estava com pressa para fazer exatamente isso.

— Bem. — Balanço meus quadris enquanto pego um roupão de um cabide, envolvendo-o em volta de mim, sentindo-me menos digna do que parecia enquanto traços de seu esperma deslizam pela minha coxa. — Obrigada por seus serviços. Agora, se você puder gentilmente dar o fora do meu apartamento, eu agradeceria muito.

Mais uma vez, usei o mesmo falso sotaque britânico que esperava que fizesse com que ele não gostasse de mim.

Sua calça – ou calças⁴⁹, para seguir como ele falava — estavam até os joelhos. Ele recolocou sua camisa nelas, tomando seu tempo para tornar-se apresentável.

— Vou para a Inglaterra pelo resto da semana, como mencionei... — ele começa, mas agora era *minha* vez de pegá-lo desprevenido.

— Cara. Não vou precisar de você até o próximo mês, se precisar. Compartilhe sua agenda com alguém que se importa.

Empurro-o em direção à minha porta da frente. Normalmente, mover um homem alto e musculoso de seu tamanho não era tão fácil. Mas como suas calças ainda estavam no meio do caminho, ele perdeu o equilíbrio e tropeçou um pouco para trás.

— Você é tão refinada quanto um gato de rua, — diz ele com grande satisfação.

— Não fui eu que joguei uma pessoa meio adormecida em um banho frio. — Dou-lhe outro empurrão.

Ele faz um show fingindo morder minha mão quando eu o empurro. — Não me arrependo de nada, Sweven. Foi um prazer foder você.

⁴⁹ Ao dizer calça, a personagem Belle usa a palavra “pants” comum no inglês estadunidense. Já o personagem Devon, por ser britânico usa a palavra “trousers”. Em português não há diferença na tradução, por isso a adaptação com o uso da letra “s”.



— E um único, — lembro-o, abrindo a porta atrás dele e dando-lhe um impulso final. — Além disso, não tente fazer Sweven acontecer. Nós não somos essas pessoas.

Do lado de fora, no corredor comunitário, meio vestido e rindo rispidamente, ainda pulando de um lado para o outro enquanto veste as calças, ele me dá o sorriso mais devastador que eu já vi. Tinha que me lembrar de que ele era um paquerador e um libertino. Um homem que, apesar de seu rosto bonito, tinha uma feia ficha criminal com as mulheres.

— Você não sabe que tipo de pessoa eu sou. Mas você está prestes a descobrir.

CAPÍTULO SEIS

Devon

A má notícia era que eu acidentalmente cheguei para o funeral do meu pai.

A boa notícia era que eu estava tão feliz de ver mamãe e Cece, que nem mesmo o fato de eu estar lá homenageando meu pai conseguiu abafar meu humor.

O plano original era chegar um dia depois do funeral. Eles devem ter realizado o funeral um dia antes, já que não precisavam mais se adaptar à minha agenda. Apareci durante o último ato, quando o caixão foi baixado no chão.

Meu pai foi enterrado nos fundos do Whitehall Court Castle, perto de uma igreja deserta, onde seus ancestrais foram enterrados. Onde, presumivelmente, um dia eu também descansaria para a eternidade.

Minha casa de infância era uma grande fortaleza. Com torres de estilo medieval, arquitetura neogótica, granito e mármore, e uma quantidade profana de janelas em arco. O castelo era cercado por um jardim em forma de ferradura na

frente e uma velha igreja fora de serviço nos fundos. Havia dois celeiros, quatro moradias de empregados e uma passarela bem cuidada que levava a uma floresta selvagem.

Em um dia claro, você poderia ver a costa francesa do telhado do Whitehall Court Castle. Memórias do meu eu mais jovem, magro e bronzeado, desafiando o sol a me queimar vivo e me derreter na pedra sobre a qual me deitei, perseguiram umas às outras na minha cabeça.

Caminhei em direção ao aglomerado de pessoas de preto, mentalmente marcando a lista de presença na minha cabeça.

Mamãe estava lá, delicada e digna como sempre, acariciando o nariz com um chumaço de lenços.

Minha irmã, Cecilia, estava lá com seu marido Drew Hasting, que eu encontrei várias vezes quando eles me visitaram nos Estados Unidos. Embora eu tenha faltado ao casamento deles em Kent, fiz questão de presentear o casal com um lindo apartamento em Manhattan para que eles pudessem me visitar regularmente.

Cecilia e Drew eram gordos e altos. Suponho que a olho nu, eles pareciam gêmeos. Eles ficavam ombro a ombro, mas não se reconheciam. Embora eu tenha tentado muito gostar de Hasting por causa da minha irmã, não podia ignorar o quão incrivelmente inexpressivo todo o seu ser era.

Embora viesse de boa linhagem e de uma família altamente relacionada, era conhecido nos clubes de cavalheiros da Inglaterra como um homem bastante maçante e estúpido que não

conseguia manter um emprego se alguém acorrentasse isso à perna dele.

Byron e Benedict estavam de pé na outra extremidade da multidão. Eles estavam em seus quarenta e poucos anos, ambos parecendo inchados e enrugados. Era como se eles tivessem passado cada momento acordado desde que eu tinha deixado de beber e fumar levando em consideração seus estados atuais.

E então havia Louisa Butchart.

Aos trinta e nove anos, Louisa conseguira tornar-se agradável aos olhos. Ela tinha cabelos tão escuros quanto a minha alma, curtos e brilhantes, lábios escarlates e uma estrutura óssea fina e graciosa. Sua figura esbelta estava vestida com um casaco preto trespassado.

Uma mulher que qualquer homem respeitável da minha posição e título gostaria de ter em seu braço.

Eu tinha que admitir que se não fosse pelo fato de que eu precisava rejeitá-la por princípio, Louisa com certeza faria um homem como eu muito feliz um dia.

Enfio um cigarro no canto da boca e o acendo enquanto caminho para o buraco na grama verde luxuriante. Paro quando meu peito bate nas costas de Cecilia. Inclino-me para frente, meus lábios encontrando sua orelha.

— Olá, mana.

Cecilia vira-se para mim, seus olhos azuis nadando em choque. Mantendo meu olhar no caixão enquanto, pouco a

pouco, pilhas de terra o escondem da vista. Por um momento, estou ciente do fato de que a atenção de todos havia se desviado do caixão e se concentrado em mim. Não podia culpá-los. Eles provavelmente pensaram que eu era um holograma.

— Devvie! — Cecilia joga os braços sobre meus ombros, enterrando o rosto no meu pescoço. — Como sentimos sua falta! Mamãe disse que você não estaria aqui até amanhã.

Envolvo meus braços ao redor dela, beijando o topo de sua cabeça. — Querida garota, eu sempre estarei aqui para você.

Mesmo que eu tenha que honrar o idiota que me deu a vida.

— Meu Deus. Eu quase tive um ataque cardíaco! — A mãe grita. Ela manca em minha direção, seus saltos afundando no chão lamacento. O ar cheirava a chuva inglesa. Assim como lar. Peguei-a em meus braços e apertei, beijando sua bochecha.

— Mamãe.

Os enlutados começaram a se amontoar em nossa direção, olhares curiosos em seus rostos. Isso me deixou um pouco contente, sabendo que mais uma vez havia roubado os holofotes de Edwin, mesmo em sua última viagem.

Mamãe jogou a cabeça para trás, colocando as palmas das mãos congeladas no meu rosto, lágrimas fazendo seus olhos brilharem. — Você é tão bonito. Tão... tão *alto*! Eu continuo esquecendo seu rosto se eu não te vejo por alguns meses.

Apesar de mim, algo entre um resmungo e uma risada escapa-me.

Eu tinha sido tão inflexível em não voltar para a Inglaterra enquanto meu pai estivesse vivo, que quase esqueci o quanto sentia falta de mamãe e Cecília.

— Você conseguiu vir, hein? Bom para você, companheiro.
— Drew bate nas minhas costas.

Ainda abraçando minha mãe, sinto uma mão hesitante em meu braço. Quando giro a cabeça, pego Cecília sorrindo timidamente, sua pele rosada, frágil como vidro de lâmpada.

— Eu senti sua falta, irmão, — ela diz calmamente.

— Cece, — eu rosno, quase com dor. Saio do abraço com minha mãe e pego minha irmã em meus braços. Seus cachos amarelos fazem cócegas no meu nariz. Fico surpreso ao descobrir que ela ainda cheirava a maçãs verdes, inverno e floresta. De uma infância com muitas regras e poucas risadas.

O arrependimento me rasgou.

Eu praticamente abandonei minha irmã mais nova. Deixei-a para se defender sozinha quando era adolescente.

Mamãe estava certa. Voltar para a Inglaterra *fazia* ressurgir memórias antigas e questões não resolvidas.

— Você vai ficar por um tempo? — Cece implora.

— Vou ficar alguns dias. — Acaricio seu cabelo, olhando por cima de sua cabeça e fazendo contato visual com Drew, que muda de pé para pé, parecendo tudo menos feliz por ter outro homem na casa. — *Pelo menos*, — acrescento significativamente.

Ela estremece em meus braços e, de repente, fico furioso comigo mesmo por não estar mais envolvido em sua vida. Crescendo, ela sempre precisou de mim, e eu sempre estava lá. No entanto, de alguma forma, meu ódio por meu pai me fez perder seu casamento três anos atrás.

— Você está feliz com ele? — Murmuro em seu cabelo para que apenas ela possa me ouvir.

— Eu... — ela começa.

— Bem, bem, — Benedict diz, com Byron em seus calcanhares. Ele aperta meu ombro. — Achei que veria porcos voando antes de avistar Devon Whitehall em solo britânico.

Afasto-me de Cecilia, apertando as mãos dele e do irmão.

— Minhas desculpas, mas os únicos porcos que eu conheço estão bem aqui na terra, e parece que eles precisam de uma viagem para a reabilitação.

O sorriso de Benedict desmorona. — Muito engraçado. — Ele cerra os dentes. — Eu tenho problemas de tireoide, para sua informação.

— E você, Byron? — Viro-me para seu irmão. — Que questões estão impedindo você de parecer um membro sóbrio e funcional da sociedade?

— Nem todos nós somos tão vaidosos a ponto de nos importarmos tanto com sua aparência. Ouvi dizer que você é um milionário por conta própria agora. — Byron alisa o terno com a mão.

Termino meu cigarro e jogo a bituca em direção ao túmulo.
— Eu me viro.

— Ser conhecido por suas realizações é um trabalho tão árduo. É melhor ser conhecido por seu sobrenome e herança. — Benedict gargalha. — De qualquer forma, é bom ter você de volta.

A coisa era, eu não estava de volta. Eu era apenas um visitante. Um espectador em uma vida que não era mais minha.

Construí uma vida em outro lugar. Estava ligado à família Fitzpatrick, que me colocou sob suas asas. Com meu escritório de advocacia, minha esgrima e as mulheres que cortejava. Com uma nova reviravolta na minha história, Emmabelle Penrose, uma garota que tinha mais demônios do que vestidos em seu armário.

Enquanto as pessoas engolfavam-me de todas as direções, exigindo ouvir sobre minha vida na América – meus companheiros, meus parceiros, meus clientes, minhas conquistas – notei que apenas uma pessoa ficou longe, do outro lado da cova rasa cheia de terra.

Louisa Butchart estudava-me a uma distância segura sob seus cílios. Sua boca estava curvada em um leve franzido, suas costas arqueadas, como se exibindo seus novos ativos.

— Venha agora. — Mamãe enlaça meu braço no dela, puxando-me em direção à mansão. — Você terá bastante tempo para falar com Lou. Mal posso esperar para mostrá-lo a todos os empregados.

Mas não havia nada para discutir.

Eu devia um pedido de desculpas a Louisa Butchart.

E nada mais.



Uma hora depois, sentei-me em uma grande mesa em uma das duas salas de jantar do Whitehall Court Castle. Eu estava na cabeceira da mesa. Minha família e amigos de infância cercavam-me.

Surpreendeu-me como nada havia mudado nos anos em que estive fora. Até o carpete xadrez, móveis de madeira esculpida, candelabros e papel de parede floral. As paredes estavam encharcadas de lembranças.

Coma suas verduras ou acabe no elevador.

Mas, papai...

Sem papai. Nenhum filho meu crescerá para ser gorducho e macio como os filhos dos Butcharts. Coma todas as suas verduras agora, ou você passará a noite trancado.

Vou vomitar se o fizer!

Muito bem. Vomitar faria bem à sua figura corpulenta.

Enquanto olhava ao meu redor, não pude deixar de sentir pena de Cece e mamãe – ainda mais do que de mim mesmo. Pelo menos eu fui e construí para mim outra vida. Elas ficaram aqui, sobrecarregadas pelo temperamento horrível de meu pai e suas demandas intermináveis.

— Então, Devon, conte-nos tudo sobre sua vida em Boston. É tão terrível e cinza como dizem? — Byron exige, mastigando ruidosamente o *shepherd's pie*⁵⁰ e o rolo de carne. — Ouvi dizer que não é muito diferente de Birmingham.

— Suponho que a pessoa que lhe disse isso nunca esteve em nenhum dos dois, — eu digo, engolindo um pedaço de *shepherd's pie* sem sentir o gosto. — Prefiro aproveitar as quatro estações da cidade, bem como os estabelecimentos culturais. — Os estabelecimentos culturais eram o clube de cavalheiros de Sam, no qual eu jogava, praticava esgrima e fumava até a morte.

— E as mulheres? — Benedict sonda, bem em seu quinto copo de vinho. — Como elas se posicionam em comparação com a Inglaterra?

Meus olhos encontram os de Louisa do outro lado da mesa. Ela não se esquivava do meu olhar, mas também não oferece nenhum tipo de emoção.

— Mulheres são mulheres. Elas são divertidas, necessárias e um mau investimento financeiro geral, — digo lentamente.

⁵⁰ É um empadão típico da culinária da Inglaterra com base em carne moída de carneiro sobreposta por purê de batata e assado no forno.

Estava esperando transmitir que ainda era o mesmo, um perseguidor de mulheres inútil que fugiu da Inglaterra para evitar o casamento.

Benedict ri. — Bem, se ninguém vai se dirigir ao elefante na sala, eu posso fazê-lo eu mesmo. Devon, você não tem nada a dizer à nossa querida irmã depois de deixá-la alta e seca? Quatro anos, ela esperou por você.

— Benedict, *chega*, — Louisa estala, inclinando seu queixo para cima recatadamente. — Onde estão suas maneiras?

— Onde estão as *dele*? — ele cantarola. — Alguém tem que repreendê-lo sobre isso, já que mamãe e papai não podem.

— Onde estão o duque de Salisbury e sua esposa? — Pergunto, percebendo pela primeira vez que eles não compareceram ao funeral.

Há um momento de silêncio antes de minha mãe pigarrear. — Eles faleceram, receio. Um acidente de carro.

Cristo. Por que ela não me contou?

— Minhas condolências, — eu digo, olhando para Louisa ao invés de seus irmãos, que eu ainda não tinha considerado na mesma escala evolutiva que eu.

— Essas coisas acontecem. — Byron acena com a mão desdenhosa. Claramente, ele estava muito apaixonado por ser um duque nos dias de hoje para se importar com o preço de seu novo título.

Há outro silêncio de curta duração antes de Benedict falar novamente.

— Ela disse a todos os amigos dela que você estava voltando para ela, você sabe. Louisa. O pobre passarinho foi ver locais para festas de noivado por toda Londres.

Louisa morde a parte interna da bochecha, girando sua taça de vinho e olhando para ela sem beber. Eu queria arrastá-la para algum lugar isolado e privado. Para desculpar-me pela bagunça que criei em sua vida. Para assegurá-la que me fodi tanto quanto fodi com ela.

— *Gawd*, você se lembra? — Byron gargalha, batendo nas costas do irmão. — Ela até escolheu um anel de noivado e tudo. Conseguiu que nosso pai pagasse porque ela não queria que você pensasse que ela era muito exigente. Você a roubou adequadamente, companheiro.

— Essa não era minha intenção, — digo com os dentes cerrados, não encontrando apetite pelo meu prato nem pela companhia. — Nós dois éramos crianças.

— Eu acredito que isso é algo que Devon e Louisa devem abordar em particular. — Minha mãe bate nos cantos da boca com um guardanapo, embora não houvesse vestígios de comida em seu rosto. — É inapropriado abordar este assunto em companhia, para não mencionar no jantar do funeral do meu marido.

— Além disso, há muito mais para falar, — Drew, marido de Cece, exclamou com falsa excitação, sorrindo para mim. — Devon, eu queria perguntar – quais são seus pensamentos sobre

o boom das hipotecas da Grã-Bretanha? O risco de inflação é bastante alto, você não acha?

Abro a boca para responder, quando Byron interrompe a conversa, erguendo a taça de vinho no ar como um imperador tirânico.

— Por favor, ninguém se importa com o mercado imobiliário. Você está falando com pessoas que nem sabem como soletrar a palavra hipoteca, muito menos tiveram que pagar uma. — Ele bate o copo de vinho na mesa, seu conteúdo vermelho-carmim derramando sobre a toalha branca. — Em vez disso, por que não falamos sobre todas as promessas que Devon Whitehall não cumpriu ao longo dos anos? À nossa irmã. Para sua família. Como a realidade finalmente alcançou Lord Bonitão, e agora ele precisa fazer algumas concessões sérias se quiser manter o que restou de sua vida anterior.

Louisa se levanta e coloca o guardanapo sobre o prato ainda cheio.

— Se vocês me derem licença. — Sua voz treme, mas sua postura permanece perfeita. — A refeição foi fantástica, Sra. Whitehall, mas temo que a companhia de meus irmãos não. Sinto muito pela sua perda.

Ela se vira e vai embora.

Minha mãe e eu trocamos olhares.

Eu sabia que precisava corrigir a situação, mesmo não sendo eu quem criou.

Mas primeiro, tinha que lidar com os dois palhaços que ocupavam minha mesa de jantar.

Lanço a Benedict e Byron um olhar furioso.

— Embora eu seja solidário com a recente perda de seus pais, esta é a última vez que vocês falam comigo dessa maneira. Gostem ou não, eu sou o senhor da mansão. Escolho quem entreter e, mais importante, quem *não* entreter. Vocês passaram dos limites e deixaram sua irmã e minha mãe chateadas. Da próxima vez que vocês fizerem isso, serão recebidos com uma bala na bunda. Posso ser um libertino de poucos escrúpulos, mas como todos sabemos, sou um atirador muito bom, e seus traseiros são um alvo fácil.

Os sorrisos presunçosos de Byron e Benedict evaporam no ar, substituídos por carrancas.

Levanto-me e caminho na direção em que Louisa foi. Pelas minhas costas, ouço os irmãos Butchart murmurando um pedido de desculpas sem entusiasmo por seu comportamento, culpando o vinho por suas más maneiras.

Encontro Louisa em minha antiga sala de jardim de inverno, cercada por plantas exóticas, grandes janelas e madeira cor de menta. Seus dedos se movem sobre uma variedade de rosas coloridas em um vaso caro. Um presente de um visconde francês, que datava do século XIX.

Em vez de tocar as pétalas aveludadas, Louisa brinca com os espinhos. Fico na soleira com admiração. Ela me lembra de Emmabelle. Uma mulher que se encanta mais com a dor de uma coisa bonita do que com o prazer que ela oferece.

Louisa pica a ponta do dedo indicador. Ela se retira do espinho sem pressa, sugando o sangue, sem mostrar sinal de angústia.

Fecho a porta atrás de mim. — Louisa.

Ela não olha para cima, seu pescoço virado para baixo como um cisne gracioso. — Devon.

— Acredito que um pedido de desculpas está em ordem. — Rolo um dedo ao longo de um painel de madeira, descobrindo que estava coberto por uma espessa camada de poeira. Jesus Cristo. Whitehall Court Castle geralmente era impecável. Minha mãe e Cece tinham problemas de dinheiro?

— Para mim ou para sua família? — Louisa volta a acariciar os espinhos, e vejo-me incapaz de desviar o olhar dela.

Ela parece tão calma. Aceitando tanto, mesmo depois de todos esses anos.

Ando mais fundo no cômodo, a umidade esmagadora e a doçura pesada das flores me sufocando. — Ambos, suponho.

— Bem, considere-se perdoado por mim. Não sou de guardar rancor. Embora eu não tenha certeza de que o mesmo possa ser dito sobre Cece e Ursula.

— Nós nos damos bem, — corto secamente.

— Pode ser, mas elas estão muito solitárias e tristes desde que você partiu.

Minha garganta entope com auto-aversão.

— Qual é a situação com minha irmã e minha mãe? — Pergunto, sentando-me na frente dela no braço de um sofá estofado verde. — Sempre que as vejo, elas parecem felizes e contentes com suas vidas.

Por outro lado, criei o hábito de hospedá-las nos melhores apartamentos, levá-las aos melhores restaurantes e tratá-las com as compras mais luxuosas sempre que vinham para uma visita.

— Senhor Hasting está positivamente falido. Ele não tem um centavo em seu nome e não tem feito a parte dele nesta casa, o que, agora que o dinheiro de seu pai está retido no testamento, pode ser um problema. — Louisa franze as sobrancelhas delicadas, roçando um espinho com o dedo picado. — Cece está muito infeliz com ele, mas sente que é velha demais e não está bonita ou realizada o suficiente para se divorciar e procurar outra pessoa. Sua mãe e Edwin tiveram um casamento menos do que ideal, e suspeito que ela tenha se sentido muito solitária, especialmente na última década.

Levanto-me, caminhando até o vidro e apoiando um cotovelo contra ele. Um bando de patos cambaleando pelo gramado. — Mamãe tem algum apoio?

Como eu não sabia a resposta para minha própria pergunta?

— Ela parou de atender ligações sociais nos últimos anos. Parece inútil. Com sua filha mais nova casada com um tolo, e seu filho mais velho sendo o libertino mais infame que a Grã-Bretanha produziu, ela nunca tem boas notícias para compartilhar. Embora eu tente visitá-la sempre que estou em Kent.

Mesmo enquanto dizia isso, Louisa não soava particularmente acusadora ou antagônica. Ela era exatamente o oposto de Emmabelle Penrose. Suave e maleável.

— Cece nunca teve filhos, — eu medito.

— Não. — Louisa para na minha frente, seu decote modesto pressionando meu peito. Percebo que seus dedos estão cheios de carne cortada, machucados por espinhos. — Duvido que Hasting goste de mais coisas do que jogos de azar e caça. As crianças não estão no topo de sua lista de tarefas.

Seu corpo pressiona mais forte contra o meu. O jogo muda entre nós, e Louisa não é mais a garotinha tímida que me implorou para jogar migalhas de atenção em seu caminho.

Fuja de novo, dizem os olhos dela, se tiver coragem.

Nenhuma parte de mim quer se mexer. Ela era atraente, atenciosa e interessada. Mas eu não conseguia tirar minha mente de *Sweven*. A mulher que se infiltrou em meus sonhos como um ladrão, inundando-os com desejo e necessidade.

— E você, Lu? — Enrolo meus dedos ao redor de sua nuca e puxei-a um centímetro para longe de mim. Sua pele se arrepiava sob meu toque. — Ouvi dizer que você perdeu seu noivo. Eu sinto muito.

— Sim, bem. — Louisa lambe os lábios, alisando meu terno com uma risada sombria. — Suponho que você poderia dizer que nunca tive a melhor sorte quando se trata de homens.

— O que aconteceu conosco não teve nada a ver com sorte. Eu era um idiota egoísta que fugia da responsabilidade. Você sempre foi uma garantia, nunca o objetivo principal.

— Eu nunca guardei rancor, você sabe, — ela murmura, sua voz calma, controlada. Isso me surpreende. Imagino que cabeças rolariam se eu estivesse na posição dela. — A raiva parece um sentimento tão inútil. Nada de bom vem disso.

— Essa é uma maneira adorável de ver as coisas. — Sorrio gravemente, pensando: *Se as pessoas deixarem de lado sua raiva, nós, advogados, ficaríamos sem emprego.*

— Você está de volta agora. — Seus olhos escuros encontram os meus, desafiando-me novamente.

Pego sua mão, que estava no meu peito, perto do meu coração, e pressiono seus dedos frios em meus lábios quentes. — Não para sempre. — Balanço minha cabeça, meu olhar segurando o dela. — Nunca para sempre.

— Nunca diga nunca, Devon.



Depois de enfiar Benedict e Byron bêbados em seus Range Rovers e instruir seus motoristas a não parar até que estivessem do outro lado da ilha, dei um beijo de despedida em Louisa.

Prometi ligar para ela na próxima vez que estivesse na Inglaterra, uma promessa que tinha toda a intenção de cumprir.

Quando nossos convidados foram embora, esgueirei-me para o jardim e fumei três cigarros seguidos, verificando se eu tinha alguma mensagem de texto ou telefonema dos Estados Unidos. Especificamente, de uma certa megera americana. Não tinha.

Ela está muito quebrada, e você não corre o risco de ganhar nenhum prêmio de sanidade tão cedo também. Arrasto-me de volta para a mansão, extensa e escura, pela cozinha dos fundos, passando por Drew roncando na frente da televisão em uma das salas de estar e Cece sentada ao piano de cauda, olhando para ele silenciosamente sem tocar.

Foda-a, engravide-a e esqueça-a.

As coisas pareciam terríveis em todas as frentes.

Vou para o que costumava ser o escritório do meu pai. Minha mãe está lá.

Ela parece estar em seu habitat natural atrás de sua mesa vitoriana, rabiscando nas margens de alguns documentos enquanto digita números em uma calculadora ao lado dela. Isso me lembra o que eu sabia ser a verdade por anos – que minha mãe era de fato a força operacional por trás do império Whitehall. Meu pai era um libertino com um título, enquanto Ursula era a filha inteligente e engenhosa de seu pai. Tony Dodkin pode ter sido um conde comum, mas ele era um gênio da matemática e um magnata do setor imobiliário que sabia muito bem o que fazer. Mamãe puxou a ele. Ela era extremamente capaz.

O que pedia a pergunta, como ela não sabia que ele estava abusando de mim? Mas abrir aquela velha ferida não ajudaria muito.

— Devvie, meu amor. — Ela solta um pequeno suspiro, abaixando a caneta e inclinando a cabeça para cima com um sorriso, como uma flor espreguiçando-se e se abrindo para o sol. — Sente-se.

Sento-me à sua frente, olhando para o retrato atrás dela: papai e eu, quando eu era um menino de quatro ou cinco anos. Nós dois parecíamos tão miseráveis e deslocados que a única coisa que nos conectava era o DNA. Nossas feições nórdicas afiadas e olhos glaciais.

— O jardim de inverno está empoeirado, — digo lentamente.

— Está? — Ela lambe o dedo antes de virar uma página do documento à sua frente. — Bem, devo dizer aos faxineiros para prestarem atenção extra no cômodo amanhã.

— Você está tendo problemas financeiros?

Ela ainda está franzindo a testa para o número espalhado no papel. — Ah, Devvie. Devemos falar sobre finanças? É tão comum. Você acabou de chegar aqui. Quero que façamos um brunch e nos coloquemos em dia adequadamente. Talvez assistir a uma corrida de cavalos.

— Faremos tudo isso, mamãe. Mas preciso saber que você está cuidando de você.

— Nós vamos sobreviver. — Ela olha para cima, oferecendo-me um sorriso vacilante.

— Quando é exatamente a leitura do testamento? Amanhã ou no dia seguinte?

— Na verdade... — ela termina de escrever uma frase em um documento, largando a caneta —... a leitura do testamento será severamente atrasada, receio.

— Severamente? — Arqueio uma sobrancelha. — Por quê?

— Senhor Tindall está atualmente no exterior.

Harry Tindall era o advogado de confiança do meu falecido pai.

— E você não mencionou isso antes de eu embarcar em um avião?

Ela sorri pensativa, olhando para o meu cabelo como se quisesse deslizar seus dedos maternos sobre ele amorosamente. — Acho que você poderia dizer que a oportunidade de ver você se apresentou, e a humana que eu sou, cedeu à tentação. Eu sinto muito. — Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas. — Muitíssimo.

Isso acalma minha raiva. — Tudo bem, mãe. Estou aqui por você.

Estendo a mão sobre a mesa e agarro a mão dela. Ela está frágil sob meu toque.

— Eu vou te mandar dinheiro para te ajudar até a leitura do testamento, — ouço-me dizer.

— Não, querido, não poderíamos...

— Claro que você poderia. Você é minha mãe. É o mínimo que posso fazer por você.

Por um momento, tudo o que fazemos é olhar um para o outro, bebendo cada nova linha e ruga que acumulamos no ano passado.

— Ouvi dizer que Drew deixa muito a desejar no departamento de fazer Cecilia feliz. — Esparramo-me no meu assento, cruzando meus tornozelos sobre a mesa.

Minha mãe pega a caneta novamente e rabisca nas bordas do arquivo, mordendo o lábio inferior, como fazia sempre que meu pai estava tramando algo ruim e ela sabia que estava prestes a limpar sua bagunça. — Bastante.

— O que posso fazer para ajudar?

— Não há nada que você possa fazer, realmente. Isso é para sua irmã lidar.

— Cece não está acostumada a cuidar dessas coisas. — Eufemismo da porra do século. Quando éramos crianças, eu entrava em encrencas diariamente para salvar a bunda da minha irmã.

Mamãe puxa o lábio inferior, refletindo sobre isso. — Ainda assim, é hora de ela começar a aprender a se manter. A única coisa que você pode fazer por mim agora é abster-se de nos



fornecer manchetes escandalosas. Certamente não precisamos disso.

Naquele momento, minha mãe parecia tão quebrada, tão cansada, tão desgastada pelas tragédias que a vida tinha jogado nela, eu não consegui esmagá-las completamente. Não quando havia tão pouca esperança para ela.

E foi por isso que eu não pude dizer a ela que estava planejando engravidar uma avoadada dona de um clube burlesco fora do casamento, que, a propósito, estava esparramada em outdoors por toda a Costa Leste absolutamente nua.

Mas Belle nem estava grávida. Qual era o ponto de contar a minha mãe sobre isso? Essa situação poderia ser revisada em três, quatro ou cinco meses, quando a poeira no túmulo de meu pai tivesse baixado.

Não há necessidade de dar mais más notícias à minha mãe.

— Sem manchetes escandalosas... — Sorrio de volta para ela. — Promessa.

CAPÍTULO SETE

Devon

Devon: ainda ovulando?

Belle: seis dias depois? Pareço uma formiga-safari?

Eu tive que pesquisar no Google a referência para saber que a formiga-safari média produzia de três a quatro milhões de ovos por mês e era considerada o animal mais fértil do planeta Terra.

Devon: não deste ângulo. Fique de joelhos com o bumbum para cima e segure uma migalha de pão só para eu ter certeza.

Belle: por que você está perguntando?

Devon: tentar conceber esta noite não poderia prejudicar nossas chances, correto?

Belle: tecnicamente não, mas disse que as chances seriam pequenas.



Devon: pequena, mas existente.

Belle: você está esperando um convite?

Devon: do seu rabo mal-educado? Não. Já estou a caminho.

Belle: isso vai parar assim que eu estiver grávida.

Devon: absolutamente.

Belle: Estou falando sério. Já me sinto pessoalmente atacada por sua presença em minha vida.

Devon: não adianta perguntar por que você odeia tanto os homens, suponho?

Belle: não, se você quer uma resposta direta e honesta.

Devon: entendido. Considere-se livre de mim assim que estiver com filho.

Belle: COM FILHO.

Belle: você envergonha minha alma.

Belle: Estou esperando no Madame Mayhem.

Devon: Estou chegando. Não use calcinha.



Eu nem me incomodei em entrar no chuveiro depois de pousar no Boston Logan International Airport.

Peguei um táxi direto para Madame Mayhem, contando com meus bons amigos, chiclete de menta e desodorante.

Durante toda a viagem da Inglaterra para a América, tudo em que eu conseguia pensar era em me enterrar dentro da mulher voluptuosa e de cabeça quente. Não tinha certeza de onde vinha meu fascínio por Emmabelle, mas se eu fosse dar um palpite, diria que era porque ela era genuinamente independente. Ela não confiava em um homem rico – ao contrário de sua irmã e amigas – e parecia completamente imperturbável por ser a única pessoa solteira na sala, além de mim, mesmo quando as coisas ficavam estranhas.

Ela era franca, feroz e confiante.

Ela também era uma maravilha.



No táxi a caminho de Belle, mandei uma quantia considerável de dinheiro para minha mãe. Assim que eu estava prestes a colocar o aparelho de volta no bolso, uma mensagem aparece na tela:

Número desconhecido: você ainda está em casa? Lou. x

Louisa e eu trocamos números de telefone antes de ela deixar Whitehall Court Castle depois do funeral de meu pai. Já que eu não queria repetir meu erro de desaparecer duas vezes, adicionei-a aos meus contatos e respondi.

Devon: de volta a Boston, mas irei para a Grã-Bretanha para a leitura do testamento. Almoço?

Louisa: e bebidas.

Devon: Eu nunca digo não a isso.

Louisa: bom. Então vou abrir aquele conhaque Remy Martin.

Quando chego ao Madame Mayhem, corto a fila de quatrocentas jardas⁵¹, bato alguns Benjamins⁵² no peito de um

⁵¹ Referência as medidas do jogo de futebol americano.

⁵² Notas de cem dólares.



dos seguranças e entro, deixando um rastro de pessoas descontentes atrás de mim.

Encontro Belle cuidando do bar novamente, servindo cervejas e jogando seu cabelo loiro atrás do ombro. Ela estava vestida com um top que parecia creme, corpete rasgado e calças de couro vermelho cereja que eu logo destruiria com meus dentes.

Adeus à minha promessa de não haver escândalos. Foi bom enquanto durou... alguns dias e algumas mudanças.

Concentrando-me nela, atravesso o clube, passando por pessoas dançando e rindo bêbadas nos ouvidos umas das outras.

Belle estava tão envolvida em servir seus clientes, que nem olhou na minha direção quando perguntou. — O que posso fazer por você, docinho?

Docinho.

A mulher era uma vergonha nacional. O que diabos me impeliu a colocar um bebê nela?

— Curve-se, de quatro, enquanto não usa nada além de uma expressão sensual, enquanto me implora para te foder.

Sua cabeça torce quando o choque passa por seu lindo rosto. Seu olhar se derrete em um sorriso divertido.



— Tenho mais vinte minutos aqui. — Suas mãos se movem rapidamente atrás do bar. Ela parecia não ter pressa em me atender, exatamente o oposto de Louisa.

— Não, você não tem. Você estará me esperando em seu escritório em não mais de dez minutos, completamente nua e na posição em que eu quero você.

— *Ou?* — Ela bufa, inclinando a pistola de refrigerante na minha direção ameaçadoramente.

— Ou... — Pego a pistola de refrigerante do outro lado do bar e enfio-a em seu decote, bem entre seus seios, baixando minha voz uma oitava, meus lábios pairando sobre a concha de sua orelha —... Eu farei com que você passe a noite com sua boa amiga, Varinha Mágica.

— Pelo menos a varinha mágica não faz promessas vãs, — ela sussurra de volta.

Aperto o botão e borriço coca diet gelada entre seus seios. Bolhas transbordam de seu sutiã push-up. Ela solta um guincho, empurrando-me para longe.

— O que você pensa que está fazendo, idiota?

— Enfrentando você, ao contrário de todos os outros pobres coitados que você escolhe como seus amantes, — eu digo secamente.

— Reter sexo como punição é a sua ideia de me enfrentar?

— Ela solta uma risada selvagem, inclinando-se para pegar um pano e secar o peito. — Cara, você está chapado. Eu posso obtê-lo a qualquer hora que eu quiser, em qualquer lugar que eu quiser.

— Não há argumentos aí. Mas não é sexo que você procura, *Sweven*. É uma criança, e eu sei que sou o único que vai fazer isso. — Dou um passo para trás, olhando para o meu relógio. — Tenho uma teleconferência com Tóquio. Vejo você em dez.

— Você vai pagar por esse pequeno truque, — ela avisa, batendo o pano contra o bar.

Ela joga mais ameaças no ar, mas eu já tinha ido, aceitando a ligação que Joanne me conectou.

A ligação não durou mais de quatro minutos. Enquanto Emmabelle terminava as coisas, escrevi um e-mail para o advogado de meu falecido pai, Sr. Tindall, para ver quando a leitura do testamento aconteceria. Preocupação roeu meu intestino. Mamãe e Cece estavam com problemas.

Tive o cuidado de deixar Emmabelle esperar mais oito minutos antes de abrir a porta de seu escritório. Ela estava esperando por mim em sua mesa, que estava cheia de papéis, envelopes e um laptop, exatamente como eu pedi. Nua e de

quatro. Ela estava de frente para a parede, não para a porta, seu cabelo louro caindo em lençóis nas costas.

Ao som da porta se abrindo, ela vira a cabeça.

Faço um som de desdém. — A bunda para cima e os olhos na parede.

— Já ouvi melhor conversa suja de plantas decorativas, mas estou me divertindo demais para expulsá-lo. — Ela se vira para a parede.

Tranco a porta e entro no cômodo sem pressa. Sua bunda atrevida estava no ar, o centro dela rosa e já brilhando. Ela estava pronta para mim, e eu ia aproveitar meu tempo doce apreciando-a.

Paro na frente dela, admirando silenciosamente cada curva perfeita. Emmabelle Penrose era requintada a ponto de não precisar trabalhar um dia em sua vida se quisesse. Ela poderia se casar com a fortuna. No entanto, ela não tinha.

— Você ainda ‘tá’ aí? — ela geme. Secretamente, sua gramática deliberadamente ruim me divertia, embora o mesmo traço me irritasse em qualquer outra pessoa.

— Paciência. — Rolo meus dedos para o lado de sua bunda, o toque tão breve, tão fugaz, seu corpo inteiro corando e suas costas arqueando como se eu tivesse enfiado meu pau nela.



— Você é uma provocação, — ela geme. — Deixe-me grávida logo.

— Com prazer. — Mordo o lado de sua bunda suavemente, meus dentes afundando em seu traseiro como se fosse um pêssego suculento.

Abro os lábios de sua boceta com meus polegares por trás e lambo sua fenda, usando a ponta da minha língua para deixá-la louca.

— Arghhhhhhh, — ela deixa sair, deixando sua cabeça cair quando seus braços começam a tremer.

Colocando uma mão sobre suas costas para abaixar a parte superior do corpo, empurro-a ainda mais aberta, lambendo em movimentos longos e profundos. Bebo sua doçura, observando enquanto ela sacode a cabeça, sufocando seus pequenos grunhidos de prazer apenas para me irritar. Seus joelhos estão tremendo. Ela era fogo líquido, cada centímetro de seu corpo queimando com excitação.

— Oh. Oh. Merda. Merda. Foda-se, — ela murmura. A futura mãe do meu filho, senhoras e senhores.

— Minha dama, — digo sarcasticamente, meus dedos envolvendo a carne de sua bunda mais apertada, lambendo-a



com mais fervor. Ela goza tão violentamente que cai de braços sobre a mesa.

— Droga. — Ela gruda a testa suada na mesa. — Isso nunca aconteceu comigo antes. Isso foi *rápido*.

— Melhor você do que eu. — Dou-lhe um tapinha condescendente no traseiro.

— Puta merda, cara. Você usou algum tipo de truque? Isso foi *intenso*.

Em vez de responder a sua observação, viro-a de costas e agarro a parte de trás de seus joelhos, arrastando-a pela mesa até que sua bunda esteja empoleirada na borda, envolvendo as pernas nuas em volta da minha cintura.

Ela me desabotoa. A alegria com que suas mãos se movem dizem-me que ela está mais do que feliz por eu estar de volta em solo americano.

— Você vai ficar totalmente nu quando fizermos sexo? — ela brinca, sua língua circulando padrões ao longo do meu pescoço.

— Você é a única que quer manter isso desapegado. — Meu tom entediado não combinava com a ereção monstruosa que a mulher na minha frente acabara de liberar das minhas calças. Ou a onda de excitação erótica correndo por mim.



— Ponto justo, — ela ri.

Eu a atormentei alguns minutos antes de pressionar para dentro.

Ela exclama *ohhhhhh*.

Estar com ela novamente parecia melhor do que da última vez, e de todas às vezes antes. Esse era o problema com Emmabelle Penrose. Ela tem o gosto do maior pecado, e eu era um transgressor conhecido sempre que a tentação batia à minha porta.

Ela goza novamente antes que eu derrame minha semente no seu interior. Desabo em cima dela, exausto, o *jet lag* alcançando-me de uma vez.

— Mano, — Belle diz depois de alguns segundos ofegante em cima dela. — Muito pesado? Saia de cima de mim.

Afasto-me e sento na cadeira em frente a sua mesa, desta vez recusando-me a me evacuar como uma prostituta comum. Tinha que estabelecer algum tipo de autoridade com essa criança selvagem.

Faço um show apoiando minhas pernas em sua mesa bagunçada e acendendo um cigarro, afundando preguiçosamente no meu assento.



— Você não vai perguntar como foi minha viagem à Inglaterra? — Envio uma nuvem de fumaça para o céu, observando enquanto ela se enrola em uma fita.

Ela pula da mesa e veste-se sob o abajur, sem se incomodar com a luz forte e pouco lisonjeira. — Não. Eu não dou a mínima para o que você faz ou quem você pega quando não estou por perto.

— Meu pai morreu. — Ignoro sua pura vulgaridade.

Isso a faz parar. Ela faz um show ao pressionar um punho contra os lábios, como se estivesse enfiando suas palavras de volta para dentro. — Aquilo foi um momento besta. Sinto muito, Dev.

— Eu não sinto, — digo categoricamente. — Mas, obrigado.

— Como você está... er, lidando com as coisas? — Ela enfia uma perna em suas calças de couro.

— Muito bem, considerando que eu o detestava com cada átomo do meu corpo.

— Estou surpreso que Cillian e Sam não tenham dito nada. — Belle observa-me cuidadosamente para uma reação. Moça esperta. Nós dois sabíamos que eu não tinha compartilhado nada sobre minha vida pessoal com meus amigos. Ela deve ter se perguntado que negócios eu tinha confiando nela de todas as

peessoas. Aconteceu de eu me perguntar a mesma coisa. No que diz respeito ao público simpático, ela era um pouco mais fria do que a Antártida.

— Mantenho minha vida privada, privada. — Exalo anéis de fumaça, enviando flechas para eles.

— Ainda assim... — Belle tira o cabelo da parte de trás de sua blusa e aproxima-se de mim, jogando-se contra a mesa —... perder um pai é sempre difícil. Mesmo que – e às vezes especialmente – você não se dê bem com ele. Isso te lembra de sua própria mortalidade. Viver é um negócio confuso.

— Assim como sua mesa, — comento, pronto para mudar de assunto. — Por que parece que uma filial do Office Depot⁵³ explodiu por toda parte?

Ela solta uma risada. — Eu sou uma pessoa confusa, Devon. Bem-vindo à minha vida.

— Isso não é verdade. — Viro-me para frente, removendo meus mocassins de sua mesa e vasculhando os envelopes amassados e manchados sobre ela. — Você é altamente calculada e motivada. Você tem um outdoor de quatro metros de altura de si mesma tomando banho em uma enorme taça de champanhe e

⁵³ Rede de lojas de suplementos para escritório.

um negócio que você poderia vender amanhã e viver confortavelmente. No entanto, há pilhas e pilhas de cartas fechadas aqui. Explique-me sua lógica.

Para reforçar minha declaração, levanto um lote de cerca de uma dúzia de envelopes no ar. Todos pareciam escritos à mão e endereçados a ela pessoalmente. *Sweven* os arranca da minha mão e os joga na lixeira abaixo de nós. Um sorriso de bruxa marca seu rosto. Eu sabia que tinha atingido um nervo.

— Por que eu deveria? Não são contas; ao contrário de alguns dinossauros que usam fax, eu pago as minhas online. E não são de amigos, porque pegariam o telefone e me ligariam. Noventa e nove por cento dessas cartas são escritas por lunáticos ultraconservadores que querem me informar que vou queimar no inferno por dirigir um clube burlesco. Agora, por que eu me submeteria a isso?

— Todas essas cartas são? — Pressiono. — Mensagens de ódio?

— Cada uma delas. — Ela pega outro lote, tirando um dos papéis de um envelope. Ela limpa a garganta teatralmente e começa a ler:

— *Prezada Sra. Penrose,*



Meu nome é Howard Garrett e sou um mecânico de 62 anos de Telegraph Hill. Estou escrevendo para você hoje na esperança de que você mude seus caminhos e veja a luz, pois considero você a única responsável pela corrupção e veenalidade – ele escreveu venalidade errada – de nossa juventude.

Minha neta visitou seu estabelecimento outro dia depois de ver um anúncio com mulheres nuas em uma revista local. Três dias depois, ela chegou à minha casa para me informar que agora era gay. Uma coincidência? Acho que não. Homossexualidade é, caso você não saiba, um ato de guerra contra Deus... devo continuar... — ela apoia o queixo nos nós dos dedos, um olhar falso angelical em seu rosto —... ou seu cérebro deu um curto-circuito?

— Ele soa como se fosse da Idade da Pedra.

— Talvez vocês sejam vizinhos, — ela sorri.

— Há dezenas de cartas aqui. São todas de velhos religiosos reclamando de sexo? — Pressiono.

Belle era uma cesta cheia de complicações. Seu trabalho, sua personalidade, sua atitude. E, no entanto, eu não conseguia encontrar em mim coragem para desistir do nosso acordo.

— Sim, tenho certeza. — Belle faz uma careta, pegando o cigarro entre meus dedos e dando uma tragada e devolvendo-o

para mim. — Eu sou uma garota crescida. Posso cuidar de mim mesma.

— Ser cuidado não é pecado.

— Eu sei. — Ela sorri diabolicamente para mim com uma piscadela. — Se fosse, eu estaria em cima disso.

— Você sabia que existe um pássaro chamado bico-de-sapato que se parece estranhamente com Severus Snape⁵⁴?

— Você sabia que o veado-d'água-chinês se parece com o Bambi depois que ele ganhou um bigode novinho em folha? — Ela sorri de volta para mim, e assim, a tensão entre nós acaba.

O telefone de Belle começa a dançar na mesa, piscando em verde com uma chamada recebida. Ela estica o pescoço para ver o nome na tela, solta um suspiro e o pega. — Ei.

Ela pula da mesa e corre o mais longe possível de mim no pequeno escritório. Percebo que ela não queria que eu ficasse durante essa conversa, o que naturalmente me fez encontrar um lugar ainda mais confortável para ouvir com atenção.

⁵⁴ É um personagem fictício da série Harry Potter, da autora J. K. Rowling.



— Sim. Estou indo bem, obrigada. E você? — Pergunta secamente.

Fico surpreso com o quão flexível e educada ela soou. Quão completamente não ela mesma. Não havia nenhum indício da bola de fogo que me provocou um segundo atrás.

Ela parou na frente de um monte de fotos presas a um quadro de cortiça perto de sua janela, dedilhando os alfinetes coloridos distraidamente. Pareciam ser membros de sua família, embora eu não pudesse ver de longe.

— Agora é uma boa hora. Por quê? Aconteceu alguma coisa? — Pergunta.

Há uma pausa enquanto ela ouve a pessoa na outra linha, então responde com uma risada desconfortável. — Sim, bem, diga a ela que eu aceito seu convite. Que vinho devo levar?

Pausa.

— Sim, tenho certeza de que está tudo bem. Estou apenas no trabalho.

Pausa.

— Ocupada.

Pausa.

— Eu comprei para você todos os suprimentos de pesca. Não, você não tem que me pagar de volta. Somos família. Eu os levarei quando for.

Algo sobre sua troca com a pessoa misteriosa faz meu sangue se transformar em gelo. Ela parecia estranha, distante. Ela abandonou sua personalidade como uma cobra antes de atender a ligação.

Ela finalmente desliga, arrumando o cabelo distraidamente.

— Quem era?

— O meu pai. — Ela vai até a porta, abrindo-a. Inclina a cabeça em sua direção. — Fora.

— Seus pais ainda estão juntos? — Pergunto, sem pressa para desocupar meu lugar atrás de sua mesa. Eu os conheci em alguns eventos familiares, como o casamento de Cillian e Persy e os batizados de seus filhos, mas nunca prestei muita atenção a nenhum deles. Eles eram, de fato, tão chatos quanto sua filha era extraordinária.

— Felizmente. — Ela bate o pé com impaciência. — Mas isso é outra história, para ser contada a alguém de quem eu sou realmente, você sabe, amiga. Já terminamos, Devon. Saia.

Levo meu tempo levantando-me apenas para irritá-la, perguntando-me pela milionésima vez por que eu estava fazendo



isso. Sim, ela era deslumbrante, inteligente e obstinada. Mas ela também era totalmente horrível para mim e qualquer outro homem que já encontrei. Não havia como descongelá-la. Mesmo quando estávamos fisicamente juntos, ela estava tão longe que poderia muito bem estar na lua.

— O casamento deles pode ser feliz, mas a filha dele não, sempre que ele liga para ela, — eu digo, caminhando em direção à porta.

Belle salta para a soleira, bloqueando minha saída. Um sorriso venenoso e doloroso toca seus lábios.

— Ah, Devvie. Esqueci-me de dizer nada de conversa de família.

Sorrindo – ela realmente não deveria ter me empurrado – viro-me e caminho até o quadro de avisos, apertando os olhos para dar uma olhada melhor. Cavar o calcanhar de Aquiles das pessoas até que elas gritassem a verdade era minha especialidade. Eu não queria fazer isso com ela – ela não era uma cliente – mas Belle também era uma mulher que sabia como apertar todos os meus botões. E não eram muitos.

Minha suspeita provou estar certa.

Emmabelle tinha fotos de todos os membros de sua família: sua mãe, sua irmã, seus sobrinhos e até algumas fotos daquela banshee⁵⁵ ruiva que ela chamava de amiga – Sailor.

Mas nenhuma de seu pai.

— A teoria de problemas com o papai está ficando mais quente, *Sweven*, — eu digo a caminho da porta.

— Sim, bem, talvez eu não seja a única com problemas com o papai. Você parece um pouco feliz demais por seu pai ter falecido.

— A festa é amanhã à noite. Vista algo divertido, — brinco de volta.

— Uau. Não sou adivinha, mas vejo muita terapia no seu futuro, cara.

— Estou perfeitamente bem com a forma como me tornei. Você, no entanto, tem um grande e gordo segredo, Emmabelle, e não comete erros. Eu vou descobrir isso.

Como sempre, ela bate a porta no minuto em que eu saio.

Como sempre, eu rio.

⁵⁵ Nome atribuído a fadas celtas.



Foi só quando voltei para casa que notei a vingança de Belle por eu encher seu decote com uma bebida gelada.

No geral, foi uma pequena e adorável surpresa.

Uma calcinha usada enfiada no bolso da frente da minha calça.

Sentado no meu escritório, puxo-a para fora, sorrindo para o tecido rosa rendado. Inclino-me para trás na minha poltrona reclinável, jogando minha cabeça para trás, dando uma boa cheirada. Coloco a calcinha sobre a cabeça e gemo de prazer, ficando tenso, quando um bilhete cai dela.

Pego-o.

Oi Dev,

Você acabou de cheirar as bolas do meu melhor amigo, Ross.

Espero que tenha gostado.



—*Sweven*

CAPÍTULO OITO

Belle

Quatorze anos de idade.

— Nojento.

Anuncio ao universo, porque honestamente, é. Ver seus pais dando uns amassos no banco da frente do Honda Accord Wagon como dois adolescentes é algo assustador.

Persy não parece compartilhar o sentimento, suspirando romanticamente ao meu lado no banco de trás. — Deixe-os.

— Não, sua irmã está certa. Há um tempo e um lugar para tudo, e não é aqui. — Papai afasta-se da mamãe, dando um último beijo em seu ombro antes de colocar as mãos onde eu possa vê-las – no volante.

Para piorar as coisas (e você tem que admitir, a merda já é bem terrível se eu tiver que assistir meus pais trocando saliva sem ter para onde correr), estamos na fila do drive-thru, prestes a



pegar nossos hambúrgueres e milk-shakes. Como se eu tivesse apetite depois daquele beijo.

Hambúrgueres e shakes são itens básicos da noite de domingo e uma tradição de uma década dos Penrose. Toda semana, pegamos a comida, dirigimos até o Piers Park e aniquilamos batatas fritas gordurosas e shakes enquanto assistimos às luzes dançantes de Boston.

Já decidi que quando me casar, daqui a um trilhão de anos, vou manter essa tradição com meu marido e filhos.

O carro à nossa frente desliza para longe do drive-thru, e é a nossa vez. Papai abaixa a janela e tira um maço de dinheiro de sua carteira esfarrapada, acenando para a adolescente uniformizada na janela.

— Aqui está, querida. E eu vou pagar pela pessoa atrás de nós também.

Ele faz isso toda semana.

Paga pela pessoa atrás de nós.

Às vezes é uma mãe solteira em um carro velho.

Às vezes, como hoje, é um grupo de universitários barulhentos. Suas janelas estão abertas e uma espessa nuvem de fumaça de maconha sobe de seu Buick LeSabre.

— Isso é muito gentil da sua parte, senhor, — diz o caixa, inclinando-se para entregar-lhe os sacos de papel pardo com nossa comida e nossas bebidas.

Mamãe solta uma risadinha sem fôlego.

— Um pouco de gentileza faz a diferença. — Papai passa o braço pelo banco do passageiro da mamãe. Ele sorri para ela como se eles estivessem em seu primeiro encontro e ele quisesse causar uma boa impressão. Eu gostaria que o treinador Locken sorrisse para mim assim.

Acho que ele chegou perto. Uma vez.

Locken é meu treinador de pista e cross-country⁵⁶. E eu sou a estrela do time medíocre dele. Um time que nem pensei em fazer parte antes dele entrar na minha aula na primeira semana do ensino médio e implorar para nós fazermos o teste.

Já faz algumas semanas, e acho que estou fazendo progresso real em fazer com que ele me note. Esse quase-sorriso é a minha conquista.

Aconteceu no refeitório na semana passada. Ele estava de plantão no almoço naquele dia. Parecia radiante em seu blusão azul – o logotipo da nossa escola estampado nele – calças cáqui e tênis da moda. Ele era muito mais alto do que todos os outros meninos, mesmo os mais velhos, e tinha barba por fazer e covinhas nas bochechas.

— Pare de olhar para ele, — Ross, meu melhor amigo, repreendeu, abaixando a cabeça em nossa mesa de almoço. — Ele é um homem crescido.

⁵⁶ Corrida de atletismo que acontece em ambiente rural com obstáculos naturais.

— Como se isso já tivesse parado você antes. — Joguei uma batata frita nele. Ross tinha acabado de se assumir para mim duas semanas atrás. Chocante, não foi. Percebi como nós dois compartilhamos a mesma apreciação de Channing Tatum enquanto assistíamos *Magic Mike*⁵⁷.

— Só olho, não toco. — Ross esquivou-se da batata frita como se fosse uma bala. Acho que ele está cuidando do peso desde a pré-escola.

— Eu não toco no Sr. Locken. — Apontei para ele com uma cenoura baby.

— Ainda não. — Ele se inclinou para frente e pegou a cenoura entre os dentes, mastigando. — Você sempre consegue o que quer. Na verdade, é meio assustador.

Lancei outro olhar para o treinador Locken, e vejam só, ele sorriu para mim.

Não apenas sorriu... irradiou.

Estava prestes a me levantar e caminhar até ele. Mas então o resto da equipe de cross-country se amontoou no refeitório. Todos os caras. Havia uma equipe de cross-country para meninas também, mas eu era tão ridiculamente melhor que o treinador decidiu deixar-me praticar com os caras. Limpei o chão com suas bundas também, mas pelo menos eles chegaram um pouco perto.

⁵⁷ Filme sobre um grupo de homens que trabalham como strippers.

Plantando minha bunda no banco, eu os amaldiçoei por dentro. Não podia ser vista iniciando uma conversa com Steve Locken agora. As pessoas pensariam que eu estava mexendo os pauzinhos, pegando atalhos.

— Você precisa de Jesus. — Ross balançou a cabeça quando viu o desejo em meu rosto.

Há apenas um problema com Steve Locken.

Bem, dois, se você contar o fato de que ele tem vinte e nove anos e é meu professor.

Ele também é casado.

— Belly-Belle? Hora de sair. — Papai vira-se no banco e dá um tapinha no meu joelho. Eu pulo, assustada. Ah, merda. Certo. Estou com minha família em um passeio de domingo. Olho pela janela. Estamos no Piers Park.

Amanhã é segunda-feira, o que significa treino de pista cedo na floresta.

O que significa mais tempo do treinador Locken.

O que significa felicidade.

— Ah, olhe para o sorriso sonhador em seu rosto. Eu sinto falta daqueles dias quando eu era jovem, — papai comenta, tirando-me do meu devaneio. — O que você está pensando, luz do sol?

— Nada. — Solto meu cinto de segurança.



Tudo, penso enquanto saio do carro.

CAPÍTULO NOVE

Belle

Acontece que o kit de ovulação pelo qual desembolsei um bom dinheiro na Walgreens era tão necessário quanto o protetor solar ao tirar longas férias de verão no sol.

Porque naquele mês, depois que Devon voltou da Inglaterra, fizemos sexo todos os dias. Você sabe, *apenas no caso*.

Na verdade, às vezes fazíamos sexo duas vezes por dia, o que era totalmente desnecessário e muito divertido. Eu sabia que isso não era algo que eu reviveria depois de engravidar, então pensei por que não?

(Aparentemente, a resposta para a pergunta *por que não?* poderia ser encontrada em sites médicos. Isso explica que a contagem de esperma – e a qualidade – diminui se os casais fazem isso todos os dias. O problema é deles, porque Devon e eu não éramos um casal).



Encontrávamo-nos de manhã, depois que ele voltava das sessões de esgrima e antes de ir trabalhar. Ou durante as pausas para o almoço. Ou sempre que eu passava meus dez mil passos por dia no escritório dele e decidia parar para dizer olá.

Então, novamente à noite, depois que eu encerrava o trabalho.

Nós transamos em todas as posições, todas as horas do dia.

Devon sempre foi encantador, cordial e distante. Ele aceitou todas as minhas manias e defeitos, mesmo quando eu estava sendo deliberadamente insuportável para lembrá-lo de que não era casada. Ao mesmo tempo, seu distanciamento me assustou “*pra*” caramba. Eu nunca tinha visto um cara tão fora de contato com seus sentimentos.

Percebi, por seus telefonemas, sempre que estávamos juntos, que ele estava esperando uma mensagem importante da Inglaterra. Algo sobre sua herança. Falou com a mãe ao telefone. *Muito*. Arrulhando e adorando-a de uma maneira que me deixou feliz que ele seria o pai do meu filho.

Mesmo quando ele falava com sua irmã, ele sempre usava um tom calmo e doce que fazia meus ossos virarem mingau. De certa forma, era muito cruel da parte dele ser tão gentil. Uma garota poderia esquecer-se de manter a guarda com um cara tão perfeito. Aquela garota, felizmente, não seria eu.

Homens legais ainda são homens. Não se aproxime.

Embora eu tenha me esforçado muito para manter Devon à distância, sabia que ele estava tendo vislumbres íntimos da minha vida. Da minha família. Da minha história.

Eu não gostei.

E foi por isso que quando nosso acordo atingiu a marca de quatro semanas, e olhei para o calendário e percebi que minha menstruação estava um dia atrasada, eu estava cheia de euforia tingida de mortificação.

Havia uma chance de eu estar grávida.

Com o herdeiro de um marquês.



Adiei o teste de gravidez por mais dois dias, o que exigiu um esforço hercúleo.

Principalmente, eu estava com medo. Com medo de um resultado negativo – e se os hormônios não funcionassem – e com

medo de um resultado positivo – um bebê! Eu não posso cuidar de um maldito bebê inteiro! Eu mal posso cuidar de um *chia pet*⁵⁸. Na verdade, *não* cuidei do meu último chia pet. Aisling pegou de mim em algum momento e tentou salvá-lo, mas estava longe demais.

Finalmente, no terceiro dia, mordi a bala, marchei até a Walgreens e comprei um teste de gravidez. Comprei o mais chique. O teste sofisticado de 99,99%, onde ele explica o resultado para você. Ocorreu-me, a caminho da saída, que nada era tão assustador quanto um teste de gravidez. Cada mulher que comprou um tinha sentimentos muito fortes sobre o que queria ver. A gravidez não era como pão integral. Você não poderia ficar indiferente a isso.

Ou você *realmente* queria engravidar.

Ou você realmente *não* queria engravidar.

Não havia meio termo.

Quando a caixa passou o teste pelo scanner, notei que ela olhava para o meu dedo nupcial nu. Ela curvou uma sobrancelha julgadora.

⁵⁸ Chia Pets são estatuetas de terracota de estilo americano usadas para brotar chia, onde os brotos de chia crescem dentro de algumas semanas para se parecerem com o pelo ou cabelo do animal. Sementes de chia umedecidas são aplicadas em uma estatueta de terracota com ranhuras.



Sim, bem, meu filho está prestes a se tornar a realaleza inglesa, Karen.

Sorrindo extra largo, eu digo: — Isso não é assustador?

— Depende da sua situação, — ela responde rapidamente.

— Sim. A minha não é tão ruim. Eu só tenho que descobrir quem é o pai.

Ela empalidece. Eu rio. Pego o saco plástico e corro para o trabalho. Tranco-me no banheiro, tentando não me lembrar de todas as vezes que Devon me devorou na minha mesa, na minha cadeira e no meu chão durante as semanas em que estávamos tentando ter um bebê.

De cócoras no vaso sanitário para fazer xixi em um palito, decidi ocupar-me entrando no meu bate-papo em grupo com as meninas enquanto meu xixi fazia o teste de gravidez.

O grupo sempre foi super ativo, então tudo o que eu realmente precisava fazer era entrar.

Sailor: Hunter quer ir para Cancun no verão. Vocês topam?

Persy: claro. Apenas me fale as datas e direi a Cillian para reservá-las em sua agenda.



Aisling: não sei sobre mim e Sam. Queremos visitar a Suíça por algumas semanas. Eu tenho que visitar a clínica.

Persy: ah sim. Cillian mencionou juntar-se a vocês em Zurique. Algo sobre se encontrar com seus banqueiros?

Olhe para essas cadelas chiques, fazendo planos para o verão como se ainda não fosse inverno.

Sailor: e você, Belle? A fim de margaritas à beira da piscina com os Fitzpatricks?

Belle: por mais que eu queira me sentir como uma terceira roda⁵⁹ nessa maratona básica de vadias, alguns de nós têm negócios reais para administrar.

Sailor: Chico⁶⁰ está visitando, entendo. Esconda sua atitude, Belle. Está aparecendo.

Ela estava tão fora da base que era cômico. Pelo menos, eu *esperava* que ela estivesse.

Persy: vamos @BellePenrose. Você trabalha tão duro. Nosso mimo.

⁵⁹ Quem está sobrando, fora do lugar.

⁶⁰ Menstruação.



Eu não queria ser cuidada com coisas. Eu queria ser independente o suficiente para nunca depender das boas graças de outras pessoas. Era algo que minha irmã, que sempre foi uma romântica, não conseguia entender completamente. Ela estava confortável deixando as pessoas cuidarem dela porque estava em sua natureza cuidar *delas*. Mesmo quando ela se casou com Cillian, não foi pelo dinheiro dele. Na verdade, não.

Belle: é um amor de sua parte, Pers, mas eu realmente tenho muito trabalho.

Persy: não diga que não tentei.

Sailor: não se preocupe, Pers. Nós a pegaremos em grupo quando a virmos.

Belle: ah, como na faculdade. Só que você não é todo o time de beisebol.

Aisling: você já fez sexo a três, Belle?

Aisling: (e antes que você pergunte, sim, estou corando).

Belle: mais como harém reverso.

Verifiquei o carimbo de data/hora no início da conversa e percebi que seis minutos haviam se passado. Respirando fundo, peguei o teste de gravidez da penteadeira no banheiro e fechei os olhos.



Vai ficar tudo bem.

Você vai engravidar.

Você está fazendo isso com um homem que moveria montanhas para conseguir o que quer, e ele quer um herdeiro.

Virei o teste de gravidez e abri os olhos.

Grávida.

O suspiro que saiu da minha garganta sacudiu as paredes. Eu tinha certeza disso. Havia alegria, medo e prazer nisso.

Eu estava grávida.

Eu ia ser mãe.

Isso estava acontecendo.

Pode ser. O problema não era apenas conceber, mas manter o bebê, lembra? Uma voz dentro de mim advertiu.

Por alguns momentos, não sabia o que fazer comigo mesma. Andei de um lado para o outro no pequeno banheiro, parei no



espelho sobre a pia e belisquei minhas bochechas, gritando silenciosamente como Macaulay Culkin em *Esqueceram de Mim*.

Uma mãe.

Eu.

Não havia mais ninguém que eu precisaria.

Ninguém além do meu bebê. Estaríamos lá um para o outro. Finalmente, eu teria outra pessoa para cuidar, alguém que cuidaria de mim do jeito que Persy e eu fazíamos antes de ela se casar com Cillian e começar sua própria família unida.

Depois de me recompor, tirei uma foto do teste de gravidez e enviei para Devon. Nenhuma legenda foi necessária. Eu queria ver a reação dele.

Os dois V's azuis sinalizando que Devon recebeu e abriu a mensagem apareceram na tela.

Então nada.

Dez segundos.

Vinte segundos.

Após a marca de trinta segundos, comecei a sentir-me desconfortável. Quase defensiva.

Que diabos era o problema dele?

Comecei a digitar uma mensagem mordaz, com bastante palavrões e uma boa dose de acusações, quando uma ligação apareceu na minha tela.

Devon Whitehall

Limpei a garganta, adotando seu tom suave e irritante.

— E *aí*?

— Nós formamos uma boa equipe, *Sweven*. — A risada de Devon ecoou do outro lado da linha, atingindo a boca do meu estômago. Fez uma parada no meu coração, fazendo meu pulso gaguejar desigualmente.

Eu não estava esperando a alegria em sua voz. Não esperava nenhum tipo de sentimento dessa estátua de Adonis de um homem.

— Quero dizer, nós trabalhamos *muito* duro e por muito tempo nisso, — zombo.

— Não se esqueça do denso. — Ouvi-o acender um cigarro.

— Eu nunca poderia esquecer a parte densa. É a coisa que vou lembrar-me de você quando for velha e enrugada e você

estiver há muito tempo morto e enterrado ao lado de seu querido fax.

— A máquina de fax será cremada. Ela quer que suas cinzas sejam espalhadas no oceano, e você sabe que não posso recusar.
— Droga, ele era engraçado, de um jeito estranho.

— Um bebê, — sussurro novamente, balançando a cabeça.
— Você acredita nisso?

— Ainda digerindo, — ele ri. Mas não parecia tão sobrecarregado quanto eu, para melhor ou pior. — Bem, foi realmente um prazer fazer negócios com você. — Ouvi a agitação de seu escritório ao fundo. — Vou, é claro, começar a te passar uma quantia de vinte mil dólares por mês. Discutiremos suas acomodações e móveis para o quarto do bebê em nossos respectivos lugares durante o segundo trimestre. Embora, é claro, de acordo com nosso contrato, eu espere atualizações semanais de você.

Hum, está bem.

Tecnicamente, Devon não disse nada de ruim. Pelo contrário. Eu disse a ele que não queria nada com a bunda dele depois que engravidasse, e ele estava apenas seguindo o roteiro. Para o que assinamos naquela noite que o deixei esperando na ópera. Mas não conseguia me livrar dessa sensação estranha de que eu tinha sido descartada como uma meia velha.

Você queria ser descartada como uma meia velha. Na verdade, você se jogou de cabeça no cesto de roupa suja.

— Óbvio. — Bocejo audivelmente, fingindo não me intimidar com sua maneira profissional. — O e-mail está bom para as atualizações? Eu os enviaria por fax, mas tenho menos de setenta e cinco anos.

— E-mail está ótimo. Também devemos agendar uma ligação semanal.

Agora isso soava mais pessoal.

— Eu topo, — digo, um pouco rápido demais.

O que estava errado comigo? Hormônios, decidi. Além disso, comemoraria consumindo meu peso corporal em bolo. Agora eu estava comendo por dois, mesmo que a outra pessoa dentro de mim fosse menor do que um grão de arroz.

— Vou pedir a minha secretária, Joanne, para entrar em contato com você sobre horários e datas que combinem nossas agendas.

Tudo bem, risque isso. Totalmente não pessoal.

— Provavelmente terei que consultar meu médico toda semana porque meu útero é hostil e meus ovários são policísticos.



Fiz uma anotação para adicionar isso ao meu perfil do Tinder quando voltasse ao time de casos de uma noite. Isso me fez soar como um verdadeiro partido. *Não.*

— *Sweven...* — Devon diz. Parecia que mel tinha sido derramado dentro das minhas entranhas quando ele me chamou por esse apelido estúpido. — Prometo ser o pai que esta criança merece. Um pai melhor do que nós dois tivemos.

Seu comentário foi como um balde de gelo derramado sobre meu sentimento confuso. Eu nunca disse a ele nada de ruim sobre meu pai. Ele apenas fez essa suposição a partir do telefonema de dois minutos. Mas isso era papo furado. Meu pai e eu estávamos perfeitamente bem.

Ótimo mesmo.

Eu derramaria totalmente uma lágrima ou duas quando ele morresse, ao contrário do frio e indiferente Devon, que parecia praticamente aliviado quando seu pai chutou o balde.

Não querendo mostrar mais emoção do que eu já tinha, ri roucamente.

— Fale por você, Devon. Meu pai é maneiro.

— Posso ter setenta e cinco anos, mas pelo menos você nunca me pegaria dizendo o que acabou de dizer.

— O que seria? — Desafio.

Ele ri. — Boa tentativa.

— Que tal um momento de zen? — Ofereço. — Vamos falar sobre animais esquisitos. Você já viu um tenreque-raiado-das-planícies?

— Não posso dizer que já.

— Eles parecem gambás descoloridos que acabaram de acordar depois de uma noite de festa e MDMA⁶¹ e precisam fazer suas raízes.

— E quanto aos markhors⁶²? — ele pergunta. — Parecem mulheres nos comerciais da BabyLiss. Tenha um ótimo dia, *Sweven*. Obrigado pela boa notícia.

Depois que desligamos, enviei um e-mail para o Dr. Bjorn informando-o sobre o desenvolvimento e perguntando se eu precisava fazer algo além de comer bem, dormir bem, descansar e todas as outras bobagens que já li nas dezenas de artigos de gravidez que consumi diariamente.

⁶¹ Também conhecida como ecstasy.

⁶² Também chamados de cabra-selvagem-da-Índia é um caprino asiático encontrado no oeste dos Himalaias.



Reabri a conversa com as meninas, meus dedos tremendo de emoção. Era muito cedo. Eu sabia. E totalmente irresponsável considerando que era uma gravidez de alto risco. Mas nunca fui muito boa em adiar a gratificação.

Belle: Eu tenho novidades para compartilhar. Encontramo-nos amanhã no Boston Common⁶³?

Aisling: absolutamente.

Persy: Acho que sei o que é e estou animada.

Sailor: te vejo lá.

Eu não precisava de Devon.

Eu tinha o Boston Belles.

⁶³ Um parque na cidade de Boston.

CAPÍTULO DEZ

Belle

Quatorze anos de idade.

A primeira vez é inocente.

Eu nem acho que você pode chamar isso de uma primeira vez.

Estamos no primeiro ano do ensino médio agora — exames, lição de casa, panelinhas de garotas. Eu fico longe do ruído branco e mantenho o objetivo: correr o mais rápido, ter certeza de que minha irmãzinha Persephone e sua amiga Sailor não estão sendo importunadas na escola, e fantasiar sobre beijar o treinador Locken.

Durante um de nossos exaustivos treinos de pista, sinto uma dor aguda no joelho.

Continuo correndo — não sou desistente. Mas quando Locken sopra o apito que está eternamente enfiado em sua boca, eu paro,

mancando de volta para ele com o resto dos corredores. Tento disfarçar o meu mancar, porque estou começando a entender algo sobre a natureza humana. Quando as pessoas cheiram a fraqueza, é quando atacam.

— Merda, cara. Isso parece ruim. — Adam Handler faz uma careta, empurrando o queixo na direção do meu joelho. Olho para baixo, ainda cambaleando para o treinador. Merda mesmo. Meu joelho está inchado e vermelho.

— Está tudo bem, — estalo defensivamente. — Eu mal posso sentir isso.

— O que está acontecendo aqui, Penrose? — O Sr. Locken coloca os punhos na cintura. Sua voz é terna, mais suave do que o tom que usa com os meninos. Ninguém nunca critica isso. Por que eles iriam? Eu sou a única garota no time, então as pessoas apenas pensam, você sabe, é sobre tentar fazer-me sentir bem-vinda.

Só eu sei a verdade.

A verdade é que ele está sorrindo para mim cada vez mais ultimamente.

E que eu estive sorrindo de volta.

Sei que é errado. Sei que ele é casado. Que sua esposa está grávida. Eu não sou burra. Mas não estou planejando levar isso a lugar nenhum. Apenas quero desfrutar de sua atenção. Isso é tudo. De certa forma (de uma maneira realmente maluca e indireta), até acho que estou fazendo um favor à esposa dele.

Enquanto ele mantiver os olhos em mim, não corre o risco de agir de acordo com seus impulsos. Pelo menos ele não vai traí-la.

De qualquer forma, é burrice. Não a conheço e não devo nada a ela. E também, talvez seja apenas na minha cabeça estranha. Talvez ele não esteja olhando para mim, afinal.

— Tudo bem, treinador. — Sorrio através da dor, mostrando a ele que sou um soldado.

— Não parece bom para mim. Venha aqui.

Eu vou. Todos os outros garotos me cercam, pernas de palito e orelhas crescidas saindo de seus corpos. Todos eles estremecem e apontam para o meu joelho.

Aí vem o problema, como papai adora dizer.

O treinador Locken se ajoelha e franze a testa para minha perna. Posso sentir sua respiração raspando minha pele. Está quente e úmida. Formigamento excitado persegue um ao outro na minha espinha.

— Vou pegar uma bolsa de gelo para você. Espere no meu escritório.

— Não, realmente, estou bem, — minha boca estúpida protesta, mesmo que meu cérebro diga para calar a boca e tirar vantagem. Eu nunca tive um encontro com o treinador Locken.

— Nada estará bem quando você estiver no banco durante toda a temporada por causa do joelho do corredor⁶⁴, eu perder minha estrela do cross-country e você perder sua bolsa de estudos. — Locken já está de costas para mim enquanto conduz o resto dos meninos para o vestiário.

Manco até o escritório dele, que fica no final do corredor. A porta está aberta. Sento-me na frente de sua mesa e solto um gemido, porque caramba, isso dói. Procurando por uma distração, espio ao meu redor. Há uma porcaria de livros sobre corrida em suas prateleiras, alguns troféus e fotos emolduradas dele abraçando atletas famosos. Em sua mesa de madeira amarelada está a foto de noivado com a esposa. Eles estão em algum tipo de campo de feno, beijando-se, e a mão dela está inclinada para a câmera para pegar o anel de diamante. Ela parece pequena e é morena e... sei lá... boa. Ela parece uma pessoa legal, não como todas as coisas que eu esperava que ela fosse. Sou atingida por uma culpa terrível e repugnante por constantemente fantasiar sobre ele me beijando.

Isso é estúpido. Eu deveria me levantar e ir embora.

Sair do cross-country. Voleibol soa mais como meu tipo.

Estou apoiando os braços, prestes a me levantar quando ele entra em seu escritório e fecha a porta. Ele é maior do que eu me lembrava. Mais alto. Enche a sala. Isso me lembra meu pai, e eu sou louca por meu pai. Mas o Sr. Locken também parece infantil o

⁶⁴ “Joelho do corredor” é uma lesão comum por uso excessivo do joelho.

suficiente para que, ao contrário do meu pai, não seja assustador pensar em beijá-lo.

Inclino-me para trás na minha cadeira. Normalidade.

O treinador Locken levanta uma bolsa de gelo no ar e a joga para mim. — Pressione.

Faço o que me manda. O frio é bom contra meu joelho. Eu gemo. — É melhor eu conseguir uma bolsa de estudos. Eu nem gosto de correr.

Ele ri e para minha surpresa arrasta sua cadeira e a posiciona na frente da minha. Meu coração bate a mil quilômetros por minuto.

— Como está se sentindo agora? — ele pergunta. Seu timbre é baixo, áspero.

— Ok. Bem. — Sinto-me tão burra, tão jovem, tão juvenil. Eu gostaria de ter algo sofisticado para dizer. Algo para provar o contrário. Para ter certeza de que ele sabe que eu sou mais do que apenas uma criança.

— Deixe-me dar uma olhada. — Ele dá um tapinha no joelho em convite.

Balanço meu olhar para ele, sem saber o que está me pedindo. Certamente, ele não está sugerindo...

— Coloque seu pé no meu colo. Eu quero ver qual é o dano.

Faço o que me manda, meu peito inchando de orgulho. Tenho certeza de que ele nunca ofereceria isso a nenhum dos outros garotos do meu time.

Seu colo é tenso por causa dos músculos. Duro como pedra. Minha perna é longa e magra e se você olhar de perto, há uma camada de cabelo loiro cobrindo-a. Ele se inclina para frente, removendo a bolsa de gelo que estou pressionando contra meu joelho. Ele franze a testa.

— Não parece nada melhor.

— Parece bom, — eu minto.

— Tente girar a perna.

Eu tento. Falho. Quer dizer, eu posso fazer isso. Só dói como um filho da mãe.

O treinador Locken solta um suspiro resignado.

— Vai ajudar se encorajarmos alguma circulação sanguínea. Posso? — Ele levanta as mãos – mãos bonitas, noto – e as mantém no ar, olhando para mim interrogativamente.

Ele quer me tocar? Sério?

— Só para fazer o fluxo sanguíneo voltar para o joelho, — explica ele.

Dã. Claro. Tenho que tirar minha mente da sarjeta. Isso é tão embaraçoso.

Engulo em seco, olhando para aqueles olhos castanhos.

Ele meio que se parece com Matthew Broderick em Ferris Bueller's Day Off⁶⁵. Nerd-atraente. O tipo atraente que você pode confiar porque o mundo ainda tem expectativas de que ele se comporte.

Honestamente, eu nem sei por que estou sendo estranha sobre isso. Não é como se ele estivesse me assediando sexualmente. Ele está literalmente me perguntando se está tudo bem. Um estuprador pularia em cima de mim sem permissão. Estou lendo demais sobre isso.

Concordo com a cabeça, observando-o com olhos curiosos enquanto começa a massagear meu joelho. Parece inocente. Estou em um estágio em que estou curiosa sobre beijos e carícias e outras coisas, mas pênis ainda são um grande balde de água fria. Eles são tão... inusitados. Tipo, abaixe-se. Você não tem que ficar lá como um poste de stripper toda vez que alguém tira o sutiã.

Ele empurra os polegares em direção ao meu joelho para ajudar a circulação. A dor outrora aguda torna-se leve agora. Sinto os músculos se soltando sob seus dedos.

— Melhor? — pergunta Locken.

Aceno novamente. Engulo. Olho para os dedos dele. Para seu anel de casamento. No modo como suas mãos se curvam e massageiam a parte de trás do meu joelho agora, o ponto sensível, e eu rio e contorço-me a contragosto.

⁶⁵ Em português "Curtindo a Vida Adoidado", filme norte-americano de 1986.

— Seus músculos estão muito tensos. — Sua carranca se aprofunda. Aquele maldito anel de casamento parece fogo toda vez que toca minha pele. Por que tem que estar lá? Ele poderia ter esperado até que eu me formasse – o que são quatro anos em comparação com uma vida inteira – e poderíamos ficar juntos.

— Você precisa trabalhar em seus alongamentos, Penrose. Seus músculos estão encurtando. Provavelmente genética.

— Provavelmente do lado da minha mãe, — eu concordo. Conte com a mamãe para passar os músculos curtos para mim.

Seus dedos sobem até minha coxa. Agora não parece mais tão inocente. Meu corpo formiga. Mas também há outra coisa. Uma bola de ansiedade na minha garganta.

— S-sim, — gaguejo, preenchendo o silêncio, que agora se tornou desconfortável. — Eu deveria me esticar mais. Vou adicionar isso à minha rotina noturna.

— É importante.

Minha perna está solta e flexível sob seu toque. Eu nem me importo que ele possa ver que eu não me depilei.

— Deus, isso é tão bom. — Jogo minha cabeça para trás e gemo.

Ele ri. — Você tem sorte de ser tão talentosa, Penrose. Nem todo mundo recebe tratamento especial.

Mas é meu talento que o faz fazer isso por mim?

Seu dedo indicador sacode a borda do meu short uma vez, perto da minha virilha. Estou prestes a recuar, mas ele se afasta completamente, levantando-se. Seu sorriso é tímido, mas calmo. Olha-me direto nos olhos.

— Melhor?

Perturbada, pego a bolsa de gelo ao meu lado e me levanto rapidamente. — Melhor.

— Deixe-me saber se você precisar de ajuda novamente. A qualquer momento. Às vezes, os diamantes precisam de um pouco de fricção para brilhar.

No mesmo dia, invado o banheiro do meu pai, encontro uma navalha e raspo minhas pernas até a região da virilha.

Eu iria até ele para massagear meu joelho – minha coxa – pelos próximos dois meses.

Dizendo a mim mesma que é tudo pela bolsa de estudos.



CAPÍTULO ONZE

Belle

Encontrei Aisling, Sailor e Persy no Boston Common no dia seguinte.

Todas as três jovens mães chegaram com seus carrinhos, bebês e opiniões para avaliar minha situação.

Elas eram um lembrete de que em breve eu teria que me transportar de um mundo de tangas e boates para as maravilhas dos protetores de seios, panos de arrote e fraldas.

Os carrinhos das minhas amigas combinavam com suas personalidades.

Sailor empurrava um *city jogger*⁶⁶. Esportivo, eficiente e todo preto. — O favorito dos clientes, — ela se gabou para mim uma vez quando eu estava de ótimo humor e fingi me importar.

Persephone tinha o *Bugaboo* duplo para Astor e Quinn, branco e enfeitado, embora ela amarrou Astor a uma coleira tipo-de-cachorro e o deixou vagar pelo parque como um Chihuahua bêbado.

Depois havia Aisling, que tinha o carrinho silver cross Balmoral. Parecia elegante, caro, formal e adequado, exatamente como a mulher a quem pertencia. Ambrose parecia em casa dentro dele.

Estávamos todos agasalhados em nossos casacos, caminhando pelo pátio arborizado, passando pela *Freedom Trail*⁶⁷ e pelos monumentos dos soldados e marinheiros.

O céu era uma cortina de gelo, nuvens movendo-se em azul marinho como a multidão matinal de profissionais do centro da cidade.

⁶⁶ Um modelo de carrinho de bebê também chamado de baby jogger no Brasil.

⁶⁷ O Freedom Trail (Caminho da Liberdade) é uma trilha de 4 km que passa por 17 locais significativos para a história dos Estados Unidos.



— Você sabia que no século XVII, uma mulher chamada Ann Hibbins foi executada no Boston Common sob acusação de feitiçaria? — Sailor pergunta enquanto empurra o carrinho com Xander. — Eles a enforcaram para todos verem.

— Cristo, Sailor. — Aisling faz o sinal da cruz, olhando de soslaio para nossa amiga. — Que fato divertido para começar o dia.

Persy ri. Uma pontada de melancolia me atravessou. Devon teria apreciado esse comentário. Mas eu não podia simplesmente mandar uma mensagem para ele querendo ou não. Não deveríamos falar sobre coisas não relacionadas a bebês. Minha regra, que eu defendia. É uma porcaria.

— De qualquer forma! — Exclama Persephone. — Tanto quanto eu adoraria ouvir sobre mulheres sendo enforcadas por feitiçaria, Belle tem algo a nos dizer.

— Obrigada pela transição sutil, mana.

Como eu era a única que não tinha um carrinho para empurrar, segurei Rooney, a filha de Sailor, em uma dessas coleiras enquanto ela tentava perseguir pombos na calçada pavimentada. Ela parecia um homenzinho bêbado tentando arrumar uma briga. Eu estava aqui para isso.

— Ainda é cedo, mas eu queria que vocês soubessem que há um pão neste forno. — Aponto para minha barriga.

As meninas param de empurrar seus carrinhos e pulam em mim com abraços e gritos de alegria. Rooney e Astor, que não tinham ideia do que estava acontecendo, mas sentiram a emoção, empurraram-se entre nossas pernas e me abraçaram também, gritando: — Tia Belle! Tia Belle!

Juntei todos em meus braços e ri, um pouco envergonhada. Contaria aos meus pais no telefone mais tarde esta noite. Eles não ficariam muito felizes por eu ter um filho fora do casamento, mas sabia que eles não esperavam nada melhor de mim. Eles sabiam que eu não era do tipo que se casava. Eles não tinham ilusões sobre eu seguir os passos da minha irmã mais nova.

— Você e Devon basicamente se trancaram no quarto por um mês inteiro? Isso foi rápido! — Sailor alcança seu carrinho, a alegria ainda dançando em seus olhos verdes.

— Não tenho certeza se quero ter essa conversa quando a idade média desse grupo é de cerca de dois anos e meio. — Aceno com a mão para os carrinhos e crianças.

— As crianças não têm ideia do que estamos falando, — Aisling diz afetadamente. — Para ser honesta, o meu ainda nem enxerga as cores, ele é tão jovem.



— Há Rooney e Astor, — Persy lembra-a com um sorriso. — Vamos guardar isso para nossa noite semanal de comida.

— Em que Belle não vai beber nenhum vinho. — Sailor sorri triunfante. — Mais para nós.

— Ela também não vai a boates tão cedo. — Persy parece particularmente feliz com essa reviravolta. — O que significa que ninguém pode colocar nada na bebida dela.

Não que isso tenha acontecido, mas minha irmã era preocupada.

— De qualquer forma, espero que você saiba que estamos aqui para você. Tudo o que você precisar, basta dizer a palavra. Embora eu ache que Devon quer ter um papel importante na gravidez. — Persephone inclina o queixo para baixo, inspecionando-me.

— Devon pode se lixar. Ele sabia o placar. Espere... — eu digo enquanto retomamos nossa caminhada. — Como você sabe disso?

— Devon não pôde evitar. Ele ligou para Cillian ontem à noite para dar as boas notícias. — O rosto de Persy quase se separa de seu enorme sorriso. — Cillian me contou.

Fiz uma nota mental para mutilar Devon com o teste de gravidez por sua falta de discrição.

— Isso é conversa fiada. Não existe algum código de advogado ou algo assim? — Reclamo, embora não me senta tão mal sabendo que Devon estava informando ao mundo ocidental que ele seria um ótimo pai. Especialmente depois de sua reação frígida quando eu disse a ele que estava grávida.

— Ele não é *seu* advogado, bobinha. — Sailor finge bater na minha têmpora. — Embora, eu tenha certeza de que ele terá que ser em algum momento com as travessuras em que você se envolve.

— Além disso, ele provavelmente disse a Cillian para não contar, e Cillian simplesmente não pôde evitar. Meu irmão entregaria segredos nacionais e o estado do Texas sem piscar para receber a aprovação de sua esposa. — Aisling vira o olhar para Persephone com um sorriso.

As bochechas de Persy ficam vermelhas. Ela abaixa a cabeça. Aisling tinha razão. Cillian estava indefeso contra sua esposa. Hunter e Sam também não eram muito bons em dizer não para suas respectivas esposas.

Balanço minha cabeça. — Não importa. Estou feliz por não ter demorado muito. Quer dizer, o risco real é manter a gravidez. Ficar grávida foi a parte fácil. Mas, ainda assim.

— Hum, gente? Eu não quero ser uma estraga-prazeres, mas sou só eu ou há um cara com um casaco preto nos seguindo? — Sailor ergue uma sobrancelha.

— Onde? — Aisling olha para a esquerda e para a direita, confusa.

— Três horas.

Aisling e Persephone imediatamente congelam, tentando sutilmente dar alguns olhares. Eu tinha menos classe do que isso. Virei a cabeça bruscamente, estreitando os olhos para um homem que estava escondido atrás de uma árvore a alguns metros de nós. Ele era alto e largo. Usava um chapéu e estava todo de preto da cabeça aos pés, então eu não podia ver como ele era.

— Isso é algo que você deveria contar a Sam? — Persy pergunta a Aisling.

Aisling franze a testa, suas sobrancelhas se unindo. — Acho que não. Ele não tem brigas abertas com ninguém agora. Desde que ele desmantelou os russos, as coisas ficaram quietas. Talvez até muito quieto para seu gosto. Se ele pensasse que eu estivesse em algum tipo de perigo, não me deixaria sair sem pelo menos dois de seus soldados.



Era verdade. Sam recrutaria um exército inteiro para manter Aisling segura. Se ela não tinha guarda-costas, isso significava que Sam estava tendo um ano tranquilo.

— E você? — Sailor vira-se para Persephone. Mesmo que o marido de minha irmã fosse limpo como um apito em seus negócios, não havia como negar que sequestrar sua família era uma ideia lucrativa.

Persy balança a cabeça. — O clã Fitzpatrick trabalha com uma empresa de segurança. Todos ex-agentes do serviço secreto. Sempre sabemos o nível de ameaça que enfrentamos em cada cenário, incluindo sequestro. No momento, está baixo porque as ações da Royal Pipeline estão despencando em Wall Street.

— Pobrezinha, — ronrono. — No entanto, você pagará a hipoteca do próximo mês?

Todos os olhos se voltam para mim. Olho por cima do ombro novamente. O homem se foi agora, mas aposto que ele acabou de encontrar outra árvore para se esconder.

— O quê? — Bufo. — Quem poderia estar atrás de *mim*?

Havia uma pessoa em quem eu conseguia pensar, na verdade, mas estava muito morta.



— Talvez um dos malucos que escreve cartas para você? — Sailor sugere. — Você é uma das mulheres mais notórias de Boston, Belle.

— De jeito nenhum. Esses caras mal conseguem operar um telefone fixo, quanto mais planejar um assassinato bem executado. — Mas puxo a ruiva Rooney para mais perto de mim, só para garantir. — Eu aposto que é só um idiota que vai bater uma depois que nós formos embora.

— Mamãe, o que é bater uma? — Rooney cacareja para Sailor, que me lança um olhar de *você está feliz agora*. Minha expressão diz a ela, *sim, muito*.

— Bem... eu posso vê-lo novamente agora, e ele está olhando para você, Belle. — A voz de Persephone era uma lâmina afiada rolando contra minha pele.

Os pequenos cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiam. Minhas palmas ficam suadas. Mentalmente, vasculho todos os problemas que tive com as pessoas ao longo dos anos, mas nada parece grande o suficiente para justificar... isso.

A lógica ditava que Aisling, com seu marido príncipe da máfia, e Persy, que era casada com um dos homens mais ricos (e mais cruéis) do planeta Terra, eram os principais alvos. Mas ambas estavam certas – precisamente *porque* seus maridos



conheciam suas situações, eles fizeram arranjos de segurança para impossibilitar que elas se machucassem.

— Existe alguma coisa que você não está nos contando? — Aisling cantarola, usando seu melhor tom pacificador. — Você pode nos dizer. Você sabe que estamos do seu lado. Sempre.

Mas eu não podia.

Porque não havia *nada* para contar.

— Está tudo bem. — Tento pegar outro vislumbre pelas minhas costas.

Um rastro de um casaco preto desaparece atrás de uma estátua.

Oh foda-se isso.

— Segure isso, por favor. — Dou a coleira de Rooney a Sailor e vou atrás do homem. Corro em direção à estátua, fúria queimando como ácido em minha corrente sanguínea. Não importa quem este homem está procurando, ele tem muito a responder.

Corro atrás da estátua para encontrá-lo encostado nela, percorrendo as fotos em seu telefone. Fotos das *minhas* costas, eu percebo, quando pego um vislumbre do meu casaco vermelho na tela dele.



— Posição fofa, hein? Você deveria ver a frente. — Balanço meu punho para trás, prestes a socá-lo bem no rosto. Seus olhos se arregalam. Ele solta um gemido e vai embora. Meu punho é lançado no ar, não atingindo nada.

Começo a persegui-lo. Persy está aos meus pés.

— Belle! — ela exclama, frenética e sem fôlego. — Volte. Você não pode fazer isso!

Claro que eu poderia fazer isso.

Era meu *dever* fazer isso.

Jurei há muito tempo nunca deixar os homens machucarem as mulheres só porque eles podiam. Porque eles eram fisicamente mais fortes.

Acelero o passo enquanto minha irmã corre atrás de mim. O homem estava ganhando velocidade. Enquanto isso, Persy decide mostrar seu lado atlético pela primeira vez desde que nasceu e consegue me alcançar, puxando-me de volta para as outras pela gola do casaco.

— Deixe-me em paz, Pers! — Rujo. — O idiota teve a coragem de tirar fotos minhas, agora quero saber o porquê. — Afasto-a, empurrando meu joelho ruim e correndo mais rápido. Persy é persistente. De onde veio toda essa nova força?

— Você não pode! — Ela pula na minha frente, servindo como uma barreira entre mim e o homem, que agora está longe demais para que eu pudesse persegui-lo.

Esse homem poderia ser o mesmo cara que me abordou no Madame Mayhem há pouco mais de um mês. *Droga.*

Persy agarra meus ombros, seus olhos selvagens em suas órbitas. — Escute-me agora. Eu sei que você é corajosa, e eu sei que você é um arrasa-quarteirão, mas você *tem* que entender, não é mais só você. Há alguém dentro de você, e você precisa pensar sobre isso. Compreende?

Flashes da minha conversa com o Dr. Bjorn voltam para mim.

Alto risco.

Perigo de aborto.

Teremos que monitorá-la de perto.

Balanço a cabeça severamente. Eu sei que ela está certa. O que diabos eu estava pensando, saindo assim?

— Tudo bem, — eu digo mal-humorada. — *Tudo bem.* Mas não posso simplesmente deixar essa merda passar.



— Eu não estou pedindo isso, — Persephone enfatiza. — Vou falar com Cillian. Veremos o que podemos fazer.

Mas eu não ia deixar um homem, nem mesmo meu cunhado, bancar a babá para mim. Cuidaria do meu próprio negócio.

— Não, eu cuido disso.

— Não se aproximando dele por conta própria, — diz Persy.

Concordo com a cabeça, mas me abstenho de usar minhas palavras. Deus estava nas letras miúdas.

Persy me abraça. — Agora, essa é minha irmã favorita.

— Você quer dizer sua *única* irmã, — gemo, minha bochecha esmagada contra seu seio insanamente inchado e cheio de leite.

Ela dá um tapinha na minha cabeça. — Isso também.

CAPÍTULO DOZE

Devon

Três dias depois que Emmabelle anunciou sua gravidez, liguei para mamãe para nosso bate-papo semanal. Ela parecia estupefata e encantada. Não por muito tempo, pensei. O trem da alegria pararia assim que eu contasse a ela sobre minha paternidade pendente.

Enquanto eu estava encantado por me tornar pai, estava mal-humorado por desapontar minha mãe. Pior ainda, agora que *Sweven* estava grávida, eu não tinha mais permissão para entrar em sua cama bagunçada e que precisava de uma boa lavagem.

Era como se estivesse sendo punido por meu bom comportamento.

— Olá, querido Devvie. Se é sobre Harry Tindall, lamento informar que ele ainda está nas Ilhas Cayman, mas fiquei sabendo que ele voltará em breve.

— Obrigado, mãe. Mas há outra coisa sobre a qual precisamos conversar. — Caminho pelo comprimento do meu apartamento – um loft em Back Bay – vestindo nada além de uma toalha na cintura depois de um treino exaustivo.

— Há? — Mamãe pergunta. — O que está em sua mente, docinho?

Paro na frente da lareira na minha sala e ligo o interruptor eletrônico.

— Você está sentada? — Dou a ela o mesmo tratamento que ela me deu quando meu pai morreu. Podia ouvi-la afundando em um assento de couro.

— Eu estou agora, — ela parece tensa. — Alguma coisa ruim aconteceu?

— *Respire.*

— A respiração é superestimada. Apenas me diga, por favor.

— Estou prestes a ser pai.

— Eu... uh... o quê? — Ela parece genuinamente surpresa.

— Um pai, — consolidado. — Vou ter um filho com alguém.

Ouço um baque agudo – ela provavelmente deixou cair o telefone – seguido por ela lutando para pegá-lo. A próxima vez que ela fala em meu ouvido, sua respiração está áspera e difícil. — Você quer-me dizer que está prestes a gerar um *bastardo*?

— Ou uma bastarda, — digo facilmente. — Provavelmente uma bastarda. A mãe da criança me disse que acha que vai ser uma menina, e ela geralmente não está errada.

— Mas... mas... como? Onde? Quando?

O onde era realmente necessário? Eu não tinha ideia se isso aconteceu quando entrei em Belle enquanto ela estava esparramada em sua mesa de escritório, ou quando eu a atropelei em seu chuveiro.

Caminho para a cozinha do meu apartamento de trezentos e setenta metros quadrados. Eu nunca tinha visto algo tão grande e luxuoso em um prédio, especialmente em Back Bay. Ele foi projetado com o mesmo cuidado meticuloso e natureza antiquada do meu escritório. Um monte de carvalho esculpido, tecidos caros, rodapés de bronze e um friso pintado de carmesim.

Mais importante, era um espaço vasto e aberto com muito poucas paredes. Exatamente como eu desejava, sofrendo de claustrofobia violenta.



— O nome dela é Emmabelle. Nosso relacionamento era de natureza casual. Nunca estivemos oficialmente juntos. Ela vai ficar com a criança.

Quando o silêncio na outra linha me diz que minha mãe precisa substancialmente de mais informações, acrescento com cuidado: — Emmabelle está no negócio burlesco. Você pode encontrar uma foto dela online. Ela escreve alguns artigos sobre liberdade sexual como colunista colaboradora e posou para um calendário erótico. Acredito que vocês duas se dariam muito bem.

Eu não acreditava nisso, é claro, mas desapontá-la tão perto da morte do meu pai não parecia certo.

— Por que eu iria conhecê-la? — Mãe retruca.

— Porque ela vai ser a mãe de seu precioso neto, — eu digo facilmente.

— Eu não considero o que vai sair dela um neto. — Ela está tão brava que sua voz treme.

Embora eu não esperasse que mamãe fizesse uma festa, também não esperava que ela fosse tão hostil sobre o assunto. Afinal, mantive minha aliança com ela e Cecilia e as ajudei financeiramente. Minha única expectativa era que ela aceitasse a maneira como eu vivia minha vida.

E meu caminho não incluía trancar mulheres que não consentiam em porões e comer sua pele. Ter filhos fora do casamento era uma prática comum nos dias de hoje.

Abro a geladeira, começando a preparar um sanduíche de peru. — Não veja seu neto, então. Sua perda.

— Eu posso mudar de ideia com o tempo, — ela explica, seu tom suavizando. — Eu só não quero que um filho ilegítimo arruíne todo o seu futuro brilhante. Este é o século XXI. Somos perfeitamente capazes de manter isso em silêncio e sob controle.

— *Por que* eu iria querer mantê-lo em silêncio e sob controle?

— Porque você pode querer se casar.

Jurei nunca me casar, mas não acho que mamãe possa receber mais más notícias em uma ligação.

— Nesse caso improvável, eu seria sincero com minha esposa.

— Nem toda esposa ficaria feliz com isso.

— Que tal pararmos de rodeios? Diga o que você quer dizer.

— *Louisa*, Devvie.

O nome dela soou no meu ouvido. Uma memória a respeito do meu pai fazendo-me beijá-la fez minha mandíbula apertar.

— O que tem ela? — Fecho a porta da geladeira com um chute e coloco peru sobre pão de trigo, escassamente coberto com maionese light e um pouco de mostarda. — Acha que ela vai aceitar meu acordo com a ninfa burlesca que eu engravidei?

— Você quer dizer uma *stripper*? — Minha mãe se engasga, escandalizada. — Isso é o que você chama de stripper hoje em dia, não é?

— Certo. — Bocejo ironicamente. — Chame-a do que quiser.

Minhas entranhas se transformaram em lava, fervendo de calor. Isso era uma mentira. Uma que *Sweven* não apreciaria. Então, era bom que mamãe não quisesse ver o neto. Porque se ela alguma vez tentasse olhar com desprezo para Belle na cara dela... Deus a ajude, ela não teria mais rosto para olhar com desprezo.

— Sim, bem, existem maneiras de contornar qualquer coisa, Devvie. Os libertinos não foram extintos do mundo com a civilização moderna. Nós, mulheres da alta sociedade, acabamos de aprender novos truques para manter sua discrição.

— Eu não posso me casar com Louisa. — Bato uma fatia de queijo no meu sanduíche com ferocidade que sugeriria que era

pessoalmente responsável pelo meu sofrimento atual. — De onde vem isso? Você nunca me pressionou sobre o assunto. Somente papai o fez, e ele pagou por isso perdendo seu único filho. Não só não posso me casar com Louisa, como também não posso ser *visto* com ela novamente. A mídia na Grã-Bretanha teria um dia de campo se descobrisse que estou prestes a ser pai de um filho fora do casamento com uma americana boba enquanto sonhava com a filha de um duque.

O Daily Londoner tinha uma equipe inteira de jornalistas dedicados a acompanhar cada movimento da realeza. Não havia como isso ser mantido em segredo.

— Não é o fim desta discussão, — minha mãe me informa, profissional. — Para quando essa coisa é esperado?

— Acho que ela está com cerca de seis ou sete semanas, então *essa coisa* não estará aqui por um tempo.

— É muito cedo para saber que você está grávida. Quase como se ela tivesse planejado a coisa toda, — minha mãe medita.

Eu não disse a ela que Emmabelle e eu tínhamos concordado em ter esse filho. Embora amasse minha mãe, não era da conta dela.

— Nem todo mundo é tão esperto quanto os Whitehalls, mãe.

Desligo o telefone. Dando uma mordida no meu sanduíche, mastigo sem sentir o gosto.

Qualquer que fosse o próximo passo de minha mãe, eu sabia que o enfrentaria de frente.



— Você vai me matar? — Meu parceiro de esgrima, Bruno, pergunta no dia seguinte enquanto eu quase perfuro seu cérebro através de sua máscara. A *corps-a-corps*, contato corporal entre dois esgrimistas, era ilegal na esgrima. Foi a terceira vez que fiz. — O que está incomodando você? — Bruno pergunta através de sua máscara de aço inoxidável.

Não agraciando sua pergunta com uma resposta, volto ao ataque, pensando na minha conversa com minha mãe, no silêncio do rádio vindo de Belle.

Esgrima era xadrez físico. Exigia um nível de intelectualidade, não apenas membros rápidos e instintos rápidos. Por isso era meu esporte favorito. Pulo para frente, enquanto Bruno ficou mais cauteloso, afastando-se da faixa.

— Devon. — Ele tropeça para fora do tapete, arrancando a máscara de sua cabeça. Seu rosto está suado, seus olhos arregalados. — Devon, *pare!*

É só depois que ele me implora para parar que percebo que quase o matei. Que ele estava encolhido e assustado, escondido em um canto da sala, sua espada de sabre para baixo, seu corpo tremendo.

— Você está passando por algo, cara. Você precisa juntar sua merda.

Com isso, ele se despede. Tiro minha máscara, franzindo a testa.

Minha merda nunca esteve junta, seu tolo.



De lá, vou para o clube de Sam.

Não deve ser confundido com a rede de loja de varejo⁶⁸. O estabelecimento de meu amigo Sam Brennan, Badlands, era o lar das melhores mesas de jogo, uísque e cocaína.

O clube em si não era clandestino, mas aberto ao público em geral. As salas de pôquer nos fundos, no entanto, eram cuidadosamente selecionadas.

Eu frequentava essas salas tanto quanto podia. Pelo menos três vezes por semana. Às vezes mais.

Escondidos em uma das salas de jogos confortáveis, Sam, Hunter, Cillian e eu jogamos um jogo de cartas ao redor de uma mesa coberta com feltro verde. Uma nuvem de fumaça de charuto paira sobre nossas cabeças. Uma variedade de copos meio vazios de conhaque e uísque enquadram nossos cotovelos.

— Parabéns por ter engravidado a melhor femme fatale⁶⁹. — Hunter me mostra seu sorriso Colgate por trás de sua mão de cartas. Estamos jogando Rummy⁷⁰, o que não ajuda em nada a

⁶⁸ Em inglês a frase 'clube do Sam' é "Sam's Club" que também é o nome de um clube de compras do grupo Walmart.

⁶⁹ É um arquétipo feminino geralmente usado na literatura e cinema, ela seduz e engana o herói e outros homens para obter algo que eles não dariam livremente.

⁷⁰ O objetivo principal é ficar sem cartas. Para isso, formam-se sequências do mesmo naipe ou grupos de 3 ou mais cartas do mesmo valor. Também é possível colocar cartas em outras jogadas da mesa, tanto próprias como de outros jogadores.



minha já crescente suspeita de que eu era, de fato, um velhote aos olhos de *Sweven*.

Um sorriso sardônico encontra meus lábios. — Não foi nenhuma dificuldade.

— Dificuldade? Não. Estranho? Sim. Não achei que vocês ainda estavam transando, — Hunter medita.

Eu não tinha o menor interesse em discutir Emmabelle Penrose. Não com Cillian e Hunter – duas pessoas que eu ainda considerava clientes – e Sam Brennan, que apesar de seus apelos persistentes, *não* concordei em aceitar como cliente.

— Foi acidental? — Cillian sonda, chupando seu charuto e enviando-me um olhar assustadoramente hostil. Não porque algo aconteceu. Essa era simplesmente sua expressão habitual. A única vez que ele parecia remotamente contente era quando estava com sua esposa e filhos. Em qualquer outro momento, você poderia confundi-lo com um serial killer com vontade de praticar seu hobby favorito.

— Isso não é da sua conta, — digo alegremente, deslizando uma nova carta da pilha no meio da mesa.

— Tenho certeza de que foi um acidente. Ninguém é burro o suficiente para amarrar voluntariamente seu futuro a essa loba.

— Sam toma um gole de sua Guinness, examinando a sala com tédio.

— A última vez que verifiquei, sua esposa se casou com um homem com sangue suficiente nas mãos para encher o Rio Mystic. O que isso diz sobre o QI *dela*? — Arqueio uma sobrancelha.

— Isso significa que o QI dela é divino, como o resto. O seu, no entanto, é questionável na melhor das hipóteses. Jogar minha esposa na minha cara é uma ótima maneira de se encontrar a dois metros de profundidade.

— Controle esses sentimentos, filho. Eles podem ser uma tremenda responsabilidade. — Acaricio sua mão de forma condescendente, meu tom tão vazio quanto minha expressão. Ele esquecia que eu não era um de seus fãs. Todos os olhos se voltaram para mim com curiosidade.

— Você tem uma queda por aquela criança selvagem? — Hunter dá-me um olhar lamentável. — Droga, Dev. Você nunca defende *ninguém* a menos que haja uma comissão de 100 mil envolvida.

Cillian sorri. — Ele teve um bom momento.

— Um curto também, se ele continuar falando assim comigo. — Sam mastiga seu cigarro elétrico desapaixonadamente.

Isso, apesar do que um estranho possa pensar, era uma noite agradável em nosso universo.

— Eu não sei se eu poderia fazer isso, cara. — Hunter balança a cabeça. O bastardo bonito era mais limpo do que os resultados de DST do papa. Ele não tomava uma bebida forte há anos, desde que se reuniu com sua esposa.

— Fiz muito feliz e acho difícil acreditar que qualquer homem de sangue vermelho não faria isso. — Estudo minhas cartas, tamborilando meus dedos sobre a mesa. De repente, a perspectiva de passar a noite inteira aqui não era tão atraente.

Eu queria pegar o telefone e ligar para Belle, ouvir sua risada, suas respostas afiadas e espirituosas. Eu sabia que não era uma opção.

— Não poder estar ao lado da mulher que carrega seu filho parece loucura. Há tantas coisas que você não vai experimentar. Os chutes, os pequenos giros que o bebê faz quando muda de posição. Vendo-os pela primeira vez em um ultrassom. Juro por Deus, a primeira vez que vi Rooney naquela tela em preto e branco quase mijeí nas calças. Ela me deu o dedo e estava com as pernas bem abertas. — Hunter solta uma risada orgulhosa,

como se tivesse acabado de anunciar que sua filha foi indicada ao Prêmio Nobel.

— O chute é a parte boa, — Sam concorda ríspidamente, tirando outra carta do centro da mesa. — Aisling costumava esperar por mim depois do trabalho com um copo grande de água fria e bebia para que eu pudesse sentir o chute de Ambrose.

— Desde quando vocês se transformaram em um bando de solteironas? — Arregaço as mangas. Estava ficando cada vez mais quente aqui, ou talvez eles estivessem apenas me dando nos nervos.

Eu não tinha certeza de que ser poupado da gravidez era uma coisa boa. Mas não tinha escolha. Olhei para Cillian, que ficou em silêncio o tempo todo. De todos os homens na mesa, ele era o mais próximo de mim em caráter — sem o fato de que eu realmente possuía algum tipo de coração e uma bússola moral instável, embora ainda funcional.

— É tudo lixo, não é? — Bufo para ele. — As mulheres grávidas são hormonais, exigentes e loucas. Meu pai mandava minha mãe morar com os pais dela toda vez que ela engravidava, só para ele não ter que lidar com ela.

Todos os olhos disparam para mim. Percebo que finalmente disse algo pessoal sobre minha família, depois de anos — décadas — mantendo-me calado sobre eles.

Cillian foi o primeiro a se recuperar.

— É verdade. Uma mulher grávida pode ser todas essas coisas. — Ele encolhe os ombros. — E ela também é a pessoa que está carregando o ser humano mais importante do mundo para você. A verdade é que você se apaixona por uma mulher duas vezes. Uma vez, para que você queira que ela lhe dê um filho. E uma segunda vez, quando ela o fizer e você perceber que não pode viver sem ela.



Mais tarde naquela noite, tropeço para sair de Badlands e me vejo caminhando em direção a Madame Mayhem. Os dois estabelecimentos não eram muito distantes, e poderia aproveitar o ar fresco do inverno.

Penso um pouco durante o jogo de cartas e percebo que queria ter um papel ativo na gravidez de Emmabelle. *Sweven* não disse que sua gravidez era de alto risco? Era importante que eu ficasse por dentro caso ela precisasse de alguma coisa.



Além disso, eu queria todas as coisas que meus companheiros tiveram.

Bebês se mexendo.

Crianças não nascidas dando-lhes o dedo durante ultrassons.

Copos altos de água fria (com certeza, esqueci o contexto em que isso foi mencionado).

Quando chego ao Madame Mayhem, lembro-me de como o nome era apropriado. O caos ferve entre as paredes vermelho-sangue. Há três pessoas atrás do bar. Uma delas era Emmabelle, com o cabelo grudado nas têmporas enquanto corre de um ponto a outro. O lugar está transbordando de gente. Não há nenhuma maneira sangrenta de eles aderirem à capacidade máxima que poderia hospedar. Os clientes estão empilhando uns sobre os outros tentando chegar ao bar. A relação de oferta e demanda está distorcida. As coisas estavam ficando fora de controle. A tolinha tinha mais motivos do que o suficiente para tirar uma licença mais cedo e monitorar sua gravidez, mas ela não era fã de ceder o controle. Bem, isso fez de nós dois.

No palco, os dançarinos burlescos estavam fazendo todos os movimentos errados, muito distraídos com a comoção. A banda tocava desafinada.

Pulei para trás do balcão sem pensar muito, tirei minha jaqueta de tweed, arregacei as mangas e comecei a servir as pessoas.

— Onde está a geladeira de cerveja? — Grito sobre a música, usando minha bunda para empurrar a mãe do meu bebê para o lado. — E os copos limpos.

— O que você está fazendo aqui? — *Sweven* grita de volta, pingando suor. Valeu a pena notar que ela não parecia nem um pouco satisfeita por ser resgatada por mim.

— Salvando você de um colapso. — Pego alguns pedidos de uma vez e começo a abrir garrafas de cerveja e fazer o meu melhor seguindo receitas de coquetéis do que eu lembrava na minha cabeça.

— Eu não preciso... — ela começa com seu costumeiro discurso de eu-sou-uma-mulher-independente-ouça-me-rugir. Viro-me para ela abruptamente, colocando um dedo sobre seus lábios.

— Ajuda. Eu sei. Não duvido disso nem por um segundo, ou não teria colocado um bebê dentro de você. Acho a carência bastante desanimadora, para ser honesto. Mas você também é a mãe do meu futuro filho, e não vou vê-la trabalhar até a morte. Entendido?

Ela fica encarando.

— *Fui claro?*

— Sim, — ela franze o cenho, surpresa.

Durante a hora e meia seguinte, servi coquetéis de frutas, recheei tigelas de ervilhas wasabi, enchi latas de refrigerante orgânico e até recebi uma gorjeta semelhante ao que ganho nos primeiros quinze segundos de uma reunião de consultoria.

Depois, quando as coisas se acalmaram, agarro Belle pelo braço e arrasto-a para seu escritório. Quando ela está segura lá dentro, fecho a porta, vou até uma mini geladeira, pego duas garrafas de água e abro uma, entregando a ela.

Eu odiava o escritório dela. Era pequeno e confinado o suficiente para fazer minha cabeça girar, trazendo de volta lembranças ruins.

— Eu não estou com sede, — ela diz.

— Beba esta água, — digo com os dentes cerrados, — ou direi à sua irmã o quão pouco você está fazendo para proteger esta gravidez.

— Você vai me dedurar? — Seus olhos se estreitam.

— Em um piscar de olhos, querida.

Hesitante, ela começa a beber a água.

— Por que você está aqui, Devon? — Ela se inclina contra sua mesa, que, incrivelmente, estava ainda mais bagunçada do que eu me lembrava.

Ela precisava de uma intervenção? Esta era uma condição tratável?

— Tive uma conversa interessante com os rapazes esta noite. Depois disso, decidi que quero estar presente durante a gravidez, não apenas após o parto. O primeiro trimestre é o mais crucial, sim? Não posso ter você por aí fazendo o trabalho de cinco pessoas. Quero ajudar a cuidar de você, e a primeira coisa que pretendo fazer é contratar mais dois ou três garçons. Você está terrivelmente com poucos funcionários.

— Você não acha que eu sei disso? — ela pergunta, bebendo o resto de sua água e enxugando a testa.

Fico surpreso que ela não luta comigo nesse ponto. Então, novamente, ela parece particularmente esverdeada e nada como uma ninfa habitual.

— O problema é que tenho padrões insanos e ninguém que Ross e eu entrevistamos até agora parece bom o suficiente. Tenho que me certificar de contratar pessoas que sejam boas com meus dançarinos e com os outros bartenders.

— Você não pode trabalhar até o osso.

— Não posso? — Sua cabeça pende de um lado para o outro, como se não estivesse totalmente conectada ao pescoço. Estou ficando cada vez mais preocupado que essa mulher vá se matar só para provar um ponto. — Fiz um bom trabalho até agora, não foi?

— A que preço? — Dou um passo em sua direção, usando cada grama do meu autocontrole para não a tocar. Parecia antinatural não colocar minhas mãos nela quando estávamos juntos, mas era algo que eu tinha que me acostumar. Precisava respeitar nosso acordo. — E por que você iria querer de qualquer maneira? Essa experiência não lhe ensinou nada? Há mais na vida do que trabalho.

Uma risada zombeteira sai dela. — Fácil para você dizer, você é da realeza maldita, mano. Você nasceu no dinheiro.

Não adiantava dizer a ela que eu não tinha acesso a um centavo da fortuna da minha família desde os vinte e um anos, ou que *mano* não era, na verdade, uma palavra, mas sim um cuspe na cara da língua inglesa.

— Você não está enganando a mim ou a si mesma, *Sweven*. Todos nós tomamos decisões emocionalmente e, em seguida, rotulamos o raciocínio racional para elas. O que quer que você esteja vendendo, eu não estou comprando. Você deve se



concentrar no que é importante. Deixe-me lidar com a procura de novos funcionários. Vou falar com esse tal de Ross. Já me sinto muito próximo dele, visto que cheirei suas bolas algumas semanas atrás.

Ela solta uma risada fraca, afundando em si mesma como um forte de cobertores desmoronado, parecendo cansada e jovem. *Muito* jovem de repente.

— Tudo bem? — Inclino meu queixo para baixo.

Ela assente. — Tudo. Mas isso não significa que você pode agir como se estivesse comandando este show. É um caso isolado, ok?

— Caso isolado, — concordo, quando em meu coração eu sei que será um dos muitos.

E que eu não tinha acabado de transar com ela também.



CAPÍTULO TREZE

Belle

Na manhã seguinte, corri para o banheiro e vomitei o pouco que estava no meu estômago.

Estava tendo problemas com enjoos matinais desde o início da semana.

O problema era que eu só conseguia engolir três coisas sem me aproximar e ter intimidade com o vaso sanitário: bolos de arroz, balas de gengibre e coca diet.

Agora, eu não era nutricionista, mas tinha certeza de que essas três coisas não faziam uma dieta equilibrada rica em vitaminas e minerais para mim ou meu bebê.

Elas, no entanto, criaram um plano de dieta adorável que resultaria na minha perda de cinco quilos extras com os quais eu vinha lutando há três anos.



Grudo minha testa no assento do vaso, pateticamente apreciando sua frieza contra minha testa ardente. Estou suada e exausta. Meu cabelo está preso no meu pescoço e pendurado em mechas molhadas.

Pisco, manchas brancas dançando em minha visão enquanto tento me concentrar no chão verde-limão do meu banheiro.

— Por favor, Baby Whitehall, deixe-me comer uma torrada com queijo hoje. Você precisa da proteína e eu preciso da variedade. Entendo que enjoo matinal é a maneira da natureza de dizer às mulheres para ficarem longe de todas as coisas ruins, mas eu prometo, não vou chegar perto de café, álcool, carne crua ou sashimi pelos próximos nove meses. Inferno, vou incluir pickles e balas se você me der um tempo.

Baby Whitehall, que de acordo com um gráfico que encontrei na internet, era atualmente do tamanho de um feijão, não achou meu apelo convincente. Com certeza, outro ataque de vômito começou.

Com minhas últimas forças, pego o telefone e mando uma mensagem para Devon.

Belle: Eu sei que você disse que quer se envolver mais. Estou pensando em marcar uma consulta com meu ginecologista.



Devon:?

Belle: Eu não posso estar a mais de meio metro do banheiro o tempo todo.

Devon: número 1 ou 2?

Belle: três.

Belle: (vomitando).

Devon: Vou pedir para Joanne marcar um horário e mandar um táxi para você.

Ah, sua secretária de confiança. Porque quando ele disse que queria se envolver, o que ele realmente quis dizer foi que ele queria me controlar até que eu produzisse para ele um bebê saudável e gordinho.

Belle: tudo bem. Eu posso fazer isso sozinha.

Devon: mantenha-me informado.

Belle: vá se ferrar.

Mas na verdade eu não enviei essa última mensagem. Cheirava a emoções, e eu não sentia isso.

Fervendo em uma piscina de autopiedade, arrasto meus pés pelo meu apartamento “caixa de sapatos”, olhando desanimada



para o lugar e me perguntando onde no mundo caberia um bebê inteiro. O bebê em si não ocuparia muito espaço, mas suas coisas precisariam de um quarto.

E os bebês de hoje em dia tinham todo tipo de coisa.

Minha irmã e todas as minhas amigas tinham filhos, e seus brinquedos e móveis precisavam de hectares de terra. Berços, trocadores, cômodas, cadeiras altas, balanços, brinquedos. A lista era interminável e eu estava lutando para encontrar um lugar para minhas xícaras de café.

Exausta demais para descobrir as acomodações, passo a primeira metade do dia assistindo a documentários sobre crimes reais na Netflix (porque nada grita uma futura mãe carinhosa como seguir as crônicas de um serial killer). Uma batida na porta me sacude.

Eu gemo, jogando meus pés para fora do sofá. Abro a porta, apenas percebendo que deveria ter perguntado quem era quando a memória da minha viagem ao Boston Common e meu perseguidor ressurgem.

Bem, merda em uma cesta.

Estava pensando em ligar para Sam Brennan e perguntar quanto ele cobra hoje em dia por um guarda-costas para proteger uma cadela, mas minha névoa cerebral da gravidez tomou conta

da minha vida. Além disso, as coisas estavam calmas nos últimos dias.

— *Sweven?* — Um cara cheio de espinhas em um uniforme de loja de luxo sorri para mim, segurando aproximadamente um zilhão de sacolas marrons.

Ufa. Não um assassino em série.

— Parece que estou respondendo a esse apelido recentemente, sim. — Olho para a esquerda e para a direita para ter certeza de que ele está sozinho e não tinha um serial killer com ele.

— Eu tenho uma entrega para você. Sucos frescos, cestas de frutas exóticas e refeições prontas para uma semana pela OrganicU. Onde devo colocar isso?

Faço um gesto com a cabeça em direção à cozinha, liderando o caminho.

O pai do meu bebê era um idiota, mas, pelo menos, era atencioso.



Comecei a trabalhar parecendo ter sido arrastada para lá por um castor raivoso. Olhos injetados de sangue, cabelos nodosos reunidos ao acaso em um coque e um vestido que carinhosamente chamei The Period Dress⁷¹. *Por uma razão.*

Entrando no clube, notei que Ross estava com três pessoas que não reconheci. Meu coração imediatamente deu um pulo no meu peito. Eu não era fã de estranhos, em geral, mas especialmente depois dos incidentes com o homem estranho no meu clube e o outro homem que me perseguiu no Common.

— Ah, bom. A Bela Adormecida está aqui. — Ross vira-se para mim com um sorriso, entregando-me meu café. Eu o coloco no balcão, o mero cheiro dele fazendo-me querer vomitar cada fatia de pizza que eu já comi na minha vida.

— Estou apenas três minutos atrasada. — Largo minha bolsa no balcão e não me jogo tão graciosamente em um assento. — Sem ofensa, mas, hum, quem diabos são essas pessoas?

— Seus novos funcionários, contratados por terceiros. Encantador, certo?

⁷¹ A tradução de “the period dress” pode ser: vestido da fase, vestido da época.



Esse terceiro, imaginei, era Devon Whitehall. O homem que conseguiu ser um pai superprotetor antes do bebê nascer.

A primeira funcionária era Morgan, uma baixinha arisca com cabelo curto, um piercing no nariz e atitude suficiente para iluminar Vegas. Ela se apresentou como uma bartender credenciada com cinco anos de experiência no restaurante de *Troy e Sparrow Brennan*, que tinha estrela Michelin, e me explicou de forma assertiva que foi contratada especificamente para trabalhar em turnos duplos.

A segunda era Alice, uma mulher de quarenta e poucos anos com vinte anos de experiência em um bar em Nova York. As mãos ásperas de Alice sugeriam que ela era bem versada em jogar pessoas bizarras e encenqueiras para fora dos bares, se necessário.

O terceiro funcionário era um homem chamado Simon Diamond (nome artístico?), que era aproximadamente do tamanho de uma camionete RAM. Simon olhou-me o tempo todo como se eu fosse uma prisioneira que ele precisava evitar fugir. Quando perguntei sobre seu histórico de trabalho, ele ofereceu uma explicação incompleta. — Fui segurança por uma década.

— Oh. Não precisamos de mais seguranças. — Sorrio educadamente, já planejando que Ross e Morgan o ensinassem a fazer coquetéis.

Simon devolveu um sorriso – só que fez meus ossos estalarem de medo. — Eu não estou aqui para ser um segurança.

— Para que você está aqui? — Tomo um gole do meu café e imediatamente o derramo de volta na xícara. Péssima ideia. Péssima, péssima ideia. Baby Whitehall não ficou impressionado com minha promessa não cumprida de não tocar em cafeína.

— Isso e aquilo. Tudo, realmente.

— Um faz tudo, hein? Bem, isso não será necessário.

— Já fui pago pelos próximos nove meses, senhora. Você não será capaz de se livrar de mim.

Eu não sabia o que achava mais desconcertante. O fato de que ele forçou sua presença em mim ou o fato de que ele me chamou de senhora.

Eu *também* não tinha ideia de como Devon convenceu essas pessoas a trabalharem para mim. Eles eram obviamente superqualificados. Eu tinha certeza de que ele pagou caro para compensar o fato de que serviriam muito gim-tônica para homens de meia-idade que vinham dar uma olhada nos dançarinos burlescos.

— Belle, querida, um pouco mais de apreciação e um pouco menos de maldade seria ótimo. — Ross materializa-se do escritório dos fundos e caminha em direção ao bar, parecendo

sombrio e um pouco desanimado. Eu nem percebi que ele tinha ido embora. — Devon me colocou a par do fato de que você está comendo por dois.

Ele coloca a mão no meu ombro e olha para mim. — Por que diabos você não me contou? Pensei que eu era um dos seus melhores amigos.

— Você é. — Lambo meus lábios, não acostumada a ser repreendida, mas apreciando isso de qualquer maneira, porque Ross tinha todo o direito de se sentir magoado. — Sinto muito, Ross. É só por causa de... coisas de saúde geral. Esta é uma gravidez de alto risco, então eu não queria anunciar muito cedo.

— Oh. — Eu podia senti-lo descongelar, mas ele ainda não estava feliz por eu ter escondido isso dele.

— Devon precisa ser amordaçado. Estou surpresa que ele não encomendou um banner para a Times Square. — Olho ao meu redor desapaixonadamente. Falando em banners e outdoors, meus dias posando nua acabaram. Baby Whitehall teria material suficiente para seu futuro terapeuta sem minha nudez acrescentando à mistura.

— Dê-lhe tempo. Ele pode fazer isso também.

Mostro o dedo para Ross. Ele enrola meu dedo médio de volta no meu punho, mas não há raiva em sua voz. — Vou deixar

isso passar, porque parece que você passou por muitas mudanças nas últimas semanas.

Mordo meu lábio inferior, decidindo deixar de lado a irritação por um segundo. Quero dizer, este era *Ross*. Meu *Ross*.
— Obrigada.

— Então... você o conheceu. — Não coloco ponto de interrogação no final da frase. Minhas entranhas se liquefazem.

— Conheci. — *Ross* assente enigmaticamente enquanto *Morgan*, *Alice* e *Simon* fingem olhar ao redor do lugar e conversar um com o outro.

— E o que você achou?

— Eu acho... — ele vira meu cabelo, brincando carinhosamente, —... ele é mais gostoso que o pau do diabo, fala como um duque da Netflix e é louco por você. Eu aprovo o acordo.

— Obrigada por me dar a bênção que eu não pedi.

— Por nada. E já que estamos no assunto – eu sei que você vai conseguir estragar tudo de alguma forma, porque você é alérgica a relacionamentos, mas por favor, *Belly-Belle*, *puh-*

*lease*⁷², podemos mantê-lo por um pouco mais? — Ele bate palmas e olha-me com olhos de cachorrinho, como uma criança que encontra um gato de rua que quer adotar.

— Não. — Pego um pequeno espelho da minha bolsa e verifico meu batom vermelho, usando meu dedo mindinho para limpar as linhas. — O trabalho dele está feito.

— Você deveria dizer isso a ele. Ele ameaçou que se eu deixasse você trabalhar no bar esta noite, ele pessoalmente chutaria minha bunda. Então, vou mandar você trabalhar no escritório até o mais tardar às seis horas, depois disso você voltará para casa.

— Seis horas? — Eu rujo. — São quatro horas agora!

— Quatro e vinte. Não se esqueça que você estava atrasada. — Ross agarra o pequeno espelho, verificando seu próprio reflexo. Ele ergue as sobrancelhas para verificar sua situação de Botox. Em minha opinião, ele tinha pelo menos mais três meses antes de precisar visitar seu dermatologista.

— Você não pode me expulsar do meu próprio local de trabalho. — Pego o espelho e o enfito na minha bolsa.

⁷² É uma expressão, no inglês, para dizer “please” (por favor) de uma forma exagerada ou “if you please” (por gentileza).

— Quer apostar? O Sr. Whitehall me pediu para encaminhá-la para a cláusula 12.5 do seu contrato – aliás, *tão* sexy que você tem um – na qual, se você colocar em risco seu feto, ele pode ter motivos para processá-la.

Santíssimo. Por que não consegui engravidar do *Friendly Front Runner*? Ele não daria a mínima se eu bebesse até morrer debaixo de uma ponte.

Não fazia sentido discutir com Ross ou Devon. Não porque eu fosse perder a chance de brigar, mas porque realmente precisava de algumas horas de sono. Eu estava exausta. Por mais que odiasse admitir, Devon estava certo, eu *precisava* descansar.

A contragosto, retiro-me para o meu escritório. Ligo meu MacBook, e noto uma pilha de envelopes na beirada da minha mesa. Lembro-me do que Devon disse sobre abri-los para garantir que não fossem apenas cartas de ódio.

Talvez eu ganhei na loteria?

Talvez haja algumas cartas de fãs lá, dizendo-me o quão incrível eu fui por celebrar as maravilhas extravagantes, divertidas e sexualmente liberais do burlesco?

Empurrei a pilha na minha direção e comecei a peneirar.

Um monte de contas que eu já havia pago, duas cartas raivosas sobre meu papel importante na corrupção da juventude



de Boston e uma carta de agradecimento de uma mulher que veio ver um show alguns meses atrás e foi inspirada a deixar seu emprego como uma bióloga marinha e juntou-se ao elenco burlesco de *A Midsummer Night's Dream*⁷³.

Peguei outra carta, esta impressa.

Para: Emmabelle Penrose.

Rasguei-a.

A carta era curta e continha um endereço de retorno para uma caixa postal em Maryland.

Emmabelle,

Já está preocupada com sua vida?

⁷³ Em português “Sonho de Uma Noite de Verão” é uma comédia escrita por William Shakespeare.



Você deveria estar.

Se você apenas prestasse mais atenção ao que estava acontecendo ao seu redor, teria notado que estou te observando há muito tempo.

Planejando minha vingança.

Eu sei onde você mora, onde você trabalha e com quem você anda.

Essa é a parte em que você fica com medo. Você estaria certa. Eu não vou descansar até que você esteja morta.

Ninguém pode ajudá-la.

Nem o marido da sua melhor amiga, Sam Brennan.

Nem sua irmã idiota, Persephone, ou seu marido bilionário.

Nem mesmo aquele homem chique com quem você tem saído recentemente.

Assim que me decidi, seu destino foi selado.

Você pode levar esta carta à polícia. Na verdade, eu a encorajo. Isso só vai te dar mais merda para se preocupar e atrapalhar sua vida já bagunçada.

Eu vou te matar pelo que você fez comigo.



E eu nem vou me arrepender disso.

Nunca seu,

A pessoa de quem você tirou tudo.

Meu estômago revira, apertando em torno do estúpido suco fresco que bebi no café da manhã.

Então aquele homem no Boston Common *estava* lá por mim.

Ele era a mesma pessoa que pensou que eu o tinha enganado, ou ele estava lá apenas para espionar?

De qualquer forma, alguém estava atrás de mim.

Atrás da minha *vida*.

Um inimigo invisível.

Um laço se formou em volta do meu pescoço.

Quem poderia ser?



Fazendo um inventário, tinha que admitir, eu estava longe de ser a pessoa mais legal do planeta Terra, mas de forma alguma eu tinha arqui-inimigos. Não machuquei ninguém, ninguém que eu pudesse pensar. Certamente não a um ponto de tanta raiva.

Houve *um* incidente há muito tempo. Mas a única pessoa afetada não está mais viva.

Ainda bem que eu tinha uma arma, que levaria comigo para todos os lugares a partir de agora apenas no caso, habilidades de Krav Maga e a atitude de vadia fodona com a qual estrangularia essa pessoa com minhas próprias mãos se ela chegasse perto de mim.

Além disso, eu não podia exatamente anunciar o que estava acontecendo comigo. Contar a Devon e meus amigos mais próximos sobre esta carta só criaria mais caos.

Do jeito que estava, o pai do meu bebê estava tentando assumir o controle da minha vida, e eu não queria dar a ele mais liberdade do que já tinha para tomar decisões em meu nome.

Não, este era outro desafio que eu teria que enfrentar de frente.

Havia outra pessoa de quem eu precisava cuidar, e mataria por ela se fosse necessário.



Meu bebê.

CAPÍTULO QUATORZE

Belle

A consulta de rotina com o ginecologista veio bem na hora. Estava ansiosa para ouvir sobre a vida de Baby Whitehall dentro de meu útero hostil e também para obter cerca de cinco mil medicamentos prescritos para meu enjoo matinal, que agora me fez perder seis quilos – involuntariamente, é claro.

Joanne, a secretária de Devon, ligou-me de manhã para me avisar que havia enviado um táxi para mim. Ela parecia a pessoa mais doce do planeta Terra, incluindo Jennifer Aniston.

— Agora, não estou dizendo que sei do que se trata, mas espero que nosso amigo Lorde Whitehall esteja tratando você bem, — ela cacareja na outra linha.

— Senhora, ele está me tratando bem *demais*.

— Não existe tal coisa! — ela grita. Praticamente posso ouvi-la contemplando suas próximas palavras antes que ela dissesse:

— Mais uma vez, eu não tenho ideia para o que estou reservando isso, mas... espero que isso concretize-se. Ele é um homem fantástico. Forte, confiante, robusto, afiado. Ele merece uma boa mulher.

Ele merece, pensei amargamente. Pena que sou incapaz de ser isso para ele.

Quando entro no táxi uma hora depois, usando óculos escuros enormes e um casaco de pele falsa, fiquei surpresa ao ver Devon sentado do outro lado do banco do passageiro, vestido com um terno elegante e um casaco de lã, digitando e-mails em seu telefone.

— *Sweven.* — Ele guarda o telefone no bolso enquanto virava-se para mim, arrastando seu sotaque característico de Hugh Grant. Porra.

— Idiota, — eu respondo, ainda mal-humorada sobre o fato de ele ter se enfiado no meu negócio, figurativa e literalmente. — Você está aqui. Eba. Deveria saber que você tentaria assumir o controle dessa situação também.

— Desfrutando de seus novos funcionários? — Ele ignora minha farpa. Todas elas, na verdade. Por que ele não estava recuando? Por que ele não estava desistindo de mim, assim como qualquer outro homem que eu esgotei em submissão?

— Pergunte-me em uma semana.

— Vou definir um lembrete. — Eu não poderia dizer se ele estava sendo sarcástico ou não.

— Eu vou te pagar de volta por eles, você sabe. — Descanso minha cabeça contra o assento frio e fecho meus olhos para aliviar o enjoo.

— Você está horrível, querida.

— Obrigada, querido. — Eu não era apenas um pacote de alegria?

— Com isso quero dizer que você parece exausta. Como posso ajudar?

— Você pode sair do meu cabelo⁷⁴.

— Desculpe, cheira muito bem.

Solto um sorriso cansado. — Eu não vou te desanimar com essa atitude, vou?

⁷⁴ “Get out of my hair” pode ser entendido como “sair do meu cabelo” ou como “parar de me irritar”. A personagem Belle quis dizer da segunda maneira, mas foi entendida/respondida como se fosse da primeira.



Ele dá de ombros, lançando-me um sorriso torto que faz meu coração desacelerar quase até parar completamente. — Coisas requintadas geralmente têm espinhos. É para afastar a atenção indesejada.

— Você realmente acha que vai me foder de novo, hein? —
Pisco.

— Positivo, — ele confirma.

Quando chegamos ao consultório do Dr. Bjorn, meu ginecologista estava com a bizarra impressão de que Devon era um ex-namorado meu e que reacendemos nosso romance. Não havia razão para ele pensar isso, é claro. Ele apenas pensou.

— Não há nada que eu goste mais de ver velhas chamas acendendo novamente devido à criação de bebês. — Ele nos conduz a uma sala de avaliação, batendo palmas animadamente.

— A única analogia de chamas que eu usaria para este homem seria eu atear fogo nele, — asseguro ao médico feliz.

Devon ri sombriamente, esfregando minhas costas em círculos reconfortantes. Atravessamos o corredor cheio de fotos de bebês dormindo em cestas. Pensando bem, bebês e gatinhos tinham muito em comum em termos de apropriação.



— Como você pode ver, os hormônios dela já estão em todo lugar. — Devon está sendo deliberadamente chauvinista para irritar-me.

Eu não ia deixá-lo saber que era ele que estava irritando-me, no entanto.

— Não espere sinos de casamento, doutor Bjorn, — eu digo. Precisava garantir que Devon soubesse que eu não estava pronta para ser tomada. Eu já estava à beira de um ataque de ansiedade só de sair com ele.

Algumas garotas não queriam ser tocadas depois de uma experiência traumática.

Mas eu? Meu corpo era muito receptivo à atenção masculina. Era meu cérebro, coração e alma que rejeitava completamente a ideia deles.

Entramos em uma pequena sala com armários de madeira, uma mesa de exame e mais fichas sobre bebês e DSTs.

— Devidamente anotado, Sra. Penrose. Então, Sr. Whitehall, gostaria de se juntar a nós para o exame de ultrassom vaginal? — Meu ginecologista pergunta a Devon, não a mim. Esses dois estavam realmente se dando bem.

Além disso, não deveria ser eu a decidir tal coisa?

— Ele não gostaria, — eu digo ao mesmo tempo que Devon exclama, — adoraria.

Doutor Bjorn olha entre nós. — Desculpe-me. Normalmente, quando um homem chega com sua parceira para um ultrassom, eu tiro uma certa conclusão. Desculpe-me se eu ultrapassei. Vou deixar vocês decidirem e voltarei em alguns minutos. Por favor, certifique-se de estar de roupão e despida da cintura para baixo na mesa de exame, Sra. Penrose.

Devon e eu nos encaramos por alguns segundos antes que ele fale lentamente: — E o seu problema é?

— É um exame vaginal.

— E daí? Eu já vi a sua antes de todos os ângulos. Fodi, lambi, toquei e brinquei com isso.

— Este é um momento crucial na minha vida, seu homem das cavernas, — grito.

— Íntimo para nós dois. É o *meu* filho aí dentro. — Ele aponta para minha barriga.

— E *minha* vagina, — lembro-o.

— Meu Deus, você é infantil. — Finalmente – *finalmente* – ele ficou saturado com meu comportamento. Mas não parecia tão satisfatório quanto eu pensava que seria.



— Bem, eu *sou* mais de uma década mais jovem que você.

— Olha, — ele suspira, balançando a cabeça como se eu fosse uma criança indisciplinada. — Prometo não olhar em lugar nenhum... sensível. Eu só quero ver o bebê. *Meu* bebê.

— Não há nada para ver. — Jogo minhas mãos no ar. — Neste ponto, é tão grande quanto um feijão.

— *Nosso* feijão, — ele corrige.

Ele tinha um ponto, e eu odiava que ele tivesse um ponto. Eu também odiava não poder dizer não a ele. Não sobre os funcionários ou se juntar a mim no médico ou qualquer outra coisa. Porque a verdade era... fazer merda com outra pessoa por perto não parecia tão ruim, afinal.

— Tudo bem. Mas se você espiar meu muffin, juro por Deus que vou destruir seus assados.

Ele franze a testa para mim. — Você precisa trabalhar em suas analogias.

— Eu quis dizer que ia socar seu pau.

— Sutil.

O ultrassom vaginal vai tão bem quanto um ultrassom vaginal poderia ser. Devon e eu vimos o pequeno ponto no meu

útero, estático e orgulhoso. Nós dois olhamos para ele com admiração e espanto.

— O feijãozinho está com bom aspecto. Certifique-se de estar descansada e manter seus níveis de estresse baixos. — Era o Doutor Bjorn falando. Para Devon, naturalmente.

— Entendido, doutor.

— Tudo bem, desça e encontre-me no meu escritório.

Ê quando eu olho para Devon. — Você se importa?

Peguei-o olhando para mim como se eu tivesse feito um truque de mágica que ele não tinha visto antes. Grandes olhos azuis nadando com emoção e orgulho. E isso me matou. Matava-me não poder abraçá-lo e beijá-lo e dizer-lhe que sentia o mesmo.

Tudo isso. O choque. A excitação. O espanto.

Em vez disso, levanto minhas sobrancelhas, como se dissesse *bem?*

— Certo. Claro. — Devon se levanta, olhando ao redor, como se tivesse outro motivo para ficar. — Eu vou... bem, sim. Sim. Vejo você no consultório do médico quando terminar de se vestir.

O doutor Bjorn receitou-me alguns comprimidos para aliviar os enjoos matinais e nos disse que estávamos fazendo um bom

trabalho. Eu não tinha certeza se Devon teria concordado com a avaliação se ele soubesse sobre a Glock aninhada na minha bolsa, e que eu estava pronta para entrar em uma briga física com um perseguidor a qualquer momento.

Sáímos do escritório e chamei o elevador enquanto Devon descia as escadas. Eu não tentei convencê-lo a descer de elevador comigo. Sabia muito bem que *eu* não gostava quando as pessoas me empurravam para fora da minha zona de conforto ou minimizavam meus gatilhos, então tentei acomodar suas preferências.

Nós nos encontramos novamente no térreo e ficamos um de frente para o outro na rua, entre arranha-céus e pedestres.

De repente, eu tinha um *sweven* próprio. Uma visão de nós de mãos dadas. Sorrindo um para o outro. Aproveitando este momento, como um casal comum.

Devon limpa a garganta e desvia o olhar. — É melhor eu ir trabalhar.

— Certo. — Arrumo meu rabo de cavalo. — Eu também. Tenho funcionários para treinar.

— Isso deve ser uma dor, — ele oferece educadamente.

— Mal necessário, — concluo.



Pare-me. Diga-me para não ir. Vamos ficar mais um pouco.

Uau. Eu não tinha ideia de onde esses pensamentos vinham.

— Bem, te pego mais tarde. — Dou um passo para trás e vou para a rua.

Começo a andar na direção oposta quando sua voz perfura o ar.

— Talvez...

Congelo no meu lugar, minha alma na minha garganta.
Sim?

— Você gostaria de um brunch? Você ouviu o que o médico disse. Você precisa manter seus níveis de energia elevados. Eu posso pegar suas pílulas enquanto você espera pelo nosso pedido. Há um café na rua...

— Sim. — Viro-me bruscamente. Meu corpo inteiro tremendo. Com entusiasmo. Temor. Medo. — Sim. Eu preciso comer.

— Sim. OK. Tudo bem.

Nenhum de nós se move. *Novamente.* Algumas semanas atrás estávamos transando um com o outro como se o mundo



estivesse acabando, e *agora* estávamos sendo estranhos? Como era essa minha vida?

— Qualquer hora seria bom agora. — Cruzo os braços sobre o peito, projetando um quadril para fora com um sorriso. — Hoje, amanhã. No dia seguinte.

Ele solta uma risada e corre em minha direção. Pressiona a mão contra a parte inferior das minhas costas, e eu juro, um choque de eletricidade corre por seus dedos e explode bem entre as minhas pernas.

Que porra.

Que porra.

Que porra.

— Feijão parece muito fofo, hein? — Pergunto quando caminhamos para o café mais próximo. As pessoas estavam olhando duas vezes quando me viram – provavelmente reconhecendo-me dos outdoors – mas também olharam para *ele*. Todo mundo sabia que havia uma realeza britânica morando em Boston.

— Charmoso, — ele concorda. — Ainda estou para ver um feijão mais bonito.



— Eu nem gosto muito de leguminosas. — Oh meu Deus, o que eu estava dizendo?

Devon ri. — Sua maluca.

— Dev?

— Hum?

— Agora é uma boa hora para me dizer por que você é um claustrofóbico violento.

— Pergunte-me novamente mais tarde.

— Quanto tempo mais tarde?

— Quando eu confiar em você.

— Isso pode nunca acontecer, — aponto.

— Exatamente.

Chegamos a um café pitoresco com janelas salientes e flores em vasos nas mesas. Quando a anfitriã nos mostra nossa mesa, correndo seu olhar ao longo do corpo de Devon apreciativamente, eu gemo internamente.

Pergunto-me se isso teria acontecido se eu estivesse aparentando.



Então, me lembro de que não importa porque não éramos um casal.

— Você não é um lorde? Quero dizer, um duque? — A garçonete o bajula.

Devon lança-lhe um sorriso educado, mas curto. — Marquês, — ele corrige.

Depois de puxar minha cadeira para eu sentar, o pai do meu bebê começa a pedir o menu inteiro sem nem olhar para ele.

— Temos vinte e sete itens no menu, — a garçonete avisa, piscando os cílios para ele. Eu estava invisível ao lado desse bastardo?

— Bom. Meu encontro gosta de variedade, — diz Dev. Tive a sensação de que ele estava se referindo às minhas conquistas sexuais.

— Alguma ordem em particular para que a comida fique pronta? — A garçonete estava agora meio encostada nele, e novamente, eu queria pegar o garfo da mesa e enfiá-lo entre os olhos dela.

— Pergunte ao meu par. Enquanto você está nisso, poderia gentilmente ficar de olho nela? Ela é muito boa em me deixar preocupado.



Ele pega minha receita e minha carteira de motorista e atravessa a rua para a farmácia para pegar meus remédios para enjoo matinal.

Quando ele volta, noto que a sacola que ele carrega é muito maior do que deveria ser.

— Você comprou todo o lugar? — Levanto uma sobrancelha, tomando um suco terrivelmente verde e ofensivamente saudável.

É melhor este bebê sair pronto para um triatlo porque eu estava fazendo *tudo* certo.

Devon vira a sacola de cabeça para baixo e derrama seu conteúdo sobre a mesa.

— Você sabia que há um corredor inteiro dedicado a mulheres grávidas?

— Sim, — eu digo com naturalidade.

— Bem, eu não sabia. Então decidi comprar o que eles tinham para oferecer. Temos coisas para azia, suplementos alimentares, enjoos matinais, constipação e desequilíbrio vaginal.

— Você quer dizer desequilíbrio de pH. Se minha vagina estivesse desequilibrada, eu a mandaria para um psiquiatra de bocetas.

Devon cuspe o gole de café que tomou enquanto se sentava. Rindo muito. Senti sua risada borbulhando em meu próprio peito.

— Minha mãe vai te amar, — ele brinca.

Surpreendentemente, encontro-me gargalhando em voz alta, apesar de meus melhores esforços para não o fazer. Não só porque a ideia de eu conhecer a mãe dele era maluca, mas também porque ele estava certo. Sua família provavelmente teria um ataque cardíaco coletivo se me conhecesse.

— Você contou a ela sobre seu novo status? — Pergunto.

— Sim.

— E?

— Ela não ficou impressionada, — ele admite.

— E ...? — Sondo, meu coração afundando um pouco.

— Estou na casa dos quarenta e em posição de fazer o que diabos eu quiser. E o que eu queria fazer era com *você*. Caso encerrado.

Havia muito mais que eu queria perguntar – saber – mas não tinha o direito de investigar. Não depois que desenhei uma linha grossa e gritante entre nós.

— Então me conte um pouco sobre o seu medo de elevadores, carros, aviões, etc. — Eu digo enquanto como alguns ovos Benedict.

Ele sorri. — Boa tentativa. Você não ganhou minha confiança na última meia hora. E, para ser franco, acho que nunca o fará.

— Por que não?

— A confiança não pode ser colocada nas mãos de alguém que não confia em si mesmo. Não sou contra contar minha história, Emmabelle, mas as fraquezas devem ser trocadas da mesma forma que os países trocam reféns de guerra. É uma coisa bastante sangrenta e sombria, não é? Nossas inseguranças. Não se deve abrir mão da informação sem ganhar alguma.

— Rá. — Sorrio, passando manteiga em um pedaço de bolo de cenoura, embora não fizesse sentido. — Então você não é, de fato, perfeito?

— Nem mesmo perto. Nem mesmo no reino. — Seu sorriso era contagiante.

Abaixo minha cabeça e tento me concentrar na comida.

— Bem, eu não estou pronta para colocar minha confiança em você ainda, — eu admito.



— Seria tão ruim? — ele pergunta gentilmente. — Ter alguma fé em outra pessoa?

Penso um pouco, então balanço a cabeça lentamente. — Sim. Acho que seria.

Ele segurou meu olhar. Eu tinha a sensação de que estava cometendo um erro terrível, e mesmo assim não conseguia parar.

— Estou esperando por você, Emmabelle? — ele pergunta baixinho. — Existe mesmo uma razão para eu esperar por você?

Diga sim, sua idiota. Dê a ele algo para segurar, assim você terá algo para segurar.

Mas a palavra escapa da minha boca de qualquer maneira. Áspera e contundente, como uma pedra. — Não.

Durante a próxima hora e meia, conversamos sobre tudo que *não fosse* nossas respectivas fobias de lugares confinados e relacionamentos.

Conversamos sobre nossos amigos em comum, nossas infâncias, política, aquecimento global e nossas irritações – inclusive quando as pessoas diziam “literalmente” quando o que elas queriam dizer não era, de fato, literal; a minha consistia em usar a mesma faca para a manteiga de amendoim e a geleia, e quando as pessoas me diziam que eu não ia acreditar em alguma coisa, quando acreditaria absolutamente.

— Os humanos são simplesmente deploráveis! — Jogo minhas mãos no ar, resumindo nosso brunch. Devon paga a conta e, se minha espiada não estava errada, também estava deixando uma gorjeta e tanto.

— Indesculpável, — ele cimenta. Fiquei feliz que ele estava bem com a nossa conversa depois que eu disse a ele para não esperar por mim. — Mas é preciso lidar com eles de qualquer maneira.

— Obrigada por não ser completamente horrível, querido. — Pressiono meu punho em seu bíceps de maneira amigável. Má decisão. Sou recebida com seus músculos salientes através de suas roupas e imediatamente quero pular em seus ossos.

Devon ergue os olhos da conta e rola o polegar contra minha testa. — Querida, você está com febre? Acredito que você acabou de me fazer um elogio.

— Bem, você acabou de pagar por uma refeição infernal. Eu não quis dizer isso ou qualquer coisa, — bufo. Muito bem, Belle. Canalizando sua criança interior de cinco anos.

— Você está descongelando. — Ele sorri.

Faço um som de engasgo e pego minha bolsa. — Não nesta vida. Como eu disse, não espere que eu mude de ideia sobre nós.



Ele me escolta até um táxi para levar-me até Madame Mayhem, então espera comigo quando o motorista anda em círculos por dez minutos tentando nos encontrar e se desculpa profusamente, dizendo que tinha acabado de se mudar de Nova York para Boston.

O motorista estacionou na nossa frente, e Devon enfiou a cabeça na janela e diz para ele dirigir mais devagar porque sua esposa estava grávida e enjoada, o que faz-me querer vomitar de excitação e pavor ao mesmo tempo.

Devon se ergue de volta à sua altura total, esfregando meu queixo com ternura. O gesto foi tão gentil, tão suave, um arrepio percorreu minha espinha, fazendo minha pele formigar. Ele se inclinou para frente, e eu peguei uma lufada de seu cheiro. Picante e obscuro. Um cheiro que aprendi a perseguir cada vez que ele saía do meu escritório ou da minha cama.

Peguei-me admirando os planos de seu rosto. Meus dedos coçaram para tocá-lo. Saber que eu estava carregando seu DNA dentro de mim me deu uma emoção que eu nunca tive em meus trinta anos de boates.

Ele inclinou o rosto para o lado e, por um momento, pensei que fosse me beijar. Atraída por ele como uma mariposa para uma chama, fiquei na ponta dos pés, minha boca aberta. Seu corpo se moveu para frente, engolindo-me. Meu coração começou a martelar.



Estava acontecendo.

Estávamos quebrando as regras.

Quando Devon estava alguns centímetros atrás de mim, ele passou o braço por meu ombro e abriu a porta do carro, dando um passo para o lado para dar-me algum espaço para entrar.

Santas merdas embaraçosas.

Eu quase devorei seu rosto quando tudo o que ele queria fazer era me ajudar a entrar em um táxi.

— Tenha um bom dia, Emmabelle. — Ele dá outro passo para trás, parecendo casual e seco “*pra*” caralho.

— Sim! — Minha voz quebra. Olá, Belle, uma menina de treze anos. — Você também.

Durante toda a viagem de táxi para o trabalho, lembrei-me de que tudo isso era obra minha. Eu queria mantê-lo longe. Rala e rola com um homem mais velho tinha seu preço, e uma vez eu paguei caro por isso.

É assim que começa, repreendi as sementes de esperança que se enraizaram dentro de mim. Doce e desprezioso. É tudo diversão e jogos até que ele destrua sua vida.

Mas ninguém iria me destruir mais.



Então me lembrei de uma das citações penduradas na parede do meu apartamento.

Está bem.

Você simplesmente esqueceu quem você é.

Bem- vinda de volta.

CAPÍTULO QUINZE

Devon

Cheguei a solo inglês aproximadamente vinte minutos depois que o advogado de meu pai, Harry Tindall, voltou de suas férias exóticas.

Deixei *Sweven* com o coração pesado. Não porque sentiria falta dela (embora, pateticamente, eu suspeitasse que seria esse o caso), mas também porque ela parecia uma especialista em atrair problemas.

Confortei-me com o fato de ter feito alguns arranjos para garantir a segurança dela. Tão bem quanto se poderia, de qualquer maneira.

Além disso, eu não esperava ficar na Inglaterra por mais de algumas horas.

A leitura do testamento ocorreu no escritório de Tindall em Knightsbridge. Um assunto oficial que deveria ter sido feito na



semana em que meu pai faleceu. Antes tarde do que nunca, suponho.

Surpreendeu-me que minha mãe e Cecilia, que presumivelmente estavam sem dinheiro, não parecessem hostis à ideia de esperar que Harry voltasse de suas férias. Então, novamente, eu lhes enviei dinheiro e liguei para mamãe todos os dias para garantir que ela estava indo bem.

Cheguei ao escritório de Harry ainda vestindo minhas roupas de trabalho. Ursula, Cece e Drew já estavam lá, sentados em frente à mesa de Tindall.

— Ele deve demorar apenas alguns minutos, — diz sua secretária. A mulher parecida com Joanne em um terno completo de tweed trouxe refrescos para dentro. Drew atacou o prato de pastelaria e café fresco antes mesmo de ser colocado no suporte maciço da sala de reuniões.

Minha mãe abraçou-me forte. — Bom ver você, Devvie.

— O mesmo, mamãe.

— Como está aquela mulher?

Aquela mulher era Emmabelle Penrose, e por mais que eu a ressentisse por não querer montar-me como um cavalo ininterrupto, não podia negar o prazer que sentia sempre que passávamos algum tempo juntos.

— Belle está indo muito bem, obrigado.

— Eu não posso acreditar que você vai ser pai. — Cecilia joga os braços para mim, indo para um abraço de urso.

— Eu posso. É hora de eu produzir um herdeiro. Se a morte de Edwin nos lembrou de algo, foi que ter alguém para quem deixar seu legado é importante.

Mas essa não era a razão pela qual eu estava animado para me tornar pai. Eu queria todas as coisas que vi meus amigos fazerem com *seus* filhos. Os jogos de T-ball,⁷⁵ passeios de patinação no gelo, verões ensolarados no Cabo e roubar uma rapidinha no chuveiro quando as crianças estavam assistindo Bluey⁷⁶ no outro quarto.

Eu queria felicidade doméstica. Para transmitir não apenas minha fortuna e meu título, mas também minha experiência de vida, minha moral e meus afetos.

O Sr. Tindall entrou bronzeado e bem descansado.

Depois de uma rodada de apertos de mão, condolências e um monólogo terrivelmente chato sobre as férias do Sr. Tindall

⁷⁵ Uma forma simplificada do beisebol e do softball, geralmente para crianças.

⁷⁶ Programa infantil.



na ilha, ele finalmente abriu o arquivo contendo o testamento de meu pai.

Peguei a mão de mamãe e a apertei de forma tranquilizadora. Achei-a úmida e fria.

Prefaciando a leitura do testamento, Tindall pigarreou, balançando o queixo. Ele era um homem muito grande, com a tendência de ficar rosa fúcsia sempre que era abalado. Não era o tipo de pessoa que você chamaria de atraente.

— Gostaria de começar dizendo que este testamento certamente não é convencional, mas foi escrito de acordo com o desejo de Edwin de preservar os valores e princípios da família Whitehall. Dito isto, espero que todos permaneçam respeitosos e sensatos, pois, como todos sabem, é irrevogável.

Mamãe, Cecilia e Drew contorceram-se em seus assentos, uma indicação infalível de que tinham uma boa ideia do que poderia estar no testamento. Eu, por outro lado, não me importei particularmente. Tinha minha própria fortuna e não dependia da de ninguém.

Mas quando Harry Tindall começou a ler o testamento, fiquei cada vez mais confuso.

— Whitehall Court Castle vai para Devon, o primeiro filho...



A propriedade foi para mim, o filho que ele rejeitou e detestou positivamente e não via há duas décadas.

— A carteira de investimentos de dois vírgula três milhões de libras vai para Devon...

Assim como todos os seus fundos.

— A coleção de carros vai para Devon...

Em suma, tudo agora me pertencia. Estava preparando-me para a piada. Eu estava listado como o único herdeiro das propriedades e dinheiro, mas não havia como isso ser incondicionado. Quanto mais Tindall falava, mais minha mãe se encolhia na cadeira. Cecilia olhou para o outro lado, lágrimas gordas rolando de suas bochechas, e Drew fechou os olhos e deixou cair a cabeça para trás, como se não quisesse estar ali.

E então, encontrei. A letra miúda. O desafio violento.

O Sr. Tindall levantou a voz quando chegou à última frase.

— Todas as propriedades e fundos serão liberados para Devon Whitehall, o Marquês de Fitzgrovia, no dia de seu casamento com Lady Louisa Butchart. Até então, eles serão mantidos e administrados por Tindall, Davidson and Co. No caso de recusa do acordo pelo Sr. Whitehall e/ou falha em se casar com a Srta. Butchart por um período superior a doze meses a partir da data da leitura do testamento, as propriedades e fundos

acima mencionados serão liberados e transferidos para as várias instituições de caridade que Edwin Whitehall já mencionou. — Tindall olha para cima e arqueia uma sobrancelha. — Daqui em diante está uma lista sobre *The Masters of Foxhounds*⁷⁷, dedicada a proteger o esporte, e outras instituições de caridade questionáveis. Caso Devon e Louisa não se casem. Mas, claro, tenho certeza de que não chegaremos a esse ponto.

Putá merda.

Edwin Whitehall não deixou nada para sua esposa, filha ou genro. Mesmo de seu túmulo, ele tentou intimidar-me para me casar com Louisa, e agora, ele arrastou o restante da minha família para esta confusão.

Uma lembrança distante da minha conversa com Edwin quando eu tinha quatorze anos ressurgiu.

— *Agora seja um bom menino e vá se desculpar com Louisa. Este assunto está resolvido. Você vai se casar com ela depois de terminar a Universidade de Oxford, e nem um momento depois, ou perderá toda a sua herança e sua família. Estou entendido?*

Só que eu nunca acabei indo para Oxford. Em vez disso, fui para Harvard.

⁷⁷ Uma associação para caçadores de raposas e outros animais.

Ele disse isso em alto e bom som décadas atrás. Era o seu caminho ou a estrada.

Agora ele havia criado a tempestade perfeita. Minha mãe sabia que se eu não me casasse com Lou, ela seria despojada de tudo o que tinha – e ela já estava tendo problemas financeiros. Era por isso que ela estava pegajosa e cautelosa hoje. Foi por isso que a notícia da gravidez de Emmabelle quase a destruiu.

— Ultrajante, — comento no meu tom mais suave, tomando um gole do meu café.

— Muito, — Drew lamenta. — Minha querida Cece e eu não herdamos papel higiênico usado! — Ele esmaga um biscoito em pó em seu punho.

— Ah, fique quieto, sim? — A mãe late impaciente. Foi a primeira vez que a vi dirigir-se diretamente ao genro, e era justo dizer que ela pensava mais nos criminosos de guerra do que no último membro da família. — Cecilia será cuidada. Eu nunca deixaria minha filha ficar desamparada.

— Cecilia? — Drew solta um ganiço, levantando-se rapidamente de seu assento, mas não homem o suficiente para realmente sair. — E quanto a mim?

— Eu não posso levar isso a sério. — Pego uma maçã da variedade de lanches e esparramo-me no meu lugar, olhando



para Tindall enquanto esfrego a fruta vermelha no meu terno Armani.

Ele me dá o sorriso desagradável de um homem que sabia que eu podia e realmente deveria.

— Sinto muito, Devon. Você deve saber melhor do que ninguém que lei e justiça não têm nada a ver uma com a outra. A vontade é irreversível, por mais irracional que possa parecer para você. Edwin estava lúcido e presente quando o escreveu. Tenho três testemunhas para atestar isso.

— Ele está quebrando centenas de anos de tradição, — observo. Eu seria o primeiro filho desde o século XVII a receber um baú de tesouro vazio. — Por outro lado, a tradição é apenas a pressão dos colegas de pessoas mortas.

— Seja qual for a tradição, está aqui para ficar, — zomba Tindall.

— Há outra maneira. — Mamãe aproxima-se gentilmente, colocando a mão no meu braço. — Você *poderia* aproximar-se de Louisa...

— Vou ser pai. — Viro-me em sua direção, franzindo a testa.

Minha mãe levanta um ombro delicado. — Há famílias modernas em todos os lugares hoje em dia. Já assistiu Jeremy

Kyle? Um homem pode ter filhos com mais de uma mulher. Às vezes até mais de três.

— Você está recebendo lições de vida de Jeremy Kyle agora?
— falo arrastado.

— Devvie, desculpe-me, mas você tem mais do que apenas você para pensar. Há eu e Cece.

— E eu, — Drew intromete-se. Como se eu me importasse se ele desmaiasse aqui e agora e fosse arrastado para o inferno pela orelha pelo próprio Satanás.

— A resposta é não. — O gelo na minha voz não oferece espaço para discussão.

Eu tinha evitado meu pai todos aqueles anos, em parte porque ele não podia aceitar minha decisão em relação a Louisa, e agora eu corria o risco de perder mamãe e Cecilia por causa disso. Porque não importava quão rico eu fosse, quão capaz eu fosse cuidar delas por conta própria – eu estava roubando delas milhões em propriedades e fortunas por não me casar com Lou.

— Devon, por favor...

Levanto-me e saio do escritório – para fora do *prédio* – acendendo um cigarro enrolado à mão e andando pela estrada de seixos. A escuridão desceu sobre as ruas de Londres. A Harrods estava inundada de brilhantes luzes douradas.

Isso me lembrou da famosa história sobre pepitas. A Harrods⁷⁸ havia vendido kits com seringas e tubos de cocaína e heroína durante a Primeira Guerra Mundial, principalmente para soldados feridos que estavam recuperados da saúde ou estavam tendo uma morte dolorosa.

Eu me lembrava dessas histórias tão bem quanto com carinho. A família de mamãe era um dos comerciantes que vendiam o produto para a elegante loja de departamentos. Foi assim que eles se tornaram tão podres de ricos.

A família de minha mãe tinha muitos campos de papoulas, uma flor conhecida por simbolizar a lembrança daqueles que perderam a vida durante a Primeira Guerra Mundial, por sua capacidade de florescer em qualquer lugar, mesmo durante a angústia.

Eu imaginava que Emmabelle Penrose fosse como aquela flor.

Doce, mas cruel. Multifacetada.

— Meu Deus, você deixou suas emoções tomarem conta de você. Aquela exposição lá dentro foi comportamento ianque puro. Seu pai deve estar se revirando no túmulo. — Mamãe se joga no

⁷⁸ Uma das maiores lojas de departamento do mundo, localizada em Londres.

frio congelante do inverno londrino, vestindo um casaco xadrez branco e preto.

Chupo com força meu cigarro, liberando um trem de fumaça para o céu. — Espero que ele role todo o caminho para o inferno, se ele já não estiver lá.

— Devvie, pelo amor de Deus, — mamãe repreende, fingindo arrumar a gola da minha jaqueta. — Sinto muito que você esteja nesta posição, querido.

— Não sinto. Eu não fui um brinquedo nas mãos de Edwin quando ele estava vivo, e não serei isso agora.

— Você será. Em alguns dias, talvez semanas, depois de se acalmar, você perceberá que se casar com Louisa é o melhor para todos. Você, Cece, os Butcharts...

— E, claro, você. — Sorrio sombriamente.

Ela pisca para os prédios antigos à nossa frente, parecendo desanimada e triste. — É tão errado eu achar que deveria ter direito a parte da minha própria fortuna?

— Não. — Jogo o cigarro, observando-o cair no esgoto. — Mas você deveria tê-lo convencido a não alterar o testamento.



— Eu não tinha ideia, — ela murmura, olhando fixamente para o que Belle chamaria de “unhas fresh-ass⁷⁹”. A mãe do meu futuro bebê gostava muito de associar a palavra bunda a quase tudo.

— É mesmo? — Observo-a cuidadosamente.

— É.

Algo me ocorre então. Giro em sua direção, estreitando meus olhos. — Espere um minuto. Agora eu entendo.

— Entende o quê?

— Por que Byron e Benedict me provocaram sobre Louisa o jantar inteiro quando eu apareci no funeral de Edwin.

— Devvie, eu gostaria que você o chamasse de Pa...

— Por que ela estava lá. Por que ela era perdoadora, simpática e flexível. Todos vocês sabiam que eu seria encurralado para me casar com ela, e vocês jogaram suas cartas.

— Ah, claro que eu sabia. — Mamãe suspira cansada, relaxando contra o prédio e fechando os olhos. Ela parecia velha

⁷⁹ “Fresh as” pode ser traduzido como ‘frescas/frescas como’, já a expressão “fresh-ass” adiciona a palavra ‘bunda’ (ass) já que tem o som parecido.

de repente. Não a mesma mulher glamourosa com quem cresci. — Edwin me contou sobre o testamento depois de executá-lo. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Nossos fundos mútuos diminuíram ao longo da última década, e tudo o que nos restava – sua coleção de carros e propriedades – ele deixou para você. Eu sou essencialmente pobre. Você não pode fazer isso comigo. Você *não* pode deixar de se casar com Louisa.

E então ela faz algo terrível.

Algo que eu não conseguia engolir.

Ela se ajoelha ali mesmo na rua, os olhos brilhando como diamantes na noite.

Olha para mim, seu rosto desafiador, seus ombros tremendo.

Eu queria me rebaixar ao nível dela, estar ali com ela, sacudi-la e explicar que não podia fazer isso. Não podia ser o que meu pai queria que eu fosse. Eu nunca pude.

— Sinto muito, mãe, — eu digo, então me afasto.





Duas noites depois, Sam e Cillian apareceram para uma visita.

Eu não me diverti muito porque A: não havia nada de divertido nessas duas putas horríveis. E B: quanto mais tempo eu ficava perto das pessoas, mais me sentia pressionado a comportar-me do jeito que as pessoas normais se comportavam, escondendo minha chama, minhas estranhas reflexões e claustrofobia.

Por exemplo, eu sempre usava os elevadores sempre que visitava a Royal Pipelines. Precisava tomar meio valium para ter coragem, mas o fazia.

Ou quando estávamos em Badlands, eu tinha que pensar antes de falar, não importa qual fosse o assunto, lembrando a mim mesmo que eu tinha uma personalidade para defender. Que eu era um mulherengo, um libertino, um homem de certos gostos e padrões.

Nunca poderia realmente ser eu mesmo com meus amigos, e era por isso que, embora gostasse deles em um nível pessoal, nunca me abri de verdade com eles sobre minha família.

— A vontade é férrea. Reli-o vezes suficientes para fazer meus olhos sangrarem. — Rosno para minha bebida forte, empoleirado em meu escritório, na frente dos únicos dois homens

que eu conhecia que podiam se livrar de problemas sérios, embora de maneiras muito diferentes.

Agora eu *tinha* que falar com eles sobre minha família, mesmo que só lhes desse a versão resumida.

— De repente, o fato de você nunca nos ter contado sobre sua família faz sentido. — Cillian estava na frente da minha janela do chão ao teto, com vista panorâmica do rio Charles e do horizonte de Boston. — Seus pais soam piores que os meus.

— Eu não iria tão longe. — Sam toma um gole de sua própria bebida, sentado na minha frente em uma poltrona reclinável. — E o que acontece se as instituições de caridade, digamos, decidirem ignorar as doações generosas?

— O dinheiro e a propriedade irão para vários parentes, nenhum dos quais é minha família imediata. Francamente, todo homem Whitehall que eu já encontrei é um bêbado, um bruto, ou ambos.

Sem mencionar que eu não queria ficar em dívida com Sam Brennan de forma alguma. Ele ainda não tinha conseguido me atrair para o negócio com ele, e queria continuar assim.

— Não existem primogenituras sobre merdas assim? — pergunta Sam. — A própria Coroa deveria lhe conceder as terras. Até minha bunda simplória sabe disso.

— Brechas, — explico amargamente. — Eu não sou um parente da realeza imediato, então nem todas as regras se aplicam a mim.

Apenas as que eram do agrado do meu pai.

— Lembre-me por que você se opõe a se casar com essa garota Lilian? — Cillian pensa.

— Louisa, — corrijo, enrolando alguns cigarros para manter minhas mãos ocupadas. — Porque eu não vou me acovardar com as exigências do meu pai, nem na vida e definitivamente não do além-túmulo. Sem mencionar que há um acordo pré-nupcial pré-escrito que meu pai estabeleceu para garantir que, se nos divorciássemos, ela conseguiria tudo.

— Mesmo que você conceda a sua demanda, ele nunca saberia, — Sam rosna em seu uísque. — Ele está, para todos os efeitos, morto.

— *Eu* saberia.

— O casamento assume diferentes faces e formas. — Cillian caminha da janela em direção ao armário de bebidas, vasculhando minhas bebidas. — Você poderia se casar com ela e ainda ver outras pessoas.

— E deixá-la infeliz? — Eu rio gravemente.

Sam dá de ombros. — Isso não é da sua conta.

— Sou incapaz de fazer alguém sofrer desnecessariamente.
— Pego um cubo de gelo, rolando-o distraidamente sobre a borda do meu copo.

— Não incapaz, apenas relutante, — Cillian fala lentamente.
— Todos nós somos capazes de tudo o que precisamos fazer para sobreviver.

— A coisa é, eu não preciso sobreviver a isso. Minha mãe e minha irmã precisam. — Deixo o cubo cair no meu copo. — Você se casaria com alguém por dinheiro?

Sam ri sarcasticamente, seus olhos cinza brilhando maliciosamente. — Eu teria casado com alguém por uma torrada se eu precisasse, antigamente. Mas o universo providenciou, e escolhi minha noiva porque eu a queria, não porque precisava dela.

Cillian faz uma careta. — É da minha irmã que estamos falando.

— Não me lembre. — Sam esvazia seu uísque. — O fato de Ambrose compartilhar um conjunto genético com sua bunda sem que eu jogue cloro nele ainda me dá urticária.

— Peculiar. — Cillian faz um som de desdém. — Não me lembro de você vindo de gerações e gerações de neurocirurgiões e pilotos do exército.

Não tive que perguntar se Cillian estava disposto a se casar com alguém que ele não amava. Ele fez exatamente isso alguns anos atrás e acabou se apaixonando pela mulher.

Esfrego meus dedos ao longo do meu queixo. Penso em como Emmabelle reagiria se eu dissesse a ela que iria me casar e percebi que ela provavelmente riria e perguntaria se precisaria usar um chapéu chique para o casamento.

Não espere por mim.

— Bem, minha mãe precisa muito do dinheiro. E Cece gostaria de se divorciar do marido e começar de novo, suspeito. Além disso, quero que a propriedade fique na minha família imediata.

— Então o que há para pensar? — Cillian pega uma garrafa de conhaque de uma fileira impressionante e se serve de dois dedos. — Case-se com a mulher. Faça um plano de fuga depois.

— É complicado, — rosno, pensando no pré-nupcial pré-escrito.

— Explique-se para nós, Einstein, — Cillian persuade.

— Eu quero a herança, não a mulher. — Na verdade, eu não queria nenhum dos dois, mas mamãe e Cecilia precisavam ser atendidas.

— Conforme estabelecido, você não *precisa* ficar de conchinha com ela pelo resto da porra da sua vida. — Sam entorna sua bebida e levanta-se, encerrando a conversa. — Basta colocar um anel no maldito dedo dela. Pontos de bônus se você conseguir engravidá-la para ter alguém para quem deixar a herança.

— Eu tenho alguém para quem deixar. Meu filho com Emmabelle.

Cillian lança um olhar de pena por trás do ombro do outro lado da sala. — Deixar um título para um bastardo? Sério?

Levanto-me, minhas pernas me carregando em direção a ele antes mesmo que eu soubesse o que estava acontecendo. Agarrei-o pelo colarinho e o bati contra o armário de bebidas, rosnando em seu rosto.

— Chame meu filho não nascido de bastardo mais uma vez e eu vou ter certeza de que você vai precisar de todos os seus malditos dentes substituídos.

Brennan dá um pulo. Ele coloca seu corpo entre nós, empurrando-nos para os cantos opostos da sala.



— Calma aí. Cillian tem razão. Talvez a razão pela qual você seja tão inflexível em não se casar com Laura seja porque você tem uma ereção pela mãe do seu bebê.

— *Louisa*, — grito.

— Não, Belle. Até eu sei disso. Esforce sua memória, cara.
— Sam balança a cabeça.

— O nome da outra mulher é Louisa.

Cillian toma um gole de uísque, parecendo casual, enquanto Sam dá um passo para trás, confiante de que não tentaríamos nos matar novamente.

Ambos estavam olhando para mim.

— O quê? — Pergunto, meus olhos se estreitando em fendas. — Que porra vocês estão olhando?

Cillian sorri. — Assim é que começa.

— Como começa *o quê*?

Ele e Sam trocam olhares divertidos.

— Ele já se foi, — Sam observa.

— Nunca teve chance, — Cillian diz, inclinando a cabeça.



— Pobre Livia, — Sam ri.

Desta vez, não os corrijo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Belle

Quatorze anos de idade.

— Babaca, — papai cospe no chão.

Oh garoto. Mamãe vai bater na cabeça dele por isso.

Ele está deitado em sua poltrona, catatônico, em frente à TV depois de um longo dia de trabalho.

Mamãe está em algum lugar da casa, tendo um colapso. Não é grande, apenas um mini colapso. Ela está uma bagunça há... quanto tempo agora? Desde que a tia Tilda morreu, há mais de um ano. Tia Tilda a criou. Elas tinham um intervalo de dez anos entre elas. Tia ajudou a nos criar também, então é claro que estou chateada. Mas mamãe... às vezes é como se ela estivesse em outro planeta.



— Papai, língua. — Persephone ofega de seu lugar no tapete, trabalhando em seu quebra-cabeça de duas mil peças, sua trança apertada balançando sobre um de seus ombros. Ela parece tão saudável. Eu gostaria de poder ser ela.

— Desculpe, querida. Eu fico irritado quando vejo coisas assim.

Levanto os olhos da minha lição de casa, que estou fazendo no sofá. É o canal de notícias local, e eles estão falando sobre um professor de geografia que foi pego tendo um caso com uma caloura na escola local onde ele trabalhava. Eles mostram a foto dele. Ele não pode ter menos de cinquenta e cinco.

— Pessoas como ele deveriam apodrecer no inferno. — Papai levanta-se, começa a andar pela sala.

Digo a mim mesma que não é grande coisa.

Que não tem nada a ver comigo e com o treinador Locken.

Além disso, o que diabos estou pensando? O treinador e eu não nos beijamos, abraçamos ou tocamos de forma inapropriada. Ele me ajuda com meu joelho ruim e músculos curtos da coxa. Não é culpa dele que eu esteja apaixonada.

E vamos cair na real aqui, não é como se o humor do papai fosse tudo por causa desta notícia. Ele está muito preocupado com a mamãe, tentando convencê-la a ir à terapia. Mas mamãe diz que



todos estão alimentados, limpos e que a casa está em ótimas condições. O que é tudo verdade. Ela é uma ótima mãe, mesmo quando está triste.

— Espero que vocês, meninas, saibam que devem contar ao papai se algo assim acontecer. — Papai aponta para a TV.

— Sim, papai, — Persy e eu dizemos em uníssono.

Mais tarde naquela noite, recebo uma mensagem de texto do treinador Locken. Não é fora do comum receber mensagens dele. Às vezes, a prática precisa ser remarcada ou realocada por causa do clima.

Apenas pela primeira vez, o texto não é enviado no grupo de cross-country com todos os outros corredores. É enviado diretamente para mim.

Treinador Locken: mudança de horário do treino matinal. Encontro na entrada da Reserva Castle Rock às sete. Não se atrase.

CAPÍTULO DEZESSETE

Belle

Semanas seguiam umas às outras como páginas de um bom livro.

Os únicos sinais externos de que eu estava grávida eram os violentos ataques de enjoo matinal que eu acordava todos os dias, combinados com visitas semanais ao doutor Bjorn, nas quais víamos Baby Whitehall (ou Mr. Bean⁸⁰, como Devon gostava de chamá-la) crescendo bem no meu útero policístico de formato estranho, não dando a mínima para o ambiente hostil em que ela estava.

É assim que se faz, menina.

Devon acompanhou-me a todas as minhas consultas sem falta. Ele sempre trazia alguma coisa para mim. Uma massa

⁸⁰ Senhor Feijão.

recém assada e uma garrafa de água, ursinhos de goma vitamínicos ou balas de gengibre. Ele nunca perdia nossas ligações semanais, nas quais fazíamos planos sobre o que aconteceria depois que tivéssemos o bebê.

— Eu quero que ela tenha um quarto grande, — eu disse a ele uma vez.

— Seu apartamento inteiro não se qualifica como um quarto de tamanho médio, — disse ele, intelectual como sempre. — Você poderia se mudar para o meu prédio.

Encolhi-me. Não porque eu não quisesse estar perto dele, mas porque já me via a dar socos em todas as minhas paredes sempre que o visse esgueirando-se para casa com um de seus encontros. — Nah, eu vou encontrar em outro lugar.

— *Sweven?*

— Sim?

— Conte-me sobre um animal estranho.

Fizemos muito isso ultimamente. Falamos sobre coisas estranhas. Era trágico que, além de ser cruelmente bonito, Devon também fosse peculiar e adoravelmente desajeitado. Ele não era nem um pouco o idiota arrogante que imaginei que ele fosse quando nos encontramos pela primeira vez.



Eu caí no travesseiro, enfiando a mão debaixo da cabeça e olhando para o teto, sorrindo. — Já viu um Casuar-do-sul?

— Negativo. — Eu podia ouvir o sorriso em seu rosto. Isso fez meu peito doer.

Fechei meus olhos, engolindo em seco.

— É um pássaro australiano. Parece uma Karen que está pedindo para falar com o supervisor depois de descobrir que seu café com leite sem gordura tinha duas bombas de xarope de baunilha normal em vez do sem açúcar.

Ele gagueja, encantado. — Estou pesquisando no Google agora. Oh Deus. Você não está errada. Essa cara...

— Sua vez.

Ele pensa sobre isso, então diz: — Eu sempre pensei que ratos-toupeira sem pelos pareciam pênis murchos. Dos mal equipados, devo acrescentar.

Eu rio tanto que faço xixi na calcinha um pouco.

Há silêncio depois.

— Eu ainda não deveria esperar por você, Belle?

Meu corpo estava pesado e cheio de dor, mas não chorei. Eu nunca chorei por um homem. — Não, — eu digo baixinho.

E foi isso.



Com o passar do tempo, o mesmo aconteceu com meu medo de ser brutalmente assassinada por meus perseguidores. Eu não tinha notícias deles (dele?) em semanas, embora eu verificasse minhas cartas, olhasse ao meu redor e levasse minha arma para todos os lugares. Além disso, Simon, a quem eu me referia como Si apenas para irritá-lo, tinha se encarregado de me seguir em todos os lugares, especificamente sempre que eu estava em Madame Mayhem. Li nas entrelinhas que seu trabalho não era ajudar com o clube, mas ajudar a me manter viva. Surpreendentemente, eu não estava abertamente chateada com isso. Eu era uma mulher independente, sim, mas também não era uma idiota completa. Apreciava qualquer ajuda que pudesse obter para me manter segura até descobrir mais sobre quem estava atrás de mim.



Devon foi solidário em mais de uma maneira. Ele concordou com todos os meus caprichos e pedidos.

Quando eu disse a ele que não queria saber o sexo do nosso bebê, ele não protestou nem uma vez, embora eu soubesse que ele era o tipo de homem que gostava de saber tudo sobre tudo.

Até o dia, quando ele veio me buscar para nossa consulta semanal de obstetrícia e se atrasou três minutos. Isso era novo. Ele geralmente era aquele que ficava esperando por um minuto ou dois enquanto eu arrumava minhas coisas lá em cima.

Entrei no táxi e sorri para ele. Ele sorriu de volta, parecendo um pouco... desligado. Como se uma camada de gelo cobrisse seu rosto.

— Pensei em outro animal estranho ontem, depois que conversamos, — eu digo, apertando o cinto.

— Compartilhe. — Ele se recosta, arqueando uma sobrancelha interessada.

— Cegonha marabu. Parece que eles têm um saco de bolas encharcado sob seus bicos.

Ele riu, e foi quando notei.

Os leves arranhões rosados em seu pescoço.

Minhas entranhas se reviraram. A fraqueza fez meus joelhos tremerem. Eu tive que respirar pelo nariz e encostar-me na porta.

— Vejo que você tem estado ocupado. — Estreitei meus olhos em seu pescoço.

— Estou sempre ocupado, querida. Chama-se ser adulto. Você deveria tentar isso algum dia. — Mas ele teve a coragem – a audácia, na verdade – de ficar um pouco rosa.

— Ainda bem que um de nós está recebendo um pouco, mesmo que não seja eu.

Eu precisava me calar. Eu não tinha absolutamente nenhum direito de fazer isso com ele, depois de pregar para ele sobre o quanto *não* éramos um casal.

Ele reorganizou o colarinho, parecendo desconfortável, o que piorou as coisas. Ele não era nem um idiota sobre isso, então eu não poderia fazer um ataque adequado.

— Conte-me tudo sobre isso, — exijo.

— Não, — ele fala lentamente, estreitando os olhos para mim.

— Faça isso agora, Devon. Eu quero escutar. — Cruzo os braços sobre o peito, sem saber por que estava fazendo isso com ele. Para mim mesma. Mas a resposta era clara – eu queria que



doesse. Queria me punir por dar a mínima em primeiro lugar. Sua boca se curvou em uma linha sombria antes de falar.

— Tive um tempo livre inesperado de duas horas ontem. Uma velha amiga estava em Boston para uma conferência médica. Fomos jantar no hotel dela...

— Deixe-me adivinhar, e você acabou ficando para a sobremesa? — Sorrio maliciosamente.

Seu rosto estava em branco. Sem resposta. Eu ia explodir em lágrimas. Ou talvez apenas entrar em erupção. Talvez minha pele se rasgasse. Talvez uma gosma verde e ciumenta fosse derramada. Talvez finalmente me lembrasse do que parecia ter esquecido recentemente – que os homens são criaturas horríveis projetadas para machucar você.

— Você dormiu com ela. — Eu digo isso como uma declaração, esperando que ele negasse ou dissesse que a beijou e não parecia certo, então ele foi embora. Ou prometer que isso nunca aconteceria de novo, porque ele nem gostou – que era em mim que ele tinha pensado o tempo todo.

Mas ele simplesmente diz: — Sim.

O motorista do táxi se mexe em seu assento desconfortavelmente, desconfortável com a perspectiva de seu



carro se tornar uma cena de crime quando eu matasse Devon. Pobrezinho. Eu ia dar-lhe gorjeta em dobro.

— Ela te chupou? — Pergunto em um tom profissional.

O taxista se engasga com a saliva.

Devon pega um fiapo invisível em seu terno elegante, parecendo entediado e isolado. — *Sweve...*

— Não me chame assim, seu idiota. Nem se atreva a usar meu apelido agora.

— Tenho a suspeita de que você voltará da névoa de ciúmes em que está envolvida agora em alguns momentos e se arrependerá disso. Vamos mudar de assunto, — Devon diz com confiança. Ele não estava errado. O que me deixou ainda mais louca.

— Não até que você me responda. Ela. Te. Chupou?

Seus olhos pálidos encontraram os meus sobriamente. — Sim.

— E você gostou?

— Sim.



Eu rio roucamente. O mundo girou fora de equilíbrio ao meu redor. Eu ia passar mal.

— Você disse para não esperar por você. Duas vezes, na verdade. A lógica dita que você não tem autoridade nem reivindicações sobre meus afetos.

Seus *afetos*. Minha bunda tinha que ir e mexer com o único babaca em Boston que falava como alguém saído de um romance da Jane Austen.

— Foda-se sua lógica, — eu digo.

— Com prazer. Mas não vai ser a única coisa que eu vou foder.

— Seu telefone está tocando, — eu digo secamente.

Ele puxa o telefone, franzindo a testa para a tela.

Tiffany.

Ele enviou a chamada para o correio de voz.

Tiffany liga novamente. Ele apertou os lábios em uma linha fina, enviando-a para o correio de voz – *novamente*.

O táxi para na clínica do meu ginecologista. Dou uma gorjeta de cinquenta dólares ao cara e saio correndo, Devon no



meu calcanhar. Seu telefone pisca em sua mão novamente. Desta vez a tela dizia que era Tracey ligando.

Comecei a subir as escadas para a clínica do terceiro andar sem nem perceber o que estava fazendo, sabendo que Devon não usava elevadores e não queria me separar.

— Você só fode mulheres cujos primeiros nomes começam com um T? — pergunto cordialmente.

— Tracy é sócia da firma.

— Aposto que você transou com ela também.

— Ela tem sessenta.

— Você também. — Sério? Eu tinha a maturidade mental de um cupcake.

Ele me dá outro olhar lamentável antes de chegarmos à porta da clínica.

Isso, lembro-me, foi uma lição valiosa. Uma coisa *boa*. Se alguma coisa, a última meia hora foi a prova de que eu estava certa, como de costume.

Que Devon ainda era um homem, ainda incapaz de manter seu lixo nas calças, e ainda um grande perigo para mim.



Claro, ele era legal – mais civilizado do que os homens que encontrei ao longo dos anos – e polido ao extremo. Mas, mesmo assim, um homem.

Devon agarrou meu braço, girando-me e empurrando-me contra a porta, apertando-me. Olhei para ele, sentindo seu corpo em todos os lugares e desejando-o, odiando-o e amando-o. Tudo ao mesmo tempo.

— Me deixe em paz! — Rosno.

— Nem em mil anos, querida. Agora me diga, você não esteve com ninguém desde que começamos a ficar de novo?

Eu não tinha. Antes de engravidar, queria limitar meus encontros sexuais a Devon para garantir que ele seria o pai do meu filho. E depois, simplesmente não conseguia me imaginar pulando na cama com algum estranho quando eu tinha uma criança dentro de mim.

Pensei em dizer a ele que fazia sexo o tempo todo. Era a coisa óbvia que Belle deveria fazer.

Mas quando minha boca se abre, simplesmente não consigo.

Ele tinha um jeito de tirar a verdade de mim, mesmo quando a verdade era uma merda.

— Não, — admito. Em seguida, acrescento mais alto: — Eu não estive com ninguém desde você.

Um grunhido deixa seus lindos lábios, e ele fecha os olhos brevemente. Quando os abre novamente, há fogo atrás dele. — Eu poderia te beijar, Emmabelle Penrose.

Forco-me a sorrir, abrindo a porta, assim que Tiffany o chamou novamente.

— *Não*, Devon Whitehall.



Um dia, enquanto estava embalando minha barriga plana de gravidez de três meses, encarando fileiras de pacotes de fraldas e cadeirinhas infantis no *buybuy Baby*⁸¹ e bebia um suco verde deplorável, notei uma mulher de aparência angustiada e grávida desmoronando no caixa.

⁸¹ É uma cadeia americana de lojas com foco em itens para bebês e crianças pequenas.

Ela se dobrou ao meio, as mãos espalmadas na esteira rolante, uma montanha de suprimentos essenciais para bebês à sua frente. Um saco de fraldas, panos de arroto e babadores. Coisas que qualquer nova mãe precisava para sobreviver à jornada louca chamada maternidade. No começo pensei que ela estava entrando em trabalho de parto. *Ah, merda. Vou parar de sair de casa assim que chegar à 38ª semana*, pensei. Com a minha sorte, minha bolsa ia estourar em um elevador cheio de gente. E então de alguma forma ficaríamos presos lá.

O estômago da mulher atingiu um ponto de inflexão, onde seu umbigo estava quase voltado para baixo e cutucando o tecido de sua camisa. Lágrimas escorriam por seu rosto, pesadas por grumos de rímel.

— Eu sinto muito. Eu sinto muito. Não sei o que deu em mim. — Ela usou a parte de trás da manga para limpar o ranho do rosto. — Vou levar um pouco de volta. Apenas me dê um segundo.

— Tome seu tempo, querida. — A caixa parecia que estava pronta para se enterrar sob os azulejos, ela estava tão desconfortável.

— Bem... acho que eu realmente poderia ficar sem panos de arroto. Camisas velhas também servem, certo?

Coloquei a pomada de mamilo que eu estava verificando de volta na prateleira e corri para o caixa, arrancando meu cartão de crédito da minha carteira e colocando-o no balcão. — Não. Não coloque nada de volta. Eu vou pagar.

A senhora grávida me olhou miseravelmente. Ela esfregou a barriga, como se estivesse confortando seu bebê ainda não nascido. Agora que a observei mais de perto, ela não podia ter mais de dezenove anos. Rosto fresco e bochechas rosadas. Eu queria chorar junto com ela. Que situação para estar.

— Eu nem sei por que vim aqui, — ela diz, seu queixo balançando.

— Você veio aqui para pegar coisas para o seu bebê. — Meus dedos tocaram a parte de trás de seu braço suavemente. — Como você deveria. Não se preocupe com isso. Você vai sair daqui com todos os suprimentos de que precisa.

— Você... você tem certeza? — Ela estremeceu.

— Positivo, cara.

Um sorriso tímido se espalhou em seus lábios. Ela usava leggings furadas e uma camisa que grudava na barriga como um filme plástico. Eu gostaria de poder dar a ela alguns dos vestidos de maternidade que comprei com o orçamento exorbitante que Devon despejava em minha conta todos os meses. Eu não



precisava dos meus ainda. Meu estômago estava plano, mas duro.

— Obrigada. — Ela fungou. — Meu namorado foi demitido há alguns meses e ainda não encontrou um emprego. Realmente nos ferrou.

— Merda, desculpe-me. — Peguei um vale-presente da prateleira ao lado do caixa e apontei para ele. — Que tipo de empregador faz isso com alguém? Por favor, coloque dois mil dólares nisto.

Eu precisava saber que essa garota tinha um fluxo constante de fraldas e roupas de bebê até que seu namorado encontrasse um novo emprego. Caso contrário, eu não iria dormir à noite.

Ela chorou ainda mais forte como reação, desta vez com alívio. Então ela falou, seu discurso cheio de soluços e fungadas. — Sim. Tem sido um show de merda. Estávamos contando com esse trabalho. Isso realmente o mudou... ser demitido. Ultimamente, ele está perdendo a paciência. Está nervoso com a conta do hospital, mas o que devo fazer? Ter o bebê no banheiro? — Suas sobrancelhas se uniram de raiva. — Foi ele quem disse que estávamos sendo cuidadosos o suficiente. O que, claro, era besteira. Se tivéssemos cuidado, não estaria grávida.

— É preciso dois para dançar o tango. — *E três para criar uma novela*, pensei amargamente, lembrando de Tiffany.

— Não é? — Seus olhos se arregalaram. — Pelo menos encontrei um emprego no brechó local. *Ele* mal sai de casa esses dias. Só bebe e assiste TV e... merda, desculpe-me. — Suas bochechas ficaram vermelhas. Ela abaixou a cabeça, balançando-a. — Não é problema seu, obviamente. Você é muito gentil.

— Cara, eu derramo minhas tripas para qualquer um que esteja disposto a ouvir, então nem pense duas vezes sobre isso. Meu corretor de seguros sabe os resultados do meu exame de sangue, e a senhora da mercearia em frente ao meu apartamento é minha terapeuta relutante. — Entreguei a ela as sacolas cheias de coisas que ela precisava, junto com meu cartão de visita. — Ligue se precisar de alguma coisa – se for algo para o bebê ou apenas um ombro para chorar.

Ela aceitou tudo com gratidão, seus olhos grudados em mim.

— Isso deve ser um sinal de que as coisas estão melhorando. Sabe, meia hora atrás, meu namorado me perguntou do nada se eu queria vir aqui. Ele nunca me leva a lugar nenhum. Isso é *muito* destino.

— O destino é como um perseguidor. Ele tem suas maneiras de encontrar você. — Pisquei para ela.



Vinte minutos e cinco compras duvidosas depois (eu realmente precisava de um body modelo esfregão e um ventilador de bumbum?), fui da *buybuy Baby* para o meu carro, balançando as sacolas nas mãos, contemplando quantas bolas de sorvete eu daria como mimo a mim e a Baby Whitehall.

Três, eu decidi. Uma para mim, uma para ela, e depois outra para mim, porque mamãe não fazia sexo há muito tempo e precisava de um impulso de humor.

Quando abri o porta-malas – com minha nova placa de carro BURSQGRL – para descartar as sacolas, percebi que meu carro parecia... *diferente*. Olhei para baixo e soltei um pequeno suspiro, tropeçando para trás.

Todos os meus quatro pneus foram cortados.

Fechei o porta-malas com força, olhando em volta loucamente, tentando ver quem mais estava no estacionamento. Era possível que o idiota que fez isso ainda estivesse por perto para rir da minha miséria.

Um carro buzinou a distância no estacionamento. Coração batendo forte, giro minha cabeça em sua direção. Um velho Camaro vermelho de 1996 passou, as janelas abaixadas, o braço do motorista esticado. Reconheci a mulher no banco do passageiro imediatamente – era a garota angustiada que ajudei



trinta minutos atrás no caixa. Ela olhou para seu colo, lágrimas frescas rolando por suas bochechas.

Mas o homem no banco do motorista foi quem me tirou o fôlego...

Frank.

Como o homem que eu tinha despedido meses atrás.

O babaca amargo, violento e sexual com quem eu briguei.

Uma peça do quebra-cabeça se encaixou.

Frank.

Ele era o filho da mãe que foi atrás de mim.

Ele *também* tinha uma namorada grávida que eu não conhecia quando o demiti.

Não é necessário dizer que quando o peguei com a mão entre as pernas da dançarina burlesca, a primeira coisa que me veio à cabeça não foi, *aposto que esse cara é um grande homem de família que está prestes a se tornar pai.*

Agora? Agora ele estava quebrado e com grandes problemas.

Mas eu também estava.



Porque ele me queria morta.

Frank lançou-me um sorriso de escárnio, mostrando o dedo do meio enquanto ele acelerava para fora do estacionamento.

Pensei em persegui-lo, mas não queria colocar a mim ou à namorada dele em perigo. Lidaria com isso, no entanto. Agora que eu sabia quem ele era.

Tirei meu telefone da minha bolsa e liguei para Devon. Minhas mãos estavam frias e trêmulas, e demorei várias tentativas para encontrar o nome dele em meus contatos.

Foi a primeira vez que liguei para ele para algo que não era nosso encontro semanal agendado. Uma quebra de contrato, se quiser.

Foi também a primeira vez que liguei para ele voluntariamente desde que descobri que ele estava transando com *Tiffany*. E sim, o itálico era necessário.

Ele atendeu no primeiro toque.

— O bebê está bem?

Engoli o ar, meu suprimento de oxigênio diminuindo quando a implicação do que acabei de descobrir me atingiu. Merda, merda, merda. Frank foi o único a me enviar uma série de pistas e ameaças, e esta foi a mais recente. Será que eu sabia



onde ele morava? Não, eu não sabia. Depois que lhe enviei o último cheque, foi devolvido a Madame Mayhem. Ele deve ter se mudado depois que enviei os repórteres para persegui-lo.

— O bebê está bem. — *Eu acho.*

— O que está acontecendo? — Devon parecia sinceramente alarmado.

— Eu... alguém cortou meus pneus. Preciso de uma carona.

E uma bebida.

E um ombro para chorar.

Um quase-príncipe gracioso, elegante e irritantemente lindo para tornar tudo melhor.

Não necessariamente nesta ordem.

— Por que alguém faria isto? — Ele demanda.

Eu não diria a ele o que estava acontecendo comigo. Dane-se isso. Ele me trancaria em uma torre e nunca me deixaria ver a luz do dia.

— Eu não sei, punks?

— Onde você está?

— *buybuy Baby*.

— O lugar é conhecido pela alta atividade criminal em torno dele, — ele fala impacientemente, mais uma vez destacando-se em me fazer sentir como uma criança. — Envie-me o endereço. Estou a caminho.

— Uh, hmm... — Eu estava exibindo minha magnífica eloquência.

— O quê? — ele perguntou, sentindo que havia mais.

Olhei ao meu redor novamente. Ninguém me prometeu que Frank não voltaria depois de deixar sua namorada para colocar uma bala na minha cabeça.

— Podemos... uh, falar ao telefone até você chegar aqui?

— *Sweven*, — ele suspirou, seu comportamento gelado derretendo um pouco, — é claro.

Fiquei tão feliz ao ouvir meu apelido, poderia chorar.

Ele ficou no telefone comigo. Perguntando-me sobre minhas compras (ele não ficou impressionado com body modelo esfregão) e que show burlesco foi apresentado em Madame Mayhem esses dias (*Suicide Girls Blackheart*), tentando tirar minha mente do que aconteceu comigo.



Para crédito de Devon, ele largou tudo e apareceu quinze minutos depois, estacionando em fila dupla o seu Bentley e fechando-o com força enquanto se lançava sobre mim.

— Você está bem? — Ele me pegou em seus braços e enterrou minha cabeça em seu ombro, envolvendo-me em um abraço esmagador. Por uma razão desconhecida para mim, imediatamente comecei a chorar em seu terno Tom Ford, espalhando minha base e sombra colorida nele. Eu não chorava há tanto tempo. Isso era diferente de mim.

Devon massageou meu pescoço em círculos, soltando beijos de penas no topo da minha cabeça.

— Por que alguém faria algo assim, Belle?

— Eu... eu... eu não sei, — solucei.

Mas eu sabia.

Pior ainda, não chamaria a polícia por causa de Frank. Mesmo que ele fosse o responsável pela carta e pelo homem que me perseguiu todos aqueles meses atrás, eu tinha prova apenas para o que acabara de acontecer. Os outros dois homens pareciam diferentes, e nenhum deles parecia estar ligado a Frank.

A verdade é que Frank ficou em silêncio durante meses. Agora eu sabia que ele estava por trás de todas essas coisas.



Certamente, ele não era estúpido o suficiente para continuar. Talvez tenha sido seu último golpe antes de deixar ‘pra’ lá. Além disso, ele tinha problemas suficientes em suas mãos. Precisava encontrar outro emprego e sustentar sua família em crescimento. Esperançosamente um onde ele ficava longe das mulheres.

— Eu pensei que algo estava errado com você. Fisicamente.
— Ouvi a voz de Devon através da nuvem de autopiedade e adrenalina ao meu redor. Ele me guiou gentilmente até o banco do passageiro e fechou a porta.

Apertei o cinto e olhei pela janela, travando minha mandíbula para que meu queixo não tremesse.

— Estou feliz que você ligou, — acrescentou Devon.

Sobre isso...

Por que *liguei* para ele e não para Persy, ou Sailor, ou Aisling, ou Ross? Até meus pais teriam feito a viagem até a cidade para me buscar. Entre a lista de pessoas que poderiam vir e ajudar-me, Devon era a pessoa mais ocupada e a pessoa que eu menos tinha intimidade.

No entanto, eu o escolhi para me salvar.

— Para onde devo te levar? — perguntou Devon.

— Meu apartamento.



— Não o da Persy?

— Não.

Eu estava muito ferida, muito crua para assistir Pers desfilando sua família perfeita com um marido perfeito que a adorava e seus filhos perfeitos que olhavam para ela com admiração e reverência.

Devon acelerou, sentindo que eu não estava super falante.

— Tenho certeza de que era um garoto idiota, — eu digo a ele, percebendo como deve ter parecido do ponto de vista dele.

— Como o garoto idiota que seguiu você no Boston Common? — Devon apertou o volante até o ponto dos nós dos dedos ficarem brancos.

— Quem te contou? — Virei minha cabeça para olhar para ele.

— Alguém que se preocupa com a sua segurança.

— Um dedo-duro, — eu contradigo.

— Você pode chamá-los como quiser. Você ainda não respondeu minha pergunta.

— Minha resposta é que estamos no século 21, e as mulheres podem se defender sozinhas. Podemos cuidar do nosso próprio bem-estar, até – tente não se escandalizar – votar!

— Se você optar por ignorar um perseguidor, talvez você, especificamente, não deva ter o direito de votar.

Tecnicamente *três* perseguidores diferentes. Mas agora não era a hora de trazer isso à tona.

— Eu carrego uma arma comigo em todos os lugares.

— Isso deveria me fazer sentir *melhor*? — Devon pergunta devagar, sarcasticamente, para destacar o quão idiota eu soava. — Este não é o Velho Oeste, Emmabelle. Você não pode atirar nas pessoas à toa na rua se você acha que elas estão te perseguindo. Você precisa ir à polícia.

Era a primeira vez que eu o via remotamente bravo, e era tão fascinante. Por um segundo, esqueci-me dos meus problemas.

Inclinei a cabeça, observando-o atentamente. — Eu tenho um segredo, — sussurro. — Eu não trabalho para fazer você feliz, Devon.

Ele me dá um olhar que faz minha alma encolher em si mesma. O olhar que me dizia que ele estava ficando seriamente cansado de mim, e não podia culpá-lo. Eu era horrível com ele.



Estava com um medo tão trágico dele que constantemente o afastava.

— Tudo o que estou dizendo é que tenho tudo sob controle,
— murmuro, examinando minhas unhas coloridas e pontudas.

— Foi por isso que você me ligou? — Ele coloca para fora. —
Porque você *tem tudo sob controle*?

Nossa primeira briga. Impressionante. Como eu poderia explicar a ele que eu não gostava de pessoas se intrometendo no meu negócio? Em minha vida? Que eu não podia confiar nos outros?

— Foi mal. Da próxima vez, vou ligar para outra pessoa.

— Não, você não vai. Eu sou a única pessoa capaz de lidar com seu tipo de besteira por mais de uma noite.

Ele estacionou na frente do meu prédio, saiu, contornou o carro e abriu a porta para mim, fazendo tudo com uma cara que insinuava que ele ia me cortar em pedaços do tamanho de camarões e me dar de comer aos tubarões.

— Obrigada pela carona. Você tem sido um companheiro adorável. — Saí do carro e fui para a minha entrada, sentindo-me muito como uma criança malcomportada jogada em seu quarto para um tempo de castigo.

Ele me seguiu sem palavras. Eu sabia que não devia mandá-lo embora. Em primeiro lugar, não queria ficar sozinha agora. E segundo, fui eu que liguei para ele.

Quando chegamos ao meu apartamento (escadas de novo, *whoopy-woo*), Devon desapareceu no meu quarto para falar com Joanne no telefone. Ele pediu que ela providenciasse o reboque do meu carro. Ele também pediu que ela colocasse Simon no telefone para ele. Ah, bom e velho Si, o guarda-costas que fingia fazer coisas que ninguém precisava fazer no clube, como arquivar ou separar caixas na lixeira diferente.

O fato de que uma vez ele pulou em cima de mim para me defender quando Ross acidentalmente deixou cair um caixote de cerveja foi um sinal óbvio.

— ... não é por isso que eu te pago. Acelere, ou vou garantir que seu próximo trabalho seja um McJob⁸².

Houve um breve silêncio.

— Então faça melhor! — Devon ruge.

⁸² Gíria usada para se referir a trabalhos de baixo salário.



Quando ele volta para a sala, seus olhos pousam em mim. Ele parecia uma águia mirando em sua presa. — Você está tremendo e suando.

— Não, eu não estou. — O fato de meus dentes baterem quando eu disse não ajudou no meu caso. Droga. Era apenas Frank. Poderia derrubá-lo se eu precisasse, certo?

Errado. Você precisa parar de ser uma covarde e ir à polícia. E daí se a namorada dele está grávida? Não foi você que a engravidou.

— Venha. Vou preparar um banho para você. — Ele se aproximou e me ofereceu sua mão. O riso fácil e a maneira educada que geralmente escorria dele se foram, no entanto. Agora que pensei sobre isso, se foram durante o dia inteiro, desde o momento em que ele atendeu ao telefone e depois quando ele me pegou.

Horivelmente, percebi que Devon havia parado de flertar comigo.

Ele tinha desistido de mim. De nós.

Bem, bom. Era exatamente isso que eu queria. Estava feliz que ele tinha parado de fazer a merda estranha.

Quando permaneci plantada no sofá, ele me pegou e me carregou para o meu banheiro.



— Eu odeio quando você está sendo perfeito, — gemo.

— Idem, querida. Especialmente quando é desperdiçado em você.

Ele me senta no assento fechado do vaso sanitário e prepara-me um banho quente, arregaçando as mangas até o cotovelo e expondo seus antebraços de Moisés de Michelangelo.

Oof. Sentia falta de sexo.

Minhas entranhas se contorcem com força, a tensão crescendo dentro de mim.

O que era a vida sem sexo? Só trabalho e impostos e uma boa dose de lavar louça.

Era tão injusto que eu não quisesse fazer sexo com ninguém que não fosse o pai do meu filho durante a gravidez.

Eu não poderia sequer racionalizar essa decisão. Talvez eu *tivesse* algum tradicionalismo remanescente em meu corpo, resíduo de dividir um teto com Persy durante a maior parte da minha vida.

Meus olhos seguiram cada movimento de seus braços quando ele jogou sais de banho na banheira.

— Então, você tem dormido com alguém interessante ultimamente? — Mexi-me no assento do vaso sanitário, olhando para seus dedos fortes e longos.

Eu estava... ficando excitada agora? A fricção da superfície abaixo de mim fez meus mamilos enrugarem. Tirei minhas roupas, item por item, enquanto Devon torcia o rosto como se algo cheirasse horrível no cômodo.

— Eu pensei que você tinha parado de se torturar.

— Bem, — eu rio, jogando minha blusa no chão. Embora eu ainda não estivesse aparecendo, meus seios já estavam pesados e cheios de veias. Muito maior do que ele se lembrava. — Eu sei que você ainda está fazendo sexo com outras pessoas. Deixe-me viver indiretamente através de você. Esqueci como é.

Secamente, ele diz: — Você tem experiência suficiente para toda a Costa Leste, querida. Use seu cérebro e o poder da sua imaginação.

— Lembre-me, o que você faz quando vocês dois estão na cama? Esqueci, — eu ronrono, ignorando seu aborrecimento.

Ele olha para mim como se eu fosse louca. E naquele momento eu estava.

— Você não andou bebendo, não é? — Ele pergunta preocupado.

Eu rio. — Não. Estou apenas... sensível.

— Parece código para desequilibrada.

— Bem... — Sorrio, —... estou tentando ser cordial.

— Percebi. Estamos na mesma sala há quase oito minutos e você ainda não tentou me esfaquear.

Ele fechou a torneira e levantou-se, dando um passo para o lado. — Deixe-me ajudá-la a entrar.

— Você pode se juntar a mim também, se você se sentir tão inclinado. — Tentei pela primeira vez uma sedução tímida, com tesão demais para permitir meu orgulho.

Ele me ignorou completamente, conduzindo-me pelas costas até a banheira.

Reviro os olhos. — Isso é um não?

— Você me disse especificamente – e repetidamente – para parar de tentar com você, — lembrou-me secamente.

— Bem, talvez eu tenha mudado de ideia!

Jesus, uma garota não poderia fazer uma declaração definitiva e depois mudar de ideia devido ao tesão? E diziam que a América era o país mais livre do mundo.



— Por que você não entra e vamos discutir isso depois que você se acalmar? — sugere Devon.

— *Estou calma!* — Protesto com um guincho, batendo em minhas próprias coxas como uma criança.

— Evidentemente, — ele brinca.

Finalmente, entro na banheira e abaixo meu corpo nela. Fechando os olhos, sinto o calor da água e o formigamento do sabonete grudado no meu corpo.

O cheiro de morango e frutas cítricas foi acentuado pela umidade do ambiente. Atrás de mim, Devon sentou-se na beirada da banheira e começou a massagear meus ombros.

— Você está excitada, — afirma. Seus dedos fazendo cócegas nas pontas soltas que escaparam do meu coque alto. Eles deslizam para baixo, em direção aos meus seios, evitando o território sensível, mas patinam mais perto.

— *Excitada*, — repito com uma risada. — Você é tão velho.

— Você está tão grávida.

— O que isso deveria significar?

— Você tem desejos. Necessidades, — Devon explica.



— Sim, — admito com um suspiro, momentaneamente desarmada pela massagem, o banho de espuma e o conhecimento de que eu estava segura com ele.

— O que te impede de dormir por aí? — ele pergunta, letalmente blasé.

— Uh, o fato de que estou grávida?

— Não vai machucar o bebê. O próprio doutor Bjorn nos disse isso.

Sim, o doutor Bjorn, que estava shippando Bellon (Belle + Devon), constantemente lembrava-nos que podíamos e devíamos transar.

— Não quero compartilhar meu corpo com mais ninguém.

— Ninguém? — ele pergunta com falsa inocência, seus dedos confiantes rolando para baixo em direção aos meus seios pesados e sensíveis.

— Você já deixou sua marca em mim pelos próximos meses. — Jogo pérolas de sabão em seu rosto provocativamente. — Não seria tão ultrajante se ficássemos juntos na cama.

Os dedos de Devon deslizam para a parte de trás do meu pescoço, cavando em círculos deliciosos e lentos. — Vamos fazer



um acordo – você vai responder a algumas perguntas, e se eu estiver satisfeito com suas respostas, farei você se soltar.

— Bom ego grandioso que você tem aí. Eu ainda possuo vibradores, você sabe, — gemo.

Mas ele estava certo. Meu corpo inteiro estava em chamas. Eu queria agarrar seu colarinho e puxá-lo para baixo comigo.

— Está tudo bem precisar de alguém às vezes, — Devon sussurra, o ar quente de sua boca patinando sobre a concha da minha orelha. Ele estava tão perto que eu podia sentir o calor de seu corpo contra o meu. Todos os pelos do meu corpo se eriçaram. Meus mamilos doíam e minhas coxas se esfregaram debaixo d'água.

Eu estava a minutos de deslizar a mão entre elas e fazer o trabalho sozinha.

Virei-me para encará-lo, nossos olhos se encontrando. Azul no azul. O dele, cristalino como o céu da manhã. O meu, um tom muito mais escuro, pontilhado de roxo ao redor das íris.

— Nunca é bom precisar de alguém, — resmungo.

— Essa é uma maneira terrível de existir, *Sweven*. Eu sempre estarei lá para você. Faça chuva ou faça sol.

— Quantas perguntas? — Tento assuntar.



— Isso depende totalmente de suas respostas.

Balanço a cabeça com minha aprovação.

— Pergunta número um. Por que você não me disse que um homem perseguiu você em Boston Common todos aqueles meses atrás? — Devon segura meus seios, seus polegares rolando ao redor dos meus mamilos, fazendo meu corpo inteiro tremer.

Minha respiração engata. — Eu não queria que você interferisse na minha vida mais do que já interferiu.

— Segunda pergunta – houve mais sinais deste que alguém está atrás de você?

Eu não queria admitir que havia. Não queria que ele colocasse mais Simons em mim. De qualquer forma, eu realmente acreditava que Frank provavelmente tinha terminado. A coisa do estacionamento foi única. Por que mais ele se tornaria conhecido?

Quando Devon notou minha hesitação, uma de suas mãos escorregou dos meus seios, deslizando pelo meu estômago, seu dedo mindinho sacudindo minha virilha com apenas um leve toque. Engasguei e me contorci descaradamente. Como eu deveria conduzir uma conversa como essa?

— Isso é chantagem, — eu digo com veemência.



— Nunca fingi ser justo. Agora responda à pergunta. — Ele morde a concha da minha orelha suavemente.

— Sim. Uma carta chegou logo depois do Boston Common. Ameaçando-me de morte. Foi quando comecei a carregar minha arma em todos os lugares.

— Por que você não foi à polícia naquele momento?

— Eu não queria que Madame Mayhem ficasse com a má imprensa ou tivesse você e minha família no meu caso. Recebo mensagens de ódio diariamente. E veja, meses se passaram sem mais sinais.

— Você sabe quem pode ser?

Sua mão segurou minha boceta, mas não houve penetração. Apenas a deliciosa pressão dele segurando-me lá enquanto eu tentava impotente me arquear em seu toque.

— S-sim, — gaguejei, mais perto da borda do que eu deveria estar quando ele mal me tocou.

— Quem? — Devon pressionou.

— Um homem chamado Frank. Um ex-barman meu. Eu o despedi há alguns meses por agarrar uma garota burlesca. Eu o vi no estacionamento hoje.

— Por que você não está sentada em uma delegacia *agora*?

— Ele é apenas uma criança e sua namorada está grávida. Eles não têm dinheiro. Ele só queria desabafar. Provavelmente enviou um amigo dele para me assustar no Common. — Embora isso ainda não pudesse explicar o homem em Madame Mayhem no dia que Devon me levou para casa. — Acho que não vou ter notícias dele novamente.

— Você está louca, e você está carregando meu bebê, — diz ele com naturalidade, mais para si mesmo do que para mim.

Ele não moveu a mão do meu monte, mas também não me deu a liberação que eu desejava. Por que ele reteve meu orgasmo assim? Isso não era um crime contra a humanidade?

— Eu vou ficar bem, — respondo rispidamente. — Cuidei de mim por um longo tempo até agora. Nunca tive problemas.

— Algumas regrinhas, e então você pode voltar a me entreter na minha cama, — Devon esclarece, deixando-me saber que eu não estava livre ainda.

Eu não respondo, porque queria acabar com isso e que ele apenas me tocasse ali. Era patético, mas tempos desesperados exigiam medidas desesperadas. Eu *precisava* tirar minha mente das coisas. Este era um mecanismo de enfrentamento, ok?



— Regra número um – você nunca sai do lado de Simon quando está no trabalho.

— Guarda-costas Si? — Rio roucamente. — Tanto faz.

— Não. Sem tanto faz. Você não é uma adolescente, Emmabelle. Dê-me uma resposta sim ou não.

Caramba.

— Tudo bem! Sim.

— Regra número dois... — Sinto seu dedo mindinho roçando minha abertura. Todo o meu corpo desperta de excitação. Ansiosamente abro minhas pernas para ele. Finalmente, eu estava conseguindo alguma ação que não exigia nenhuma bateria.

— Não saia sozinha. Tenha sempre alguém para acompanhá-la. Pode ser suas amigas, seus pais, Simon, ou até eu.

Um pedido ousado, mas, novamente, eu não *tinha* que fazer nada que eu não quisesse. Ele mal estava aqui vinte e quatro horas do dia para me observar.

— Certo. — Então, quando ele não moveu a mão novamente, gemo. — Oh, certo. Sim ou não. *Sim.*

— Última condição... — Os dedos de Devon sondam minha abertura, mais perto do que nunca. Levará apenas um empurrão para ele me preencher completamente. Sua outra mão continuou trabalhando em meus seios. — More comigo. Apenas por enquanto. Eu poderia protegê-la. Podemos procurar um apartamento para você no meu prédio enquanto estiver lá. Tem segurança de alto nível, então eu nunca precisaria me preocupar com você.

Meus olhos se abrem e os sinos de alarme começam a soar na minha cabeça.

— Morar com você? — Repito lentamente.

Sinto seu nariz acariciando a curva do meu pescoço.

— Vamos lá, *Sweven*. Você é corajosa o suficiente para atirar na cara de alguém se eles vierem atrás de você. Certamente, você pode tolerar alguns meses como colega de apartamento com o pai de seu filho.

Era um desafio. Seu dedo indicador escorregou em mim, e engasguei, arqueando minhas costas, meus mamilos ressurgindo da linha d'água. Devon abaixou-se e capturou um deles em sua boca, chupando fervorosamente.

— Tão doce. Tão doce “*pra*” caralho. — Seus dentes brancos e retos roçaram os picos sensíveis. — Eu vou fazer valer a pena,

— ele murmurou, girando sua língua ao redor da ponta do meu mamilo antes de mordiscá-lo. Ao mesmo tempo, ele impiedosamente me fodeu com o dedo debaixo d'água.

Empurrei minha virilha em direção a sua mão, perseguindo minha liberação, sabendo que estava perto.

— Você nunca será capaz de me domar, — aviso.

— Não tenho vontade. — Ele lambe meu pescoço, selando minha boca com um beijo quente. Com toda a língua e gotículas de água e tanto desejo, pensei que ia entrar em combustão. — Eu gosto de você do jeito que você é. Improvável, eu sei, considerando sua personalidade de mula, mas é verdade.

— Eu sou uma bagunça, — ofego.

— Seja *minha* bagunça.

Era mais tentador do que eu poderia admitir. Sedutor como um farol de luz em um mar de escuridão.

Gozei ficando desfeita, chegando ao clímax em seus dedos. Eu os apertei com tanta força que ele riu em nosso beijo, os espasmos fazendo meus músculos apertarem.

Depois de alguns segundos, ele se afastou, arqueando uma sobrancelha.



— Só por alguns meses, — lamento – mais para mim do que para ele.

Não era como se eu tivesse onde colocar um bebê no meu apartamento atual de qualquer maneira.

— Só por alguns meses, — ele repete, mordendo meu lábio inferior de brincadeira.

O brilho em seus olhos diz tudo.

Concordei em ser dele, mesmo que por pouco tempo.

Desistindo da coisa que eu mais amava.

Liberdade completa.

CAPÍTULO DEZOITO

Belle

Quatro dias depois, mudei-me para o loft de Devon.

Era a primeira vez que eu visitava seu apartamento. Durante o nosso longo e caótico relacionamento, era eu quem mandava, então sempre exigi que ele viesse me ver.

Oh, como os poderosos caem.

Eu não tinha ideia do que esperar, mas de alguma forma, o lugar se encaixava perfeitamente na minha percepção dele.

Um extenso trecho de espaço aberto com móveis e cores que eu imagino que a própria Rainha Elizabeth favoreceria. A falta de paredes e vastos corredores me surpreenderam. O lugar parecia um armazém reaproveitado. Sempre imaginei Devon em uma mansão ampla e escura, cheia de retratos de família e antiguidades caras, mas incrivelmente feias. Então me lembrei de



que ele não gostava de espaços fechados. Ele era meio claustrofóbico.

Era uma verdadeira melhoria em relação ao meu pequeno apartamento.

Estava sentindo-me particularmente bem com Devon naquele dia. Ele fez questão de vir ao meu apartamento todos os dias desde o incidente do Frank e garantir que *eu* gozasse.

Em seu pau, em sua língua, em seus dedos.

Dê um nome, ele empurrou em mim.

Eu não tinha abordado o assunto de exclusividade, mas fiz uma nota mental para deixá-lo saber que eu não toparia a ideia dele mergulhando sua salsicha em todos os molhos disponíveis no bufê da cena de namoro de Boston.

Passei os quatro dias que antecederam a mudança tentando convencer Persy, Aisling, Sailor e Ross que eu *definitivamente* não estava em um relacionamento com Devon.

Por sorte, a história de Frank facilitou a explicação de como nos tornamos colegas de apartamento.

Todos pensavam que Devon era um bom partido por me fornecer abrigo, e que eu era uma completa e absoluta idiota por não beijar seus pés e implorar para que se casasse comigo.

As coisas pareciam estar finalmente se estabilizando.

Eu até diria que estava ficando confortável em um dos quartos vagos de Devon.

Ele entrava sorrateiramente no meu quarto todas as noites desde que me mudei, mas eu sempre o expulsava para o quarto principal depois, alegando que nunca conseguiria dormir com um homem ao meu lado.

Durante meu tempo aqui, tive vislumbres de conversas entre ele e sua mãe. Ela ligava para ele com frequência, às vezes algumas vezes por dia. Ele sempre parecia educado e reservado, amigável – embora, era preciso dizer, Ursula Whitehall soasse como um pé no saco gigante.

— Não, mãe, eu não mudei de ideia.

— Não, não sei quando irei para a Inglaterra novamente. O dinheiro que mandei não é suficiente?

— Não. Não tenho vontade de falar com ela. Pedi desculpas. Isso deve ser suficiente.

Este último petisco fez-me querer fazer perguntas, mas então me lembrei de que não era da minha conta.

Três dias depois que fui morar com Devon, ele foi trabalhar e eu fiquei para trás.

Estava sentada em frente ao recanto de mármore de alabastro, desfrutando de uma variedade de frutas e grãos exóticos – tudo bem, era Froot Loops⁸³. Estava comendo Froot Loops – cuidando da minha vida. Eu não usava nada além de uma camisa grande demais (*Snaccidents Happen*⁸⁴). Obrigada, Etsy, por me fornecer uma riqueza de inspiração e mantras de vida e minha atitude descarada. A campainha tocou. Fui abri-la sem pensar muito nisso. Quero dizer, a casa dele era minha casa agora, certo?

Além disso, e se fosse um entregador carregando coisas mais gostosas? O cara tinha quinhentas assinaturas de caixas de comida chique.

Na minha frente estava uma mulher alta, parecida com uma cegonha, com cabelos escuros e uma roupa de Kate Middleton. Ela tinha salto alto, um rosto cheio de maquiagem de bom gosto e um olhar irritado no rosto. Ela cheirava como um shopping de luxo.

E ela olhou para mim como se eu tivesse roubado seu marido ou algo assim.

⁸³ Uma marca de cereal.

⁸⁴ “Snaccidents” é um termo para se referir ao ato de comer muito alguma coisa (pizza, chocolate, bolachas etc) ‘sem querer’. A estampa da blusa diz: snaccidents acontecem.

— Olá.

Sotaque britânico. Ela deve ser a irmã de Devon. Ou talvez sua mãe com um *facelift*⁸⁵ muito (*muito*) bom.

— Ei. — Apoiei meu cotovelo contra o batente da porta, pensando comigo mesmo, *se esta é Tiffany, eu vou dar a ela uma vantagem de cinco passos antes que eu dê um tapa nela.*

— Suponho que você seja a stripper que ele engravidou acidentalmente e que agora está no caminho da fortuna de sua família?

Hum... o quê?

— Isso é exatamente quem eu sou! — Recuperando-me do golpe, exclamei alegremente, recusando-me a mostrar um pingo de fraqueza: — E você é...?

— A *noiva* dele.

⁸⁵ Procedimento cirúrgico que permite melhorar ou até mesmo eliminar as evidências de um envelhecimento que acabam surgindo na face

CAPÍTULO DEZENOVE

Devon

Naquele dia, o trabalho tinha sido posto de lado.

Voltar para casa e me enterrar em Emmabelle parecia mais importante do que ajudar meus clientes a sair de qualquer problema em que se metiam.

Eu sabia que o que tínhamos era temporário. Mulheres como *Sweven* dificilmente eram feitas para deusas domésticas. Mas, como todos os meros mortais, eu gostava de brincar com divindades, embora soubesse tudo sobre como essas histórias terminavam.

Além disso, eu realmente precisava garantir que ela estivesse segura até que meu bebê estivesse fora de seu corpo.

Além disso, mamãe estava me dando nos nervos, implorando-me para ir à Inglaterra e encontrar Louisa para uma xícara de chá, o que significava que eu precisava voltar para a



Grã-Bretanha em breve e explicar para minha família que não ia me casar com alguém só porque meu doador de esperma morto armou para mim.

Subi as escadas para o meu loft de dois em dois.

Digitei o código, abri a porta e cantei: — Querida, estou em casa!

E fiquei congelado no meu caminho.

Belle estava sentada na minha copa, ainda vestindo a mesma camisa ridícula que usava antes de eu ir trabalhar.

Ela não estava sozinha.

— Olá, *Devvie*. — O sorriso de *Sweven* era meloso, mas seus olhos lançavam punhais venenosos para mim. — *Apanhado*.

Em frente a ela estava sentada Louisa, tomando chá verde.

Merda.

Louisa levantou-se, balançando seus quadris sedutoramente enquanto caminhava até mim. Ela deu um beijo demorado na minha bochecha, todo o seu corpo virado para o meu.



— Querido, você faz falta. Sua mãe me deu seu endereço. Ela está terrivelmente perturbada. Pediu que eu viesse falar com você pessoalmente.

Movimento descarado. Até – ousar dizer – desequilibrado? Mas havia vários milhões de dólares em jogo em propriedades e heranças, e mamãe não tinha ativos líquidos nem outras fontes de renda.

Quanto a Louisa, eu sou aquele que escapou. A partida premiada.

— Você poderia ter ligado. — Sorrio encantadoramente, curvando minha cabeça para beijar seus dedos facilmente.

— Eu poderia dizer o mesmo, — Louisa comenta com inteligência, não parecendo nem um pouco incomodada com minhas gélidas boas-vindas. Ela era afiada, mas não – eu notei – hostil, como Belle era. — Quando é uma boa hora para conversar?

— Agora, — Belle interrompeu de seu lugar na copa, pegando uma caixa de cereal e retirando um Froot Loop, colocando-o em sua boca. — Agora é uma boa hora para me dizer que merda está acontecendo. Não poupe detalhes, querido.

— Ela tem jeito com as palavras. — Louisa vira seu olhar para mim, arqueando uma sobrancelha.



— Você deveria me ver com meus punhos, — Belle diz alegremente.

Engasgo com minha saliva.

Louisa pisca lentamente, calma e controlada. — Não deixe meu exterior te enganar. Não tenho medo de sujar as mãos.

Se eu tivesse que apostar em qualquer uma dessas mulheres, diria que é melhor Louisa correr, porque Emmabelle Penrose provavelmente poderia transformá-la em pó.

Ainda assim, Lou definitivamente cresceu, e eu não pude deixar de apreciar essa versão recém-aprimorada dela.

Sentindo uma briga iminente, caminhei em direção a Belle, sentando-me ao seu lado. Peguei sua mão, beijando as costas dela suavemente. Ela se retirou imediatamente, como se eu a tivesse mordido.

Era hora de encarar a música, mesmo que fosse uma música pop terrível e açucarada que fazia meus ouvidos sangrarem. Virei-me para Belle.

— Como você sabe, meu pai faleceu há pouco tempo. Quando voltei para a leitura do testamento, descobri que ele deixou tudo para mim, mas com a condição de que eu me casasse com Louisa. Rejeitei a ideia imediatamente. Minhas desculpas por mantê-la no escuro. A única razão pela qual eu fiz

isso foi porque seu prato de merda parecia cheio o suficiente. Estava... *está*, — corrijo, — no que me diz respeito, assunto encerrado.

— Quanto ele deixou para você? — Belle pergunta, profissional.

— Trinta milhões de libras em propriedades e heranças, — Lou intervém ao nosso lado. — Embora o Whitehall Court Castle seja inestimável. E por inestimável, quero dizer, o próximo na fila para herdar o castelo é a Inglaterra. Vai se transformar em um museu. É proeminente na história britânica.

— Isso é uma porcaria de uma fortuna. — Belle coloca outro Froot Loop solitário entre seus lábios deliciosos, assentindo pensativa. Nenhum traço de emoção em seu rosto ou postura, notei.

Louisa vira-se para mim. — *Agora não estou absolutamente dizendo que ela é uma garimpeira...* — Ela canta com um perfeito sotaque americano, citando a música de Kanye West.

— Mas eu não me meto com nenhum pobretão. — Belle ri. — Malditamente correta.

— Essa discussão é inútil. — Esfrego minha testa.

Internamente, no entanto, estava começando a questionar minha própria declaração. O que me impedia de me casar com

Louisa? Ela era linda, bem-educada, culta e tinha boas maneiras. Era inteligente e ainda gostava de mim. Eu ficaria mais rico, resolveria todos os problemas da minha família e teria um casamento nos meus termos. Acima de tudo, eu poderia me casar, algo que impedi-me de fazer até agora.

— Não deveria ser. — Louisa brinca com o saquinho de chá saindo de seu chá verde. — Há muito que discutir e o tempo está se esgotando.

— Não entendo. Já concordamos que não somos exclusivos. — Belle torce o nariz. — O que está impedindo você de se casar com essa mulher detestável, pomposa e elegante? — Ela aponta para Louisa como se ela fosse uma estátua. — Sem ofensa.

— De você, nenhuma ofensa recebida, — Louisa bufa.

— Todo mundo ganha, — acrescenta Belle.

Nem todos, pensei. Eu não.

Belle dá-me um sorriso que eu nunca tinha visto em seu rosto antes. Parecia ferido. Quase feio. Ela se levanta, examinando Louisa da cabeça aos pés com um olhar que faria a maioria dos humanos morrer congelado.

— Eu acho que vocês dois têm muito que resolver, e honestamente, se eu quisesse ver um monte de britânicos se contorcendo em torno do assunto sexo e relacionamentos, eu



assistiria *Sex Education*. Pelo menos tiraria algumas risadas disso.

Com isso, ela pega a caixa de cereal do canto e vai para seu quarto, batendo a porta atrás dela.

Louisa vira-se para mim. — Querido, essa mulher não é totalmente culta. Como você poderia achá-la atraente? Qual é a idade dela? Vinte e quatro? Vinte e cinco? Ela quase não é uma mulher.

— Ela é a mulher mais enlouquecedora, exasperante e irritante que eu já conheci, mas ainda assim uma mulher, — respondo. Tirando minha caixa de cigarros e pensando melhor, coloco-a no canto.

Agora que *Sweven* morava aqui, eu não podia fumar dentro de casa. Precisava pensar nela e no bebê.

Louisa levanta-se e valsa até mim, entrelaçando os braços em volta dos meus ombros.

Era bom ser abraçado por uma mulher que não estava constantemente à beira de arrebentar minhas bolas por respirar em sua vizinhança.

— Lou, — eu digo suavemente, movendo minha mão em suas costas. — Aprecio o último esforço, mas não vai funcionar.



— Por quê? — ela pergunta, seus olhos escuros e profundos dançando em suas órbitas. — Você sempre foi um homem tão esperto e inteligente. Prático e pragmático. Por que não se casar em um mundo de riqueza e títulos? Até sua namoradinha acha uma má ideia deixar passar essa chance.

Agarro seus braços e os abaixo suavemente. — Eu gostaria de poder dar-lhe o que você quer.

— Por que você não pode? — Sua voz falha.

— Edwin, — respondo simplesmente. Eu nunca iria deixá-lo ganhar.

— Ele não vai saber. — Seus olhos se enchem de lágrimas. — E ele não pode te machucar mais. Olha, eu sei que você não quer fazer o jogo dele. Mas ele não está aqui para ver isso. Ele morreu sabendo que você o desafiou.

Sorrio tristemente. — Você me conhece muito bem.

Mesmo depois de todos esses anos, era verdade. Louisa sabia o que me excitava. Do que minhas paredes foram construídas.

Ela olha para baixo, respirando fundo. — Cecilia está em vigilância suicida.



— Não. Isso não é verdade. — Levanto minha cabeça para trás.

Lou assente.

— Você pode culpá-la? Sua vida está praticamente acabada. Ela não quer ficar com Drew, mas você tirou as opções dela quando disse que não se casaria comigo. Ursula e ela iam convencê-lo a vender o prédio do complexo Battersea e viver do dinheiro depois que Edwin estourou suas economias e portfólio de investimentos.

A notícia chegou exatamente aonde deveria. Bem no meu coração.

— Sua mãe está em profunda depressão. Não há ninguém para pagar as contas pesadas. Eu sei que você não pode cuidar delas, Devon. Você está se saindo muito bem, mas tem sua própria vida para sustentar. Casar-se pode fazer tudo isso ir embora. Estou disposta a ignorar seu pequeno erro com esta... menina *Belle*. — Ela estremece quando diz seu nome. — Faça de mim uma mulher honesta. Vai deixar todo mundo feliz. Inclusive, a propósito, sua stripper. Acabei de passar algumas horas com ela. Ela não se importa com você, Devvie. O tempo todo, não conseguia parar de me dizer o quanto ela estava ansiosa para sair daqui. Para começar a *namorar* novamente.

Sweven sentia falta de namorar, não é?



Meus sentidos ficaram supersaturados com uma raiva branca fresca.

A única razão pela qual ela estava aqui, no meu apartamento, era porque tinha uma ameaça de morte literal pairando sobre sua cabeça e necessidades sexuais que ela queria que eu cuidasse.

Ela era uma mulher egoísta e indiferente, e era a primeira a admitir isso.

Fui categoricamente idiota, recusando-me a sequer cogitar a ideia de me casar com Louisa simplesmente porque teria encantado meu pai, que agora não passava de um saco de ossos em um terno.

— Vou pensar um pouco. — Esfrego minha mandíbula.

Louisa dá um passo para trás. Examino seu corpo. Ela era, de fato, uma criatura encantadora. Não tão exótica e excitante quanto Belle, mas ainda assim satisfatória.

Era bom lembrar que Louisa nunca se colocaria em posição de receber ameaças de morte, nunca optaria por não entrar em contato com a polícia, nem carregaria uma arma ou comeria Froot Loops no café da manhã, almoço e jantar.

— Posso ficar aqui nesse meio tempo? Dei uma olhada e notei que você tem alguns quartos, — Lou murmura.



A ideia de dividir o teto com Emmabelle e Louisa era tão atraente quanto a castração por um cego. Isso poderia facilmente terminar em um duplo assassinato. Francamente, eu não queria que a mãe do meu filho desse à luz na prisão.

— Vá para um hotel. — Dou um passo à frente, roçando meu polegar ao longo de sua bochecha. — Eu vou pagar.

— Não, obrigada. Eu tenho meu próprio dinheiro. — Ela sorri educadamente, mas poderia dizer pelo seu rosto que ela estava ferida. — Jantar amanhã? Mostre-me Boston?

— Claro, — gemo. — Apenas deixe-me verificar minha agenda.

Ela imediatamente se derrete no meu corpo, sorrindo para mim, seus olhos brilhando com a mesma intensidade de quando éramos crianças.

Louisa.

Ela nunca trairia.

Nunca mostraria um indício de deslealdade.

Seria tão facilmente treinada.



— Vou ficar por perto. — Ela pega meu pulso entre os dedos, empurrando sua bochecha na palma da minha mão como um gatinho mimado.

— Vou manter contato.

— Deus, Devvie, estou tão feliz que tivemos essa conversa. Sua mãe ficará encantada.

Aparentemente, Belle também ficaria.

Acompanho Louisa até a porta, dou um beijo de despedida em sua bochecha e a fecho atrás dela.

Talvez fosse hora de deixar uma porta se fechar e outra se abrir.

Belle

Ela se foi.

Mas não antes de esfregar o polegar em sua bochecha.



Não antes de ele olhar para ela com a mesma diversão distante que ele olhou para mim.

Espiei-os pela fresta da porta entreaberta do quarto de hóspedes.

Passei o dia inteiro dizendo a Louisa o quanto não me importava com Devon, como estava ansiosa para voltar à minha vida normal. Tudo para salvar a cara.

Mas nada disso era verdade.

Admita. Você tem sentimentos pelo pai de seu filho, e está metida nisso.

Agarrei minha barriga, jogando-me em uma cama que cheirava a ele.

Traição era traição. E isso parecia uma reminiscência do meu passado. A mesma sensação impotente de colocar seu coração nas mãos de um homem e vê-lo esmagá-lo em cacos de nada.

Enrolei-me sobre o linho da cama queen-size e fervei.

Eu precisava sair daqui. Voltar para o meu apartamento.

Graças a Deus eu não tinha parado de pagar aluguel.



Queria dar algumas semanas, só para ver se Devon e eu nos daríamos bem. Acontece que nós nos demos.

Apenas uma coisa estava em nosso caminho – sua *noiva*.

Ou talvez ela não fosse sua noiva agora, mas estava certa no que ela me disse esta tarde, quando ele não estava aqui.

— *Devon sempre faz a coisa certa, e a coisa certa é se casar comigo. Curve-se, Emmabelle. Acabou o jogo para você. Ele não tem escolha.*

Uma batida suave na porta soa nas minhas costas. Não faço nenhum movimento ou som.

— Posso? — Devon pergunta ríspidamente do outro lado.

Ele não soou nem um pouco apologético. Mais como se ele estivesse procurando uma briga. Bem, este era o seu dia de sorte.

— *É o seu apartamento.*

Ele disse a ela que eu era uma stripper. Caso contrário, ela não teria dito isso. Ele provavelmente se gabou de eu ser dona de um clube burlesco. Muitos homens achavam minha ocupação sórdida e atraente. Não atraente do tipo case-se-com-ela-um-dia. Mais como, olhe-para-o-show-de-horrores-que-estou-atraído “*pra*” caralho.



Senti a borda do colchão afundando atrás de mim. Sua estrutura impressionante encheu a cama, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

— Gostaria de enfatizar a você, novamente, que Louisa e eu não estamos juntos atualmente nem estamos noivos. Eu nunca teria me deitado com você se estivesse com outra pessoa.

Bufo uma risada, recusando-me a encará-lo. — Por favor. Você mesmo admitiu para mim que estava transando por aí depois que eu engravidei.

— Foder não é o mesmo que ter uma parceira.

— Bem, vá dizer a todas as suas outras conexões que você finalmente encontrou uma guardiã.

— Eu não tenho outras conexões, — ele diz irritado, como se eu fosse a única que estava sendo irracional. Eu era? — O dia em que seus pneus foram cortados foi o dia em que parei de atender as ligações de outras mulheres. O que você acha que eu sou?

— Oh, você realmente não quer que eu responda a essa pergunta.

O silêncio desce sobre o quarto. Eu podia ouvir os pássaros cantando e os carros buzinando lá fora. No meio do dia, barulhos comuns pareciam tão deprimentes quando seu mundo inteiro estava desmoronando.

— Vá se casar com ela, Devon.

Afinal, seria a prova perfeita de que ele era como todos os outros homens da minha vida. Desleal e não confiável.

— Você quer que eu faça isso? — Ele reformula como uma pergunta. Uma pegadinha nisso.

Ele queria minha bênção? Para sentir-se bem consigo mesmo?

O homem ia me destruir. Mas aprendi há muito tempo que a destruição tinha seu outro lado.

Ela preparava o terreno para a reconstrução.

— Sim, — ouço-me dizer. — Nada me faria mais feliz do que ver sua bunda casada com outra pessoa. Talvez assim você finalmente pare de me perseguir. Está ficando um pouco desesperado, sabe. Um homem da sua idade.

— Você não é tão jovem quanto pensa que é, — diz ele lamentavelmente.

— Você está considerando isso, — eu digo acusadoramente.

Porra, eu não sabia o que estava pensando. O que eu estava dizendo.

Por que estava empurrando ele assim?

— Sim, — ele diz calmamente.

Quebro em mil pedaços por dentro.

Isso é o que você obtém se abrindo, mesmo uma polegada.

— Bem... — sorrio, esperando que ele não possa ver as lágrimas que começaram a escorrer pelo meu rosto, — ... não me deixe ficar no seu caminho.

Sinto a borda da cama subir quando ele se levanta e caminha até a porta.

— Entendido, *Sweven*.



Nas duas semanas seguintes, fiquei irritada e combativa.

Coloquei minha raiva em tudo o que fiz. Bati no teclado do meu escritório enquanto trabalhava nas planilhas. Gritei com



Ross pelas razões mais idiotas quando ele ousou falar comigo sobre qualquer coisa que não fosse trabalho.

Quando minha mãe veio para uma visita dos bairros ao redor trazendo roupinhas amarelas de bebê, gritei para ela que comprar antes de o bebê nascer dava azar.

E eu tinha certeza de que corria para todos os lugares em vez de caminhar, apenas por causa da adrenalina correndo em minhas veias.

Eu não tinha visto Louisa desde aquele dia, mas só podia imaginar que Devon estava vendo-a.

Ele parou de voltar para casa todos os dias às seis horas em ponto, como costumava fazer.

Na verdade, eu quase nunca o vi. Quando nos cruzávamos, geralmente de manhã cedo, quando eu acordava em busca de um lanche e ele voltava de suas partidas de esgrima, ele acenava para mim brevemente, mas não ficava por perto para o abuso verbal diário que eu o tratava.

Mais do que tudo, senti uma perda aguda e terrível. Lamentei todas as vezes que o tratei terrivelmente, sabendo que eu mesma o causei. Desde o primeiro dia, eu era impossível. E agora, quando queria ser possível para ele, era tarde demais.



Eu tinha certeza de que Louisa ainda estava em Boston, vagando com o único propósito de torná-lo dela.

Ele estava fora do apartamento todas as horas do dia e da noite, provavelmente conhecendo-a, reconectando-se e planejando sua nova vida juntos.

Certa manhã, na cozinha, não aguentei mais.

Quando ele preparou um shake de proteína e eu me servi de um copo grande de suco de matcha, virei-me para ele e perguntei: — Como está Louisa, afinal?

— Muito bem, — disse ele duramente.

Esta era a parte em que eu normalmente inseriria uma farpa, uma espécie de insulto, mas estava tão exausta, tão deprimida, tão brava comigo mesma, que perguntei: — Vocês estão...?

Ele curvou uma sobrancelha para cima, esperando pelo resto.

Lá se vão os dias em que ele facilitava as coisas para mim.

— Vocês estão juntos? — Cuspi o resto da pergunta.

— Incerto. Pergunte novamente em algumas semanas.

Eu queria vomitar, e nem sentia mais enjoos matinais.

— Devon, desculpe-me.

Desculpe pela forma como o tratei.

Desculpe por não ir à polícia, mesmo sabendo que era a coisa mais inteligente a se fazer.

Desculpe, eu estava tão ferrada que não consegui manter uma coisa boa quando me foi entregue.

— Ora, querida, nós dois concordamos que foder a mesma pessoa por um período superior a cinco meses é escandalosamente chato. — Ele estendeu a mão para acariciar meu rosto com seu sorriso sardônico. — Acabou o tempo.



A noite que mudou nosso novo *status quo* aconteceu em uma sexta-feira despretensiosa.

Estava preparando-me para deixar Madame Mayhem e voltar para o apartamento de Devon.



Antes da chegada de Louisa em Boston, tentei reduzir as horas no clube. Desta vez fiquei até tarde, sabendo que com toda a probabilidade Devon não estaria em casa.

Eu tinha sido boa em sair com Si o máximo que podia e ter certeza de que Persy, Ash e Sailor estivessem sempre comigo quando eu saía na cidade, então baixei um pouco a guarda.

Eram quase onze da noite quando tranquei o escritório dos fundos. Caminhei pelo beco em direção ao meu carro, segurando minha bolsa no peito, minha arma dentro dela.

Embora não estivesse carregada por razões óbvias, ainda me fazia sentir significativamente mais segura.

As luzes do meu carro piscaram quando o destravei com o chaveiro.

Dei mais alguns passos, parando entre as latas de lixo industrial, odiando que eu disse a Simon para sair mais cedo hoje.

Senti um peso terrível se lançar sobre mim por trás.

Cambaleei para frente, procurando a arma na minha bolsa, mas a pessoa que me atacou foi mais rápida.

Agarraram-me pelo braço e bateram minhas costas contra o meu carro na escuridão. Engasguei por ar.



— Solte! — Rosnei, ficando cara a cara com um homem vestindo uma balaclava preta.

Não podia ser Frank porque ele era mais alto e mais magro que meu ex-funcionário.

Mas poderia ser o homem do Comum. O que eu não tinha ouvido falar em meses.

— Acho que não, querida. Vamos ter uma longa conversa produtiva sobre como você precisa deixar esta cidade.

Sair da cidade? O que aconteceu sobre me matar? Eu tinha sido rebaixada apenas para banimento?

Ele estendeu as mãos enluvadas, tentando prender-me a uma parede próxima. Aproveitei para chutá-lo nas bolas. Meu joelho caiu bem entre elas.

Ele dobrou em dois. Chutei-o no peito e ele caiu no chão. Inclinando-me, puxei a balaclava de sua cabeça.

Era o homem do Comum.

Que porra?

— Frank mandou você? — Empurrei meu salto agulha contra sua garganta, ameaçando esmagá-la se ele fizesse um movimento errado.



— Quem diabos é Frank? — Ele me olhou absurdamente.

A trama engrossou. Quantas pessoas eu irritei este ano? Isso estava ficando ridículo.

— Quem é você?

— Você precisa sair de Boston.

— Diga-me quem o enviou. — Pressionei meu calcanhar com mais força em seu pescoço.

— Sua bolsa estourou, — disse ele.

O quê? Como ele sabia que eu estava grávida? Eu não estava mostrando.

Olhei para baixo. Ele aproveitou. Virou-se, rolando no chão, pulando de pé com facilidade.

Corri para o abrigo, abrindo a porta do passageiro, fechando-a atrás de mim e trancando as quatro portas automaticamente, ofegando histericamente.

Suas mãos bateram na minha janela com força enquanto ele tentava chegar até mim novamente.

— Cadela!



— Quem é você? — Liguei a ignição com dedos trêmulos. —
O que você quer?

— Deixe Boston! — Ele chutou meu carro. — Comece a
dirigir e não olhe para trás!

Pisei fundo no acelerador, derrubando uma das latas de lixo
enquanto dirigia para a Main Street. Passei pela entrada de
Madame Mayhem, Chinatown, e pela agitação do centro de
Boston em direção a Back Bay, meu coração batendo loucamente
no peito.

Pensei em ligar para Pers, ou Sailor, ou Aisling, mas no final
das contas não queria as perguntas e sondagens. A única pessoa
com quem eu realmente queria falar era Devon, mas perdi tudo
isso na noite em que disse a ele para se casar com Louisa. Talvez
se ele estivesse em casa, pudéssemos conversar.

Eu poderia dizer a ele o que aconteceu, e poderíamos ter
uma conversa.

*Ou talvez você possa fazer a coisa certa e resolver o problema
com suas próprias mãos.*

Foi assim que me vi parando em frente a uma delegacia. Eu
sabia que isso era o que Devon iria querer. E finalmente
reconheci que precisava aprender a cuidar de mim mesma antes
de dar à luz.

Arrastei-me no banco do motorista por alguns minutos, tentando regular minha respiração e dar ao meu corpo a chance de parar de suar muito. Essa frequência cardíaca elevada não poderia ser saudável para o bebê Whitehall.

— Está tudo bem, estamos bem. — Dei um tapinha no meu estômago, esperando que ela acreditasse em mim.

Deslizando para fora do carro, entrei na delegacia e parei na frente do recepcionista que, juro por Deus, estava rabiscando no livro à sua frente, bocejando e dando-me uma visão do chiclete dentro de sua boca.

— Gostaria de fazer uma denúncia.

Ou era um relatório? Eu nunca tinha feito isso antes. Só conhecia delegacias de filmes e programas de TV.

— É sobre o quê? — Ele estourou o chiclete na minha cara. Agradável. Profissional.

— Perseguidores.

— Plural? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Infelizmente.

— Sente-se. Alguém estará com você em um segundo.

Mas alguém não estava. Na verdade, esperei trinta minutos até que uma policial viesse registrar minha queixa. Ela parecia extremamente desinteressada na minha história, sobre o homem no clube, e o Common, e Frank, e o que aconteceu esta noite.

— Ligue-me se tiver alguma informação nova. — Ela me passou seu cartão, também bocejando antes de me despedir.

Está bem então. Chame-me de desanimada.

— É isso? — Perguntei, piscando.

Ela deu de ombros. — Você esperava fogos de artifício e guarda-costas?

Eu esperava que sua bunda fosse competente. Mas dizer isso só me colocaria em problemas com a lei, e já Devon achava que eu era incapaz de fazer uma omelete sem queimar seu “apartamento”.

Durante toda a viagem de volta, tive que me convencer a não voltar para a delegacia e dizer ao oficial o que estava pensando.

Estacionei no estacionamento subterrâneo do prédio de Devon. Ele tinha duas vagas de estacionamento e não usava nenhuma delas. Ele optava por estacionar do lado de fora, ao ar livre, mesmo quando estava muito frio.



Pegando o elevador, desci em seu andar e entrei no corredor de seu loft, quando ouvi o som de utensílios tilintando vindo de trás da porta. Verifiquei meu relógio. Era quase uma da manhã. Meu companheiro de casa com certeza não aderiu à regra de *não comer depois das seis*.

Meu coração imediatamente deu um salto mortal, desta vez com esperança.

Isso é bom. Ele está em casa.

Nesse horário ontem, ele estava fora. Provavelmente em Badlands ou com Louisa — ou ambos.

Digitei o código na porta e abri, borboletas fervilhando dentro do meu peito.

Desta vez, tentaria honestamente não ser uma idiota furiosa. O que quer que tenha acontecido entre Devon e Louisa, ele ainda era o pai do meu filho, e ainda precisávamos nos dar bem.

Encontrei Devon sentado à mesa de jantar em frente a Louisa, sorrindo para ela enquanto ela pressionava um copo de vinho fresco em sua bochecha enquanto ria como uma megera.

Não, não, não, não, não, não.



Nos primeiros segundos, fiquei congelada no meu lugar na porta, observando-os.

A dor no meu peito era insuportável. Eles pareciam próximos. Íntimos. Como um casal. Eles faziam *sentido* juntos. Não importa como eu torcesse isso, Devon e eu parecíamos um casal improvável. O Príncipe e a Prostituta.

— Oh, olhe, é sua amiguinha, — Louisa exclamou com falsa simpatia, como se ela tivesse aprendido a gostar de mim em um período de duas semanas.

Devon nem sequer virou a cabeça para olhar para mim.

Seus olhos permaneceram focados em sua comida.

— Noite, Emmabelle.

Emmabelle. Não Sweven.

— Obrigada, Dev. Eu posso olhar pela porra da janela.

— Encantador, — Louisa murmurou. — Como você está se sentindo, Emmabelle? Você deveria voltar para casa mais cedo. Dar ao bebê um pouco de descanso.

— Não tinha percebido que você era médica, — eu disse cordialmente.



— Oh, eu não sou, — Louisa sorriu.

Sorri de volta, de uma forma que dizia, *então por que você não cala a boca?*

— Apenas tentando ser útil! — Ela inclinou o ombro contra o de Devon. Percebi que ele não a empurrou para longe ou mesmo pareceu levemente desconfortável.

Deus, isso era horrível. Eu morreria de ciúmes, não ia? A primeira pessoa no mundo a morrer por causa do sentimento.

— Temos alguns aspargos e bifes sobrando. Eu te fiz um prato. Está na geladeira — observou Louisa.

Uau. Seu jogo *Aceitando ser Esposa Troféu* era forte. Não só cozinhou para ele, ela também conseguiu de alguma forma fazer-me a peça lateral em alguns passos fáceis.

— Fantástico. Bem, não se importe comigo em seu caminho para negociar o casamento mais branco da história do mundo, completo com prováveis filhos consanguíneos e infidelidades definitivas no caminho, — gorjeei, indo para o meu quarto de hóspedes. — Aproveite o resto da sua noite!

Quando me joguei na cama, peguei o cartão que o oficial me deu e pisquei com fúria.

A polícia não ia me ajudar.



Minha história nem fazia sentido.

Rasguei o cartão em pedaços.

Eu seria meu próprio protetor.

CAPÍTULO VINTE

Quatorze anos de idade.

A aurora rompe o céu em tons de rosa e azul brilhantes.

O treinador Locken e eu somos as únicas pessoas no reservatório de Castle Rock.

— Pensei que você trabalharia em seu tempo sem os outros corredores. Estou eliminando os bons acampamentos de atletismo para você no verão, — diz ele.

Sinto-me ficar com um tom brilhante de rosa, pelo menos cinco vezes mais escuro que o amanhecer sobre nossas cabeças.

O treinador Locken parece particularmente bonito esta manhã. Barbeado com calça de moletom cinza que destaca suas pernas fortes e um capuz azul que se agarra aos músculos. Eu vi aquele professor de geografia assustador na TV, e desculpe-me, mas você simplesmente não pode compará-los. Posso pensar em pelo menos cinquenta garotas na escola que desapareceriam com o treinador Locken na sala de luta e abririam as pernas para ele. Aquele outro professor era velho e nojento.

— Não vou decepcioná-lo, treinador.

Então estou fora.

Correr na floresta é o meu favorito. Gosto da temperatura fresca, do ar fresco. Os sons desconhecidos.

Corro um circuito de dois mil metros. Três rodadas. O treinador inicia seu cronômetro. Ele está parado na beirada do circuito, e quando olho para trás antes de desaparecer no espesso manto de árvores, percebo que seus olhos permanecem nas minhas pernas.

Não vou mentir, estou de bermuda super curta. Não é accidental. Ultimamente, meus devaneios sobre beijar o treinador Locken vazam pela noite. Eu sempre acordo suada e úmida entre as minhas pernas. Tento me acalmar com banhos frios e assistir filmes com outros caras gostosos, mas não está funcionando. Ele é o único garoto (bem, cara, sério), que eu realmente gosto.

Todas as minhas amigas já estão beijando e se pegando. Eu sou a única que ainda não. Mas mesmo que eu quisesse ter um namorado para beijar, sei que não vai ser tão bom, tão bom quanto os dedos do treinador nos meus joelhos e coxas, então qual é o ponto?



É apenas uma fixação, digo a mim mesma enquanto dou a volta na primeira volta e o vejo à distância. Depois de beijá-lo, você não ficará mais obcecada.

E então eu começo a inventar desculpas para mim novamente. E daí se ele é casado? Que sua esposa está grávida? O que ela não sabe não será capaz de machucá-la.

Um beijo não vai significar nada. Ele provavelmente vai me fazer um favor e nunca mais pensar nisso. E poderei seguir em frente e conhecer alguém da minha idade.

Mas então penso no que meu pai disse sobre aquele professor de geografia, e meu estômago dá tantas voltas que fica pesado de pavor. Penso em papai beijando outra mulher que não é mamãe e tenho vontade de vomitar. Está errado.

Não quero ser essa pessoa, a pessoa que torna a vida de alguém... errada.

Mas se o treinador Locken decidir trair sua esposa, as coisas entre eles não serão tão boas. Você não pode destruir um bom relacionamento, pode?

O segundo circuito é uma brisa. Estou tão dentro da minha cabeça, no piloto automático, que minhas pernas me carregam na velocidade da luz. Eu nem preciso regular minha respiração. É na terceira volta que meu joelho começa a ceder. É mais do que uma

dor incômoda e persistente. Desta vez há um zunido afiado no meu pé também. A câibra é insuportável. Eu manco o resto do caminho até ele.

— O que aconteceu? — Ouço o treinador Locken antes de vê-lo enquanto desço a curva montanhosa. — Você estava prestes a quebrar seu recorde antes desse último circuito.

— Meu pé está com câibras, — grito de volta.

— Tudo bem. Vamos ver.

Ele me oferece seu braço quando eu chego a ele, e inclino-me contra ele enquanto corremos em direção ao seu carro. É o único carro estacionado na beira do reservatório. Papai me deixa no treino antes de ir para o trabalho – não antes de ter certeza de que outras crianças e o treinador estão lá – e eu normalmente pego uma carona de volta para a escola com um dos pais dos corredores.

É um grande Suburban prateado. Ele abre o porta-malas e é do tamanho do meu quarto. Há equipamentos esportivos espalhados por toda parte.

— Entre. — Ele sacode o queixo. Mas não posso. Meu pé está nocauteado. Com um sorriso compreensivo, o treinador Locken me alcança. — Posso?

Concordo. Ele me levanta pela parte de trás das minhas coxas para sentar na borda de seu porta-malas aberto. Ele pega meu pé machucado, tira meu tênis de corrida e a meia, e começa a massagear, realmente cavando os polegares enquanto arqueia meu pé, girando-o aqui e ali.

— Puta merda, — eu gemo, grudando-me horizontalmente em seu tronco, então estou deitada. — Isso parece como dar à luz.

Também me faz pensar em sua esposa grávida e apaga a emoção de ser tocada por ele.

— Cuidado com essa linguagem, mocinha. — Mas ele parece mais um amigo do que um professor.

— Desculpe, mas dói como um mofo⁸⁶.

Será que ele sabe o que essa gíria significa?

— Custos da perfeição.

— É melhor eu conseguir aquela bolsa de estudos.

— As chances são boas. Você gostaria de permanecer por aqui ou ir para outro lugar para a faculdade? — Ele pergunta.

⁸⁶ Mofo é a abreviação de motherfucker – filho da puta.

— Costa Oeste, talvez. — Pisco de volta para o teto de seu SUV. — Califórnia.

Praias douradas e sol escaldante soam como minha vibe. Aposto que Santa Barbara e eu vamos nos dar muito bem.

— Sério? Crescendo, morei em Fresno por um tempo. Se você se mudar, eu lhe darei o número da minha tia. Você sabe, para não se sentir tão sozinha. O que seu namorado pensa sobre isso? — Ele cantarola. — Você quer se mudar para o outro lado do país.

— Eu não tenho namorado, — respondo, um pouco sem fôlego, um pouco rápido demais.

— Ross Kendrick não é seu namorado? — Locken pergunta inocentemente, arregaçando as mangas.

Oh. Vamos. Ross Kendrick não gosta de garotas e também não tem vergonha disso. O treinador não corre o risco de ganhar nenhum prêmio Oscar por sua atuação.

— Como está a sua mulher? — Mudo de assunto. Uma coisa é patinar sobre o proibido e outra entrar direto nele. — Você vai ter um menino ou uma menina?

— Um menino. — Ele não parece muito entusiasmado em responder à pergunta, seu tom ficando azedo. — Ela foi morar com a mãe. É complicado.

— OK.

Ouvimos um estalo alguns segundos depois, vindo do meu pé.

— Ahh. Você me quebrou, — eu rio.

— Ainda não, — ele murmura baixinho, mas eu ouço. Ouço, e de repente estou cheia de um novo desespero para ser tocada por ele.

— Role o tornozelo. Estique o calcanhar.

Trago meu joelho no meu peito e faço o que me manda. Eu sei que visão ele está tendo agora, quando estou nesta posição. Meu short de corrida sobe e ele pode ver minha calcinha. Algodão branco.

— Sinto-me muito melhor. Obrigada.

— Uma massagem para aqueles músculos curtos? — ele oferece, sua voz comicamente grossa agora. — Ainda temos vinte minutos antes do início das aulas.

— Certo.

Desta vez, ele junta meus calcanhares, afastando meus joelhos o máximo que pode. Estou bem aberta na frente dele

enquanto seus dedos começam a viajar pela parte interna das minhas coxas. É um trecho brutal, mas eu preciso disso.

Mesmo assim, sei que ele não deveria me tocar daquele jeito, e que nós passamos dos limites. O fio vermelho invisível que nos separa de casualmente inadequado para fazer algo que poderia colocá-lo na cadeia e eu em terapia por toda a vida.

— Obrigada, — gemo. Isso é tão bom. O estiramento. As mãos dele. Tudo.

Estou indo para o inferno.

— Sim.

Seus polegares tocam a barra do meu short enquanto ele desenha círculos na minha pele. Uma vez. Duas vezes. Na terceira, sei que não é accidental. Eu sei que estamos à beira de algo. Sei que isso não deveria acontecer.

Ele pega meu pé e estica meu tendão, prendendo meu pé ao lado da minha cabeça. Quando ele se inclina para mim, sinto seu pênis pressionado contra minha virilha através de nossas roupas. Parece que está pulsando. Minha boca fica seca.

— Então sua esposa mora com a mãe agora? — Pergunto em voz alta. Eu não sei por quê. Talvez para distraí-lo. Talvez para me distrair. Talvez para nos lembrar de que ela existe.

— *Sim. Não estamos nos melhores termos. Não é... não estamos realmente juntos.*

Ele me libera do alongamento do tendão. As pontas de seus polegares estão tocando a barra da minha calcinha sob meu short agora. Ele para. Eu engulo em seco. Fecho meus olhos.

— *Emmabelle.*

É a primeira vez que ele não me chama de Penrose. Eu não respondo. Não respiro. Odeio que uma parte de mim queira isso. Odeio que minha calcinha esteja úmida novamente.

— *Eu posso fazer isso muito bom para você, querida. Mas você não pode contar a ninguém, ok?*

Minhas palavras se foram. Encolhidas dentro da minha garganta. Eu sei que deveria dizer não. Eu quero dizer não. Mas de alguma forma ouço-me dizendo sim. Quero agradá-lo.

— *Vou ter muitos problemas se as pessoas descobrirem. Mas eu sei que você quer. E... bem, eu estava querendo há um tempo.*

Uma batida passa sem que nenhum de nós digamos ou façamos nada. Seus polegares nas laterais da minha calcinha parecem estranhos. Não pertencem. Mas também... emocionantes.

Justo quando eu acho que ele vai puxar meu short para baixo e tirar minha calcinha e entrar em mim – do jeito que eu vi em um

filme pornô uma vez – ele puxa os dois para o lado. Uma brisa fresca passa pela minha vagina, deixando-me saber que ela está completamente exposta a ele.

Abro um olho e o vejo observando-me, lambendo os lábios.

— Porra, — diz ele.

— Eu... eu sou virgem.

Mas o que estou realmente tentando dizer é que quero manter assim. Eu não sou como Persy. Não quero esperar até o casamento para perder a virgindade, mas quero que signifique alguma coisa. Para não pensar em alguns anos e lembrar que dei para alguém que estava esperando um filho com outra pessoa.

— Sim, eu sei. Eu nunca vou te machucar, querida.

E então antes que eu perceba, ele está agachado, na frente de sua caminhonete aberta, chupando minha vagina em sua boca. Estou mortificada. Parece tão estranho. Quero afastá-lo, mas também não quero parecer um bebê chorão, especialmente depois de quão bom ele foi para mim. Como ele sempre me dá atenção extra, massageia minhas pernas, trabalha no meu joelho.

Eu aperto meus olhos e lembro-me que ninguém vai saber.

Nem Persy. Nem meus pais. Nem Ross e Sailor, meus melhores amigos. Definitivamente não os outros corredores. Se



uma árvore cai no meio da floresta e ninguém ouve... isso realmente aconteceu?

Este será o nosso pequeno segredo.

A coisa que levo comigo para o túmulo.

Tudo parece molhado entre minhas pernas. Não sei se gosto ou não. Quer dizer, eu gosto de atenção, mas... eu não sei. Não necessariamente todo o resto.

Depois do que parece uma eternidade, mas provavelmente são apenas dez minutos, ele para, vira-se de costas e vejo seus braços flexionando através do moletom. Ele está batendo uma. Ele termina. Eu não vejo nada disso, já que ele está de costas para mim. Ele se limpa com lenços umedecidos e volta para o portamalas. A essa altura, estou sentada na beirada de novo, as pernas penduradas, como se nada tivesse acontecido.

Nós estamos bem. Está tudo bem. Ele não está realmente com sua esposa, e isso é consensual. Não é como aquele artigo de notícias. Além disso, se é tão ruim, por que é tão bom?

— Ei. — Ele sorri.

— Oi.



Então ele me beija, língua e tudo, e eu sinto o gosto almiscarado e terroso de mim mesma e de sua saliva – uma mistura de coisas que eu nunca provei antes.

É quando decido que o pecado não tem um gosto tão ruim.

CAPÍTULO VINTE E UM

Devon

Segundos depois de Sweven bater a porta de seu quarto com um estrondo, Louisa vira-se para mim e diz: — Eu não sou estúpida, você sabe.

— Nunca pensei que você fosse, — digo facilmente, tomando um gole do meu vinho.

— Você ainda não me tocou. Nem mesmo um beijo.

Foram seis encontros. Eles foram bons encontros também, embora eu tivesse o cuidado de ser o Respeitável Devon perto dela. Não discutimos animais estranhos, e ela não me provocou sobre minha idade, minha língua ou meu sotaque – e, pensando bem, minha existência.

— Orgulho-me do meu bom comportamento, — digo ociosamente.

— Você é o maior pecador de todos eles, e nós dois sabemos disso. — Ela me oferece um sorriso impaciente. — Se você me quisesse, você já teria me levado.

Inclino-me para trás em meu assento, examinando seu rosto pensativamente.

Louisa estava a ponto de aparentar sua idade, sua pele havia se tornado mais fina, grudando-se delicadamente em seus ossos, dando-lhe uma aparência elegante e levemente desnutrida. Ela estava muito longe da *Sweven* de bochechas roliças, com sardas polvilhadas e a pele corada e saudável.

A beleza de Louisa tinha história, rugas e histórias.

Ela era adorável de uma forma que era muito mais interessante do que um mulherão que parecia *photoshopada* a um centímetro de vida.

— Eu gosto de você, — admito para Louisa.

— Não o suficiente para fazer um movimento, aparentemente, — diz ela facilmente.

Tudo era fácil com ela, e aí estava a tentação de ceder ao pedido de minha mãe.

— Então por que você está aqui? — Pergunto.

— Eu ainda tenho esperança. É tolice? — Ela torce a taça de vinho aqui e ali na mesa, segurando-a pela haste.

— Tolicie? Não. Improvável? Sempre.

— Eu acho que posso ser capaz de quebrar você, — Louisa medita, bebendo seu vinho tinto. A luz das velas dançou nos planos de seu rosto, fazendo seu sorriso parecer mais suave. — Se eu lhe dissesse há um ano que estaríamos sentados juntos, discutindo um possível caso, você não teria acreditado em mim.

— Não, eu não teria, — admito.

— Ainda assim, aqui estamos.

— Aqui estamos.

Roubei outro olhar para a porta de *Sweven*.

Desta vez, ela não bisbilhotou ou espiou.



No final daquela semana houve um baile.



O septuagésimo oitavo Boston Ball anual, uma arrecadação de fundos para a Fundação Gerald Fitzpatrick, uma organização sem fins lucrativos isenta de impostos 501c3⁸⁷ que simbolizava para muitos a chegada oficial da primavera.

A renda do baile, que geralmente custava cerca de três milhões de dólares, ia para vários estabelecimentos locais que eu não gostava nem queria saber.

Mas era uma excelente dedução para minha firma, sem mencionar uma ótima desculpa para usar meu terno Ermenegildo Zegna.

Participar do Boston Ball também era um movimento de negócios.

Eu teria dificuldade em encontrar um lugar melhor que reunisse todo o Clube de Proprietários de Ilhas Privadas de Boston, a maioria dos quais eram clientes existentes ou potenciais.

Enquanto eu estava lá, no O'Donnell Ballroom, examinando o local, não pude deixar de sentir uma ponta de orgulho.

Tornei-me o oposto polar do meu pai.

⁸⁷ É uma categoria de imposto no Código da Receita Federal dos Estados Unidos (IRC) para organizações sem fins lucrativos.



Um homem trabalhador e respeitador da lei que não se deixou influenciar por mulheres ou bebidas.

O O'Donnell Ballroom era um local de 5.000 metros quadrados na Boylston Street, com grandes janelas, elegantes detalhes arquitetônicos Tudor, vigas de madeira preta, candelabros e cortinas de seda champanhe.

Garçons flutuavam pelo salão, ignorando mulheres em vestidos de baile e homens em ternos elegantes. Eu estava em um grupo de pessoas, incluindo Cillian, Hunter, Sam e o pai adotivo de Sam, Troy, enquanto ficava de olho em Emmabelle.

Eu sabia que ela estaria aqui. Sua irmã ajudou a organizar o evento, e *Sweven* comemorava cada uma das realizações mundanas de sua irmã.

— ...disse que ele começar um banco privado é uma ideia tão risível quanto eu começar uma cruzada cristã para salvar sapos peludos. Eu nunca compraria em seus empreendimentos, — ouço Cillian explicar a Troy.

Se Cillian estava aqui, sua esposa estava por perto. E se Persephone estava no local, Belle não poderia estar mais distante do que alguns metros.

— Eu só coloquei dois milhões nisso, — Hunter gritou defensivamente. — Para que eu pudesse estar no conselho e



ganhar alguma experiência. Se fracassar, fracassou. Não me importa.

— Devon? O que você acha do novo banco de James Davidson? — Sam puxa-me para a conversa, o sorriso tortuoso em seu rosto dizendo-me que ele sabia que eu não ouvi uma palavra do que eles disseram.

Bato meu dedo indicador sobre a taça de champanhe que eu segurava.

Tentei pensar *o que* pensava. Estava mais focado em tentar encontrar minha colega de quarto do que na conversa. — Acho que Davidson é um lixo em tudo o que faz, e eu disse isso a Hunter quando ele veio até mim com a proposta. Felizmente, Hunter precisa de seu dinheiro como eu preciso de outra mulher hormonal para lidar, então, como ele disse, não se preocupe.

— Como Emmabelle está indo, afinal? — pergunta Hunter.
— Ela está começando a aparecer?

Achei que sim, da última vez que a vi, há alguns dias. Quando ela passou por mim na cozinha, pensei ter visto um vislumbre de uma barriga arredondada. Eu não poderia dizer com certeza. Mas desde que mantive minhas cartas perto do meu peito quando se tratava de minha vida pessoal, eles não tinham ideia de que eu não estava falando com ela.



— Moderadamente.

— Você está aproveitando os desejos de gravidez? — Sam ergue uma sobrancelha.

Levanto meu champanhe no ar em saudação. — Mesma resposta.

— Bem... — Cillian tem prazer em direcionar o dedo mindinho para além do meu ombro, apontando para algo —... então você pode querer garantir que você é o único a desfrutar desses desejos, porque Davidson parece estar trabalhando em seu próximo empreendimento privado.

Sigo sua linha de visão, virando-me para ver Emmabelle de pé no canto da sala, usando um vestido de seda azul-claro da Cinderela, seu cabelo arenoso em um penteado elegante.

Ela está rindo de algo que James Davidson está dizendo, seus dedos esvoaçando sobre seu colar.

O mesmo Davidson que não distinguiria um mau negócio de um bom negócio se cortasse sua perna sem anestesia.

Ele era objetivamente bonito como um pão branco, com cabelos castanhos e grossos, grandes dentes brancos e os modos lânguidos e preguiçosos de um homem que nunca teve que trabalhar para o que possuía.



E ele estava completamente encantado com a mulher lúgubre e chocantemente vívida na frente dele.

Apertei os olhos, focando em sua barriga. Para minha decepção, o vestido escondia muito bem a barriga. Não importava. Se Belle queria dormir com Davidson esta noite, nada iria detê-la.

— James Davidson não é casado? — Fiquei surpreso ao ouvir minha pergunta soar mais como um gemido.

— Recentemente divorciado, — Hunter corrige, à minha direita. Ele bate seu ombro contra o meu enquanto nós dois olhamos para Belle rindo roucamente de algo que Davidson disse.

O que poderia tê-la feito rir? O cara era mais seco que um bolo de arroz.

— Sua ex acabou de comprar um novo Cadillac e um par de peitos para provocá-lo, mas ouvi dizer que ele está se mudando para pastos cada vez melhores.

— Esse pasto não vai ser Emmabelle.

Cillian faz um som de desdém. — Duvido que ela tenha recebido esse memorando.

— Ela está apenas sendo educada, — lamento.

— Sim, a mãe do seu bebê é conhecida por seus modos. —
Sam ri.

— Além disso, pessoas educadas não tocam no peito de
outras pessoas. — Hunter ri.

Malditos. Ela *estava* tocando o peito dele.

Eu não era um homem violento, mas tinha certeza de que
estava a caminho de fazer algo que me levaria à prisão estadual.

— O que você acha? — Pergunto a Sam.

Do outro lado da sala, Emmabelle balança a cabeça quando
um garçom se aproxima dela com uma bandeja de champanhe
enquanto James inclina-se para ela, sussurrando algo em seu
ouvido.

— Acho que se eu estivesse no seu lugar, James teria
perdido seis dentes e um pulmão perfurado agora, — diz Sam
indolentemente.

Essa era toda a garantia que eu precisava de que não estava
exagerando. Mesmo que eu *estivesse* exagerando, porque estava
namorando outra mulher, mesmo que tecnicamente, eu não a
tivesse tocado.



Movi-me rapidamente, roçando os ombros, atravessando a vasta sala, meus dedos pressionando com força a fina taça de champanhe.

Eu queria matar James e trancar Emmabelle em uma torre de marfim. Embora realmente, poderia culpá-la? Ela pensou que eu estava prestes a ficar noivo de outra pessoa em poucas semanas, talvez até dias.

Que tipo de reivindicação eu tinha sobre essa mulher? Nenhuma mesmo.

Parei na frente deles, sorrindo como se tudo estivesse bem no mundo.

— Belle, querida, eu estive procurando por você. — Fiz questão de beijar suas bochechas, mas ignorei quando James estendeu a mão para um aperto.

A polidez saiu pela janela quando seus olhos pousaram no que era meu.

— Você estava? — *Sweven* deu-me uma olhada preguiçosa. Mais uma vez, achei encantadora sua indiferença por mim. — Honestamente, alguém pensaria que você estaria procurando por coisas mais importantes, como sua coragem.

— Talvez eu encontre suas maneiras enquanto estou nisso, — eu digo.



— Ah, eu não sei sobre isso. Você não tem um bom histórico para encontrar coisas. Meu ponto G pode atestar.

Isso era claramente uma mentira. Eu poderia encontrar seu ponto G se estivesse em uma fila com cinco outros, e ela sabia muito bem disso, porra.

— Devon, você conhece essa joia? — James aponta para ela com seu copo de espumante como se ela fosse uma pintura que ele estava pensando em comprar.

Eu queria socá-lo no chão e depois continuar até que ele chegasse às profundezas do inferno. — Ela é tão engraçada!

— Maravilhosa, — eu digo gravemente. — E sim, conheço-a bem.

— Não bem o suficiente, aparentemente. — Belle tira o telefone da bolsa, determinada a deixar-me saber que estava mais desinteressada do que envergonhada com a cena que eu estava fazendo.

— Bem o suficiente para engravidá-la com meu bebê. — Viro-me para James, cravando nele um olhar gelado. — Você faz o que quiser com isso.

— Você está grávida? — Os olhos de James caem para a barriga dela.



Sua pele ficou pálida. Seus olhos brilharam. Talvez ele pensasse que tinha tirado a sorte grande com a esposa número dois.

Belle dá de ombros, rolando a coisa toda de suas costas. — Nós dois queremos um filho. Não é como se estivéssemos juntos.

— Nós *moramos* juntos. — Solto um sorriso de lobo.

Ela dá um tapinha no meu braço como uma tia preocupada. — Só porque você implorou.

— Implorar? Não. Mas usei uma forma pouco ortodoxa de persuasão.

— Você fala uma grande coisa, querido. Você sabe que as pessoas fazem sexo o tempo todo e não termina com casamento, ou bebês, ou mesmo, você sabe, um telefonema?

— Tente diminuir o que temos o quanto quiser, mas os fatos falam por si. Você está carregando meu filho, vivendo sob meu teto e sendo fodida por mim semanalmente.

Essa foi a parte em que James Davidson se desculpa e finge ter notado alguém do outro lado da sala.

Fico com *Sweven*, que me encara como se fosse comer minhas bolas no café da manhã amanhã.

— Que porra é essa, cara?

— A porra é que você está flertando com um dos piores charlatões do negócio na frente dos meus olhos, e eu não posso arriscar sua inteligência abaixo da média e terrível lógica retrógrada perto do meu filho. E se ele se tornar o padrasto dela?

Eu estava bem ciente de que soava como um terrível hipócrita.

Os olhos azuis de Belle arregalam-se, mais de raiva do que de choque. — Você está brincando comigo agora?

— Não agora, mas talvez mais tarde. Não há muito humor em nossa situação.

— Você vai *se casar* com outra pessoa! — Ela me dá um soco no peito. Forte.

Estávamos começando a chamar a atenção errada.

Infelizmente para Belle, ela finalmente encontrou seu par. Eu não me importava muito com o que as pessoas pensavam de mim. A maioria ficava tão deslumbrada com meus títulos e sotaque que me deixariam escapar impune de um assassinato.

— Eu ainda deixaria você aquecer minha cama, se você jogar suas cartas direito. — Eu sabia que isso ia deixá-la maluca.



E deixou. Ela deu um tapa no meu rosto dessa vez. *Forte*. Eu não reagi.

— Leve-me para algum lugar privado para que eu possa arrancar sua cabeça corretamente, — ela comanda.

Pressiono minha mão contra a parte baixa de suas costas e a conduzo para uma biblioteca mezanino no canto da sala. Era um espaço pequeno, pintado de parede a parede com um céu preto elaborado pontilhado de estrelas que fazia você se sentir como se estivesse no espaço sideral.

Um grupo de empresários descansavam ali, conversando preguiçosamente enquanto bebiam suas bebidas.

— Fora! — eu grito.

Eles fogem como as lebres faziam quando meu pai soltou seus cães de caça. As pessoas nesta cidade sabiam que eu era um bom amigo e um terrível inimigo.

Prendi *Sweven* em uma das paredes, meus olhos caindo em seus lábios deliciosos.

Ela não tinha para onde se mover. Nenhum lugar para ir.

— Aqui, — assobio sedutoramente para seus lábios. — Arranque minha cabeça. Vou até desatar o cinto para facilitar a vida para você.

Ela geme, empurrando-me para longe. — Você está prestes a se casar com outra pessoa, então fique longe de mim antes que eu pegue suas bolas e certifique-se de que o filho que estou carregando é *o único* que você terá.

Eu rio sarcasticamente, espalmando sua bochecha. Ela dá um tapa na minha mão.

— Você está com medo, não está? Que eu ponha um anel no dedo dela. — Fico lisonjeado, embora ainda não conseguisse entender por que ela era tão teimosa e fria.

— Na verdade, eu não poderia me importar menos. Só estou deixando você saber que não sou a peça lateral de ninguém. — Ela faz um movimento para passar por baixo do meu braço, mas movo-me rapidamente, bloqueando seu caminho até a porta.

— Quem te fodeu assim? — Eu fervi, exigindo saber.

Segurei seus braços, não querendo soltá-la, mas também sem saber como chegar até ela.

— Estou tentando o meu melhor, mas sempre chego ao mesmo beco sem saída. Você quer o pau, as brincadeiras, a conversa, mas não os sentimentos. Quando eu dou os sentimentos para outra pessoa, você surta. Então, deixe-me perguntar de novo... *Quem. Fez. Isto. Para. Você?* — Eu tremo de



raiva. Mataria o idiota. Acabaria com ele. — Quem te fez tão incapaz de ter um relacionamento saudável com um homem?

— Não é da sua conta! — Ela cuspe na minha cara. Eu nem me incomodo em limpar a saliva. Ela tenta escapar novamente. Bloqueio-a – *de novo*.

— Não tão rápido. Diga-me o que preciso fazer para chegar até você.

Eu estava completamente fora de controle.

Nós dois estávamos lutando pelo controle sobre uma situação em que nenhum de nós tinha poder.

Ela inclina o queixo para cima, um sorriso malicioso enfeitando suas feições de Afrodite.

— Não há nada que você possa fazer ou dizer para me fazer ver você como mais do que você é. Um menino rico mimado que fugiu de casa, mas nunca escapou da gaiola dourada. Você finalmente encontrou a única coisa que não pode ter – eu – e se isso te matar... Bem, então *morra*.

Bato minhas palmas contra a parede, colocando-a entre elas.

Eu estava tão frustrado que estava prestes a destruir a sala. Rasgando-a.

E onde diabos foi minha taça de champanhe, afinal?

— Você é impossível! — Eu rujo.

— Você é um idiota. — Ela boceja bem na minha cara.

— Lamento o dia em que lhe ofereci este acordo. Pelo menos, antes disso, eu tinha um pouco de respeito e simpatia por você.

— Eu não preciso de você. — Emmabelle empurra-me, seu tom profissional. — Você acha que é *muito* melhor do que sua família, não é? Só porque você trabalha para viver não faz de você um mártir. Não espere por mim em casa. Vou dormir na casa de Pers esta noite.

— Por que diabos você faria isso?

— Então você pode ter um pouco de espaço para finalmente pegar sua preciosa nova namorada! — ela explode. Emmabelle me dá o dedo enquanto corre para fora, a bainha de seu vestido balançando sobre seus tornozelos delicados.

Eu a persigo. *Claro* que eu a persigo. Neste ponto, eu era incapaz de tomar uma decisão racional quando se tratava dessa mulher.

Mas eu não estava mais apaixonado por sua capacidade de me desequilibrar. Agora, tudo que sentia era desgosto e decepção em relação a nós dois.

Eu estava velho demais para essa merda.

Emmabelle para momentaneamente. Vira-se. Abre a boca novamente.

— Você tem desfrutado de sua preciosa Louisa como se não compartilhasse um teto com a futura mãe de seu filho. Bem, se você está feliz em brincar, eu vou encontrar algum entretenimento também, e não há nada que você possa fazer sobre isso. Aproxime-se de mim novamente esta noite, e eu vou quebrar seu nariz.

Com outro *movimento* de suas saias, ela vai embora.

Eu paro.

Pela primeira, maldita vez, chego à conclusão de que perseguir Emmabelle Penrose pode não ser a coisa certa, construtiva ou *divertida* para eu fazer.

Era só eu e o vasto e escuro cômodo. Regulei minha respiração e olhei ao redor.

A vida era um negócio solitário, mesmo que você nunca estivesse completamente sozinho.



Era por isso que as pessoas se apaixonavam.

O amor, ao que parecia, era uma distração brilhante do fato de que tudo era temporário e nada importava como pensávamos.

Foi só depois que eu fiquei lá por um minuto inteiro que percebi algo intrigante.

Estava dentro de um quarto pequeno, fechado e confinado, sozinho, e não tive um ataque de pânico.

Amor tem algumas maneiras estranhas, pensei, saindo da sala vagorosamente, pegando outra taça de champanhe de uma bandeja.

Melhor não descobrir quais são.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Devon

Sweven me evitou com sucesso pelo resto da noite.

Ela esvoaçou entre grupos de pessoas como uma borboleta, toda risada rouca e dentes brancos e pontudos.

Fiz minhas próprias rondas entre clientes e associados, fingindo que não estava meio morto por dentro. O tempo parecia derreter como uma pintura de Salvador Dali, e cada tique-taque do relógio no meu pulso aproximava-me um centímetro de me virar e ir embora.

Dos meus compromissos.

Responsabilidades.

De tudo que construí e usei como muro contra o que me esperava na Inglaterra.



Em algum momento durante a noite, Persephone deslizou seu braço pelo meu e puxou-me de uma discussão particularmente entorpecente sobre suspensórios.

— Ei, amigo. — Seu vestido lavanda pairava sobre o piso de mármore.

Ela era delicada como uma casca de ovo, pálida como a lua da meia-noite. Doce e plácida, muito longe de sua irmã mais velha carro de bombeiros; eu podia ver por que ela combinava com Cillian, que era frio e insensível em todos os lugares. Ela aumentou sua temperatura, enquanto ele esfriava seu calor. Yin e Yang.

Mas Belle e eu não éramos complementares um do outro. Ela era fogo, e eu era concreto. Não nos misturávamos bem. Eu era robusto, equilibrado e estável, enquanto ela prosperava no caos.

— Como estão as crianças? — Perguntei à Persephone suavemente, já entediado com a conversa.

O que eu faria para falar com *Sweven* sobre animais peculiares agora mesmo.

— Eles estão muito bem, mas duvido que seja sobre isso que você queira falar. — Ela me dá um sorriso torto e arrasta-me



para o centro de um círculo humano, composto por Aisling, Sailor e ela mesma.

Obedeço, principalmente porque entre ter minha cabeça arrancada por um bando de mulheres e falar sobre suspensórios, eu morreria nas mãos das mulheres em qualquer dia da maldita semana.

Olhei entre as três.

— Parece que eu sou vítima de algum tipo de intervenção, — eu digo, arqueando uma sobrancelha.

— Afiado como sempre, Sr. Whitehall, — diz Sailor, balançando o uísque como se fosse água. *Definitivamente a filha de seu pai.*

Ela era a única mulher no baile a usar um terno. Ela fazia isso fantasticamente. — Queremos conversar com você sobre uma coisa.

Essa coisa era Louisa, eu tinha certeza.

Cruzei os braços sobre o peito, esperando por mais.

— Queríamos saber o que você vai fazer para garantir que Belle esteja sã e salva. Afinal, traímos a confiança dela contando a você sobre aquele homem em Boston Common. Agora queremos



saber se nossa decisão foi justificada. — Aisling prende-me com um olhar.

Elas queriam falar sobre *isso*?

— Belle mora comigo agora, e eu coloco Simon no comando dela. Estou monitorando-a o melhor que posso sem colocar um GPS SCRAM no tornozelo nela.

— Um monitor de tornozelo está totalmente fora de questão?
— Sailor pergunta com a maior sinceridade.

— Sim, a menos que eu queira perder um membro ou dois,
— digo impassível.

— Tenho certeza de que Simon é ótimo, mas ele só está com ela quando ela está no clube. Ainda acho que você deveria pedir a ajuda de Sam — insiste Aisling.

— Quando abordei o assunto de Sam com Belle, ela disse que tinha tudo sob controle e não queria a interferência dele, — aponto inteligentemente. — Ir contra a vontade dela significaria uma morte prematura para mim. Como você se sentiu quando Cillian enviou os homens de Sam atrás de você? — Virei-me para Persephone, que ficou rosa-salmão, seu olhar se deslocando para os pés.

— Nada bem, — ela admitiu. — Mas eu superei isso, eventualmente.



— Felizmente para seu marido bastardo, você é tão agradável quanto um pêssego. Sua irmã, no entanto, acho que todos podemos concordar que é mais uma toranja madura.

Aisling franze o cenho. — Belle é cabeça quente, mas às vezes você tem que fazer coisas para uma pessoa, mesmo quando ela não acha que precisa.

— Falou como um verdadeiro tirano. A maçã não cai longe da árvore.

Sweven era inatingível, inalcançável e irracional.

E eu tinha que mantê-la viva.

Eba, foda-se.

— Se ao menos tivéssemos uma ideia de quem poderia ser.
— Sailor bate na têmpora, pensando.

— Ela acha que é aquele babaca que ela disparou um tempo atrás, — ofereço.

— Frank? — Persephone torce o nariz.

Dou de ombros, embora me lembrasse do nome dele. Claro que sim. Qualquer homem na minha posição faria.



— Isso faz sentido. Ele é a única ponta solta em que consigo pensar. — Sailor esfrega o queixo.

Houve um breve silêncio, que decidi preencher com uma pergunta minha.

— Ela lhe contou alguma coisa sobre nossa situação?

— Que situação? — Persephone pergunta alerta. — Espero que você a esteja tratando bem.

— Vadia, por favor, — Sailor bufa. — Se alguém está recebendo tratamento injusto lá, é ele.

— Ela está mal-humorada, — eu digo vagamente.

— Não se preocupe, não é porque você está se casando com outra pessoa. — Sailor parece muito divertida, enfiando uma mão nos bolsos da frente de sua calça justa.

Então elas *sabiam* sobre Louisa.

Belle não escondeu isso delas. Ela simplesmente não se importou o suficiente para expandir o assunto.

— Você honestamente acredita que ela ficaria bem comigo casando-me com outra pessoa?



Eu soava como uma adolescente perguntando à sua melhor amiga se ela tinha uma chance com Justin Bieber ou não.

Quando eu quisesse procurar minha coragem e as maneiras de Belle, deveria ter um momento para encontrar minha masculinidade também.

— Ela ficaria bem se você se casasse com cinco mulheres. Simultaneamente, — Sailor diz com firmeza. — Belle não tem relacionamentos. Ou moral, para esse assunto.

— Ela nunca se apaixonou, — diz Persephone com um suspiro de desejo. — Nunca quis sossegar com ninguém.

— As pessoas mudam, — eu digo sem entusiasmo.

— Não esta pessoa, — Aisling pronuncia em voz alta minha mais grave suspeita.

— Se você está esperando que ela declare seu amor por você e você está adiando um casamento por causa disso, não faça isso. — Aisling coloca a mão no meu ombro, oferecendo-me um sorriso de desculpas. — Belle Penrose só tem amor suficiente por si mesma, seu bebê e sua família.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Belle

Quatorze anos de idade.

O inverno vem e vai. Há um pouco de zumbido ao meu redor. Eu ganho algumas competições locais e até tenho um pequeno artigo escrito sobre mim no jornal local por quebrar o recorde do condado, que papai pendura em nossa geladeira porque, aparentemente, ser embaraçoso é sua principal agitação lateral.

Em março, a esposa do treinador Locken, Brenda, dá à luz um menino saudável. Até então, estamos fazendo toda a rotina da floresta duas vezes por semana. Ele me come, então nos beijamos, então ele se masturba antes de me dar uma carona para a escola. Uma vez, em seu aniversário, ele me convenceu a lamber o suco branco pegajoso de seus dedos como se fossem pirulitos. Ele tirou três fotos. Chorei a noite toda depois que ele as levou. Ainda penso



no fato de que elas estão em algum lugar no telefone dele, e quero vomitar toda vez que me lembro.

Quando fazemos isso em seu escritório – raramente – noto que a foto de Brenda, que já esteve lá antes, está faltando em sua mesa. Ele também tira o anel de casamento, mas apenas quando praticamos sozinhos na floresta.

O treinador me disse que eles se separaram há alguns meses. Brenda não queria que ele a tocasse mais depois de engravidar e disse coisas ruins sobre seu trabalho. Como ele não ganha dinheiro suficiente e tal.

O treinador diz que gostaria que eu fosse sua namorada. Que ele poderia me levar ao cinema, ou a um bom restaurante, ou apenas para sair.

Honestamente, estou começando a pensar que talvez essa garota Brenda não mereça Steve (não tenho permissão para chamá-lo assim quando não estamos sozinhos). De qualquer forma, isso me faz sentir muito menos mal sobre o nosso caso.

Mas então Brenda dá à luz e tudo muda.

Treinador perde três dias seguidos. No terceiro dia ele está desaparecido. No refeitório, duas professoras de plantão falam sobre como Brenda deu à luz em um hospital local – e por que ela faria isso, se voltou a morar com sua mãe lá em Nova Jersey?

— Você viu o bebê? Tão doce. Ele se parece exatamente com o pai dele, — arrulha a senhorita Warski, esfaqueando seu iogurte com uma colher de plástico.

— Sim, Steve enviou as fotos para todos do grupo, lembra? E escuta essa. Ele deu à sua esposa o melhor presente após dar a luz – um carro novinho em folha.

— Um Kia Rio, certo?

— Sim. Estou pensando em comprar um também...

Sua esposa?

Presente após dar à luz?

Achei que eles não estivessem mais juntos.

À beira do divórcio.

Eu passo o resto do dia em uma névoa, forçando-me a não mandar uma mensagem para ele.

Ross foge e me compra uma garrafa de Gatorade. Ele não pergunta por que estou chateada. Por que meus olhos estão vermelhos e meu rosto está pálido.

Mais do que com o coração partido, porém, sinto uma grande vergonha.



Fui feita de tola por este homem, em quem confio.

Algo quebra em mim naquele dia.

Algo que não sei se algum dia poderei consertar.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Devon

Belle cumpriu sua promessa de não voltar para casa naquela noite.

O que me fez, por sua vez, ligar para Louisa a caminho do trabalho na manhã seguinte.

Lou estava hospedada no Four Seasons, passando os dias fazendo compras e esperando que eu tirasse a cabeça da minha bunda.

A boa notícia para ela era que minha cabeça estava se afastando pouco a pouco da dita bunda.

Louisa atendeu no primeiro toque, parecendo sem fôlego.

— Olá? Devon?

— É um momento ruim? — Viro uma esquina no meu Bentley, procurando estacionamento na rua. O estacionamento



subterrâneo parecia uma ideia ridícula. As pessoas não tinham nada que ir para o subsolo quando ainda estavam vivas.

— Absolutamente não, é um momento perfeito.

Ouçõ o baque suave de uma toalha sendo derrubada e o gemido de uma porta se abrindo enquanto um instrutor de ginástica ao fundo instruía: — Agora de volta à posição de cachorro para baixo...

— Oi. Ei. Olá. — Louisa ri um pouco de seu próprio constrangimento. Entro em uma vaga de estacionamento na rua e dou ré.

— Está tudo bem? — ela pergunta.

Estava prestes a estar.

Era hora de escolher uma pessoa que me escolheu.

— Eu queria saber se você gostaria de jantar hoje à noite.

— Certo. Devo fazer reservas para nós? — Louisa pergunta docemente. — Há um restaurante italiano incrível na Salem Street que eu queria experimentar, embora fique feliz em atender a qualquer uma de suas restrições de dieta.

As palavras do meu pai me assombravam.



Os casamentos de amor são para as grandes massas pobres. Pessoas nascidas para seguir as regras ingratas da sociedade. Não desejará sua esposa, Devon. O propósito dela é servir a você, gerar crianças, e ficar linda.

Havia um ponto a ser feito. A família Whitehall existia há tantos anos, tinha tantas tradições. Quem era ele para ditar o fim daquela linhagem? Eu não permitiria que o homem me roubasse a minha herança legítima.

— Não. — Saio do carro e ando em direção à porta da frente do meu escritório. — Eu estava pensando que poderíamos jantar em seu quarto de hotel. Tenho alguns assuntos para discutir com você.

— Está tudo bem? — ela pergunta, preocupada.

— Sim. — Subo as escadas para o meu escritório. — Tudo está perfeito. Acabei de ter uma espécie de epifania.

— Eu gosto de epifanias.

Você vai adorar esta.

— Devon... — ela hesita.

Abro a porta de vidro do meu escritório. Joanne já estava esperando com impressões da minha agenda diária e uma xícara de café fresco. Eu os arranco de sua mão.

— Sim, Lou?

— Você não me chama de Lou há muito tempo. Faz décadas.

Outra pausa.

— Devo... devo usar minhas melhores sedas?

Eu praticamente podia ouvir Louisa mordendo o lábio inferior.

Tomo um gole do meu café, sorrindo sombriamente.

— Melhor ainda, querida, não use nada por baixo do vestido.



Minha mãe me ligou várias vezes naquele dia, contornando o assunto de Louisa sem realmente falar sobre ela.



Ela perguntou sobre Emmabelle, se ainda morávamos juntos. Quando eu disse que morávamos, ela parecia consideravelmente menos alegre.

— Se Louisa e eu tivermos um futuro, o bebê e Emmabelle seriam uma grande parte da minha vida, — eu digo secamente.

— Mas você não voltaria para a Inglaterra, — mamãe responde. — Ela acorrentaria você a Boston para sempre.

— Eu amo Boston. — Realmente amava. — Agora é minha casa.

O Whitehall Court Castle nunca foi mais do que paredes cheias de más lembranças.

Durante a minha pausa para o almoço, peguei um anel de noivado de 1,5 quilates com corte almofadado da Tiffany & Co.

Quando voltei ao escritório, instruí Joanne a comprar um grande buquê de flores e não poupar gastos com a tarefa.

— Você finalmente vai cortejar aquela garota Penrose, meu senhor, lorde? — Joanne não pôde deixar de falar por trás da tela do computador, mastigando um talo de aipo que significava sua quinta tentativa de Vigilantes do Peso naquele mês. — Já está na hora. Uma criança deve ter um lar estável, você sabe. Uma mãe e um pai. Foi assim que eu estava crescendo, Alteza.



Joanne insiste em se referir a mim com maestria, embora não tivesse ideia de como me chamar. Ela também achava que as flores eram para Emmabelle. Por que ela não deveria? Ela marcou as consultas semanais de obstetrícia de *Sweven* e enviou táxis comigo para pegar Belle.

— Não é a garota Penrose, — eu digo brevemente, entrando em meu escritório.

Joanne corre e segue-me, suas pernas curtas movendo-se com força que eu não tinha visto desde que ela teve que tirar meio dia de folga quando sua filha entrou em trabalho de parto.

— O que você quer dizer com não é a garota Penrose? — Exige.

Sento-me atrás da minha mesa, ligando meu laptop. — Não que seja da sua conta, mas estou cortejando outra mulher.

— Namorando outra... Devon, é assim que vocês fazem na Inglaterra? Porque aqui a bigamia é ilegal.

Devon? O que aconteceu com Sua Alteza Real senhor?

— Belle e eu não somos casados. — Aceno para ela.

— Só porque você não pediu! — ela explode.

— Ela está desinteressada.

Era mais fácil admitir isso para uma mulher de sessenta anos com cinco filhos e sete netos que achava que Ferrero Rocher era o cúmulo da sofisticação do que fazê-lo aos ouvidos de meus companheiros e suas esposas.

— *Faça* com que ela se interesse.

Eu rio sombriamente. — Tentei, acredite em mim. — Do meu jeito, pelo menos.

— Se ela não estivesse interessada, ela não teria deixado você colocar um bebê nela, querido. Claro que ela está interessada. Você só precisa dar um empurrãozinho. Se você sair com outra pessoa, você vai matar qualquer chance que você tenha com a garota, mesmo que o relacionamento desmorone. E *vai* desmoronar.

— Louisa é uma joia absoluta. Linda, bem cuidada e extremamente estilosa.

— Essas são boas características para um sofá, meu senhor. Não uma mulher.

— Em uma esposa, também.

Estava sendo propositalmente difícil. Por alguma razão, eu queria muito ouvir merda pelo que estava prestes a fazer e sabia que Joanne me daria isso direto.



Deus sabe que eu merecia.

Duas manchas vermelhas coloriram suas bochechas, e ela ergueu a cabeça para trás como se eu a tivesse golpeado fisicamente.

— Espere um minuto. — Jo levanta a mão. — Você acabou de dizer... *esposa*?

— Sim.

— Mas... você ama Emmabelle.

— Nossa, vocês americanos adoram usar muito essa palavra. — Tiro um cigarro de uma lata e o enfio na boca. — Eu, no máximo, quero a companhia dela. Mas ela não está disponível para mim. Preciso seguir em frente.

— Se você se casar com outra pessoa, Sua Alteza, temo que terei que desistir.

— Com que fundamento?

— Bem... que você é um bosta.

Ouvir Joanne usar blasfêmia para me descrever – ou qualquer outra pessoa no universo, aliás – cimentou o fato de que eu era, de fato, um pedaço de merda flamejante.



Eu não pude deixar de rir. — Prepare essas flores e volte ao trabalho, Joanne. E se você quiser sair, deixe uma carta de demissão na minha mesa.

Ela se virou e foi embora, resmungando baixinho.

Pelo resto do dia, ela não tentou me envolver em conversa fiada sempre que eu saía do meu escritório, nem me atacou com novas fotos de seus netos, nem me deu um lanche que ela embrulhou especialmente para mim de casa – geralmente na forma de um biscoito saudável de manteiga de amendoim e granola.

Às seis horas, quando saí do meu escritório, um grande buquê com rosas brancas, peônias e ranúnculos esperava em sua mesa com um bilhete.

Sr. Whitehall,

Você está prestes a perder tudo por nada. Parabéns!

PS Considere esta minha carta oficial de demissão. Eu desisto.

—J

Jogando o bilhete na lixeira, peguei as flores e desci as escadas.

Meu telefone começou a tocar no meu bolso da frente com uma chamada recebida. *Mãe*.

Era escandalosamente tarde na Inglaterra. Ou extremamente cedo, dependendo de como você olhava para isso.

Atendi por um capricho, sabendo que não deveria.

— E agora? — Rosno.

— Devvie! — ela chora de alegria. — Desculpe. Não vou tomar muito do seu tempo. Eu adoraria fazer uma festa de noivado para você. A primavera é um belo momento para a celebração. Existe alguma maneira de você tirar um fim de semana de folga e pegar um avião com Lou?

Não caiu bem comigo. O fato de Ursula ter assumido naturalmente que Louisa e eu já estávamos noivos.

Além disso, o pensamento de estar em um espaço fechado com os irmãos Butchart e mais algumas dúzias de membros da realza me fez querer buscar asilo em outro planeta.

— O trabalho está agitado agora.

— Você só se casa uma vez, — ela argumenta.

— Não necessariamente no século XXI.

— Espero que não seja sobre aquela mulher terrível novamente. Se ela tiver problemas, é com ela, não com você.

Aquela mulher terrível tinha um nome e, francamente, minha mãe não merecia pronunciá-lo em voz alta. Mas algo me atingiu.

Não. Não vá lá. Simplesmente não há como.

— Por que ela teria problemas? — Pergunto, abrindo a porta do motorista do meu Bentley antes de entrar. Coloquei o telefone no viva-voz e o joguei no console central. — O que você sabe?

E se fosse ela quem estivesse assediando *Sweven*?

Ela tinha todas as características discriminatórias: um motivo, um rancor e um jogo final.

Ela sabia onde eu morava, o que significava que ela sabia onde Belle morava.

E qualquer informação que estivesse faltando poderia ser preenchida por um investigador particular.

Mas ela era realmente capaz de tal coisa?

— Eu não sei de nada, — minha mãe engasgou, tentando parecer ofendida. — Eu só disse isso porque você me disse que ela era uma stripper. Elas tendem a entrar em problemas. As escolhas de vida dizem muito sobre você. Por que, o que você está insinuando?

— O que você está *escondendo*? — Contra-ataquei.

— Não estou escondendo nada. Mas conheço você, e você é um cuidador por natureza. Eu não quero que você desista das coisas por causa dela.

— Estou começando a pensar que você sabe mais do que deixa transparecer.

Isso a fez soltar uma respiração afiada.

— Você está se tornando extremamente paranoico. Estou preocupada com você. Você está surtando. Voltar para casa lhe faria bem. Por favor, pense sobre isso.





O jantar foi, como esperado, perfeito.

O cenário, o quarto, a refeição e a mulher. Todas as cinco estrelas.

Louisa estava sentada na minha frente na grande suíte em que estava hospedada, vestida com um vestido de noite preto, impecável para a ocasião.

Jantamos lagosta assada com batatas vermelhas.

As portas francesas de sua varanda estavam abertas, a brisa da primavera soprando dentro trazendo consigo o perfume das flores.

Lembrou-me a Europa. De preguiçosas férias de verão na costa do sul da França.

De carnes não processadas e queijos tão fedorentos que fariam nossos olhos lacrimejarem, e pele bronzeada, e castelos nos quais eu me perderia.

E percebi que estava com saudades de casa.

A um ponto em que começou a doer.

— Sabe, eu tentei seguir em frente depois de você. Até consegui, por um tempo, — Louisa admite, passando a ponta de

seu dedo sobre a borda de sua taça de vinho. — Frederick era um homem incrível. Ele me ensinou a acreditar, um poder que eu achava que não tinha mais. Eu costumava andar por aí com essa terrível sensação de fracasso. Afinal, todo o meu propósito nesta vida era me casar com você, e de alguma forma consegui assustá-lo.

— Lou, — gemo, sentindo-me terrível, porque em certo sentido, ela ainda estava fazendo exatamente isso. Tentando me conquistar.

— Não, espere. Eu quero terminar. — Ela balança a cabeça. — Quando o conheci, ele passou um ano inteiro apenas tirando minhas inseguranças, camada após camada, para tentar descobrir quem eu era. Foi difícil... e foi um processo longo. Ele não tinha ideia do que me fez do jeito que eu era. Por que minhas feridas se recusaram a fechar. Mas ele foi paciente e doce.

Fraturei a lagosta com o alicate, sentindo afinidade com o animal morto. E para Frederick, que parecia um bom homem, que merecia coisa melhor.

E também uma estranha sensação de revelação. Frederick teve a habilidade e resistência para ficar por perto de Lou quando ela era impenetrável para ele – por que eu não poderia fazer isso com Emmabelle?



— No começo, quando eu estava com ele, sonhava com você voltando e eu exibindo meu novo relacionamento. Meu homem perfeito. Mas depois de um tempo, parei de pensar em você. Ele era o suficiente. Na verdade... — ela hesitou. — Ele não era apenas o suficiente. Ele era tudo. E doeu tanto perdê-lo. Nesse ponto, percebi que poderia ser amaldiçoada. — Louisa sorri, apoiando o queixo nos nós dos dedos.

Olhei em seus olhos e vi tristeza. Tanta tristeza. Aqui estávamos nós, prestes a ficar noivos para nos casarmos, e ainda ansiamos por outras pessoas.

A única diferença era que a pessoa que eu queria ainda estava viva.

E Louisa viu-me como um substituto. Um prêmio de consolação.

— Você não é a única que ficou marcada por essa experiência, querida. Senti-me terrível sobre o que eu fiz com você. Como deixei você iludida. Jurei nunca me casar com mais ninguém. Claramente, mantive essa promessa, — eu digo, empurrando a lagosta para longe. Perdendo meu apetite. — Nunca tive uma namorada séria. Meus relacionamentos, assim como meu leite, tinham prazo de validade inferior a um mês. Achei que se arruinasse as coisas para você, seria justo que eu fizesse o mesmo por mim.



Ela estende a mão sobre a mesa redonda, pegando minhas mãos nas dela.

— Temos uma chance agora, Devvie. Vamos recuperar o tempo perdido. Não é tarde demais. Nada está nos parando.

Uma coisa estava. — Estou prestes a ser pai.

— Podemos fazer isso juntos. Você disse que vai ter guarda compartilhada, certo? Eu posso me mudar para cá. Ursula preferiria que você voltasse, mas tenho certeza de que ainda teremos sua bênção. Eu posso ajudá-lo a criar a criança. Podemos ter nossos próprios filhos. Não tenho nenhuma hostilidade em relação a Emmabelle. Eu simplesmente não acho que ela é uma boa opção para você. Serei quem você precisa que eu seja, Devvie. Você sabe disso.

Ela estava dizendo todas as coisas certas.

Fazendo todos os pontos certos.

— Você vai precisar ser boa para aquela criança, — aviso, meu tom ficando gelado. — Eu queria o bebê tanto quanto Emmabelle. Fizemos um pacto.

— Vou tratar essa criança como se fosse minha.

Louisa leva minha mão à boca, encostando o rosto na palma da minha mão.



— Eu prometo. Você sabe que eu nunca quebro minha promessa.

Não me lembro de levantar-me, mas em algum momento levantei-me. Louisa também estava de pé, seu corpo nivelado com o meu, sua boca movendo-se sobre a minha.

Minhas mãos deslizaram pelo comprimento de suas costas. Estávamos nos beijando.

Belle não me queria, minha família estava à beira da falência, e sério, seria tão horrível ter alguém com quem envelhecer? Alguém que me apoiaria?

Mas no final das contas, eu não gostei.

Nem dos beijos. Nem do jeito que seu corpo se dobrou ao redor do meu possessivamente.

Eu estava completamente mole, meu pau recusando-se a encontrar uma razão lógica para essa união com Louisa ser atraente.

Quanto mais suave eu ficava, mais Louisa tentava me excitar, beijando-me mais forte, mais profundo, mais cru. Segurando meu pau através da minha calça e apertando provocativamente, virando a cabeça para frente e para trás.

A bile atingiu o fundo da minha garganta.



Não é bom.

Dei um passo para trás para pará-la, para ganhar tempo. Talvez mostrar o anel de noivado com o qual eu vim aqui. Colocar no dedo dela.

Mas eu não podia, pela porra da minha vida, tirar o anel do meu bolso. Fazer o movimento final. Fazer a ela a pergunta que eu não poderia voltar atrás.

Não quero perfeição com Louisa. Eu quero uma grande confusão ardente com Belle.

Enquanto isso, Louisa percebeu meu passo para trás como um convite para se despir. Ela tirou o vestido preto para revelar pernas bem torneadas e um corpo bem cuidado que gritava cinco sessões de Pilates por semana.

Seus olhos escuros viajaram para minha virilha, franzindo a testa quando ela percebeu que ainda não havia protuberância detectável.

— Droga. Bem, o que é um pequeno obstáculo...

— *Não diga pequeno.*

Ela riu, movendo-se em minha direção novamente, retomando nossos beijos.

Engolindo o gosto amargo do vômito, tentei me concentrar na tarefa em mãos.

Ela era uma mulher bonita. Não menos bonita do que as mulheres que eu costumava levar para a cama.

— Talvez, eu possa... — Louisa deslizou a mão dentro da minha cueca pelas minhas roupas e esfregou, seus dedos frios e ossudos. O som distante da risada provocante de meu pai ecoou em meus ouvidos.

— Tudo bem?

— Ótimo, — assobieei, mais macio do que um maldito rolo de Pillsbury⁸⁸. — Fantástico.

Mas não senti nada, além de grande frustração quando seus lábios se moveram desesperadamente contra os meus. Ela estava fazendo um trabalho tão completo esfregando meu pau que fiquei surpreso que um gênio não se materializou por trás do meu zíper.

— Espere, — gemi em sua boca. Empurrei-a suavemente. Ela se agarrou a mim com mais força.

⁸⁸ Massa fermentada que pode ser usada como massa folhada, massa para pães etc.

— Eu vou chupar seu pau, — ela ofereceu. Louisa caiu de joelhos, completamente nua agora, atrapalhada com o primeiro botão da minha calça.

Dei um passo para o lado, preocupado que o anel de noivado escorregasse do meu bolso.

— Não, querida. — Acariciei seu rosto enquanto simultaneamente o afastava da minha virilha.

Ocorreu-me, miseravelmente, que eu não poderia fazer sexo com Louisa. Não importa o quanto eu quisesse – e eu queria.

Eu queria superar Emmabelle. Seguir adiante. Mas não estava acontecendo.

— Seu estômago está um pouco duvidoso? Deve ser a lagosta.

Ela se apressou para se levantar, correndo para o banheiro e voltando com um roupão de cetim creme. — Frutos do mar podem ser duvidosos se você não conhece o lugar.

Este era o Four Seasons, não um barraco em uma ilha remota.

Dei-lhe um sorriso incerto. — É melhor eu ir para casa.

E vou levar o meu enroladinho de salsicha macio comigo.

— Oh. — Seu rosto caiu.

— Lou, — eu disse gentilmente.

— É só que... *ela* vai estar lá.

— Vem com o pacote dela morando lá.

— É algo que eu disse? — ela pergunta.

Pensei no que ela disse sobre Frederick. Sobre o tipo de homem que ele era. E não podia negar-lhe a verdade.

— Sim. Quando você me contou sobre Frederick, percebi que nunca poderia lhe oferecer o que ele fez você valorizar. Preciso organizar as coisas na minha cabeça.

Deslizei minha mão sobre sua cintura e puxei-a para mim, beijando seus lábios.

— Cuide-se, Lou.

— Você também, Devvie.





Minha cabeça ainda estava girando quando voltei para casa. Meus membros pesaram com a percepção de que eu era aparentemente imune a todas as mulheres do mundo, exceto aquela que não me queria.

Pisei escada acima, xingando-me pela milionésima vez naquela semana por não conseguir usar o elevador como um ser humano lógico.

Assim que terminei de me detestar por minha claustrofobia, comecei a me desprezar por ter um corpo traidor. O que diabos havia de errado com isso? No passado, eu era capaz de ficar duro sempre que o cheiro fraco do perfume de uma mulher flutuava no ar. *Agora*, meu pau decidiu que tinha princípios, sentimentos e moral. Não recebeu o memorando de que era, de fato, um PAU? O órgão menos sofisticado do corpo humano, além do ânus.

Empurrei a porta de entrada para uma vasta e escura sala de estar, chutando o equipamento de esgrima para o lado da porta.

Se Emmabelle estivesse fora de novo, trabalhando até tarde ou sendo entretida por um amigo do sexo masculino, eu ia... ia...

Fazer porra *nenhuma* sobre isso. Eu não tinha poder sobre ela.



Espero que aquele mês transando com ela tenha valido a pena, cara. Porque este é o seu futuro.

Atravessando a sala de estar, passei pelo quarto dela antes de retirar-me para minha própria cama.

Sua porta estava entreaberta. Para minha grande vergonha, meu corpo inteiro relaxou de alívio quando notei que a luz interna estava acesa.

Incapaz de resistir a mim mesmo, parei no espaço que separava nós dois e observei-a.

Ela estava em frente a um espelho imperial de corpo inteiro.

Seu moletom estava enrolado em volta do peito. Sua barriga estava nua. Ela o embalou na frente de seu reflexo, olhando para ele com admiração.

Meus olhos desceram, fazendo o mesmo.

Pela primeira vez, era real e inegavelmente óbvio que Emmabelle Penrose estava grávida.

A forma dura e redonda de sua barriga não podia ser confundida. Parecia magnífico. Tão suave e quente e cheio de um bebê que nos pertencia.

Ela estava mostrando.



Fechei os olhos, pressionando minha cabeça contra o batente da porta de madeira, respirando fundo.

— Você é tão linda, às vezes eu quero devorá-la apenas para ter certeza de que ninguém mais terá você.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las.

Ela se virou para o som da minha voz.

O amor e a admiração em sua expressão derreteram, substituídos por um sorriso malicioso.

— Estou surpresa que Louisa deixou você sair da coleira esta noite. Problemas no purgatório?

Acho que era a versão dela da palavra paraíso para nós.

— Pare com isso, — interrompi-a.

— Parar o que? — ela arrulhou.

— Pare de agir como uma pirralha. Pare de me afastar. Pare de arruinar um momento perfeitamente bom porque você tem tanto medo dos homens que simplesmente deve atormentá-los se eles ameaçarem abrir uma rachadura em sua parede perfeitamente construída.

— Tudo bem então. — Belle deixa seu moletom cair sobre seu estômago.

— Não. — Empurrei-me para longe do batente da porta e caminhei até ela, meu passeio sem pressa. — Eu quero ver.

Emmabelle abriu a boca – provavelmente para me dizer para fazer um bebê com Louisa se eu estivesse tão interessado em ver uma barriga grávida – mas consegui colocar um dedo em sua boca antes que as palavras saíssem.

— É meu filho também.

Silenciosamente, ela puxou o moletom até os seios.

Fiquei na frente dela, olhando para a maravilha que era sua barriga grávida.

— Posso tocar? — Minha voz estava irreconhecível para meus próprios ouvidos.

— Sim. — A dela, notei, também tremeu. O ar ao nosso redor ficou parado, como se prendesse a respiração também.

As pontas dos meus dedos circularam sua barriga de ambos os lados. Era dura como pedra. Nós dois olhamos para sua barriga como se estivéssemos esperando por algo. Um minuto se passou. Então dois. Então cinco.



— Eu não quero soltar, — eu digo.

— Eu não quero que você solte, — ela diz calmamente. Nós não estávamos mais falando sobre sua barriga.

Meus olhos subiram para encontrar seu olhar através do nosso reflexo no espelho. — Então por que você está fazendo tudo ao seu alcance para me afastar?

Ela dá de ombros, um sorriso impotente no rosto. — É assim que eu ajo.

— É uma merda.

— Ainda é verdade.

— Diga-me o que aconteceu com você, — exijo, pela milionésima vez, pensando em Frederick, na maneira como ele descascou as camadas de Louisa. Eu estava perto de tirar a primeira camada? Quantas mais faltam? E o que diabos aconteceu com essa mulher?

Mesmo meus amigos, que não eram nem de longe considerados mocinhos, nunca deixaram uma mulher tão quebrada.

Ela deu um passo à frente, apagando todo o espaço entre nós.

Eu estava duro como uma rocha e prestes a arrancar as roupas dessa mulher.

— Pare de se intrometer nos meus negócios, Devon. Você já provou meu saco de truques. Não há mais nada para ver aqui.

— Você é mais do que uma garota festeira, não importa o quanto você tente se vender dessa maneira. Propaganda enganosa.

— Ha, — ela diz secamente. — Você simplesmente não leu as letras miúdas.

Um sorriso maldoso puxou meus lábios. — Você é fantástica, e complicada, e vale tudo o que você me fez passar.

— Não! — Ela empurra-me, suas palmas batendo no meu peito. Ela estava com raiva agora, com medo. Apertei um botão. — Eu não sou. Pare de dizer isso. Sou a safra ruim. A prostituta não casada.

— Você é incrível *“pra”* caralho, — falo lentamente em seu rosto, rindo baixinho. — Brilhante. Única. A mulher mais inteligente que conheço.

Ela empurra-me novamente. Eu fico mais duro. — Eu não sou boa.

— Não. Não é boa. Fantástica *“pra”* caralho.



— Vou ser uma mãe terrível.

A última frase é dita em uma onda de exasperação.

Ela cai de joelhos aos meus pés, a cabeça baixa. — Jesus. O que eu estava pensando? Não posso fazer isso. Eu não sou Persy. Eu não sou a Sailor. Esta não é a minha vida.

Abaixo-me para ficar no nível dos olhos dela, pegando seu rosto em minhas mãos.

Meu pulso dispara. Bolas, eu ia ter um ataque cardíaco, não ia? Bem, era um prazer. Literalmente.

— Olhe para mim agora, *Sweven*.

Ela inclina a cabeça para cima, piscando de volta para mim, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Só escolho o melhor para mim. Ternos, carros, propriedades, restaurantes. É assim que eu ajo. Confie em mim quando digo que não fui leviano quando escolhi você como mãe do meu filho. Você é inteligente, independente, astuta, criativa, engraçada e, que Deus me ajude, um pouco maluca. Mas você também é responsável, estável, forte e equilibrada. Você vai ser uma mãe incrível. A melhor a andar nesta terra.

Seu peito arfava, e ela parecia estar à beira de um soluço.

— O que há de errado agora, querida?

— Você esqueceu bonita, — ela geme.

Nós dois começamos a rir. Ela perdeu o equilíbrio, caindo para trás. Não querendo que ela caísse no chão acarpetado, puxei-a comigo e caí no carpete, usando meu corpo como uma almofada para ela. Nossas pernas entrelaçadas.

— Desculpe, querida, mas você está longe de ser bonita.

Ela finge dar um soco no meu peito. Pego seu pulso e dou uma mordida suave.

— Linda, no entanto...

Seus lábios estavam nos meus em pouco tempo, quentes e úmidos e exigentes. Sua língua deslizou pela minha de brincadeira, acariciando e provocando.

Rasguei suas roupas, arrancando seu moletom, tomando cuidado para não a machucar.

Suas mãos estavam em cima de mim. A boca também. Eu não queria respirar. Para dar-lhe tempo para mudar de ideia.

Ela estava despida antes que pudesse piscar. Eu ainda estava completamente vestido quando a apoiei contra a base da cama, minha língua deslizando ao longo da parte de trás de seu

joelho, até a parte interna de sua coxa, provocando um ponto sensível que fez seu corpo inteiro estremecer violentamente.

Meus lábios encontraram a doce flor entre suas pernas, e chupei, mordi e soprei até que ela gozou, empurrando minha língua dentro dela para sentir seus músculos apertando avidamente. Ela assobiou, seus olhos arregalando-se, como se ela se lembrasse de algo. Achei esquisito. A forma como ela reagiu. Mas então ela balançou a cabeça, apertando os olhos fechados.
— Continue.

Movendo-me para beijar sua barriga, dei beijos quentes em seus seios, mordiscando meu caminho até sua garganta, até seus lábios.

— Devon. Por favor. Foda-me.

— Tudo a seu tempo, *Sweven*.

Ela estendeu a mão para desabotoar minhas calças. Eu podia sentir a pérola de pré-sêmen colando meu pau no tecido da minha cueca.

Belle libertou meu pau dos confins das minhas roupas e murmurou em nosso beijo sujo, — Diga isso de novo.

— Dizer o quê? — Perguntei, deslizando para ela, ali no chão, encontrando-a molhada e pronta para mim.



— Meu apelido. Chame-me assim.

Ela combinava com o ritmo das minhas estocadas.

— *Sweven*. — Beije seus lábios.

Impulso.

— Novamente.

— Sweven.

Impulso.

— *Sweven. Sweven. Sweven.*

Impulso. Impulso. Impulso.

Colei minha testa na dela enquanto empurrava mais rápido e mais forte.

— Vou gozar.

— Goze dentro de mim. — Ela cravou as unhas na minha pele, marcando-me, certificando-se de que Louisa soubesse. — Eu quero sentir você todo.

Meu aperto sobre ela aumentou. Seus músculos tremeram quando senti meu esperma quente deslizando nela.



Nós dois estávamos suados e exaustos quando saí de cima dela, respirando com dificuldade e olhando para o teto.

Ela foi a primeira a falar. — Fui abusada quando era criança. Até hoje ninguém sabe.

Meu corpo inteiro ficou tenso.

Agarrei sua mão instintivamente, mesmo antes de virar-me para olhar para ela. Eu esperei por mais.

Ela continuou olhando para o teto, evitando meu olhar.

Quando ficou óbvio que ela não estava com vontade de compartilhar mais do que o esqueleto, perguntei timidamente: — Quem foi?

Ela sorriu sombriamente. — O suspeito de sempre.

— Quanto tempo durou?

— Não me lembro. Eu estava muito... não sei, profundamente em negação.

— Por que você manteve isso em segredo? — Apoiei-me nos cotovelos. Eu sabia, antes mesmo que ela me dissesse, que sua família e amigos não estavam cientes da situação.

Lembrei-me de sua conversa estranha com o pai e cantei na minha cabeça, *De jeito nenhum, de jeito nenhum, de jeito nenhum*. Seu pai não abusou dela. Porque se o fizesse, eu teria que matá-lo, e não fui feito para a prisão perpétua.

— Merda, eu não posso acreditar que estou dizendo a você.
— Ela fungou, a primeira lágrima caindo por sua bochecha, deslizando em direção a sua orelha.

Prendi a respiração e, pela primeira vez na vida, orei a Deus. Que ela não pararia. Que ela sairia de trás daqueles muros altos com os quais se cercou, abriria a porta e me deixaria entrar.

— Eu sempre fui a moleca, a encenqueira. Eu não queria ser a causa de mais um problema. Bobo, eu sei, mas estava cansada de ser a portadora de más notícias. Aquela que sempre colocava todos em apuros. Mas, ao mesmo tempo, enfrentá-lo significava correr o risco de todos descobrirem. Então eu apenas... engarrafei. Por um tempo, quero dizer. E então outra coisa aconteceu... — Ela parou, fechando os olhos novamente, tentando engolir o nó na garganta e falhando.

Belle não era como as outras mulheres. Ela era o tipo de garota que levaria seus segredos para o túmulo. Mas isso já era o suficiente. Significava o mundo para mim que ela escolheu contar-me.

— Os dois homens em quem eu mais confiava e amava me deram as costas, cada um à sua maneira. Essa vibração de não confiar e não se apegar que você está recebendo? Esse é o meu foda-se para o seu gênero, Devon. Se eu decidir confiar novamente e me machucar, seria o meu fim. É por isso que continuo resistindo a você a cada passo do caminho. O que quer que você esteja sentindo, eu sinto dez vezes mais. Mas não vale a pena para mim. Ou eu mato meus sentimentos ou meus sentimentos me matam.

Escovo um polegar sobre seu cabelo ensolarado, colocando-o atrás da orelha. — Querida *Sweven*, o que é uma pequena morte no grande esquema das coisas?

Essa mulher insuportável e irritante realmente me entendia. Minhas manias, meus modos excêntricos. Na maior parte do tempo, nosso tempo juntos foi frustrante e ruim. Mas quando foi bom, quando as paredes caíram, foi o melhor que eu já tive.

Emmabelle virou-se para olhar para mim pela primeira vez desde que começou a me contar sua história. — Chega de mim. Então, o que te fez claustrofóbico, Dev? Uma verdade por uma verdade. Você prometeu compartilhar quando eu ganhasse sua confiança, e acho que estou lá. Diga-me o que aconteceu.

E assim eu fiz.



Passado.

O elevador era do tamanho de uma estante quando fui empurrado para dentro dele, aos quatro anos.

Como um bebê no útero, era espaçoso o suficiente para eu mover meus membros, mas ainda pequeno o suficiente para que eu precisasse me agachar.

Aos dez anos, minhas pernas eram muito longas, meus braços muito desengonçados para caber nele corretamente.

E aos quatorze anos, era como ser enfiado em uma lata de sardinha com mais quinze Devons. Eu mal conseguia respirar.

O problema era que eu continuei crescendo e o elevador permaneceu exatamente do mesmo tamanho. Um pequeno buraco miserável.

Eu nem sempre odiei.

No começo, ainda pequenino, até aprendi a apreciá-lo.



Passei meu tempo pensando. Sobre o que eu queria ser quando crescesse (bombeiro). E mais tarde, sobre garotas que eu gostava e truques que aprendi nas aulas de esgrima, e como seria ser um inseto, um guarda-chuva ou uma xícara de chá.

Tudo foi para o inferno um dia, quando eu tinha onze anos.

Eu tinha feito algo particularmente desagradável para chatear meu pai. Esgueirei-me em seu escritório e roubei seu atizador, em seguida, usei-o como uma espada para lutar com uma árvore.

Aquele atizador era vintage e custou mais do que minha vida, meu pai havia explicado quando me pegou com a coisa quebrada ao meio (a árvore obviamente havia vencido).

Eu fui jogado no aparador para a noite.

Mamãe e Cecilia estavam fora, visitando parentes em Yorkshire. Eu queria ir com elas (nunca quis ficar sozinho com papai), mas mamãe disse que eu não podia perder um fim de semana inteiro de sessões de esgrima com meu sabre.

— Além disso, você não tem passado tempo suficiente com papai. Um pouco de tempo de união para vocês dois é exatamente o que o médico receitou.

Então lá estava eu, no elevador, pensando em como deve ser uma garrafa carregando uma carta no mar, ou uma calçada



rachada, ou uma caneca de café em um movimentado café londrino.

Assim deveria ter sido.

Mais uma noite no aparador, seguida de uma manhã encharcada de silêncio e idas frequentes ao banheiro para compensar o tempo que tive de segurá-lo enquanto estava enjaulado.

Só que não foi.

Porque naquele dia em particular veio uma tempestade tão grande e tão terrível que derrubou a eletricidade.

Meu pai correu para as cabanas dos empregados, onde a luz ainda estava ligada, para passar a noite e talvez ser entretido por uma das empregadas, algo que eu sabia que ele fazia quando mamãe não estava em casa.

Ele esqueceu uma coisa.

Eu.

Percebi o vazamento no elevador quando um filete persistente de água continuou caindo no meu rosto, interrompendo meu sono.



Eu estava todo bagunçado por dentro, pressionado contra as quatro paredes. Ansiava por mover-me, esticar-me, esticar o pescoço.

Quando acordei em um turbilhão, a água já tinha chegado à minha cintura.

Comecei a bater na porta. Chorando, gritando, passando minhas unhas sobre a coisa de madeira para tentar abri-la.

Quebrei minhas unhas e rasguei minha própria carne tentando sair de lá.

E a pior parte era que eu sabia que não tinha chance.

Minha família não estava em casa.

Meu pai me deixou para morrer. Deliberadamente ou não, eu não sabia, e naquele momento não poderia me importar menos.

Se eu morresse, eles poderiam tentar outro. Meu pai finalmente teria o filho que sempre quis. Forte e resistente como pregos e nunca assustado.

A água chegou até meu pescoço quando ouvi um baque no corredor. Passos.

A essa altura, eu estava quase bêbado de exaustão e já estava em paz com meu destino. Tudo o que eu queria era que a morte fosse rápida.

Mas isso me deu uma nova esperança. Bati e gritei e espirrei, tentando chamar a atenção para mim mesmo, engolindo água no processo.

— Devon! Devon!

A voz foi abafada pela água. Minha cabeça estava afundando, mas ainda podia ouvir.

Finalmente, a porta do elevador se abriu. Galões de água jorraram dele – e eu também.

Caí como um tijolo nas pernas da pessoa que agora era minha salvadora. O santo que me deu misericórdia. Engasguei e me debati, como um peixe fora d'água. Alívio me fez fazer xixi nas calças, mas eu não acho que alguém poderia dizer.

Olhando para cima, vi Louisa.

— Lou, — engasguei.

Minha voz estava tão rouca que mal dava para ouvir.

— Ah, Devvie. Oh Deus. Estávamos destinados a nos encontrar, você não se lembra? Você nunca apareceu no celeiro,

então mandei chamá-lo. Mas o motorista não queria sair do carro, então pedi para ele me trazer até aqui. As portas da frente estavam trancadas, mas então me lembrei que você me disse onde estavam as chaves sobressalentes...

Ela caiu de joelhos, puxando-me em seus braços. Sua voz pairava sobre minha cabeça como uma nuvem enquanto eu entrava e saía da consciência.

— Prometi que sempre te apoiaria, — eu a ouvi dizer. — Estou tão feliz por ter chegado a tempo.

Abraçamo-nos no chão. Eu relaxei contra ela, meu corpo muito mais pesado que o dela – e ainda assim, ela lidou com meu peso sem reclamar. Um baque veio da escada, e no corredor escuro surgiu a sombra de meu pai, grande, má e imponente.

— O que você fez, garota estúpida? — Ele rosnou, fervendo. — Ele deveria morrer.



Sweven estava chorando.

Ela nem tentou escondê-lo para variar.

Lágrimas escorriam por suas bochechas, algumas deslizando em sua boca, outras rolando pelo pescoço.

— Eu não posso acreditar que o bastardo fez você passar por isso. Não é à toa que você fugiu e se recusou a fazer o que ele queria que você fizesse. Jesus. Eu sinto muito. Eu sinto muito.

Seu corpo inteiro estava tremendo, para frente e para trás.
— Você olhou a morte nos olhos, Devon.

— Sem piscar. — Pressionei seus dedos sobre meus lábios, saboreando o privilégio de tocá-la. — Você me disse o que fez um buraco em seu coração, e é por isso que eu tenho um no meu. É por isso que nunca me casei. Por que eu não tinha começado uma família. Algo dentro de mim sabia que conseguir todas as coisas que impedi Lou de ter era simplesmente... errado. Devo minha vida a ela.

— Ela fez o que qualquer pessoa decente faria.

— É assim mesmo? — Pergunto ociosamente. — Talvez eu não tenha conhecido muitas pessoas decentes na minha vida.

— Não querer ficar sozinho não é pecado.

— Então por que você se deu exatamente o mesmo destino?
— Murmurei em sua mão.



Ela recuou, fazendo um anjo de neve no chão acarpetado. Fazendo beicinho e lutando para manter suas fungadas no mínimo, ela parecia metade menina, metade mulher.

Uma visão grávida presa no limbo entre dois mundos.

Sábia demais para seus anos e assustada demais para se apaixonar.

— Olhe o que você fez. Agora eu não posso nem mesmo odiá-la direito, — Belle suspira. — Ela salvou você, afinal. — Ela usava aquele sotaque britânico falso e exagerado que usava para esconder seus sentimentos quando estava sofrendo.

Eu ri, rolando sobre ela, beijando seu rosto, lambendo aquelas lágrimas salgadas, meu joelho erguendo suas pernas abertas enquanto eu passava meu polegar ao longo de seu mamilo.

Era muito a minha cara apaixonar-me pela mulher mais louca do planeta.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Belle

Quatorze anos de idade.

O treinador Locken volta à escola quatro dias após o nascimento de seu filho, Stephen Locken Junior. Seu peito parece mais largo, seu sorriso maior, e não sei por que, mas juro que ele parece mais adulto. Sua maturidade repentina me enoja.

Apareço para praticar. Não há razão para deixar uma bolsa de estudos perfeitamente boa na mesa só porque esse cara é um idiota de nota A. Mas se ele acha que vou deixá-lo me comer de novo, ele terá uma surpresa desagradável – e provavelmente um chute nas bolas também.

A prática vai bem, considerando que eu quero desmaiar e vomitar toda vez que sinto seus olhos nas minhas pernas. Pegó



Locken tentando travar olhares comigo algumas vezes, mas evito meu olhar para evitá-lo.

Quando o treino termina, ele libera todo mundo e bate no meu ombro como um tio amigável. — Penrose, venha me ver no meu escritório.

— Tenho cálculo em cinco minutos, treinador. Podemos conversar aqui? — Pergunto muito alto, endireitando minha coluna para mostrar minha altura.

Todos param e olham. Ross levanta uma sobrancelha. Percebo que enquanto eu estava sob uma névoa induzida pela puberdade, todos na equipe descobriram que havia algo acontecendo entre o treinador e eu. Meu rosto está quente por dentro.

Pela primeira vez, vejo o treinador parecendo perdido e um pouco chocado. Ele se recupera rapidamente.

— Sim. Certo. Aqui, vamos nos sentar no banco.

Nós fazemos. Sentamos a uma distância respeitável um do outro, mas ainda sinto-me mal. Eu quero dar um soco na cara dele. Odeio sentir-me estúpida e sinto que ele se aproveitou de mim. Eu brinco com a barra do meu short.

— Parabéns por Stephen Junior, — deixo escapar. — E o Kia Rio.

Não consigo esconder a raiva da minha voz, e quer saber? Foda-se. Eu não preciso. Ele mentiu para mim.

— Ah, então é disso que se trata. — Ele esfrega a barba com os nós dos dedos, parecendo que não dormiu a semana toda. — Você sabia que eu ia ser pai, Emmabelle.

— Eu não sabia que você ainda estava com ela. — É estranho até falar sobre isso. Sinto-me como um adulto em um programa de TV. Eu só comecei a menstruar regularmente há três meses, então isso é um pouco estranho.

— Eu não estava, — ele diz com urgência, e posso dizer pelo movimento de suas mãos que ele quer me pegar em seus braços e exigir minha atenção, mas ele não faz. — Não estou com ela há três meses. Brenda dar à luz em Boston sempre foi o plano. E na semana em que ela voltou antes da data prevista... bem, uma coisa levou a outra e decidimos dar outra chance. Por Stephen.

— Você dormiu com ela? — Pergunto. Não sei que autoridade tenho para perguntar isso a ele.

Ele desvia o olhar, sua mandíbula apertada.

Bufo uma risada sem humor. — Claro que você dormiu com ela.

— O que eu deveria fazer? — ele pergunta com os dentes cerrados. — Não é como se a minha namorada autorizasse.

A namorada dele. Isso é o que eu era agora. Mesmo achando que me sentiria bem com isso, tudo o que senti foi um arrependimento maçante. Como eu pude ser tão estúpida? Para começar isso com ele?

— Eu não sou sua namorada. Nem tenho certeza se sou sua corredora. Mas o que eu definitivamente vou fazer é dar o fora daqui. — Levanto-me.

— Penrose, — ele sussurra. — Sente sua bunda. Ainda não terminamos.

Faço o que me manda, mas desta vez – e esta é a verdadeira surpresa – não porque quero ouvir suas desculpas esfarrapadas, mas porque preciso. Ele é meu treinador. E agora estou começando a ver as semelhanças entre Locken e aquele professor de geografia esquisito.

— Olha, essa coisa comigo e Brenda... não vai durar. É você que eu quero. Deixei isso claro.

— Eu não quero ficar entre você e a mãe do seu filho.

Ao dizer isso, percebo que não é só porque me sinto um pedaço de merda por fazer o que fiz com ele, um homem casado. Essa coisa toda acabou de perder o brilho. Dias atrás, no refeitório, enquanto eu esticava o pescoço para ouvir migalhas de



informações sobre ele e sua esposa dos professores do almoço, dei-me conta de que tudo isso era um grande erro.

Que tipo de homem dorme com sua aluna?

Que tipo de homem trai sua esposa grávida?

Não um digno, é quem.

— Você não vai ficar entre nada. Quero você. Eu te amo. Não parei de pensar em você a semana toda. — Há uma nota de urgência no tom do treinador. Balanço meu olhar para vê-lo, mas levanto-me do banco mesmo assim. Provavelmente parece estranho de longe, se alguém nos vê. Eu me afastando dele e não vice-versa.

Sua declaração de amor cai por terra.

— Eu sinto muito. Eu não te amo de volta.

— Eu sei que você ama.

— Não, não amo. — A verdade é que não sei o que sinto ou não sinto. Só sei que estou perdendo o juízo. Tenho que me desembaraçar da situação rapidamente.

— Esta conversa não acabou, — ele avisa-me, levantando-se atrás de mim e olhando em volta como um ladrão na noite antes de escorregar pela janela de alguém.



Viro as costas para ele e afasto-me, pensando, sim, acabou.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Belle

O homem ia me destruir completamente, e não havia nada que eu pudesse fazer além de observá-lo de um assento na primeira fila.

Eu soube disso no momento em que ele colocou as mãos na minha barriga.

Baby Whitehall estremeceu quando aconteceu. Parecia borboletas esticando suas asas pela primeira vez dentro da minha barriga.

O bebê sabia que seu pai a havia tocado pela primeira vez e estava reagindo a ele.

Tudo aconteceu tão rápido depois disso.

Os beijos.

Mordidas de amor.



A pele sobre pele.

Os *segredos*.

Parecia cair de um penhasco.

Caindo, caindo, caindo.

E ainda, não tentando agarrar nada para parar o que estava acontecendo.

O fundo do poço não parecia tão profundo quando você nunca queria sair dele.

Era por isso que se apaixonar era um jogo perigoso.

Dava a você a pior coisa que uma garota como eu poderia ter.

Esperança.





Na noite seguinte, deixei de vir para casa mais cedo depois de terminar a papelada no Madame Mayhem. Estava com um humor estranho. No limite.

Eu não queria voltar para casa só para descobrir que Devon ainda estava com a Srta. Mimada.

A alternativa de Devon estar em casa e me sentar para uma conversa de adulto era igualmente aterrorizante.

O que eu poderia dizer a ele? Ontem não havia mudado nada.

Eu ainda era eu e ele ainda era ele. Ainda tínhamos buracos em nossos corações.

A família dele nunca me aceitaria e iria à falência se ele não se casasse com Louisa.

E eu? Ainda era a mesma garota que fechou os olhos para sonhar e ao invés disso viu o Sr. Locken.

Em vez de ir para casa, encontrei-me com Aisling, Sailor e Persephone na mansão da última para uma noite de pratos de mariscos fritos e cervejas.

Aderir ao refrigerante era difícil, mas necessário. A gravidez trouxe desgosto de muitas coisas – café, carne vermelha e a

maioria dos tipos de peixe. Mas eu ainda ansiava por uma taça de vinho de vez em quando.

— Então? Que tipo de sintomas você está tendo durante a gravidez? — Sailor vira sua bebida como um irlandês... bem... *marinheiro*⁸⁹. — Quando eu estava grávida de Rooney, minha vagina ficou roxa. Foi horrível. — Ela fez uma pausa. — Quero dizer, especialmente para Hunter. Eu não estava em posição de olhar para isso. Literalmente.

Persy levou a mão à boca. — Obrigada, rainha da muita informação.

Sailor dá de ombros, passando uma batata frita em uma tigela de ketchup.

— Estou brincando. Ele meio que gostou. Isso o fez sentir como se estivesse fazendo sexo alienígena.

— Eu costumava molhar minhas calças. *Constantemente* — Aisling se oferece casualmente, colocando um marisco frito na boca. Cuspi meu refrigerante, espalhando-o por todos as minhas amigas. Bem, isso foi casual.

⁸⁹ Marinheiro em inglês é 'sailor', que também é o nome da personagem, e são conhecidos por beber bastante.

— Ambrose colocou muita pressão na minha bexiga. No início, só acontecia quando eu tossia ou espirrava. No terceiro trimestre, tudo que eu tinha que fazer era abaixar-me para colocar minhas meias, e *opa*, fiz xixi nas calças. Acho que fui a única grávida no planeta Terra que ainda usava absorventes todos os dias. Sempre que eu comprava alguns no Walmart local, o caixa me olhava estranho, tipo, 'você sabe que não precisa deles, certo?' e eu queria gritar com ela que eu era médica.

— E você? — Virei-me para minha irmã perfeita, que teve duas gestações perfeitas e deu à luz a bebês que eram lindos e dormiam bem desde o primeiro dia. Persy, Deus abençoe, era incapaz de imperfeições.

Ela torceu o nariz, corando.

— O quê? — Sailor exigiu, sorrindo, uma batata frita pendurada como um cigarro no canto da boca. — Diga-nos, idiota!

— Bem. — Persy colocou o cabelo atrás da orelha nervosamente. — Não era um sintoma em si...

Todas nós estávamos agora inclinadas para ela na mesa de jantar, olhos arregalados, morrendo de vontade de saber.

— Foi só que, durante as duas gestações, eu estava muito, muito excitada.

— Você quer dizer que precisava de vitamina D⁹⁰ todos os dias? — Sailor arqueou uma sobrancelha.

Persy riu. — Sim. Eu queria... um pouco áspero. E Cillian, bem, ele estava dividido entre me dar o que eu queria e garantir que não fizéssemos nada estúpido.

Todas nós assentimos, considerando isso.

— Agora é a sua vez, — Persy dá uma risadinha, jogando uma batata frita em mim.

Parecia muito a época quando éramos adolescentes. A facilidade que vinha de estarmos juntas. Eu sabia que sempre teríamos uma as outras. Isso deu-me um grande conforto agora que meus sentimentos estavam todos retorcidos sobre Devon.

— Acho que meu principal sintoma é a insanidade, — admito. Mastigando minha espiga de milho, eu sabia que ia me arrepender mais tarde, quando tivesse que usar fio dental por duas horas seguidas. — Porque acho que estou... começando a gostar de Devon? Quero dizer, de verdade?

Utensílios bateram. Persy deixou cair um pedaço de marisco frito no chão, sem fazer nenhum movimento para pegá-lo, ainda

⁹⁰ O trocadilho é feito com a palavra “dick” que significa pau.



encarando-me. Sailor e Aisling se entreolharam como se estivessem pensando se deveriam verificar minha temperatura ou não.

Persy foi a primeira a pigarrear, procedendo com cautela. —
Elabore, por favor.

Eu lhes contei tudo. Sobre o testamento, a herança e os problemas que vieram com isso. Sobre a mãe e a irmã de Devon e a falência. contei a elas sobre suas noites tardias com Louisa e sobre como eu o empurrei em seus braços.

Como joguei minhas cartas da pior maneira possível.

Contei a elas tudo além dos segredos que Devon e eu tínhamos compartilhado. Os buracos abertos em nossos corações.

Depois que terminei, a mesa inteira ficou em silêncio.

Sailor pareceu recuperar-se antes de todo mundo. Ela se recostou na cadeira, olhos verdes arregalados, e soltou o ar. —
Caramba.

Enterrei meu rosto em minhas mãos. Nenhum bom conselho foi precedido pela palavra “caramba”.

A equipe de Persy começou a afastar nossos pratos, tornando-se invisíveis. Pela milionésima vez, perguntava-me



como minha irmã, que vinha de origens tão humildes, poderia se acostumar com esse tipo de riqueza.

— Algum feedback mais útil? — Levantei minhas sobrancelhas.

— É só que você nunca mostrou interesse em alguém assim antes, é tudo. — Sailor olha para Aisling e Persy pedindo ajuda, viu que ainda estavam processando, então acrescentou apressadamente: — Posso ou não ter dito a ele para nem tentar, e apenas se casar com Louisa para se poupar da dor de cabeça. Sinto muito, Belle. Quando você mencionou isso outro dia, parecia que você estava totalmente bem com eles se casando.

Eu queria vomitar, mas sorri levemente.

Precisava levantar-me e ir embora. Talvez ligar para Devon no meu caminho para casa. Ele viria, mesmo que estivesse com Louisa. Esse era o tipo de homem que ele era.

Aisling esfregou a têmpora, as sobrancelhas grossas e escuras juntas. — Isto está errado. Isso está tudo errado. Você sabe que tem que lutar por ele, certo?

Fácil para ela dizer. Apesar de toda sua doçura, Aisling era cruel quando se tratava do amor. Ela lutou com unhas e dentes para conquistar o marido depois de ansiar por ele por anos.



— E arruinar a vida de sua família? — Deixei minha cabeça cair na mesa.

— A irmã e mãe dele não são problema seu, — diz Sailor categoricamente.

— Além disso, ele estará arruinando sua própria vida e a de Louisa se ele se casar com ela enquanto estiver apaixonado por você, — Persy finalmente entra na conversa.

Fomos interrompidas pela equipe novamente. Desta vez, trouxeram sobremesa e chá. Creme, merengue de limão e pedaços gordos de torrone.

Esperamos até que eles saiam antes de falarmos novamente.

— Você é louca? — Sussurro e grito, enfiando minha colher bem fundo no creme. — Ele não está apaixonado por mim.

— Isso é incrível, — Aisling murmura em torno de sua própria colher, apontando para o creme. — E na minha humilde opinião, como a pessoa com o QI mais alto da sala, ele está apaixonado por você.

— *Super* humilde. — Sailor coloca um pedaço de torrone na boca. — Mas eu realmente concordo. Você tem que dar a ele a chance de provar a si mesmo, Belle. Se ele souber como você se sente, ele nem prestaria atenção em Louisa.



— Eu não sei que tipo de relacionamento eles têm. — Sirvo-me de um merengue de limão.

OK. Talvez eu *tivesse* um sintoma de gravidez na forma de querer comer qualquer coisa que não estivesse pregada no chão.

— Hora de perguntar, — diz Sailor.

— A coisa sobre os homens é...— Persy toma um gole de chá, uma expressão distante pintada em seu rosto, — ... às vezes eles precisam de um pequeno empurrão para perceber que o que eles precisam e o que eles querem está na frente deles e pode ser encontrado na mesma mulher.

— Amém a isso. — Aisling ergue a xícara de chá no ar, fazendo um brinde.

— Eu não sou como vocês. — Balanço minha cabeça. — Eu não tenho a capacidade de fazer outra pessoa feliz. Assim que eu me tornar vulnerável a elas, o jogo acaba. Faço algo horrível e tento afastá-los. Então não posso prometer a ele todas as coisas que vocês deram aos seus maridos. A família, os filhos, o... você sabe... amor incondicional e tal.

Poderia dizer pelos olhares nos rostos das minhas amigas e irmãs que eu não consegui impor meu ponto de vista com tato ou sutileza.

— É só para isso que somos boas? Fazer nossos supostos homens felizes? — Sailor pergunta com um sorriso sem humor no rosto. — Sou apenas uma ex-arqueira olímpica e dona de um dos maiores blogs de culinária do país. O que *eu* sei sobre administrar um negócio ou ter uma vida fora do casamento?

Ela era, de fato, todas essas coisas. Mas ela também se casou com uma família rica e veio de uma, então não tinha nada para provar a ninguém.

— E eu sou apenas uma médica. — Aisling toma outro gole de chá. — Definitivamente não é tão importante ou influente como você.

Persephone, que não tinha um emprego diário, era a única silenciosa, então fez questão de virar-me para ela e dizer: — Desculpe, não quis dizer isso.

— Tipo o quê? — Ela se recosta, parecendo perfeitamente composta e não afetada. — Ah, posso não trabalhar mais das nove às cinco, mas faço eventos de arrecadação de fundos que arrecadam milhões de dólares para crianças carentes, abrigos para mulheres e animais que foram abusados. Sinto-me incrivelmente realizada e não preciso da permissão de ninguém para me chamar de feminista.

Ok, talvez todas tivessem um ponto.

— Uma mulher é uma mulher. — Persy coloca a mão no meu ombro, e pergunto-me desde quando os papéis se inverteram? Ela se tornou a sábia e mundana, e eu a que precisava desesperadamente de conselhos.

— Uma mulher é uma maravilha. Somos programadas para fazer e ser tudo o que queremos ser. Não se menospreze. O que quer que Devon tenha visto em você ainda está em algum lugar aí dentro. Procure bastante e você encontrará, — acrescenta Persy.

Eu poderia realmente salvar o que eu tinha com Devon?

Os Whitehalls queriam-me fora de cena. E Louisa ia ser uma dor real, perdoe o trocadilho.

Mas além deles, o que mais estava entre mim e Devon?

Nenhuma coisa. Ou melhor, ninguém – além de uma pessoa.

Eu mesma.





Saí da casa de Persephone, dirigindo no piloto automático de volta ao apartamento de Devon, que ficava no mesmo bairro de Back Bay.

Tamborilando meus dedos sobre minha perna e pensando na minha conversa com as meninas, virei à direita na Beacon Street, na Commonwealth Avenue, depois continuei até a Arlington Street.

Quando parei em um semáforo vermelho, uma motocicleta cortou a linha do tráfego do nada. O piloto se colocou entre mim e um Buick⁹¹ na minha frente, bloqueando minha linha de visão. Seu rosto estava escondido por um capacete preto e ele usava uma jaqueta de couro preta.

Soltei um grito, minha perna direita pairando sobre o acelerador, querendo passar a mancha de merda humana antes que ele apontasse uma arma para mim.

Mas o cara tirou algo do bolso da frente de sua calça jeans – um bilhete – e bateu no meu para-brisa.

O texto foi impresso em letra *Times New Roman*.

⁹¹ Marca de carro.



DEIXE BOSTON ANTES QUE EU TE MATE.

ESTE É O SEU ÚLTIMO AVISO.

Era isso.

Eu ia matar alguém.

Joguei meu carro no estacionamento no meio do trânsito, peguei a arma da minha bolsa e abri a porta.

O motociclista balançou a cabeça, ligou o motor e partiu antes que minha mão tocasse a manga de sua jaqueta de couro.

Pegando o pedaço de papel do meu para-brisa e guardando-o no bolso, prometi a mim mesma, quem quer que fosse, eu iria fazê-los sofrer.



Quando voltei para casa, Devon estava lá.

Ele parecia estar lá por um tempo, recém-banhado e vestindo calças de moletom de grife e uma gola em V branca.

Eu não disse a ele imediatamente sobre o que aconteceu.

Ele parecia feliz e ansioso para passar um tempo comigo.

Além disso, eu lidaria com isso. A polícia estava fora de questão – eles eram inúteis, e depois da resposta relutante que recebi deles quando apresentei uma queixa, não estava planejando ir lá novamente. Mas eu *ia* visitar Sam Brennan amanhã em seu apartamento e anunciar que ele ia me oferecer seus serviços, querendo ou não, ou iria denunciá-lo para sua esposa.

Mesmo a experiência insegura pela qual passei esta noite não foi suficiente para me desequilibrar. Normalmente, um encontro como esse significava que eu tinha pelo menos algumas semanas de silêncio de rádio de quem quisesse me assustar.

— Olá para minha pessoa favorita em todo o mundo, — Devon cumprimentou-me calorosamente. Derreti em uma poça de hormônios e inclinei-me para ele antes que ele se agachasse para beijar minha barriga através da minha blusa rosa choque.

— Oh. Você quis dizer *ela*, — murmuro.

Ele se levantou em toda sua altura impressionante, dando-me uma piscadela. — E olá para a mulher que a carrega.



— Então, agora estamos de acordo que é uma menina. — Retiro meus saltos. A gravidez era ótima, mas isso não significava que começaria a tornar-me melhor amiga de Lululemon⁹² e, Deus nos ajude, Crocs⁹³.

— Eu normalmente estou de acordo com você, — ele diz facilmente.

Caminho para a cozinha, encho um copo alto de água da torneira e bebo em grandes goles, empurrando o motoqueiro para um canto da minha mente, determinada a não deixar o encontro estragar a noite para mim.

— Estou feliz que você não está com sua namorada esta noite, — comento.

Ops. Deixa *para* lá. Arruinei a noite sozinha.

Por que eu não podia simplesmente dizer “Estou feliz que você não esteja com Louisa”, como um ser humano normal? Pobre Devon. Mesmo que acabássemos juntos, ele cresceria para me odiar.

— Acho que estou olhando para ela.

⁹² Lululemon Athletica é uma varejista americana-canadense de roupas esportivas.

⁹³ Marca de sapatos.



Hum... o quê?

Ele passeia em minha direção, implacável. Meu coração dispara novamente, agora por um motivo totalmente diferente. Ser a namorada de alguém – a namorada *de Devon* – era uma realidade que eu nunca tinha considerado para mim mesma.

Tinha que admitir, eu não odiava o som disso.

Ele pegou o copo da minha mão e o colocou atrás de mim no balcão de mármore antes de pegar minhas mãos nas dele. Um choque passou por mim. Era tão bom, tão certo, queria rastejar para fora do meu próprio corpo e fugir para algum lugar onde eu estaria a salvo dele.

— Diga-me que ontem foi um erro, — ele ordena, não perguntou. — Diga-me um milhão de vezes que não deveria ter acontecido, e eu ainda não acreditaria em você.

Engulo em seco, olhando para o chão. Ser vulnerável matava-me, mas eu tinha que fazer isso. — Não foi.

— Foi tão difícil? — ele pergunta suavemente.

— Sim, — admito categoricamente.

Ele ri. Um estrondo baixo e sexy que veio de seu peito.



— Uma anedota animal estranha para acalmar sua mente?
— ele sugere, ainda segurando minhas mãos nas dele.

— Por favor.

— Os ornitorrincos parecem ter garrafas de água quente coladas em seus rostos. Você sabe, aquelas que nossas avós gostam de enfiar debaixo dos cobertores no inverno para se aquecer?

Gargalho, incapaz de conter-me. Ombros trêmulos e tudo.

— Falando em rostos infelizes, o antílope saiga parece ter um pênis não circuncidado a meio mastro preso ao rosto.

— Agora, o que você tem contra pênis não circuncidados, Srta. Penrose? Acontece que sou o orgulhoso proprietário de um.
— Ele empurra-me em seu corpo duro, e eu rio um pouco mais.

— Nada, Sr. Whitehall. Nada mesmo.

Seus lábios encontram os meus, e o espaço entre nós foi reduzido a nada.

Agarro-me a ele. Sua boca cheira a hortelã e gelo. A minha tinha gosto de merengue de limão, creme e batatas fritas.



Ele me despiu rápido, e eu fiz o mesmo, e pela primeira vez em anos, ele estava completamente nu na minha frente, na cozinha.

— Eu sonhei em ver você assim de novo por um longo tempo. — Outra admissão caiu dos meus lábios.

— Não houve um momento desde a primeira vez que te vi em que não queria te ver nua, *Sweven*.

Dei um passo para trás, apreciando seu físico.

— Você é lindo, — eu digo a ele.

— Você está esmagando meu coração, — ele respondeu

E então estávamos no chão, fazendo amor.

Quando terminamos, exaustos e satisfeitos, ele me arrastou para o sofá, onde aninhou-me entre seus braços. Estava enrolada em seu corpo como um cobertor.

Eu gostei.

— Quer assistir alguma coisa? — ele murmurou no meu cabelo, ligando a TV.

— Como o quê?

— O que você gosta de assistir?



— Dinheiro sendo entregue a mim ou aos meus bartenders, para ser honesta.

— Tire o pé do acelerador, amor. Você já é bem-sucedida.

— Hum. — Pensei genuinamente no assunto. — Geralmente, em casa, quando tenho um minuto, assisto a coisa mais inútil que minha TV tem a oferecer. Como, *Too Hot To Handle*⁹⁴, *The Circle*⁹⁵, *Toddlers and Tiaras*⁹⁶. Se houver a menor chance de que eu possa ser educada ou provocada a formar uma opinião sobre algo, eu desisto. E você?

Sinto seu peito tremer com o riso nas minhas costas.

Ele estava quente em todos os lugares. Delicioso.

— Assisto principalmente a BBC News, o canal Sport. Às vezes, *Top Gear*⁹⁷.

— Você é tão britânico.

— Sim, Madame.

⁹⁴ Em português Brincando com Fogo, reality show da Netflix.

⁹⁵ Reality show da Netflix.

⁹⁶ Em português Pequenas Misses, reality show da TLC.

⁹⁷ É uma revista britânica de automobilismo e um programa de televisão.



— Por que você está aqui se ainda ama e sente tanta falta de casa?

Viro a cabeça para olhá-lo. Seus olhos enrugam quando olha para mim, brincando com mechas do meu cabelo.

— Eu não sei, — ele diz honestamente, e meu coração afunda. — Agora que meu pai não está mais vivo, acho que poderia voltar, se não fosse pelo fato de agora ter um filho para criar na América.

— Então você ia voltar?

— Não. — Mas eu sabia que esse não, e eu dizia isso uma centena de vezes, realmente queria dizer sim.

— Dev...

— Eu não quero estar em nenhum outro lugar. Agora vamos ver algo que pode fazer você pensar um pouco. Como isso soa?

— Horrível, — admito.

Ele ri um pouco mais. — Bom. Mostre-me que eu valho a pena. Sofra um pouco comigo.

Nós nos contentamos com algo entre a BBC News e meus programas.



Um painel de jogos chamado *Have I Got News For You*.

Provavelmente era para ser engraçado. A multidão – e Devon – definitivamente riu.

Mas para mim era apenas um lembrete de que ele realmente não pertencia aqui comigo. Que eu estaria fazendo um grande favor a ele se o libertasse e o deixasse viver sua vida com Louisa.

Além disso, eu não poderia enfatizar isso o suficiente – *não* havia como eu não estragar essa merda.

— Ainda estou sendo seguida.

Minha admissão veio do nada.

O peito de Devon endurece debaixo de mim. Podia sentir seu pulso acelerando entre nossos corpos.

Fecho os olhos e continuo. — Um motociclista me interrompeu no trânsito hoje e bateu um bilhete no meu para-brisa. Dizia que eu deveria deixar Boston. Foi meu último aviso. O estranho é... — Respiro, — ... eu recebo dois conjuntos diferentes de ameaças. Um afirma que querem me matar e o outro me diz para fugir. É quase como se houvesse duas forças que querem que eu vá embora, mas não pelo mesmo motivo. Pessoas que não têm nada a ver umas com as outras.

— Duas? — ele repete, sua voz fria e contemplativa.



— Duas.

— *Porra.*

Foi uma porra com som de conhecimento. Ou pelo menos parecia. Mas como pode ser isso? Como ele poderia ter alguma ideia de quem estava atrás de mim?

Devon levantou-se, enfiando as pernas em sua cueca com força violenta. — Estamos chamando a polícia agora.

Uma risada amarga entope minha garganta. Eu queria dizer a ele que estive lá, fiz isso, e nada aconteceu.

Mas o tom que ele usou comigo – tão arrogante, tão condescendente – lembrou-me por que os homens, como as crianças, devem ser vistos e não ouvidos.

— Você não pode me dizer o que fazer. — Pulo para os meus pés, andando para a cozinha.

Baby Whitehall provocou uma tempestade dentro de mim, deixando-me saber que ela estava tão assustada e com raiva quanto eu.

Devon ri sarcasticamente. — Eu posso e vou, porra. Você vai fazer uma queixa na delegacia, eu vou lá com você, e também, você está oficialmente de licença maternidade de Madame Mayhem.



Suas palavras não caem nada bem com minha regra de não ser controlada por homens.

Solto uma risada estridente, voltando aos velhos hábitos, velhas falas, velho, velho, *velho* diálogo de uma mulher que simplesmente não conseguia deixar o passado para trás. — Ah, Devon. Você é tão fofo quando pensa que tem poder sobre mim.

— Isso não é sobre mim e meu poder. É sobre sua segurança. Você vai à polícia. — O olhar em seus olhos quebrou-me em pedaços. Eu poderia jurar que ele estava prestes a chorar. Chorar de frustração porque ele não conseguia falar comigo.

Agora é um bom momento para simplesmente parar.

Respire fundo.

Diga a ele que você já foi à polícia, que não funcionou.

Talvez vocês possam encontrar uma solução juntos.

Mas então pensei no Sr. Locken, prometendo-me que me daria uma bolsa de estudos para a UCLA. Dizendo-me o quanto ele se importava.

E papai. Eu pensei nele também.

De alguma forma, esse lembrete doeu mais do que tudo.



— Eu vou? — Pegou uma caixa de cereal do balcão e despejou metade do conteúdo em uma tigela. — Acho que vamos ter que ver sobre isso.

Ele se vira e caminha em direção ao seu escritório em casa. Logo depois, ouço a porta bater.

— Eu não posso mais lidar com ela! — ele rugiu através dela.

A caixa de cereal escorrega entre meus dedos, seu conteúdo derramando no chão.

Grudei minha testa no balcão frio e fechei os olhos.

Quase.

Você quase conseguiu prevalecer.

Mas você não o fez.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Belle

Quatorze anos de idade.

Papai compra um taco de beisebol para enxotar os meninos.

— É uma boa estratégia. — Ele me dá uma cotovelada através da caçarola e refrigerante na hora do jantar, piscando. — Vocês duas estão ficando tão altas. Vocês não são mais crianças. Preciso de uma arma eficiente para afugentar todos os meninos. O que você acha, Persy? Posso derrubá-los todos?

Ela ri, pressionando o dedo em uma migalha e mordiscando. — Você pode fazer qualquer coisa, pai.

— E você, Belly-Belle? Acha que o seu velho ainda consegue?

Eu cutuco a caçarola de feijão verde com meu garfo, tentando forçar um sorriso.



Meu aniversário de quinze anos está chegando, e não sei como contar ao papai que o único suposto garoto com quem tenho alguma coisa é um pai de trinta anos que é casado e parece não perceber que terminamos.

Já se passaram três semanas desde que o treinador voltou ao trabalho. Ele tentou me encurralar quase todos os dias. Eu sempre o evito, mas está ficando cada vez mais difícil. O problema é que não posso contar a ninguém. Talvez se ele não fosse casado... se todo mundo não estivesse bajulando seu bebê, que sua esposa o trouxe para a escola outro dia em seu novo carro azul. Ela empurrou Stephen em um pequeno carrinho e parou para que todos arrulhassem em cima dele. E então, quando o Treinador a viu lá, ele parecia muito confuso – quase pedindo desculpas – mas ainda beijou-a nos lábios antes de colocá-la na sala dos professores.

Uma história sobre um treinador e uma aluna tendo um caso é vergonhosa o suficiente, mas quando você se torna uma destruidora de lares também? Não, obrigada.

— Não prenda a respiração, pai, — digo, finalmente. — Eu não estou em toda a cena de namoro.

— Você estará, em algum momento, — papai suspira com pesar.

*Minha mãe empilha mais caçarola em seu prato, rindo. —
Deixe-a em paz, querido. Talvez ela ainda não esteja pronta.*

Estou começando a pensar que nunca estarei pronta.

No dia seguinte, o treinador Locken está de mau humor. Ele comete erros. Grita conosco durante o treino. Faz-nos fazer cem flexões porque diz que nos atrasamos, embora não estivéssemos.

A prática é excruciante. Meu joelho está me matando, mas não ousa reclamar, porque não quero as mãos dele perto de mim, então empurro, mesmo quando mal posso andar, dói tanto.

*— Penrose, encontre-me no meu escritório em cinco minutos,
— ele grita quando terminamos. Esguicho água em minha boca, olhando para ele com ressentimento aberto.*

— Não posso, treinador. Eu preciso pegar minha irmãzinha na biblioteca.

Não é exatamente uma mentira, embora Persy esteja acostumada a me esperar.

— Ela vai esperar. — Ele foge para seu escritório.

Com um gemido, eu o sigo. Tenho que travar minha mandíbula para não gritar de dor por causa do meu joelho. Meus músculos estão tensos. Eu não tive uma de suas massagens em



semanas. Quando entramos em seu escritório, ele tranca a porta novamente.

Desta vez, não sinto nada além de pavor. Estou na defensiva. Meus sentidos estão em alerta máximo.

— Sente-se, — ele instrui.

Eu faço. Ele se inclina sobre sua mesa, cruzando os braços sobre o peito. Olho para o outro lado. Eu não vou chorar, não importa o quê.

Ele coloca a mão na minha coxa. Meus olhos saltam para cima, encontrando os dele.

— Não, — assobio.

— Ou o quê? — Ele levanta as sobrancelhas. — Nós dois sabemos que você não pode contar a ninguém o que fizemos. Eu sou um homem casado. Isso faz de você uma putinha. Ninguém vai acreditar em você, Emmabelle. Vai ser a sua palavra contra a minha, e eu trabalho nesta escola desde que me formei na faculdade e sou muito amado e respeitado. Apenas supere seu pequeno drama e aceite que é assim que as coisas vão ser. Vou ter que ficar com Brenda por mais um tempo.

— Fique com ela por toda a eternidade. — Levanto-me e tento não estremecer quando meu joelho quase desmorona com a tensão. — Não tem nada a ver comigo. Terminei.



— É aí que você está errada. — Seus dedos se entrelaçam ao redor do meu braço.

Afasto-me, mas ele me puxa de volta com força. Vai deixar um hematoma... e eu não acho que ele se importe.

O pânico sobe pela minha garganta. Isto está saindo do controle. Eu preciso de uma saída. Quebro meu cérebro para dizer algo que o faça me deixar em paz.

— Eu tenho um namorado, — deixo escapar.

Ele me dá um olhar lamentável, inclinando a cabeça para o lado. — Por favor, não insulte minha inteligência. Nós dois sabemos que Ross Kendrick é gay.

— Não é Ross! — Protesto. — É outra pessoa. Ele está na faculdade. Ele vai chutar sua bunda se você chegar perto de mim.

— Oh, sim?

— Sim!

— Qual o nome dele?

Meus olhos escaneiam loucamente a estante atrás de seu ombro. Run Like the Wind de Jeff Perkins⁹⁸ destaca-se.

— Jeff, — eu digo, encontrando minha voz. — O nome dele é Jeff e estamos apaixonados. E sabe o que mais? Ele é um jogador de futebol e enorme. Ele pode chutar sua bunda se você tentar me tocar!

Eu giro, tentando escapar para a porta antes que ele faça mais perguntas sobre Jeff, mas ele pega a parte de trás do meu moletom e me puxa para uma chave de pescoço, seus lábios encontram a concha da minha orelha.

— Bem, diga a Jeff para recuar, porque você já tem um namorado.

Eu não choro. Mas também não tento lutar para sair de seu abraço. Estou com muito medo de que ele me mate, aqui e agora.

— Agora me diga, Emmabelle, ele transou com você?

Eu sei que deveria dizer não. Cutucar o urso não é uma boa ideia. Mas não posso evitar. Acho que sempre estarei preparada para revidar.

⁹⁸ “Corre como o vento de Jeff Perkins”.



— Sim, — eu digo. — Ele transou. Algumas vezes. Foi ótimo.

Steve me libera inesperadamente, e eu corro para a porta, destrancando-a com dedos trêmulos e saindo de lá como uma flecha.

Por um triz, reflito. Mas mesmo horas depois do incidente, ainda não consigo respirar.

Porque eu sei que vem mais.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Devon

Ela não iria à polícia.

Eu tinha mais certeza disso do que de o sol nascer amanhã no leste. A astronomia estava cheia de coisas insondáveis.

Sweven, no entanto, era tão previsível quanto um relógio suíço.

Mesmo que *ela* pensasse em ir à polícia esta noite, acordaria amanhã de manhã e se rebelaria contra toda noção de que ela deveria ser cuidadosa, temerosa ou assustada.

Não me senti nem remotamente mal por trair sua confiança quando liguei para Sam assim que ela adormeceu, acendendo um cigarro muito necessário na varanda do meu quarto com vista para o horizonte de Boston. Pressionei meus cotovelos contra o corrimão, deixando minha cabeça cair entre meus ombros em um suspiro.



— São onze horas da noite, — Sam cumprimentou em seu maneirismo sem brilho característico.

— Você ainda está acordado, — eu digo secamente.

— Você não sabia disso.

— Eu sei tudo.

— Bom ponto, — Sam diz solenemente. — O que você quer?

— Preciso contratar você para alguma coisa.

Isso o fez hesitar. Eu era o único homem em meu círculo social que não contratou Sam Brennan e sua equipe.

Mantive minhas mãos – como minha reputação profissional – completamente limpas.

Mas Emmabelle estava prestes a mudar isso.

Ela estava prestes a mudar um monte de coisas.

Ouçó Sam tragando seu cigarro eletrônico. — “*Oh, como os poderosos caíram*⁹⁹”.

⁹⁹ Frase dita por Davi após saber que Jonatas, seu melhor amigo e filho do Rei Saul, havia sido morto na peleja. Referência a II Samuel 1:27.

— Todos nós caímos da mesma maneira. — O ar fresco rodopiou meu cabelo loiro, chicoteando meu rosto. O toque frio em minhas bochechas lembrou-me o que eu gostaria de esquecer. Que eu realmente chorei alguns minutos atrás. Ou melhor, derramei três lágrimas cheias.

— E a queda sempre envolve uma mulher, — Sam conclui.

— Embora, deve-se dizer, por um tempo, pensei que tudo com o que estava lidando era um obstáculo.

Ele ri baixinho, e podia imaginá-lo balançando a cabeça enquanto dava outra tragada em seu cigarro falso.

— Como posso ajudar? — ele pergunta finalmente.

— Emmabelle está sendo seguida.

— Ash me disse algo nesse sentido, — Sam oferece indiferentemente. — Você tem algum suspeito?

— Um ex-funcionário amargo. Uma mulher que está decidida a se casar comigo... — Respiro fundo, minha mandíbula apertando em aborrecimento, —... e minha mãe.

Felizmente, Sam não era de comentários sarcásticos.

— Ela está tentando falar comigo, — diz Sam. — Emmabelle. Eu não atendi as ligações dela.

— Por que não? — Sinto meu sangue ferver de raiva.

— Exercer humildade. — Ouço jogar o cigarro em sua mesa, ficando cansado e frustrado com a substituição pouco convincente. — Eu queria ver se ela pediria ajuda a Ash ou a você. Seria bom para ela ser um pouco menos orgulhosa.

— Ela não me pediu para ligar para você. Estou sendo desonesto pelas costas. Na verdade, eu especificamente não quero que você entre em contato com ela.

— Tudo bem. Vou te enviar um questionário por e-mail. Você terá que preenchê-lo completamente.

— Eu preciso do endereço desse funcionário Frank o mais rápido possível, — eu digo.

— Você vai conseguir, — diz Sam com confiança. — Mas, Devon?

— Sim?

— Eu não sou barato.

— Eu *não sou* pobre. — Definitivamente matou-me usar a palavra *ain't*¹⁰⁰.

— Você pode ser, depois de contratar-me por um mês ou dois.

— Você não precisa de dois meses para resolver este enigma. Além disso, você está me ajudando a manter a mãe do meu filho segura. Não há preço para isso.

Desligo, soltando um suspiro rápido e raivoso.

Olho ao redor do universo, que, por sua vez, fechou-se sobre mim.

Essa era a questão de temer lugares confinados; às vezes, quando as coisas pioravam, sua mera existência era suficiente para deixá-lo hiperventilando.

Assim como às vezes, para salvar um anjo, você tem que fazer um pacto com o diabo.



¹⁰⁰ Conforme a forma culta do inglês, o personagem deveria dizer “I’m not”, mas na forma coloquial os estadunidenses dizem “ain’t”.



Eu estava no limiar da casa de Frank no dia seguinte, a poucos minutos do meio-dia.

Frank morava em Dorchester. Sua casa tinha uma varanda precária, telhado em ruínas e uma porta com buracos de bala.

Nada tão *bem-vindo ao lar* como buracos em forma de revestimento de metal em uma porta.

Eu bati, escovando meus dedos sobre minha jaqueta de tweed.

Sweven ainda não sabia, mas no minuto em que ela saísse de casa hoje – quando quer que fosse – teria dois dos homens de Sam seguindo-a.

Desde que Sam descobriu o endereço de Frank durante a noite, tive que admitir a contragosto (mas apenas para mim mesmo) que ele não era terrível em seu trabalho. Embora eu ainda reservasse o direito de não gostar dele pelo simples fato de que ele era, de fato, um babaca.

Embora eu não fosse bem versado em fazer contatos com homens que tentaram matar seus ex-empregadores, senti uma estranha sensação de realização.

Estava cuidando da situação agora. Nunca me imaginei como o cavaleiro da armadura Prada de ninguém, mas aqui estávamos nós.

A porta se abriu e uma porta de tela bateu logo atrás dela.

Uma adolescente com cabelo de aspecto desganhado e uma enorme barriga de grávida estava na minha frente, descalça, vestindo uma túnica de camuflagem militar e leggings pretas furadas. Ela se encolheu quando me viu, dando um passo para trás.

— Frank não está aqui. — Ela começou a fechar a porta na minha cara.

Enfiei um braço para fora, empurrando-a de volta com um sorriso.

— Como você sabe que é Frank que estou procurando?

Ela abraçou a borda da porta, olhando para mim com olhos selvagens.

— Acho que você é algum tipo de policial importante ou sei lá. Apenas dois tipos de pessoas vêm visitar Frank – criminosos e policiais. E você não me parece um criminoso.

Um endosso adorável, se alguma vez ouvi um.

A garota não estava errada, o que significava que ela, no mínimo, tinha duas células cerebrais para esfregar. Esperançosamente ela era inteligente o suficiente para reconhecer uma oportunidade quando uma batia em sua porta.

Como se confirmando minha suspeita, um grunhido alto veio de sua barriga de grávida. Ela estremeceu, passando a mão sobre suas raízes gordurosas.

— Isso é tudo? — Ela estava prestes a fechar a porta novamente.

— Está com fome? — Abaixo meu queixo para tentar pegar seu olhar, mas sem sucesso. Quem quer que fosse Frank, ele treinou-a bem para ficar longe de estranhos.

Ela balançou a cabeça.

— Porque eu posso cuidar disso, — eu digo gentilmente.

— Não preciso de caridade.

— Minha namorada também está grávida. Ela está desenvolvendo nosso filho dentro dela. Odiaria pensar que ela está sem comida. Para mim, não é caridade. É uma necessidade.

Ela dobrou os lábios um sobre o outro. Eu poderia dizer que ela estava em um ponto de ruptura.

Ela estava com fome. Tão faminta. Suas pernas eram dois palitos de dente.

A sala atrás dela parecia ter sido destruída por todos os ocupantes da Costa Leste na última década.



— Quem é você? O que você quer? — ela perguntou finalmente.

O fato de ela não bater a porta na minha cara foi um sinal encorajador.

Ela sabia que eu poderia dar-lhe alívio, um remédio imediato para sua situação.

Chamei a atenção dela e, por enquanto, isso foi o suficiente.

— Estou procurando pelo seu namorado. Suspeito que ele está planejando fazer uma coisa muito ruim.

— Não faço ideia de onde ele está. Ele se foi por uma semana inteira agora. Nem atendeu minhas ligações. Mas isso não me surpreende. — Ela bufa.

— Oh? — Levanto uma sobrancelha. Não julgar era a regra número um na tentativa de obter informações de alguém. — Isso é uma ocorrência comum com Frank? Ele causando problemas?

— Frank ainda não encontrou nenhum tipo de problema que ele não goste. O que você é, afinal? Você está muito bem vestido para ser um policial.

— Eu sou um advogado. — Dou um passo à frente, para o corredor, e agora podia sentir o cheiro inconfundível de maconha,

mofo, comida podre e apatia. — Você diria que ele é capaz de violência?

— Claro. — Ela dá de ombros novamente, outro estrondo vindo de sua barriga. — Ele já se envolveu em muitas brigas antes.

— E assassinato?

— Quem você disse que era mesmo? — Ela estreita os olhos para mim, dando um passo para trás.

Ela não ia falar espontaneamente. Era hora de cortar a besteira.

— Qual o seu nome? — Pergunto.

Muitas pessoas pensavam que os advogados eram pessoas combativas e agressivas. Alguns – não profissionais – eram. Mas a maioria era mesmo suave. Matava pessoas com bondade sempre que possível. Eu não tinha que ostentar meu poder. Carregava-o sem esforço.

— Eu... hum... — Ela olha ao redor, como se houvesse algo – alguém – que pudesse ficar em seu caminho para aceitar a ajuda que eu estava oferecendo a ela.

Atrás de mim, cães acorrentados latiam no quintal de alguém, tentando pular a cerca. Um bebê chorou ao longe.

— D-donna, — ela gaguejou. — Meu nome é Donna.

— Você tem um sobrenome, Donna? — Tiro o talão de cheques e uma caneta Montblanc do bolso interno.

— O que você quer dizer? — Ela balança de um pé para outro, olhando-me abertamente agora. Como se uma vez saltando através da barreira mental de olhar para mim, ela não conseguia parar.

— Um sobrenome. — Sorrio.

— Oh. Sim. Hammond. Dona Hammond.

— Estou te passando um cheque de dois mil dólares, confiando em você para comprar comida com ele, Donna. — Eu rabisquei enquanto falava, meus olhos ainda segurando os dela.

Ela parecia hipnotizada, e isso deprimia-me, como a vida de seu bebê seria diferente do nosso.

Como meu bebê nunca teria que pensar sobre de onde viria a próxima refeição, ou ter que lidar com uma situação médica não tratada porque não podíamos pagar a conta que vinha com ela.

Destaquei o cheque e entreguei a ela. Antes que ela o arrancasse de entre meus dedos, levantei meu braço no ar, impedindo-a de pegá-lo.

— Há uma pegadinha.

— Eu sabia, — ela bufou, mostrando os dentes. — O que é?

— Vou te dar este cheque. Sem perguntas. *Mas*, — eu digo lentamente, — eu lhe darei um cheque de dez mil dólares e garantirei um lugar para você em um abrigo para mulheres se você fizer duas coisas.

Ela olhou para trás dos meus ombros freneticamente, lambendo os lábios. — OK. Mas com camisinha. Eu não quero nenhuma doença.

Era isso que ela achava que eu tinha em mente? Alguns dos meus mocassins eram mais velhos que ela, pelo amor de Deus.

— Não é sexo que eu quero de você, Donna. Quero que me dê qualquer informação sobre o paradeiro do seu namorado. Ligue-me assim que tiver notícias dele. — Peguei um cartão de visita, entregando a ela. — E eu quero que você me prometa que vai fazer as malas e sair deste apartamento. Vou mandar alguém para te levar para um abrigo para mulheres.

— Combinado, — ela diz.

Entreguei-lhe o cheque. Ela o pegou com dedos trêmulos, olhando para mim novamente.

— Mas e se eu nunca mais ouvir falar dele? Ele não está atendendo minhas ligações. Você vai cancelar o cheque?

Balanço minha cabeça. — Não se você cumprir sua parte no trato e deixá-lo para sempre.

— Eu irei. Eu vou, — ela se corrige. — Ele me ferrou. Não vou perdoá-lo pelo que ele fez comigo e com meu bebê.

Enfio o talão de cheques de volta no bolso, dando-lhe um sorriso irônico. Mesmo que Belle não estivesse a salvo de Frank, sua ex-namorada agora estava, e isso também era algo.



No caminho de volta ao meu escritório, liguei para Sam. Ele atendeu no primeiro toque.

— Se isso é sobre Frank, ainda estou tentando encontrá-lo. Ele passou despercebido.

Aperto o volante. Eu não gostava de estar em um ponto de desvantagem, mas agora, era exatamente onde estava.

— Você está investigando Louisa e minha mãe também?

— Sim. — Ouço Sam clicando em seu laptop. — E ainda não posso descartá-las. Há muito dinheiro ancorado nesse maldito testamento que você está ignorando, e tudo isso está vinculado a bens e objetos de valor. Eu posso ver o incentivo de sua mãe.

— E Louisa?

— Ah, aquele maldito saco de delícias inglesas, — Sam cuspe. — Sim, ela ainda é uma opção também. Parece que sua família não é tão rica quanto dizem ser. Peguei alguns relatórios da conta privada suíça que eles estão usando. O que quer que eles tenham no HSBC na Grã-Bretanha, tanto contas privadas quanto empresariais, não é suficiente para manter seu estilo de vida pelos próximos cinco anos. Então eu posso ver por que Butchart está sendo pressionada a se casar com você. Ela precisa salvar a pele dela e de seus irmãos. A reserva da tesouraria está diminuindo rapidamente.

— Bem, isso é um show de merda.

— Vocábulo, Nancy Drew¹⁰¹.

¹⁰¹ Série de drama e mistério.



— Como diabos isso chegou tão longe? — Pergunto-me em voz alta.

Por duas décadas, eu tive o cuidado de ficar longe de problemas, e agora parecia que problemas me encontravam a cada passo do caminho.

— Bem vamos ver. Você tinha negócios inacabados do outro lado do oceano, como vocês britânicos gostam de chamar, a mulher com quem você está é uma maldita ameaça e não deve ser deixada por conta própria, e além de tudo isso, você parece ter um pau de ouro porque todo mundo quer.

— Meu pau só quer Emmabelle, — eu digo mal-humorado.
— Isso não é triste?

— Trágico “*pra*” caralho.

— Prometa-me uma coisa, — eu digo.

— Não, — Sam responde categoricamente. Vou em frente de qualquer maneira.

— Que nada aconteça com Belle.

Há silêncio na outra linha. Reduzo a velocidade do meu Bentley e paro em frente a um semáforo. Finalmente, ele fala.



— Nada vai acontecer com Emmabelle. Você tem minha palavra.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

Belle

Quinze anos de idade.

Acabei passando as férias de verão em Southie.

Mamãe e papai estão chateados por eu não ter ido a um campo de treinamento. Ainda mais por não querer voltar ao cross-country no ano que vem. Eles vão sobreviver.

Persephone e Sailor estão se transformando em pequenas mulheres. É bom assistir, mesmo que eu nunca tenha me sentido tão desconfortável nos meus ossos como agora. Ross, agora com quinze anos, experimentou seu primeiro beijo desleixado. Com um cara chamado Rain que estava de férias com sua família no Cabo ao mesmo tempo em que Ross estava lá com sua família. Eles trocaram números, mas quando Ross chegou em casa e ligou,



percebeu que faltava um número. Ele está chorando e rindo disso há dias.

Quanto a mim, fiz a minha missão de transformar-me em um camaleão. Comecei a me maquiar e a experimentar meu cabelo e roupas. Qualquer coisa para me tornar mais confortável na minha pele. O bom desse ano inteiro é que meu joelho não está mais sofrendo. Ainda dói, mas não parece mais a morte.

Brincadeiras à parte, ele está muito chateado com a coisa toda do Rain. Eu gostaria de poder dizer a ele que as coisas poderiam ser muito piores no que diz respeito aos primeiros beijos. Mas sei que ele vai surtar se eu mencionar o treinador, e honestamente, isso nem importa neste momento. Está acabado. Encerrado.

Volto da casa de Ross. Balanço minha cabeça ao som de "Hate to Say I Told You So" do The Hives, tentando aliviar meu próprio humor. Talvez eu pergunte a Persy e Sailor se elas querem ver um filme ou algo assim. Aproveitar todo o açúcar do refrigerante e comer pipoca com manteiga.

Pego o atalho para o nosso apartamento por um beco, quando um carro azul para e bloqueia meu caminho para o outro lado. Esse azul atinge-me no estômago imediatamente.

Brenda?



Arranco meus fones de ouvido, viro-me e começo a correr sem descobrir. Ouço a porta de um carro se abrir e se fechar atrás de mim. Meu joelho me atrasa, mas ainda sou rápida como o inferno. Tudo o que preciso é chegar à Main Street e pronto. Não há nada que ela possa fazer comigo.

Mas então sinto uma mão agarrar minha garganta e estou sendo arrastada de volta para o beco, chutando e gritando. Posso dizer que não é Brenda. Brenda não seria mais rápida do que eu. E suas palmas não seriam tão ásperas.

— Olá, pequena mentirosa. Onde está Jeff? Fiquei de olho em você durante todo o verão e notei que você não encontrou um único garoto. Mesmo com seu novo visual sacana.

Sua voz me faz querer vomitar. Eu rugi selvagememente, jogando punhos em todos os lugares.

Ele segura minha boca para me calar. Eu sinto os dedos do treinador atrás das minhas costas enquanto ele abre o zíper. Puxa minha minissaia para cima.

Não, não, não, não.

— Ora, ora. Você pode ir e foder quem você quiser depois que eu terminar com você, mas eu vou estourar essa cereja doce. Deixe-me pegar uma camisinha.



Encontro uma nova ira em mim quando ouço a palavra camisinha. Consigo virar-me e cravar minhas unhas em seus olhos. Momentaneamente livre, eu grito por ajuda novamente. Com a visão embaçada, ele salta sobre mim, derrubando-me no chão. Seu primeiro golpe atinge meu queixo e me deixa em silêncio, mesmo quando o resto do meu corpo ainda luta para se libertar.

*— Tudo bem, não se preocupe com o preservativo. Cadela. —
Ele cospe no meu rosto.*

Continuo lutando, mesmo sabendo que perdi a guerra.

Quando todos os meus soldados estão mortos, e meus cavalos estão desaparecidos, e minha terra está inchada, espessa de sangue.

Eu continuo lutando quando ele me quebra.

Quando ele me leva.

Quando não há mais nada pelo que lutar.

Eu continuo lutando, porque essa é a única maneira que eu sei como sobreviver.



Belle

Na manhã seguinte à minha discussão com Devon, fui descalça até sua cama para me desculpar, mas às seis e meia, ele não estava lá.

Escovei os dentes, vesti um minivestido branco que realçava minhas panturrilhas e comi um pedaço de torrada de abacate. Depois, dirigi até uma delegacia diferente da que fui anteriormente e, a boa menina que eu era, fiz outra queixa, desta vez com uma policial que parecia muito mais competente e muito mais assustada com isso, o que estranhamente fez-me sentir melhor.

Ao meio-dia, minha agenda estava limpa e minha bunda estava entediada. Eu sabia que Sam Brennan, a quem estava planejando encurralar e exigir que ele me aceitasse como cliente, não estaria em Badlands antes das oito da noite, então eu ainda tinha tempo para gastar.

Parei na Madame Mayhem para examinar alguns arquivos e verificar a equipe. Devon não queria que eu fosse lá, mas eu tinha minha arma, habilidades de Krav Maga e Simon.

Por mais que eu odiasse admitir, ter um guarda-costas do tamanho do ego de um político não era uma coisa tão ruim.



Apareci no escritório do meu próprio clube, armada com meu laptop e um sorriso.

— Lar Doce Lar! — Anunciei a Ross, cujos olhos saltaram das órbitas com o impacto. Ele correu para mim, balançando a cabeça e o punho simultaneamente.

— Santo abdômen do Cody Simpson em um pôster! O que você está fazendo aqui?

— Trabalhando?

— Sob essas circunstâncias? — Ele embala minha barriga – a barriga na qual uma pessoa estava agora vibrando e sacudindo e fazendo todos os tipos de coisas incríveis, especialmente à noite — e engasga.

— Sim. Você espera que eu simplesmente abandone minhas responsabilidades e fique de molho?

— Espero que você cuide do seu bem-estar e do seu filho!

— Eu só vou fazer algumas horas de planilhas.

— Cadela, você não é uma contadora. O mundo não vai entrar em colapso se você não verificar o suprimento de cerveja belga hoje. E, desculpe dizer, estamos indo muito bem sem você.



Simon aparece do nada, como por mágica, no minuto em que minha voz vem dos fundos.

Dizer que ele não parecia feliz em me ver era o eufemismo do século.

— Você está aqui. — Simon para na porta, a decepção rolando de seu corpo em ondas.

— Olá para você também, Si! — Sorrio amplamente.

— Se importa se eu trabalhar ao seu lado em seu escritório?
— ele me pergunta, mas olha para Ross, como se dissesse, *vou derrubar a porta dela se ela se recusar.*

Aceno para ele com um sorriso. — Claro, o que quer que faça você e seu chefe tenso feliz.

— Você é o seu maior perigo para a saúde. Estou prestes a desistir. — Ross bate as costas da mão na testa antes de voltar para o bar para descarregar um carregamento de álcool. — Ah, e estou dizendo ao seu namorado!

Sento-me na frente da minha mesa e abro meu laptop. — Vá em frente, traidor!

Ross joga a cabeça para trás pela minha porta, sorrindo como um maluco. — Então ele é seu namorado. Garota... *tanta inveja!*



Eu estava avançando muito na minha carga de trabalho, obtendo uma apresentação burlesca de fora do estado, da Louisiana, para o verão e negociando um contrato com um novo distribuidor de bebidas, quando ouço uma batida na porta do meu escritório.

Rolando para trás na minha cadeira, espreguiço-me. — Graças a Deus. Eu poderia usar uma distração. Talvez seja comida. Você acha que é comida, Si?

Simon, que estava sentado a alguns metros de distância de mim, obedientemente fingindo arquivar, embora houvesse muito pouco para ser arquivado em meu escritório, levantou-se de seu lugar no chão e limpou a poeira de seu jeans. Ele me fez sinal com a mão para ficar sentada, indo para a porta.

— Alguém já te disse que você é preocupado demais, Si? Você poderia ser um pouco mais liberal.

Baby Whitehall estremece em concordância dentro da minha barriga, e eu o embalo por um momento.

— Sim, ponto justo, Baby Whitehall. Eu sei. A mamãe também não é perfeita. Mas você tem que admitir que pelo menos eu chego perto.

— Tem uma mulher aqui para ver você, — Simon diz concisamente, bloqueando minha linha de visão de quem era com seus ombros de Robocop.

— Minha nossa, uma visitante. — Entrelaço meus dedos. — É Pers ou Sailor? Ash está no trabalho, então não pode ser ela. De qualquer forma, elas não são permitidas a menos que venham trazendo presentes comestíveis.

— Eu acho que você deveria passar essa reunião. Não é uma chamada social. — O rosto de Simon estava tão tenso que pensei que ele fosse explodir.

— Quem é?

— Senhorita Penrose...

Por que ele ainda insistia na Srta. Penrose quando eu o chamava de Si? Por que ele não poderia ser menos tenso? Onde diabos Devon encontrou esse cara, afinal?

— Quem. É? — Repito, ficando doente e cansada de homens dizendo-me o que fazer.

Simon respira fundo, jogando a cabeça para trás em exasperação. — Louisa Butchart.

— Deixe-a entrar e saia. — Minha voz estava gelada.

— Mas...

— Faça isso, Si. Antes de te expulsar do meu estabelecimento. Você sabe que eu posso.

Além disso, ele sabia que eu *faria*.

Nós nos encaramos por um instante. Soltando um suspiro, ele sai do meu escritório. Eu podia ver sua cabeça espiando no corredor, porém, ficando por perto.

Louisa entrou, elegantemente magra em um vestido plissado Alexander McQueen.

Eu não estava intimidada. Apenas chateada, ela continuava aparecendo como uma mancha de peido na calcinha toda vez que eu tentava empurrá-la para fora da minha mente.

— Louisa! Que grata surpresa. Perdeu o caminho para Chanel? — Coloquei meu melhor sorriso de foda-se.

— Oh, Emmabelle, eu amo seu vestido. O que é isso exatamente? Victoria's Secret *transa-comigo-no-escuro*? — Ela

falou lentamente, empoleirando sua bunda ossuda na borda do assento.

Sua Hermes vintage disse-me que ela falava sério. Ninguém tinha negócios carregando uma bolsa de 250 mil, a menos que estivessem dispostos a mostrar que o que estava dentro dela era igualmente impressionante.

— A que devo esta visita? — Ronrono, indo direto ao ponto.

— Acho que nós duas sabemos a resposta para essa pergunta, então por que não pulamos a parte em que insulto sua inteligência e você desperdiça meu tempo?

— Parece bom. — Enrolo meu cabelo em torno de um dedo de brincadeira. — Então você ainda tem esperança de conseguir colocar suas garras no meu namorado?

Eu não tinha ideia de por que decidi chamá-lo assim na frente dela, mas parecia certo. O título. O peso disso. Além disso, Devon chamou-me de namorada no outro dia, então certamente eu não estava completamente errada. Mesmo se eu tivesse certeza de que ele atualmente queria me matar.

— Namorada? — ela bufa. — A família de Devvie nunca vai aceitar você. Na verdade, não haverá *família* para aceitá-lo depois que tudo isso estiver feito e resolvido. Devon pode parecer duro e implacável quando se trata de sua mãe, mas acredite em mim,

ele passou metade de sua vida tentando atender a todos os caprichos dela. Família é tudo. Se você se importa com ele, você não o privaria disso. Um bebê não é suficiente para substituir tudo o que ele estaria perdendo.

Essa mulher tinha alguns ovários – bolas implicavam que as mulheres não tinham coragem, uma ideia que rejeitei prontamente. Afinal, não eram os homens que empurravam um humano do tamanho de uma melancia para fora de seu buraco de xixi.

Colocando minha mão no meu peito, fingi choque.

— Eu não percebi que estava destruindo a vida dele. Por favor, permita-me remediar a situação imediatamente, mudando-me para um país tropical e mudando meu nome para que ele não possa me encontrar.

As palavras – você adivinhou – foram ditas com um falso sotaque inglês.

— Não se faça de boba. Nós duas sabemos que o relacionamento dele com você é a única coisa que atrapalha nosso casamento, — Louisa solta impacientemente.

— Sério? — Bocejo. — Nós dois somos adultos consentidos. E não sei se você percebeu, mas estamos meio que no meio de dar um grande passo juntos.



— O *passo* não significa nada na sua situação. Você não vai se casar. Você não o ama, eu amo. Ele não significa nada para você.

Desta vez, cada uma de suas palavras me cortou como cacos de vidro, porque percebi que não eram verdadeiras.

Ainda assim, eu não podia confessar meus sentimentos a Devon, muito menos a essa diaba.

— Aonde você quer chegar? — Bato na parte de trás do meu laptop, revirando os olhos.

— Deixe-o ir. Diga a ele que você não quer nada com ele. Abra o caminho para ele voltar para sua família, para sua irmã, para mim. Este é o seu destino. Foi para isso que ele nasceu.

— Ele nasceu para tomar suas próprias decisões.

— Não, talvez *você* tenha. Uma plebeia, sem legado ou responsabilidades. Devon foi feito para coisas maiores.

A indignação empurrou-me do meu assento. Joguei minhas mãos no ar para causar impacto.

— Você quer que eu diga a ele para se foder para que você possa se casar com ele? Dê-me uma maldita razão pela qual eu deveria.

— Muito bem. Eu lhe darei um milhão disso.

Louisa joga sua bolsa entre nós na minha mesa com um baque e tira um cheque pré-escrito.

Tive que piscar rapidamente para ver se os números estavam certos. Sim. Claro que sim. Um milhão de dólares, pagos à ordem de Emmabelle Petra Penrose.

Girei meu anel de polegar sem tocar no cheque, que agora estava sobre a mesa entre nós. Corri meus dentes sobre meu lábio inferior.

Minha raiva foi substituída por preocupação e apreensão.

Como ela sabia meu nome do meio?

Há quanto tempo ela estava querendo que eu deixasse Boston?

E tudo isso não parecia um pouco... *familiar* demais? Como se Frank não fosse a única fonte das ameaças contra mim.

Tentei pensar sobre isso pragmaticamente. Para fazer o que era melhor para mim e para o bebê.

Devon *era* um risco. Senti todos os tipos de coisas em relação a ele. Coisas que eu não devia sentir. Se ele se casasse com Louisa, não precisaria mais me preocupar com ele. Eu



nunca tocaria um homem casado novamente, vivo ou morto. O problema estaria resolvido.

E já que estávamos falando sobre os prós de pegar o dinheiro, eu estaria com a vida feita. Poderia ficar com Madame Mayhem e ainda distanciar-me. Fornecer segurança para mim mesma sem ter que pular obstáculos, carregar uma arma e implorar a Sam Brennan para atender minhas ligações.

Eu poderia colocar Ross no comando do clube, do qual eu estava ficando cansada de qualquer maneira – ser atrevida e chocante era um trabalho de tempo integral, ao que parecia – e encontrar outro empreendimento.

Talvez uma loja de alta costura. Ou uma empresa de design de interiores.

Depois, havia os contras.

E muitos desses também.

Em primeiro lugar, eu não queria que Louisa ganhasse.

Ela estava me forçando, e eu não respondia bem ao bullying.

A segunda coisa era que não era justo com Devon.

Não cabia a mim decidir por ele com quem ele se casaria ou não.

Em última análise, porém, havia um fator decisivo – Louisa e Ursula poderiam estar por trás das ameaças contra mim e, ao aceitar esse acordo, eu poderia proteger meu filho.

Eu só tinha que jogar minhas cartas direito e garantir que nem meu bebê nem Devon ficassem com a pior parte nessa situação.

Pegando o cheque, joguei-o na frente do rosto de Louisa com um sorriso.

Hora de jogar duro.

— Desculpe, sem chances, princesa. Dev e eu temos um contrato em vigor. Já concordei que ele fará parte da vida do bebê e dividirá a custódia comigo. Pretendo manter minha palavra.

— Oh, Devvie, — Louisa corta, massageando suas têmporas.
— Você tinha que ir para a prostituta com o coração de ouro...

— Eu não sou uma prostituta, — assobio. — Mas posso reconhecer uma cadela quando vejo uma.

— Ele estará na vida do bebê. — Ela empurra o cheque para mim novamente. — Eu te dou minha palavra. Nós duas sabemos



que não posso impedi-lo de fazer isso. Mas ele ainda estaria casado comigo.

— Excelente. Então o que você está me pedindo exatamente? — Pergunto.

— Largue-o, — diz Louisa baixinho. — Eu farei o resto. Mas, por favor, apenas... apenas termine com ele. Conheço mulheres como você. Você não tem futuro com ele. Você não o leva a sério. Suas intenções não são puras...

— E as suas são? — Corto suas palavras.

Ela franze o rosto em desgosto.

— Ele está prestes a perder tudo pelo que sua família trabalhou por séculos.

Discutir com ela sobre esse assunto era inútil. O próprio Devon tinha admitido isso para mim.

No final do dia, Devon e eu não combinávamos bem. Ninguém seria um bom ajuste para mim.

— Vou pegar o dinheiro e deixá-lo, mas não vou afastá-lo da vida do bebê e não vou sair de Boston.

Isso me surpreendeu, o quanto eu me odiava naquele momento.



Como tornei-me tão ruim quanto as pessoas que me marcaram.

O Sr. Lockens do mundo. Sem virtude, moral ou direção.

— Tudo bem. Tudo bem. Isso é bom o suficiente para mim. Quando você vai fazer isso? — Pergunta Louisa.

Entorpecida, embolsei o cheque na minha bolsa debaixo da minha mesa. Senti como se estivesse tendo uma experiência fora do corpo. Como se não fosse eu quem estivesse sentada na frente dessa mulher agora.

É para o melhor.

Ele iria te machucar.

Todos os outros homens em quem você confia fazem.

— Hoje.

— Bom. Então terei certeza de estar de prontidão quando ele buscar meu conforto.

Ela se levanta, batendo palmas uma vez. — Ursula vai ficar muito feliz com a notícia.

— Ah, tenho certeza. — Estava prestes a desmaiar e vomitar.



— Você está fazendo a coisa certa, — ela me assegura.

Assentindo levemente, apontei para a porta. Eu mal conseguia respirar, muito menos falar.

Louisa se afastou, fechou a porta atrás de si e deixou-me com o peso da minha decisão, sabendo muito bem que iria esmagar minha alma até o esquecimento.

CAPÍTULO TRINTA

Belle

Ele não me deixaria sair.

Eu sabia disso com certeza.

Apesar de toda a sua gentileza – e Devon Whitehall era um bom e verdadeiro cavalheiro – ele não reagia bem a besteiras, e nós dois sabíamos que eu estava servindo a ele uma dose saudável de bagunça que nenhum de nós merecia.

Então escolhi o caminho da covardia. Escrevi um bilhete para ele.

Eu disse a mim mesma que estava tudo bem. Eu sentaria e conversaria com ele cara a cara. Só precisava de algum tempo para digerir tudo. Além disso, era melhor não ficar em Boston, agora que suspeitava de duas forças diferentes tentando me afastar.



Devon ficaria bem. Ele sempre ficou. Forte, banhado pelo sol e dourado. Com seu título, intelecto aguçado e um sotaque preguiçoso e mal-humorado, ele ficaria bem.

Merda, eu estava cometendo o maior erro da minha vida, e estava fazendo isso pela minha filha. Mantê-la segura era o mais importante.

Então, era assim que era amar uma pessoa.

Mesmo antes de conhecê-la. Mesmo antes de ela estar lá fora no mundo.

Decidi escrever uma carta a Devon. Eu queria algo pessoal e não muito breve para dar a notícia.

Afinal, ele não tinha sido nada além de bom para mim.

Levei quatro horas para escrever algo que não detestasse completamente.

Caro Devon,



Obrigada por sua hospitalidade e por lidar com meu tipo de besteira, que, vamos admitir, é demais para 99,99% da raça humana.

A coisa é, eu não acho que viver juntos está fazendo nenhum bem a nenhum de nós.

Eu te deixo infeliz, e você me deixa desconfortável.

Os sentimentos que você desperta em mim me deixam crua e assustada.

Quanto a você, eu sei que ontem à noite você estava prestes a fazer um buraco na parede do seu quarto, tudo por minha causa.

Eu sei que as coisas estão meio complicadas, mas, por favor, saiba que eu fiz uma queixa hoje e que a polícia está trabalhando nisso. Prometo carregar minha arma o tempo todo e ficar segura, mas não posso mais fazer isso.

Temo que se continuarmos tendo um relacionamento, o estresse vai chegar ao bebê, e eu tenho que colocá-la antes de qualquer outra coisa. Antes de você. Antes de mim.

Estou muito feliz em fazer essa jornada com você e peço que continuemos amigos.



Com isso dito, vou dar um passo para trás e tentar olhar para dentro de mim para encontrar a graça e a confiança com que você merece ser tratado.

Muito amor,

Belle.

PS

Você deveria se casar com Louisa. Ela ama você.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Belle

Quinze anos de idade.

O segundo ano do ensino médio começa com franja.

Não confundir com estrondo¹⁰².

Ross, é claro, está por trás da ideia.

— Franja realmente combina com você. Eu simplesmente amo seu cabelo. É fantástico trabalhar com isso. Preciso alisar minha própria franja todas as manhãs, — Ross geme.

¹⁰² Há um trocadilho com bangs (franja) e bang (estrondo), mas na língua portuguesa as duas palavras não são semelhantes.



Fizemos um acordo – eu vou fazer franja em nós dois se ele concordar em ir para as aulas de Krav Maga comigo. Vamos três vezes por semana. Os instrutores estão cansados de nossos rostos. Mas já não deixo o meu destino nas mãos de homens que não conheço.

Observo o treinador Locken nos corredores, nas minhas aulas, no refeitório. Eu nunca vou deixá-lo fazer isso comigo novamente, e a vingança virá.

Já vi documentários e ciclos de notícias suficientes para saber que entregá-lo às autoridades não vai adiantar nada. Preciso fazer a lei com minhas próprias mãos. Porque se ele se safar do que fez ou não, minha vida ainda estará fodida para sempre.

Recuso-me a ser aquela garota que mexeu com seu treinador. Que o deixou comê-la por meses, e então, opa, se assustou e contou para a mamãe e o papai quando ele tirou a virgindade dela. Não. Foda-se isso. Eu sou uma garota com um plano.

O treinador Locken fica longe de mim.

Um mês segue o outro, e quase começo a respirar de novo.

Então, numa manhã de sábado, bem cedo, quando mamãe está fazendo panquecas lá embaixo, papai lê o jornal e Persephone está ao telefone com Sailor, algo acontece.



É estranho que isso aconteça, porque todo o resto neste sábado é tão comum. Tão mundano. O cheiro de panquecas flutua sob as rachaduras do banheiro. Assim como a risada de Persephone enquanto ela e Sailor discutem como nossos pais são desagradavelmente românticos (Sailor é, infelizmente, também a filha de duas pessoas que realmente precisam parar de se apalpar em público).

Recebo uma mensagem de Locken.

Eu vou fazer isso de novo se você contar.

Esteja avisada.

Considero-me avisada.

Estou prestes a vomitar.

Mas acho que sei por que ele se sente confiante em me dizer isso – ele sabe que as autoridades são uma porcaria. A diretoria da escola nunca acreditaria em mim. A delegacia de polícia local está cheia de seus colegas de escola – pessoas com quem ele bebe cerveja – e Southie simplesmente não é um lugar aonde você vai à polícia. Você cuida da merda sozinho.

Faço xixi no banheiro. Sinto que parei de fazer xixi – minha bexiga está vazia, eu sei, porque tenho feito xixi por quinze anos seguidos, todos os dias, várias vezes ao dia, sem falhar – mas, por algum motivo, continuo pingando. A cólica no meu estômago é



ruim. Como se meu intestino estivesse se contraindo contra algo que queria expurgar.

Olho para baixo, entre minhas pernas, e franzo a testa. Sai um jorro de sangue. Pisco para o vaso sanitário, separando minhas coxas, e vejo um amontoado de... alguma coisa.

Oh Deus.

Oh Deus.

Oh Deus.

Inclino-me para frente e vomito ali mesmo nos ladrilhos. Estou tremendo. Não. Não pode ser. Alcanço acima da minha cabeça uma toalha pendurada em um rack e enfio na minha boca para abafar meus gritos. Contorço-me no chão e grito na toalha.

Chorando, chorando, chorando.

Eu estava grávida.

O bastardo me engravidou.

Claro que sim.

Mas... por que perdi o bebê?



Calculo de volta e percebo que a gravidez durou cinco semanas. Eu tinha caído durante a última semana das férias de verão. Mas, mesmo assim. Como? Por quê? Por quê?

Este é o momento em que percebo que não sou mais eu mesma.

Que talvez eu nunca seja realmente eu mesma, porque não tive tempo de descobrir quem eu era.

É quando penso que minha fé na humanidade nunca será restaurada.

Que as coisas não podem piorar.

E então elas pioram.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Devon

Eu ia matar alguém, porra, e não ia ser Emmabelle Penrose, embora ela fosse a mulher que mais merecia minha ira.

Amassando a carta manuscrita, joguei-a na lixeira, peguei minhas chaves da ilha da cozinha e corri em direção à porta.

Desci as escadas de dois em dois, quase caindo no caminho para o Bentley.

Minha primeira parada foi no apartamento alugado de *Sweven*, ainda pago. O buraco infernal do tamanho de uma caixa de fósforos do qual eu a salvei como um cachorrinho cheio de pulgas.

Bati na porta até meus punhos ficarem vermelhos e doloridos. Ninguém respondeu.

— Abra a porta, Emmabelle. Eu sei que você está aí!



Um de seus vizinhos se arrastou para fora de seu apartamento, vestido com uma túnica *Big Lebowski*¹⁰³, um baseado pendurado no canto da boca.

— Você está perdendo seu tempo, cara. Ela não mora aqui há alguns meses. Foi morar com o namorado rico dela. — O vizinho deu uma baforada em seu baseado, inclinando a cabeça para o lado. — Parando para pensar sobre isso, ele se parecia muito com você.

Ela não tinha voltado para casa.

Meu próximo destino era a casa de Persephone e Cillian.

Tentei ligar para Belle durante toda a viagem. Ela não atendeu.

Não sendo dissuadido por sua falta de disponibilidade, deixei várias mensagens de voz enquanto arrastava-me ao longo do tráfego dolorosamente lento de Boston durante a hora do rush.

— *Olá, querida, é seu namorado. Aquele que você acabou de deixar com uma porra de um bilhete. Sim, o mesmo cujo bebê você*

¹⁰³ Filme de 1999, O Grande Lebowski conta a história de Jeffrey Lebowski (Jeff Bridges) que é um desempregado convicto, que vive no ócio e chama a si mesmo de "the Dude". Quando não está sozinho no apartamento, ouvindo canções do Creedence ou usando drogas, está jogando boliche junto com os amigos.

está carregando. Se você acha que não vamos falar sobre isso, está muito enganada. Ah, e a propósito, o que aconteceu com o fato de as pessoas estarem tentando MATAR VOCÊ? Ligue-me de volta. Beijos. Dev.

E então:

— Sweven. Espero que sua noite esteja indo melhor que a minha. Onde está você? Além disso, se isso é você me dizendo de forma indireta que a presença de Louisa está incomodando, posso sugerir a contratação de um coach pessoal ou de fala para ajudá-la com suas habilidades de comunicação? Ligue-me de volta.

E finalmente:

— Emmabelle do caralho Penrose. Atenda o maldito telefone!

As coisas aumentaram a partir daí.

Cheguei à casa de Persy e Cillian, usando a aldrava de latão com cabeça de leão com tanta força que deslocou e caiu no chão. A irmã da minha namorada (sim, ela ainda era isso) informou-me, com bastante pesar, que sua irmã não estava lá.

— Você está dizendo isso porque você está escondendo a maldita mulher, ou porque ela realmente não está aqui? — Fiquei em sua soleira, ofegante como um cachorro.

— Minha esposa disse que a irmã dela não está aqui. — Cillian aparece atrás de Persephone na porta, colocando um braço protetor sobre seu ombro. — Você está chamando-a de mentirosa?

— Não, mas estou chamando você de imbecil insuportável. — Eu tinha perdido toda forma de etiqueta e boas maneiras, recorrendo à hostilidade. — Então eu tenho uma boa razão para pensar que alguém pode estar escondendo alguma coisa. Elas são próximas. Elas cobrem uma a outra.

— Na verdade... — Persy endireita os ombros, parecendo bastante arrogante, —... eu gostaria de saber onde ela está também. Preocupo-me com ela. Ela pode não levar a sério as ameaças, mas eu levo.

— Pergunte a Sailor e Aisling, — eu a instruo, mas já estava andando de volta para o meu carro, indo para Sailor. — Avise-me se você ouvir alguma coisa.

— Farei, — ela diz de seu lugar na porta.

Sweven também não estava na casa de Sailor Fitzpatrick. Ela não estava na casa de Aisling Brennan. Ela não estava no Madame Mayhem. Ela não estava em *lugar nenhum*.

Era como se uma cratera a tivesse engolido.



Liguei para Brennan. Afinal, eu lhe paguei para que a seguisse, o namorado do ano que eu era. Quando ele não atendeu, decidi fazer-lhe uma visita. Pelo que eu estava pagando a ele, Emmabelle não só deveria estar segura, mas também aquecida, aconchegante, e recebendo pedicures regulares e três refeições por dia.

Invadindo a sala de jogo em Badlands, virei uma mesa de pôquer. Sam estava organizando um jogo com dois senadores e um magnata dos negócios. As fichas caíram no chão com um tinido.

Ele olhou para cima.

— Que porra é essa?

— A porra é que você me fodeu. Estou lhe pagando um salário para ficar de olho na minha namorada. Novidades: Já faz um segundo desde que eu te contratei, e não faço a menor ideia de onde ela está.

Sam conduz-me até seu escritório nos fundos. Corremos por um corredor estreito e movimentado, passando por homens que queriam desesperadamente parar e conversar conosco. Afastei-os como se fossem moscas.

— Você calaria a boca? Tenho uma maldita reputação a zelar.

— Onde está Emmabelle? — Ordeno. Chegamos ao seu escritório e bato a porta atrás de nós, em seguida, começo a destruir o lugar. Joguei seu sofá para o lado, rasguei uma cortina romana e fiz um buraco em um retrato de Troy Brennan – uma ofensa que provavelmente seria punível com a morte por apedrejamento.

— Eu estive ligando e ligando para a sua bunda. Foi direto para o correio de voz.

— Estava ocupado chupando o Debi e Lóide, — Sam diz brevemente, tirando o telefone do bolso de trás e digitando um número. — Deixe-me ligar para meus caras e verificar.

A boa notícia foi que eles responderam imediatamente.

A má notícia era que, bem, eles a perderam.

— O que você quer dizer com eles a *perderam*? — Minha voz aumenta, e peguei-me puxando a tela da Apple de sua mesa e batendo contra a parede. — Ela não é um maldito segmento de pensamento. Uma cópia de um livro. Um par de óculos escuros. Não se perde simplesmente uma mulher de trinta anos.

— Ela os enganou, — diz Sam, levemente atordoado com a revelação. Seus olhos estavam arregalados, sua boca ligeiramente aberta. Percebi que isso não acontecia com ele com frequência.

— Ela deve ter percebido que eles a estavam seguindo e os enganou.

— Ela é uma mulher inteligente, — eu ferveo. Deus, ela não poderia ser um pouco menos perceptiva?

Sam faz uma careta. — Você foi o gênio que não quis dizer a ela que eu estava vigiando-a. Em toda a minha carreira, ninguém que seguiu conseguiu passar despercebido.

— Obrigado pela porra do fato divertido. — Agarro a gola de sua camisa e puxo-o para mim para que nossos narizes estejam esmagados juntos. — Encontre minha namorada até o final desta noite ou eu pessoalmente garantirei que você e o promotor que está cobrindo sua bunda sejam arrastados pelo tribunal pelo resto de suas vidas miseráveis para responder por todos os crimes que você cometeu nas últimas duas décadas.

Saio do clube dele e vou até a única pessoa que eu sabia que poderia ter alguma informação – Louisa.



Louisa esperou por mim em um minúsculo body de renda creme e preto, completo com um espartilho que tornava sua cintura tão inexistente quanto a minha necessidade de transar com ela.

— Olá, querido. Bom te ver.

Ela se afastou da porta para me permitir entrar. Assim que a fechei atrás de nós, preendi-a com um olhar que dizia que um festival de foda não estava nos planos para nós.

Conheça seu público, moça.

— Vista alguma coisa.

— Como o quê? — ela pergunta, piscando lentamente.

— Uma maldita capa de chuva, se você quiser. Pareço um maldito estilista? — Agarro algo que suspeitei ser um roupão deitado no encosto de uma cadeira e joguei nela. Ela o enrolou rapidamente, respirando fundo.

— Qual é o problema? — Ela caminha para o bar para nos servir algumas bebidas.

— O que você fez?

Surpreendentemente, eu soava bem. Irônico. Profissional. Não como se eu estivesse prestes a cometer assassinato em primeiro grau.

— O que você quer dizer? — Ela dá um passo em minha direção com dois copos de uísque, entregando-me um. Não reconheço o gesto nem a bebida.

— O que você fez? — Repito.

— Devvie, pare de ser tão estranho, pelo amor de Deus.

Ela dá um passo para trás.

Dou um passo à frente.

Eu não tinha ideia do que estava fazendo e não queria descobrir.

Sweven trouxe emoções em mim que eu não queria explorar.

Sempre fui calculado. Calmo. Cheio de confiança.

Eu não era nenhuma dessas coisas agora.

— O. Que. Você. Fez? — Peguei os dois copos de suas mãos, colocando-os de lado em um aparador, apertando-a contra a parede. Estávamos a centímetros um do outro.

O ar estava carregado de ameaça, violência. Ela podia sentir isso.

Louisa murchou um pouco e finalmente perguntou: — Quanto você sabe?

— O suficiente para saber que cheira a seu envolvimento.

Ela ergue o queixo. — O que eu fiz pode ter sido antiético, mas certamente não foi ilegal.

— Não foi ilegal? — Sim. Eu estava rugindo em seu rosto agora. Seu cabelo voou para trás com o impacto. — Tem gente atrás dela! Ela está fugindo!

— Pessoas *atrás* dela? — Louisa tem uma expressão de surpresa genuína. — Eu não fiz tal coisa. Eu nunca enviaria ninguém para ir atrás de uma mulher, muito menos uma grávida. Vai contra tudo o que eu acredito.

Dou a ela um olhar de você-não-é-uma-santa.

Ela ergue as sobrancelhas, de uma forma que dizia, *sei disso, filho da puta*.

Decidi riscá-la da lista de suspeitos. *Por enquanto*. Frank e minha mãe mantinham minhas mãos ocupadas, como estava.

— Você fez alguma coisa, — afirmo.



— Uma pequena coisa, — ela responde. — Muito pequena. Pequenina, na verdade.

— O que você fez?

— Devvie...

— *Agora.*

— Foi ideia da sua mãe. — Ela cravou as unhas em seus punhos, parecendo insuportavelmente envergonhada, seu rosto virado em minha direção. Ela não conseguia encontrar meu olhar.

— O que você fez? — Peço pela milionésima vez.

— Eu não posso te dizer. Você vai me odiar.

— Muito tarde. Já cheguei lá. Agora, pela última vez, antes que eu faça você se arrepender do dia em que nasceu, o que aconteceu entre esta manhã e esta noite para inspirar minha namorada a me deixar?

Todo o ar foi sugado da sala um momento antes de sua confissão.

— Eu paguei a ela.

Estava a céu aberto agora. A admissão.

E assim que saiu, Louisa prosseguiu, cautelosamente jogando outra migalha de informação.

— É Ursula, Devvie. Ela foi implacável. Completamente descompensada. O tempo está passando. Ela ficou nervosa... estripada, realmente... e... — Ela balançou a cabeça freneticamente, alcançando meu rosto. Empurrei suas mãos.

— *E?*

— E ela fez um cheque de um milhão de dólares para ela.

— Puta merda.

— E Emmabelle *pegou*, — acrescentou Louisa desesperadamente, seus pequenos punhos enrolando em torno do tecido da minha camisa. — Ela pegou o cheque, Devon. O que diz sobre ela? Ela não te ama. Não precisa de você. Não te vê. Eu sofro por você todos os dias.

Ela falou as palavras para minha camisa, incapaz de olhar para mim quando as disse.

— Você é meu primeiro e último pensamento. Você está sempre no fundo da minha mente. Amar você é como respirar. É compulsivo. Deixe-me te amar. Por favor. Apenas me dê uma chance, e eu serei tudo o que você precisa que eu seja.

— Você não pode ser tudo que eu preciso que você seja. — Dou um passo para trás, deixando-a tropeçar um pouco antes de recuperar a compostura. — Porque você não é a mulher que eu amo.

Seus olhos estavam grandes e cheios de lágrimas. Vou até uma pequena mesa de jantar, pego o telefone dela e entrego.

— Agora você vai ligar e dizer ao seu piloto que está de prontidão que você vai partir hoje à noite. Volte para a Inglaterra. Você nunca mais vai pisar em Boston. Não enquanto eu estiver vivo. E se você voltar...

Faço uma pausa, pensando sobre isso. O rosto de Louisa agora estava manchado de maquiagem e lágrimas. Uma mistura que deu a ela uma aparência um pouco cômica, como se ela fosse um membro há muito perdido do *Cradle of Filth*¹⁰⁴.

Não parecia bom ou certo, esmagá-la assim, mas eu não tinha escolha. — Querida, — juntei seus braços nos meus, minha voz caindo para um sussurro. — Eu nunca vou me casar com você. Nem nesta vida e nem na próxima. Com ou sem Emmabelle na foto, sou do tipo tudo ou nada. Com ela, eu quero tudo. Com você... — Deixo-a completar a frase em sua cabeça, antes de

¹⁰⁴ Banda de heavy metal.



acrescentar: — Se você tentar mexer em meu relacionamento com minha namorada – e ela ainda é minha namorada, não se engane, mesmo que ela não saiba ainda – vou garantir que sua família e seu legado sejam destruídos. Vou garantir que todos saibam que Byron demoliu uma igreja histórica para que ele pudesse colocar sua amante a poucos passos de sua propriedade rural. O dinheiro que ele pagou ao deputado Don Dainty por baixo da mesa para promover leis fiscais favoráveis será revelado, e não esqueçamos que seu querido irmão Benedict tem um gosto especial por meninas menores de idade. Sua família está corrompida pelo nariz, e estou disposto a desvendar todos os erros cometidos ao longo dos anos se você não me der sua palavra aqui e agora de que vai parar com isso.

Toda essa sujeira, cortesia de Sam Brennan e seu trabalho de detetive. Talvez ele valesse alguns de seus honorários, afinal.

Eu poderia dizer que afundou desta vez.

Que a atingiu de verdade e com força. No mesmo lugar que me atingiu, o dia em que soube que meu pai não me amava. Embora agora, parecia que toda a minha família não me amava.

Mamãe também me traiu.

Externamente, nada mudou. Louisa ainda era a mesma Louisa. Esguia e delicada, uma pena perfeita e inoxidável ao

vento. Mas seus olhos passaram de brilhantes a opacos. Sua boca ficou rígida. O brilho atrás de suas íris se foi.

— Responda-me com palavras, — eu digo suavemente, usando minha mão para gentilmente forçar sua mandíbula aberta. As palavras saíram de seus lábios como se estivessem na ponta dele, apenas esperando para serem ditas.

— Eu entendo que você nunca mais queira me ver, Devon.

E para minha surpresa, por trás dessas palavras, havia cinzas, ainda quentes de onde a chama havia estado.

Ela estava brava. Desafiadora.

Ela renasceria das cinzas, eu esperava, e encontraria outra pessoa.

Virei-me e caminhei para o aeroporto.

Eu tinha um avião para pegar.

No caminho, liguei para Emmabelle mais algumas vezes, deixando mais mensagens que deixariam qualquer serial killer orgulhoso.

— *Você está muito louca se pensa que estou desistindo de você. Você foi minha desde o momento em que coloquei meus olhos em você. Quando você nem estava ciente da minha existência.*



Quando vim servir sua irmã com um acordo dracônico que ela não deveria ter assinado.

E então:

— A noite em que fomos para a cama juntos pela primeira vez, na cabana de Cillian, foi a noite em que pensei em quebrar meu pacto comigo mesmo de nunca me casar com uma mulher. Recuso-me a perder a única mulher que vale a pena quebrar minha palavra.

Assim como:

— Maldição, eu te amo.

Enquanto percorria bairros, arranha-céus e vidas que não eram minhas, ponderei sobre algo que Louisa disse-me antes de deixá-la.

Era verdade que Belle não me amava.

Afinal, ela pegou o cheque.

Mas eu a amava, e talvez isso fosse suficiente.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Belle

Quinze anos de idade.

Estou beijando¹⁰⁵ dezesseis.

E essa é a única coisa que estou beijando.

Minha vida é feliz e repugnantemente chata.

Eu não namoro. Não socializo com ninguém além de minha irmã, Sailor e Ross, mas eu invento muito, e com certeza mostro ao mundo que está tudo bem com Emmabelle Penrose. Que sou uma garota invencível e despreocupada.

¹⁰⁵ Kissing sixteen (beijando dezesseis) foi empregado com o sentido de “completando dezesseis anos”.



E às vezes, em dias bons, posso até acreditar nas minhas próprias besteiras por um momento ou dois.

O treinador Locken, no entanto, não está indo tão bem.

Sua esposa, Brenda, está grávida de novo, embora o pequeno Stephen tenha, o que, um pouco mais de um ano de idade? Isso, por si só, dificilmente é uma má notícia para os adultos.

Mas o fato de ele estar tendo um caso com uma das professoras é.

Miss Parnell é minha professora substituta de 22 anos – e sua mais nova namorada.

O confronto no portão da frente na semana passada foi lendário. Mesmo eu não pude deixar de ficar agitada e animada.

Brenda parou no meio-fio, o pequeno Stephen ainda cochilando no banco de trás. Ela encurralou a doce Srta. Parnell, batendo nela na frente de toda a escola. A pobre senhorita Parnell não teve chance. Ela simplesmente começou a chorar. Seus soluços se tornaram mais violentos, mais altos quando Brenda gritou: — Você sabia que ele me engravidou de novo? Você sabia? E ele te disse que terminamos enquanto eu estava grávida de Stephen? Porque aquele safado de merda me mandou para a casa da minha mãe dizendo que precisava exterminar e desinfetar a casa antes



que o bebê chegasse. Ele dirigia até Jersey todo maldito fim de semana para pegar um pouco dessa bunda.

Uau. Brenda não era a mulher doce que eu vi na foto de noivado. Mesmo assim, isso me fez sentir melhor, mais leve sobre o que eu estava prestes a fazer com o treinador Locken. Eu não perdoei e não esqueci. Estava apenas ganhando tempo, colocando mais semanas e meses no calendário entre nós para que, quando chegasse a hora, eu não fosse suspeita.

Agora estou voltando da escola para casa, sentindo-me um pouco melhor com a vida. Por um lado, Locken foi expulso depois daquele confronto e não está mais trabalhando na minha escola, o que é ótimo. Por outro lado, minhas duas últimas aulas foram canceladas, então estou voltando cedo para uma tarde de Ravioli frito à milanesa (do tipo do Trader Joe¹⁰⁶ congelado) e reprises de Ricki Lake¹⁰⁷. Ou como alguns gostam de chamar: céu.

Persy não deve voltar para casa por mais duas horas, papai está no trabalho (ele não está sempre?), e mamãe finalmente concordou em ir à terapia e lidar com seus feitiços sombrios, então ela está do outro lado da cidade e não estará de volta até a noite.

¹⁰⁶ É uma rede americana de supermercados.

¹⁰⁷ Talk show.

Destranco a porta da frente do nosso apartamento, feliz por saber que o treinador Locken está infeliz, onde quer que ele esteja agora no mundo. Tiro meus tênis, deixo minha mochila escorregar dos meus ombros perto da porta, e caminho descalça pela sala de estar. Eu vou lidar com o ravioli em um segundo. Primeiro, vou fazer xixi. Ainda odeio ir ao banheiro para fazer xixi. É como se eu tivesse TEPT¹⁰⁸ e esperasse ter um aborto espontâneo novamente, mesmo sabendo que não estou grávida. Mas não importa como o tempo passe... como minha vida parece ter virado uma esquina... eu não posso deixar de odiar Locken pelo que ele fez comigo. Pelo que ele fez ao meu corpo. Na minha cabeça, isso aconteceu por causa do jeito que ele me levou. Foi tão violento, tão frenético... Tenho certeza de que ele causou algum tipo de dano.

Passo pelo quarto dos meus pais e percebo que a porta está entreaberta. Não é chocante, considerando que esta casa está sempre uma bagunça e não temos uma política de portas fechadas ou abertas. Passo por ela quando ouço um gemido suave que me faz parar no meio do caminho.

Ah, merda. Eles estão aqui.

Eles estão aqui e estão fazendo sexo.

¹⁰⁸ Transtorno do estresse pós-traumático.



Isso é pior do que eu pensava. O amor deles não conhece limites. Alguém me mate.

Viro-me, com a intenção de voltar na ponta dos pés para a cozinha e talvez fazer xixi na pia para não ter que ouvir essa porcaria e ficar com mais cicatrizes, quando ouço a voz do meu pai.

— Ah, Sofia.

Sofia? Quem diabos é Sofia?

O nome da minha mãe é Caroline.

Que diabos?

Encolho-me de volta para a porta entreaberta, espiando pela fresta, piscando a imagem em foco.

Meu pai está deitado na cama, e em cima dele, de costas para mim, está uma mulher que definitivamente não é minha mãe. Longo cabelo ruivo. Figura esbelta. Sardas em seus ombros. Ela está montando nele.

Papai está traindo mamãe.

O conto de fadas perfeito que eu cresci acreditando é tudo mentira.

Todos os homens são trapaceiros.



Todos os homens não são confiáveis.

Todos os homens são lixo.

*Volto para a porta da frente e saio do apartamento, subindo
três degraus de cada vez até o telhado do prédio.*

Eu não pulo, mas não porque não quero.

Só porque tenho um rancor inacabado para cuidar.

E o papai? Eu nunca vou perdoá-lo.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Belle

Eu estava sendo seguida.

Percebi que estava sendo seguida quando olhei pelo espelho retrovisor e notei o mesmo sedã preto incógnito saindo de Boston, deslizando na estrada, mantendo a mesma distância de quatro carros de mim, não importa quantas pistas eu trocasse.

Sem saber quem era — Frank? Louisa? A mãe de Devon? O próprio diabo? — decidi escapar dele.

Hoje parecia um dia ruim para morrer e ser enterrada na floresta.

Mudei de pista por um tempo, sentindo o suor cobrir minha testa enquanto tentava pensar em uma estratégia. Como eu me livraria desse carro estranho?

E então, isso me atingiu.

Acionei minha seta para virar à direita em uma das pequenas cidades que cercavam a grande Boston e esperei pacientemente em uma fila de carros. Meu perseguidor fez o mesmo. Quando o semáforo ficou verde, cometi uma terrível (e quero dizer, terrível) infração de trânsito e continuei em frente, não virando à direita e acelerando em um cruzamento movimentado. Carros pisaram no freio, buzinas soaram para mim com raiva, mas quando olhei para trás, vi que o sedã preto estava bem atrás, preso dentro de um mar de veículos em um engarrafamento do inferno.

Dirigi, dirigi e dirigi um pouco mais, sem saber onde iria parar.

E de alguma forma, já sabendo para onde eu ia.

Tudo ao mesmo tempo.



Pela primeira vez desde que fiz dezoito anos, estava morando com meus pais novamente.



Eu não podia mais me enganar. Ficar em Boston neste momento era um desejo de morte. Poderia muito bem colocar um sinal de *I'm With Stupid*¹⁰⁹ na minha testa apontando para o meu cérebro.

Várias pessoas queriam-me morta. E acabei de entregar minha alma ao diabo em saltos altos.

Era hora de ficar quieta até que eu tivesse uma solução.

Meus pais moravam no lugar onde o sex appeal morreu, também conhecido como Wellesley, Massachusetts.

Alguns anos atrás, meus pais anunciaram empolgados que haviam economizado dinheiro suficiente para realizar o antigo sonho de se tornarem aposentados chatos, mudaram-se de Southie e compraram uma casa colonial verde-sálvia com telhado combinando, uma cadeira de balanço na frente da varanda e persianas vermelhas.

¹⁰⁹ I'm with stupid (estou com um estúpido) é uma frase que pode ser encontrada em estampas de camisetas e geralmente vem acompanhada de uma seta apontando para a direita ou esquerda, sinalizando a pessoa ao lado como o estúpido da situação.

Persy e eu chamávamos de *Gingerbread House*¹¹⁰, mas apenas uma de nós estava animada para vir aqui todo Natal e bancar a farsa da família feliz.

— Oh, Belly-Belle, estou tão feliz que você está conosco novamente, mesmo que as circunstâncias sejam menos do que ideais. — Mamãe enfia a cabeça pelas portas duplas do quintal, oferecendo-me um sorriso de desculpas.

Empoleirada na borda da piscina da qual eles estavam tão orgulhosos, mergulhei meus pés na água, balançando meus dedos.

— Já te disse, mãe, está tudo bem.

— Nada está bem se você não pode mais pagar seu apartamento.

Ela saiu para o pátio carregando uma tigela de melancia temperada com queijo feta fresco e hortelã.

Colocando-a na beira da piscina ao meu lado, ela passou a mão sobre a Lycra amarela do meu maiô, seus dedos parando na minha barriga inchada.

¹¹⁰ Casa pão de gengibre.



— Mudei-me porque preciso de uma mudança de ritmo, não porque não posso pagar o aluguel. — Selecionei um pedaço de melancia lindamente cortado – quadrado e em ângulo agudo – e coloquei na minha boca. Estava gelada. — Todo mundo que conheço e suas mães me imploraram para afastar-me de Madame Mayhem. Eles acham que trabalhar em pé o dia todo é ruim para o bebê.

Mamãe não sabia que havia pessoas atrás de mim.

Ela não sabia das cartas.

Ela não sabia que eu tinha vivido nas últimas semanas com Devon.

Ela não sabia de *nada*.

Fiz isso para protegê-la.

Preocupá-la era inútil, quase cruel.

E algo mais espreitava por trás da minha decisão de compartilhar com ela o mínimo das circunstâncias da minha gravidez. Suspeitei que ela não entenderia.

Honestamente, não tinha certeza se *eu* entendi tudo o que aconteceu comigo recentemente.

— Tem certeza que está tudo bem? — Ela começou a desembaraçar minhas mechas douradas do meu brinco, como costumava fazer quando eu era criança. — Você está aqui há alguns dias e ainda não nos disse por que exatamente.

— Uma garota não pode simplesmente relaxar com seus pais?

— Não me lembro de uma época em que você não saísse à noite desde os dezesseis anos.

Bem, mãe, eu fiz muito para tentar me distrair da minha realidade naquela idade.

Mas então, eu era um *clubber*¹¹¹ seis meses atrás também. Distraí-me por quatorze anos antes de Devon entrar na minha vida e me forçar a ficar quieta e dar uma boa olhada no que minha vida havia se tornado.

Empurrei outro pedaço de melancia entre meus lábios, observando suas margaridas amarelas do outro lado da piscina, seus caules como pescoços esticados para olhar para o sol, as pétalas brilhando sob os raios do sol.

¹¹¹ Pessoa que frequenta casas noturnas.



— Venha comigo para o mercado do fazendeiro. Você conhecerá todos os meus novos amigos de bridge¹¹² — sugeriu mamãe.

— Puta merda, mãe, você está realmente convencendo-me.

— Vamos, Belly-Belle. Eu posso ver que algo está em sua mente.

— Você pode? — Faço uma careta olhando meus dedos dos pés. — Como?

— Uma mãe sempre pode dizer.

Eu saberia quando meu bebê sentisse algo assim que nascesse sem nenhum sinal revelador? Meu instinto gritaria comigo que algo estava errado? Eu poderia captar as vibrações, como fumaça de fogo, antes que a terra sob seus pés queimasse?

— Sim, — minha mãe diz como se estivesse lendo minha mente. Ela descansou a mão nas minhas costas. Eu queria dobrar em posição fetal e chorar em seu colo. Os últimos meses atingiram-me de uma vez, e agora eu estava exausta.

¹¹² Jogo de cartas.



Mais do que eu tinha medo daqueles que estavam atrás de mim, e mais do que eu estava com raiva de mim mesma por ter aceitado o acordo de Louisa, eu sentia falta do Devon.

Senti tanto a falta dele que não consegui ligar o telefone nos últimos dois dias e verificar se tinha alguma mensagem dele.

Senti falta de sua risada áspera e elegante e da maneira como suas sobrancelhas loiras escuras moviam-se animadamente quando ele falava.

Senti falta de seus beijos e das rugas ao redor de seus olhos quando ele sorria maliciosamente e do jeito que ele chamava de jornaleiro o cara que trabalhava na loja de conveniência sob seu apartamento, como se ele fosse um âncora da BBC e não um cara que vendia leite e cigarros superfaturados.

Resumindo, sentia falta dele.

Muito para confiar em mim mesma para voltar a Boston.

Muito para *respirar*.

Mamãe estendeu a mão e puxou-me para seu peito, dando um beijo na minha cabeça. — Sim, você saberá quando algo está comendo seu filho, e espero que ele lhe diga o que está acontecendo, então talvez você possa ajudar. Acontece que criei duas meninas ferozmente independentes. Você, mais do que sua irmã. Você sempre foi tão rabugenta. Você ajudava Persephone



antes que eu pudesse chegar até ela – com a escola, com a lição de casa, com sua vida social. Você já foi mãe em alguns aspectos. Você vai ser uma mãe maravilhosa, Belly-Belle, e vai descobrir o segredo mais deprimente de todos.

— Hum? — Pergunto, aninhando-me em sua camisa.

— Você é tão feliz quanto seu filho menos feliz.

Ela dá outro beijo na minha cabeça.

— Confie em mim, Belle.

— Eu posso lidar com isso, mãe.

Ela se afasta de mim, segurando meus ombros, seus olhos perfurando os meus.

— Então faça, querida. Não fuja do que quer *que* seja. Enfrente de frente. Porque aconteça o que acontecer, não é só em você que você tem que pensar agora.

Pressionei minha mão contra meu estômago.

Baby Whitehall chutou em resposta.

Estou aqui, garota.



Vinte minutos depois que minha mãe foi ao mercado do fazendeiro para se encontrar com seus amigos de bridge (minha juventude se encolheu só de *pensar* nisso), peguei a tigela de melancia vazia e empurrei a porta de tela aberta, deslizando de volta para dentro. A casa estava muito quente desde que o ar-condicionado morreu alguns dias antes e ainda não tinha sido consertado. Havia um buraco do tamanho de um esgoto na parte de trás da casa, esperando para ser consertado.

O lugar ainda me parecia estranho. Mesmo que não fosse cronologicamente novo, parecia assim. Ainda tinha que se moldar em torno de seus ocupantes e estava vazio de lembranças, nostalgia e aqueles cheiros de casa que o transportavam de volta à infância.

Lavei a tigela, pensando no que mamãe havia dito. Lidar com meus problemas.

Os últimos dias trouxeram-me clareza.

Eu não queria um milhão de dólares. Eu queria Devon.



E estava cansada de fugir de quem estava atrás de mim. Eu *precisava* de Devon para me ajudar com isso.

Sim, finalmente percebi que precisava de ajuda. Eu não poderia fazer isso sozinha. E, estranhamente, não parecia tão terrível admitir isso para mim mesma. Talvez eu *estivesse* amadurecendo em comparação com a garota que o Sr. Locken deixou para sangrar tantos anos atrás.

A porta da frente abriu e fechou, e a casa se encheu com os assobios do meu pai.

John Penrose poderia assobiar qualquer música que foi lançada entre 1967 e 2000 do início ao fim. Ele era bom nisso também. Quando Persy e eu éramos jovens, brincávamos de adivinhar o nome da música. Às vezes eu deixava-a ganhar. Mas não frequentemente.

— Querida, estou em casa!

Ele apareceu na cozinha, alto e largo e ainda meio bonito – de um jeito mais enrugado e menos definido de Harrison Ford. Ele jogou sacolas de lona cheias de limões no balcão ao meu lado, sorrindo para mim de orelha a orelha.

— Olá, raio de luz.

Ele deu um beijo na minha testa, subiu o cinto que começava a mais parecer o corpo de um pai do que a barriga de



uma figura paterna, e abriu a porta da geladeira, em busca de sua cerveja da noite. — Onde está sua mãe?

— Fora. — Inclinei-me contra o balcão, secando minhas mãos com uma toalha. Eu não disse a ele onde ela foi. Até hoje, ocultava informações sobre minha mãe de meu pai, tentando fazê-la parecer mais misteriosa e sedutora. Havia pouco sentido para este exercício. Ela era um livro aberto para ele – sempre honesta, direta e disponível.

Ela era todas as coisas que eu não queria ser. Ele nunca questionou o amor dela.

Papai fechou a geladeira, abrindo sua Bud Light, acomodando-se no balcão oposto.

— E aí, garota? Como esse bebê está crescendo? — Ele tomou um gole de sua cerveja.

Resolva isso, a voz da mamãe pediu na minha cabeça.

Agora ou nunca.

— Você traiu a mamãe.

As palavras saíram tão mundanas, tão simples, que eu ria de como foi fácil dizê-las. O sorriso no rosto do meu pai permaneceu intacto.

— Desculpa?

— Você traiu a mamãe, — repito, de repente sentindo meu batimento em todos os lugares. Meu pescoço, meus pulsos, atrás das pálpebras, nos dedos dos pés. — Não tente negar. Eu vi você.

— Você me viu? — Papai coloca a cerveja no balcão, cruzando os braços sobre o peito, os tornozelos cruzados. — Quando e onde, se posso perguntar? Nós não estamos exatamente nos mesmos círculos.

Ele parecia mais divertido do que preocupado, mas não havia nenhum traço de agressão em sua voz.

— Na sua cama e na da mamãe. Uma senhora de cabelo ruivo escuro. Quero dizer, eu digo uma senhora, mas o que eu realmente quero dizer é uma vadia. Lá em Southie.

E assim, o sangue sumiu de seu rosto.

Ele parecia pálido. Morte. *Assustado*.

— Emmabelle, — ele respira. — Aquilo foi...

— Quinze anos atrás, — termino para ele. — Sim.

— Como...?

— Cheguei cedo da escola e encontrei você. Não te contei porque estava com medo. Mas eu a vi em cima de você. Ouvi você sussurrar o nome dela. E eu nunca esqueci. Então diga-me, pai, como está *Sophia* ultimamente?

Sophia.

A mulher que eu tinha certeza de ver em supermercados e parques e nas escadas rolantes da Target. A prostituta que arruinou o casamento dos meus pais sem minha mãe saber disso. Algumas noites, quando eu estava acordada na minha cama, pensei que poderia matá-la. Outras noites perguntava-me o que a fazia ser do jeito que ela era. O que a fez buscar prazer com um homem indisponível.

— Eu... — Ele olha em volta agora, parecendo perdido de repente, como se tivéssemos sido transportados de volta para a sala onde aconteceu. — Eu não sei. Não tenho contato com ela há anos. *Anos.*

Ele alcançou atrás dele para segurar o balcão e derrubou sua cerveja no chão. A garrafa de vidro quebrou, um líquido amarelo-esbranquiçado correndo como um rio dourado entre nós.

— Quantos anos? — Pergunto.

— Quinze!

— Não minta para mim, John.



— Dez. — Ele fecha os olhos, engolindo em seco. — Não a vejo há dez anos.

Ele esteve com ela até eu ter vinte e um anos.

Isso não foi uma aventura. Foi um caso. Claro que foi. Ele não teria trazido sua aventura para sua casa.

— Por quê? — Perguntei.

Eu queria saber o que estava faltando em sua vida. Mamãe era linda, leal e doce. Persy e eu éramos boas crianças. Claro, nós tínhamos coisas, todo mundo tinha coisas – problemas de dinheiro, mamãe perdendo a irmã para o câncer, esse tipo de coisa. Coisas da *vida*. Coisas que passamos juntos.

— Por que eu traí sua mãe? — Ele parecia perplexo.

— Sim. Eu quero saber.

Nenhum de nós fez um movimento para limpar a bagunça no chão.

Ele esfregou a nuca, empurrando o balcão e começando a andar de um lado para o outro. Segui-o com o meu olhar.

— Olha, não era tão fácil naquela época, ok? A partir do momento em que sua mãe deixou o emprego para cuidar de vocês duas e de sua tia Tilda, que ela descanse em paz, eu não era

apenas o ganha-pão – eu era o único provedor da família. E havia contas médicas e uma geladeira para encher, bocas para alimentar, seguro e uma hipoteca para pagar. Persy tinha aulas de balé, e você tinha corrida. As coisas se somaram, e eu apenas... — Ele parou, jogando os braços no ar, impotente. — Estava afundando. Indo para baixo. Profundamente. Sua mãe não queria me tocar. Senti-me muito culpado até mesmo para perguntar. Ela estava vendo sua irmã desaparecer, pouco a pouco. Sentia-me mais um empregado da casa do que o homem dela. E então veio Sophia.

— Estou supondo que há um trocadilho aí, — murmuro sarcasticamente.

Ele ignorou minha farpa. — Sophia e eu trabalhávamos no mesmo prédio de escritórios. No começo, almoçamos juntos. Era inocente.

— Tenho certeza. — Sorrio, surpresa ao descobrir que estava tão amarga quanto estaria se tivesse acontecido comigo. Se fosse Devon.

Devon não é seu. Devon vai se casar com outra mulher, provavelmente nos próximos meses. Peça desculpas profusamente e rasgue o cheque em pedacinhos ou siga em frente com sua vida.

— Ela estava passando por um divórcio complicado, — papai explica.

— Divórcios cordiais são difíceis de acontecer, — brinco. — E o fato de você ter feito isso na cama da mamãe. Você teve bolas. Há um trocadilho aí também, a propósito.

— Emmabelle, — ele repreende suavemente. — Acredite ou não, eu fiz isso lá porque uma parte de mim queria ser pego. Dê-me uma chance de falar.

A contragosto, apertei meus lábios, permitindo que ele continuasse.

— Eu estava lá para ela, e ela estava lá para mim. Ela era uma bagunça. Eu estava desmoronando. Ao longo de tudo isso, sua mãe e eu nos afastamos, até que não conseguia mais lembrar como era ser seu parceiro, seu amante. Mas foi complicado. Eu ainda amava sua mãe. Queria acreditar que a teria de volta, eventualmente. Nosso amor estava apenas em espera.

Do que diabos esse homem estava falando? O amor não era algo que você pudesse colocar um alfinete e voltar mais tarde. Não era uma maldita mensagem automática que você pudesse agendar com antecedência.

— A linha do tempo sugere o contrário. — Tento um sorriso sardônico. Tia Tilda morreu no início da minha adolescência. Papai terminou com Sophia quando eu tinha vinte anos.

— A vida tem um jeito de definir o ritmo, — ele admite. Curvando-se para pegar os grandes pedaços de vidro do chão, ele olha para eles como se quisesse esfaquear o próprio pescoço.

— Eu gostaria de ser tão indulgente comigo mesma sobre minhas ações, — murmuro.

— Eu não estou perdendo a mim mesmo. Eu me odiei por muito tempo. Tentei terminar com Sophia várias vezes depois que sua tia faleceu. E, às vezes, até consegui. Mas ela sempre voltava. E às vezes eu a deixava entrar, sempre que sua mãe e eu tínhamos problemas.

— Você é um saco de merda. — As palavras que saíram da minha boca me atordoaram. Não porque elas não fizessem aparições de vez em quando (palavrões e eu éramos amigos íntimos), mas porque elas nunca haviam sido direcionadas a um membro da família antes. Família era algo sagrado. Até agora.

— Eu era, — ele concorda. — Mas finalmente, nove anos depois do caso, consegui escapar dela. Larguei meu emprego. Mudei as fechaduras da nossa casa. Disse a ela que se ela chegasse perto de sua mãe ou tentasse contar, eu tornaria sua vida miserável.

— Agradável.

Ele jogou a garrafa na lata de lixo embaixo da pia, cutucando o resto com a bota.

— Se você sabia todo esse tempo, por que não contou para sua mãe?

— O que faz você pensar que eu não contei?

— Ela teria me matado. — Papai coloca a parte superior do corpo na despensa e volta com um esfregão para limpar a cerveja, seus olhos grudados no meu rosto o tempo todo. — Então me abandonaria. Não nessa ordem.

Soltei um bufo. — Até parece.

— O que você quer dizer? — Ele começa a esfregar.

— Mamãe nunca teria deixado você. É por isso que não contei a ela, — eu digo, minha voz carregada por emoções como se fossem o vento. Ganhando altitude, tornando-se uma tempestade.

A razão pela qual eu não contei a ela todos esses anos não foi altruísta. Não era porque eu queria protegê-la.

Estava preocupada que ela ficasse, e eu não seria capaz de olhá-la nos olhos.



Que eu ficaria tão profundamente desapontada com ela, tão chateada com sua decisão, que afetaria nosso relacionamento.

Por não confiar em sua decisão, roubei-lhe a capacidade de tomar uma decisão.

— Sim, ela iria. — Papai para de esfregar, pressionando a testa na ponta do esfregão. Ele fechou os olhos. — Ela teria ido embora. Ela ficou tentada a fazer isso, independentemente da minha infidelidade.

Sua cabeça se inclinou para frente, seus ombros caíram, e então... então ele começou a chorar.

Abaixando-se no chão na minha frente.

Seus joelhos afundaram no rio dourado de cerveja.

Meu pai nunca chorou.

Não quando minha tia morreu, ou quando meus avós faleceram, ou mesmo quando ele viu Persephone caminhar pelo corredor, conduzido pelo irmão do noivo, porque meu pai havia feito uma cirurgia na perna e não conseguia andar.

Ele não era um chorão. Nós não éramos chorosos. No entanto, aqui estava ele chorando.



— Sinto muito, Belly-Belle. Eu sinto muito. Nunca senti tanto por uma coisa na minha vida. Não consigo nem imaginar como foi para você descobrir dessa maneira.

— Foi terrível.

Mas, estranhamente, talvez não tão terrível quanto vê-lo assim.

Quer dizer, uma parte de mim ainda o odiava pela imagem distorcida de parceria que ele tinha enraizado em mim, mas ele também era a pessoa que cuidava de nós.

Que me comprou tudo o que eu queria – dentro de sua capacidade – e ajudou a pagar minha dívida estudantil.

Ele foi um dos meus investidores quando abri o Madame Mayhem, e uma vez ele deu um soco na cara de um homem por me propor enquanto estávamos todos de férias no Cabo.

Ele nunca me trancou em elevadores ou foi abusivo ou negligente.

Ele fodeu tudo, mas ele nunca teve a intenção de *me foder*.

— Se isso faz você se sentir melhor, eu não conseguia comer, não conseguia dormir, não consegui nem funcionar por muito tempo depois que Sophia e eu terminamos as coisas. E, depois de alguns anos, contei para sua mãe.



— Espere, mamãe sabe? — Agarro a bainha de sua camisa xadrez e o levanto para que estivéssemos no nível dos olhos. Seus olhos estavam inchados de lágrimas, injetados de sangue. — Mas você disse que ela teria deixado você se eu dissesse a ela.

— Ela me *deixou*.

— Ela nunca me contou.

— Você conta tudo a ela? — Ele pegou meu olhar significativamente, arqueando uma sobrancelha.

Ponto justo.

Ele esfregou os dedos contra a bochecha. — Ela me expulsou de casa logo depois que você se formou na faculdade. A essa altura, você e Persy já estavam fora de casa. Acho que ela esperou até vocês duas saírem porque não queria traumatizá-las. Aluguei um apartamento a dois quartos por oito meses, tentando reconquistá-la.

— Vai, mamãe, — murmuro. — Espero que ela tenha pegado alguns.



— Ela teve um caso de dois meses com um instrutor de ioga na YMCA¹¹³ local. Depois que voltamos a ficar juntos, fiquei tão bravo só de passar pela YMCA que jurei nos afastar daquele código postal inteiro para escapar dessa memória.

— É por isso que você se mudou para os subúrbios?

Ele assentiu.

— Por que ela aceitou você de volta? — Percebo que ainda estava segurando sua camisa, mas isso não me impediu de agarrar com mais força.

— Algo muito inconveniente aconteceu com ela.

— O quê?

— Ela lembrou que estava apaixonada por mim e, por estar longe de mim, estava punindo não apenas a mim, mas a si mesma também.

Eu soltei sua camisa, cambaleando para trás.

Meu anseio por Devon brotou dentro de mim. Não era isso que eu estava fazendo? Punindo nós dois porque não conseguia

¹¹³ YMCA é uma sigla em inglês para Associação Cristã de Moços, que é uma organização mundial de mais de 45 milhões de membros de 125 federações filiadas.



lidar com a perspectiva de estar apaixonada? De colocar minha confiança em outra pessoa?

O relacionamento dos meus pais estava longe de ser perfeito. Estava cheio de deslealdades, anos ruins e outras pessoas.

Mas. Isto. Ainda. Funcionava.

— Espero que com o tempo você me perdoe, — papai diz. — Mas caso você não o faça, deixe-me assegurar-lhe, Belly-Belle – nunca vou me perdoar.

Eu precisava de tempo para pensar.

— Obrigada pela conversa. Vou em frente agora e gritar no meu travesseiro por um tempo, — anuncio, pegando um saco de pretzels cobertos de chocolate da despensa a caminho do quarto de hóspedes.

Eu ainda estava usando meu maiô amarelo-canário.

Parei na escada, segurando as grades para salvar minha vida quando virei minha cabeça para trás para olhar para ele. Ele ainda estava parado no mesmo lugar na cozinha aberta.

— Mais uma pergunta. — Limpei minha garganta.

— Sim?



— O que havia de tão errado com Sophia? — Ordenei. — Por que ela estava tão fodida?

— Ela não podia ter filhos, — ele diz gravemente. — Isso era o que estava errado com ela. Por isso o marido a abandonou. Ele se casou com outra mulher três meses depois e foi pai de três filhos.

A pobre Sophia também desistiu do amor.

E no final, ela perdeu.

Talvez isso fosse perder, desistir do amor.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Belle

Dezoito anos de idade.

É uma coisa estranha, obsessão.

Às vezes é fantástico.

Às vezes é horrível.

Veja os artistas, por exemplo. Eles estão obcecados com seu trabalho, não estão? Os Rolling Stones, os Beatles, Spielberg.

Eles trabalham duro para garantir que cada nota, cada palavra em um roteiro, cada cena seja perfeita. Isso exige obsessão.

Depois, há outras obsessões.



Tome-me, por exemplo. Passei pela minha adolescência guardando um segredo sombrio e horrível. Meu treinador de cross-country abusou sexualmente de mim e depois me estuprou. Acabei tendo um aborto espontâneo por causa de todo o estresse e trauma que ele me fez passar.

Veja, agora essa obsessão não é tão boa.

Passei os últimos três anos planejando minha vingança, e o dia finalmente chegou.

Eu tenho mantido o controle sobre Steve Locken ao longo dos anos.

Ele se mudou de Boston para Rhode Island para começar de novo. Brenda o deixou pouco antes de dar à luz seu segundo filho, Marshall. Brenda está de volta a Nova Jersey agora e é casada com um cara chamado Pete. Eles têm uma filha juntos. Ela parece feliz. Ou tão feliz quanto alguém pode ser depois do que seu ex a fez passar.

Eu sei que Locken não vê seus filhos com frequência. Que ele começou a trabalhar em uma escola local em Rhode Island, e que ele tem uma namorada chamada Yamima.

E eu sei que ele ainda está abusando sexualmente de meninas.



Isso é o que as pessoas obsessivas fazem. Elas cavam, cavam e cavam. Até que suas unhas desapareçam e sua carne esteja crua.

Eu farejo ao redor. Entro nos sites de mídia social de algumas das garotas de sua equipe.

Elas postam sobre ele.

Elas compartilham fotos dele.

Elas têm grupos secretos sobre ele.

Uma até se gabou para seus amigos que ela o masturbou depois da reunião um dia, em plena luz do dia, eles estavam com tanto tesão um pelo outro.

Em outras palavras: minha consciência está limpa. Steve Locken não merece viver.

É aqui que fica um pouco arriscado. Eu nunca matei uma pessoa antes. Mas passei os últimos três anos da minha vida indo às aulas de Krav Maga três vezes por semana, e levo a Glock 22 do meu pai para a floresta, onde atiro em latas alinhadas em troncos. Massachusetts tem leis malucas sobre armas, mas meu pai costumava trabalhar na aplicação da lei antes de conseguir seu emprego no escritório.



A Glock está na minha bolsa agora enquanto dirijo até Rhode Island.

É um belo dia de verão. Apenas alguns dias antes de eu ir para a faculdade. Sei que Yamima, a namorada de Steve, está fora da cidade em uma conferência. Ela é corretora de imóveis e, durante a conferência, está dividindo um quarto com seu colega, Brad, que é burro o suficiente para iludir isso em seu perfil no Facebook.

O que vem fácil vai fácil.

Steve está sozinho em casa. Ele bebe duas cervejas todas as noites em frente ao canal de esportes. Observei-o cuidadosamente durante as férias de verão, escondendo-me atrás dos arbustos de sua linda casa estilo artesão restaurada depois de dizer aos meus pais que eu estava fazendo turnos duplos em uma hamburgueria para economizar para a faculdade.

Steve não tem câmeras instaladas em qualquer lugar da casa. Um dia, eu o ouvi dizendo a Yamima que todas aquelas câmeras estão conectadas à internet, e ele não quer que ninguém sequestre fitas do que está acontecendo em sua casa.

Steve acorda todas as manhãs às cinco e quarenta e cinco e sai pela porta para uma corrida de oito quilômetros as seis.



Então hoje, quando ele sai, eu entro. Quando a porta da garagem dele se fecha, depois que ele sai do bairro em seu carro a caminho da trilha onde ele corre, eu entro. Abro cada garrafa de Corona Premium em sua geladeira na garagem e despejo Ambien esmagado e um pouco de veneno de rato nelas, enroscando uma tampa de garrafa que trouxe comigo para fazê-las parecer novas e virando-as de cabeça para baixo.

Quando chego ao bairro suburbano de Steve novamente, é quase meia-noite.

Dou a volta na casa de estilo artesão, arrastando-me pelos arbustos espessos que circundam sua piscina. Posso vê-lo através das portas duplas de vidro de sua sala de estar, desmaiado, das bebidas e do Ambien. Eu cuidadosamente abro a fechadura da porta, minhas luvas e balaclava intactas, observando-o atentamente, caso ele acorde.

Ele não acorda.

Abro a porta e vou direto para ele. Está esparramado em um sofá marrom, uma reprise de um jogo de futebol passando na frente dele. Tiro uma luva e coloco um dedo indicador sob seu nariz. Sinto a brisa pesada de sua respiração.

Ainda não está morto. Vergonha.

Não vou usar a arma se não for preciso. Muita bagunça, e eu não quero ter problemas. Em vez disso, vou fazer com que pareça um acidente.

Steve sempre disse que uma atitude ruim era como um pneu furado. Não se pode ir muito longe antes de mudá-la. Então coloco minhas calças de menina grande, penso sobre isso de todos os ângulos e crio um plano.

Agacho-me, pegando a cabeça de Steve. É pesada e dura em minhas mãos. Claro que quero fazer como nos filmes. Amarrá-lo a uma cadeira e jogar nosso passado entre nós. Cuspir na sua cara e dar um soco nele. Fazê-lo chorar, implorar e mijar nas calças, tudo isso enquanto vanglorio-me em saltos de doze centímetros.

Mas não posso me dar ao luxo de ser pega. Não quando estou tentando refazer minha vida. Talvez eu nunca perdoe os homens por serem homens – aquele navio já partiu. Eu nunca vou me casar, nunca me apaixonar, nunca dar uma chance a outra pessoa com um pau, mas ainda posso continuar.

Com sua cabeça firmemente em minhas mãos, inclino seu corpo para uma posição caída e calculo como seria se ele acidentalmente caísse na mesa de café de vidro na frente dele. Os próximos minutos são muito de mim movendo seu corpo flácido para frente e para trás no sofá e virando a mesa de centro levemente para garantir que sua cabeça encontre sua borda afiada.



Então ando atrás do sofá, agarro Steve pelos ombros e arremesso seu corpo para frente com força. Sua cabeça bate na borda da mesa de centro.

Vidro se estilhaça.

Seu rosto está todo cortado, mas não consigo ver, porque ele está deitado de bruços.

Há sangue por toda parte.

Tanto sangue.

Ele ainda não se move, nem mesmo um vacilo, e suspeito que ele não estava ciente da morte, ele estava profundamente inconsciente. Meu coração se contorce de decepção, então digo a mim mesma que, mesmo que ele não saiba que pagou pelo que fez, pelo menos não poderá fazer isso com mais ninguém.

— Adeus, bastardo. Espero que Satanás pegue você.

Saio despercebida e volto para Boston.

Para minha nova vida.

Para o novo eu.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Devon

— Senhor. Whitehall, seu veículo está esperando.

Caio no banco de trás do veículo atraente e continuo latindo para Sam Brennan durante nosso telefonema transatlântico.

— Você disse que Simon foi altamente recomendado. — Estava ciente de que soava um, acusatório... dois, grampeado... e três, totalmente perturbado. — Ele é uma piada do caralho, ponto final. Onde ele estava quando Belle foi atacada? Quando ela foi seguida?

Senti-me como uma mãe superprotetora tentando convencer uma professora de curso avançado por que *sua Mary-Sue*¹¹⁴ deveria receber o prêmio acadêmico este ano. Minha

¹¹⁴ Mary Sue é um nome genérico para qualquer personagem fictícia com habilidades irrealistas e surrealistas[1]. Este tipo de personagens são frequentemente entendidas como o autor a auto inserir-se na obra e/ou a realização de seus desejos/idealizações no enredo.

transformação completa, de um homem de lazer e pragmatista para essa bagunça histórica, ilógica e chorosa, não passou despercebida.

O jovem motorista se acomodou no banco do motorista do Rolls Royce Phantom. Mamãe adorava desfilar sempre que achava que os paparazzi estavam por perto. Apostei que ela achava que os paparazzi estavam definitivamente procurando por mim. Ela não tinha ideia de que eu vim aqui para agredi-la verbalmente de um lado para o outro no chão como Hulk e entregar algumas notícias muito ruins.

Ela pensou que eu chegaria com um anúncio de noivado.

— Ele estava exatamente onde deveria estar, — Sam respondeu com eficiência. — Em Madame Mayhem, a única jurisdição que ele tinha permissão para cobrir sob seu contrato. Você queria que ele a *perseguisse*?

Sim.

— Não, — zombo, sacudindo a sujeira invisível debaixo da minha unha. O motorista se arrastou do aeroporto de Heathrow para o trânsito insuportável de Londres. Eu adorava minha capital, mas tinha que ser dito – tudo a oeste de Hammersmith deveria ter sido retirado dos limites de Londres e devidamente dado a Slough como um presente.



— Mas ele estava convenientemente ausente cada vez que ela se metia em problemas.

— Ele estava fazendo a porra do arquivamento para encontrar desculpas para estar perto dela! Este é um ex-agente da CIA altamente treinado. — O punho de Sam bateu em um objeto do outro lado da linha, quebrando-o em pedaços.

Puxei meu telefone para longe da minha orelha e fiz uma careta para ele. Recentemente (e recentemente, quero dizer, nos últimos dez minutos) decidi que não era mais fumante. Simplesmente não havia justificativa para se envolver em um hábito tão prejudicial. Meu filho não nascido merecia mais do que uma chance maior de desenvolver asma e uma casa que cheirasse a um clube de strip.

— De qualquer forma, — digo friamente, — quero saber onde ela está agora. O que seus homens têm para mim? Seja bom.

— Ela está na casa dos pais dela.

— E...?

— E ela está segura.

— Ela odeia o pai, — murmuro, um fato que não era para seus ouvidos. Eu estava preocupado. Não sobre Belle estar descontente com a situação – a pequena garota merecia um

pouco de problemas depois do que ela me fez passar – mas sobre a segurança de seu pai.

— Problemas com papai, hein? — Sam ri sombriamente. — Não poderia ter visto isso a quilômetros de distância.

— Vai a merda.

— Não tenho certeza do que isso significa, mas o mesmo para você, *companheiro*, — ele dispara com um sotaque australiano infeliz, mas bizarramente preciso.

— Nacionalidade errada, idiota. Certifique-se de que ela não saia da vista deles desta vez, — aviso. — Cabeças vão rolar se eles a perderem novamente.

— De quem é a cabeça?

— Sua, para começar.

— Isso é uma ameaça? — ele pergunta.

— Não, — eu digo calmamente. — É uma promessa. Boston pode temer você, Brennan, mas eu não. Mantenha minha senhora segura ou suporte minha ira.

Há um momento de silêncio, durante o qual suponho que Sam considerou se ele queria ir para a guerra ou simplesmente desistir da discussão.



— Olha, ela não parece estar se aventurando fora da casa deles com muita frequência, — ele diz finalmente. — Acho que ter pessoas em casa neste momento é excessivo. Quase contraproducente. Porque, do jeito que está, apenas um punhado de pessoas sabe onde ela está. Se houver vigilância na bunda dela, pode chamar mais atenção.

Isso me surpreende. Belle era o tipo de mulher à procura de emoção para organizar uma orgia pública no Vaticano. E eu não podia imaginar que a casa dos pais dela oferecesse muitas atrações. Mesmo assim, era uma boa notícia.

Eu ia lidar com ela assim que voltasse para Boston, o que deveria acontecer nas próximas vinte e quatro horas.

— Tudo bem. Sem vigilância.

— Aleluia.

— Foi terrível fazer negócios com você.

Ele desliga na minha bunda. *Idiota.*

Sento-me no banco de couro e batuco meu joelho, olhando Londres enquanto passa pela minha janela. O grisalho congênito, a velhice de uma cidade que enfrentou guerras, pragas, incêndios, terrorismo e até Boris Johnson como prefeito (isso não é uma declaração política; simplesmente achava o homem



totalmente excêntrico demais para ser outra coisa que um palhaço de festa).

Pensei em como deixei Louisa em Boston. Sua garganta entupida de lágrimas, olhos vermelhos e postura murcha. Como eu nunca iria vê-la novamente, pedir desculpas a ela novamente, explicar-me novamente – e como eu estava completamente bem por não me odiar por uma decisão que tomei quando tinha dezoito anos.

Eu não fui justo com ela.

Mas então meu pai não foi justo *comigo*.

Passei toda a minha vida adulta tentando arrepender-me do que fiz com ela, privando-me de coisas. Era hora de deixar ir.

Mostre-me uma pessoa sem irregularidades no passado e eu lhe mostrarei um mentiroso.

— Senhor... — O jovem ao volante chamou minha atenção pelo espelho retrovisor.

Virei meu rosto para ele, arqueando uma sobrancelha.

— Posso te perguntar uma coisa?

Ele tinha um sotaque da velha escola, londrino. O tipo que eu só tinha ouvido em filmes.



— Vá em frente.

— Como é Boston em comparação com o lar?

Pensei no clima – melhor.

O sistema de metrô – o T¹¹⁵ não era nem metade confiável do que The Tube¹¹⁶.

As pessoas – ambas eram impetuosas e mantinham altos padrões, sem besteira.

Culturalmente, Londres era superior.

Em termos de culinária, Boston era melhor.

Mas no final do dia, nada disso importava.

— Boston é o meu lar, — ouço-me dizer. — Mas Londres sempre será minha amante.

E foi ali mesmo que percebi que meu lar era onde Emmabelle Penrose estava, e que eu estava apaixonado pela mulher enlouquecedora, irritante e terrivelmente imprevisível. Que, na verdade, *Sweven* tinha sido mais do que uma conquista,

¹¹⁵ Nome do sistema de metrô de Boston.

¹¹⁶ Nome do sistema de metrô de Londres.

um jogo, algo que eu queria para mim simplesmente porque sabia que não poderia tê-la. Ela era o ápice. O jogo final. A *única*.

E mesmo que ela não soubesse de nada disso.

Ela tinha que saber que eu a amava.

Eu tinha que dizer a ela.



Suponho que se possa dizer que fiz uma visita surpresa à minha mãe, não porque ela não estivesse esperando-me – ela esperava –, mas porque eu lhe disse falsamente que pretendia fazer uma parada em Surrey para visitar um velho amigo.

Qualquer um que me conhecesse também sabia que eu não mantive contato com ninguém da minha vida anterior. Mamãe não me conhecia direito, então ela comprou a história.

Pior ainda, eu realmente não *a* conhecia mais.

Mas estava prestes a ter um vislumbre da verdadeira ela.



Eu entraria no Whitehall Court Castle sem avisar e veria como as coisas pareciam quando eles não estavam fazendo um show para mim.

Abri as grandes portas duplas. Dois servos frenéticos estavam no meu calcanhar, tentando fisicamente me impedir de entrar na mansão.

— Por favor, senhor! Ela não está esperando por você!

— Senhor Whitehall, eu imploro!

— Minha mansão, meu negócio. — Entro, meus mocassins estalando no mármore dourado na sala de estar principal. As vigas acima da minha cabeça se fecharam em mim como árvores em uma floresta.

— Devon! — Mamãe grita, correndo do sofá francês vitoriano do século 19, com uma taça de champanhe na mão. Parei na entrada, analisando a cena na minha frente.

Agitando-se e movimentando-se ao redor dela, os criados estavam removendo uma pintura de Rembrandt van Rijn e móveis caros da sala, item por item, para fazê-la parecer vazia e escassa. Cecilia estava empoleirada na frente do piano alado, parecendo uma mulher que não só não estava em vigilância de suicídio, mas também cometeria um assassinato se isso ameaçasse morder seu tempo de lazer. Ela usava um vestido

Prada – desta temporada – e ao lado dela estava a chamada maldição de sua existência, Drew, que parecia contente brincando com as mechas de seu cabelo loiro antes de eu entrar em cena.

— Devon? — Perguntei com uma expressão zombeteira. Enquanto caminhava até mamãe, ela colocou o champanhe de lado e agora estava empurrando os criados para fora da sala, empurrando-os para o vasto corredor para cobrir suas indiscrições. Ela queria que eu pensasse que a casa estava vazia, desmoronando. Que ela estava a um passo de uma geladeira vazia, ela era tão pobre. — O que aconteceu com *Devvie*?

Quando o último dos criados saiu pela porta, mamãe se jogou em mim, abraçando-me com um soluço. — É tão bom ver você. Nós não estávamos esperando você até a hora do jantar. Seu amigo em Surrey está bem?

— Meu amigo em Surrey não existe, então é difícil dizer, — digo lentamente. Ignorando seu toque e passeando em direção ao carrinho do bar, servi-me de um copo generoso de conhaque.

— Não é o que parece. — Foi a vez de Cece se levantar do piano e correr em minha direção, o rosto corado. Ela torceu a bainha de seu vestido em seus punhos. — Quero dizer, sim, é o que parece, de certa forma, suponho, mas não queríamos que você pensasse que nossa luta não é real. Precisávamos dar-lhe um empurrão.



Joguei o conhaque goela abaixo, apontando para minha irmã com o copo vazio. — Você é suicida? — Pergunto, à queima-roupa.

Ela estremece visivelmente. — Eu... umm... não.

— Você já foi?

Ela se contorce. — Tive momentos em que estava deprimida...

— Bem-vinda à vida. É um monte de merda. Não foi isso que perguntei.

— Não, — ela admite finalmente.

Desviei meu olhar dela para seu marido, que estava levantando-se do banco do piano, cambaleando até nós, ainda vestindo um pijama de seda que não favoreceu suas coxas. Essas eram as pessoas com quem eu me preocupava nas últimas duas décadas. Aquelas para quem eu estava enviando cheques e cartas. As pessoas por quem eu agonizei.

— Drew, posso te chamar de Drew? — Pergunto com um sorriso vitorioso.

— Bem, eu...



— Deixa *pra* lá. Eu estava sendo educado. Vou te chamar do que diabos eu quiser te chamar. Você é bom para minha irmã, babaca?

— E-eu acho que sim. — Ele muda desconfortavelmente de um pé para o outro, olhando ao redor, como se este fosse um teste com uma resposta definitiva e ele não estivesse preparado para isso.

— Você já teve um emprego?

— Eu era consultor de negócios para uma organização sem fins lucrativos depois que terminei a faculdade.

— Você conhecia alguém no conselho?

Ele estremece. — Meu pai conta?

Não sei, a rainha é inglesa?

— Você tem algum problema de saúde que o impede de trabalhar?

— Meu estômago fica muito agitado quando estou nervoso.

— Muito bem. Trabalhe para ganhar um salário e você não terá motivos para ficar nervoso.

Em seguida, viro-me para olhar para minha mãe. Por sua expressão nublada, ela deduziu que não havia anúncios felizes vindo em sua direção, nem confetes e compras em seu futuro imediato.

— Você não está passando aperto, — eu digo.

— Eu vou, se você não se casar com Louisa.

— Venda os objetos de valor que você possui.

— Os tesouros da família? — Seus olhos se arregalam.

— Os tesouros da família devem ser os relacionamentos, risos e apoio que você recebe um do outro. Não pinturas e estátuas. Sugiro que comece a procurar um emprego lucrativo ou, pelo menos, descubra se pode ser desembolsada, porque de jeito nenhum eu vou me casar com uma mulher que não seja Emmabelle Penrose.

Eu já estava armado e carregado, pronto para lutar com ela por enviar pessoas para ameaçar *Sweven*. Pelo poder de dedução, apostei que não havia como pelo menos algumas das coisas que aconteceram com ela não serem por ordem da minha mãe.

— Por favor, eu não consigo nem ouvir o nome dela! — Mamãe cobre os ouvidos, balançando a cabeça. — Aquela mulher estragou tudo. *Tudo*.

— É por isso que você enviou pessoas atrás dela? —
Encostei-me na parede, uma mão enfiada no bolso da frente.

— Com licença? — Ela bate a mão contra o peito.

— Você ouviu o que eu disse.

Nós seguramos o olhar um do outro. Nenhum de nós piscou. Ela falou, ainda olhando para mim. — Cece, Drew, saiam.

Eles fugiram como ratos abandonando o navio. Inclinei minha cabeça para o lado, examinando a mulher que me trouxe a este mundo, que parou de se importar comigo quando eu não moldava minha vida em torno de sua visão de seus próprios sonhos. Perguntei-me quando, exatamente, tornei-me nada além de uma ferramenta para ela. Na minha adolescência? Anos de faculdade? Como um adulto completo?

— Quem você contratou? — Pergunto friamente.

— Pare de ser dramático, Devvie. — Ela tentou rir, pegando a taça de champanhe da bandeja ao lado dela, girando-a. — Não foi assim.

— Como foi então?

— Eu, bem... suponho que contratei um homem. Seu nome é Rick. Ele disse que cobra dívidas e tal. Ele tem alguns soldados em Boston fazendo recados para ele. Eu só queria que ele a



assustasse, não a machucasse, Deus me livre. Ela ainda está carregando meu neto, você sabe. Eu me importo com essas coisas!

Ela se preocupava com seu primeiro neto como eu me preocupava em preservar a vida e a dignidade dos insetos cigarrinhas no Turcomenistão.

— Coloque-o no telefone agora. Eu quero falar com ele.

— Ele não vai falar comigo. — Ela joga as mãos no ar, andando até o sofá que ela ocupava minutos atrás. Tirando um cigarro fino de sua bolsa, ela acende. — Ele parou de atender minhas ligações. Eu tentei de tudo. Da última vez que conversamos, ele disse que alguém se envolveu no caso. Algum nome irlandês comum. Disse que não precisa lidar com esse cara. Eu não tive notícias dele desde então.

Sam Brennan.

— Ele ainda está no caso? — Pergunto.

— Não.

— Dê-me seus detalhes, apenas no caso.

Eu ia entregá-los a Sam e garantir que Rick soubesse que da próxima vez que ele chegasse perto de Emmabelle, ele deixaria a situação em um saco para cadáveres.



Mamãe revirou os olhos, enfiando o cigarro na boca e rabiscando alguma coisa em uma mesinha ao lado do sofá. Ela rasgou o papel de um bloco de notas e me entregou.

— Aí. Feliz agora?

— Não. Então ele a seguiu?

— Enviou outras pessoas para fazer isso um punhado de vezes. Um deles ela confrontou de uma maneira bastante grosseira, para ser honesta.

— E enviou cartas para ela?

Mamãe franze a testa, dando outra tragada no cigarro, cruzando os braços sobre o peito. — Não. Eu não pedi isso, e duvido muito que ele tenha tomado tal liberdade.

Isso significava que havia mais alguém atrás de *Sweven*, assim como eu suspeitava.

Um segundo alguém.

Frank.

Eu precisava terminar isso e voltar para casa.

— Quando Rick começou a ir atrás dela?

Queria saber quando tudo começou. Mamãe deu-me um olhar culpado.

— Bem...

— Então?

— Antes de engravidar — admitiu mamãe, os ombros caídos enquanto fumava o cigarro. — Depois que seu pai faleceu, usei Rick para tentar ver se havia algum obstáculo que pudesse impedi-lo de se casar com Louisa. Ele disse que você estava em cima dessa mulher Penrose. Então tentamos empurrá-la para fora de cena.

— Realmente elegante.

— Vamos falar sobre o que vai acontecer comigo e sua irmã agora que você decidiu oficialmente nos levar a falência? — Ela bufa. — Porque essa coisa com Emmabelle não foi sem provocação. Você deve ver o meu ponto de vista. Você está prestes a jogar a fortuna da família pelo ralo para provar algo a seu pai.

— Não, estou prestes a jogar a fortuna da família pelo ralo porque ela vem com uma estipulação com a qual ninguém deveria concordar. E também porque estou apaixonado por outra pessoa e recuso-me a sacrificar minha própria felicidade para que

você e Cece possam dirigir carros chiques e tirar férias mensais nas Maldivas.

— Devon, seja razoável! — Ela apaga o cigarro, a fumaça ainda escapando de seus lábios enquanto corria em minha direção. Ela parecia estar provando o amor bruto e rastejando simultaneamente, o que gerou uma conversa bastante estranha. — Você está queimando um legado! Tudo o que resta é o título.

— Eu também não ligo muito para o título, — eu digo lentamente.

— Como você ousa! — Ela bate os punhos contra o meu peito. — Você é irracional e vingativo.

— Eu tentei ser razoável. Mas não há raciocínio com vocês. Você está sozinha, Ursula. Se você quer dinheiro, vá ganhá-lo, ou, melhor ainda, encontre um infeliz que esteja disposto a se casar com você. E nesse ponto, aqui está um aviso justo: se você tentar prejudicar a mãe do meu filho novamente, eu vou acabar com você. Quero dizer isso literalmente. Vou acabar com sua vida como você a conhece. Espalhe esta mensagem para Cece e Drew também. Ah, e meu amor, é claro. — Boas maneiras eram boas maneiras, afinal.

— Você não pode fazer isso com a gente. — Ela cai de joelhos, abraçando meus tornozelos. Começou o abastecimento de água. Olhei para a parte de trás de sua cabeça com uma

mistura de aborrecimento e desgosto. — Por favor, Devon. Por favor. Case-se e divorcie-se de Louisa. Só um pouco... eu... eu... não vou conseguir sobreviver! Eu simplesmente não vou.

Afasto seu toque de mim, afastando-me de seu abraço.

— Se você não conseguir, não é da minha conta.

— Você sabe... — Ela olha para cima, seus olhos brilhando com loucura, raiva e desespero. Eles eram tão grandes, tão maníacos que pensei que saíam de suas órbitas. — Eu sabia. Aquela vez em que ele trancou você no elevador e cortou a eletricidade para que as bombas não funcionassem... nós dois estávamos nisso.

A repulsa rastejou sobre minha pele.

Minha mãe sabia que meu pai havia tentado me matar todos aqueles anos atrás, e ela estava no plano.

Todo o nosso relacionamento, como eu sabia, era uma mentira. Ela nunca se importou comigo. Ela simplesmente esperou seu tempo porque sabia que meu pai morreria um dia e queria estar do meu lado quando me pedisse para casar com Louisa.

Sorri friamente, afastando-me dela. — Considere a vontade não cumprida. Você é pobre agora, mãe. Embora, na verdade, você tenha sido pobre a vida inteira. Dinheiro não significa nada



no grande esquema das coisas quando você não tem integridade.
Poupe-nos tanto do problema quanto do constrangimento e não
me ligue mais. De agora em diante, não vou atender.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Belle

Senti-me como um pássaro raro. Uma explosão de cores, saltos altos e brilho ultrajante enquanto eu arrastava minha mala de crocodilo falso atrás de mim, esgueirando-se para a casa suburbana dos meus pais. Podia sentir os olhares dos vizinhos esquentando minha nuca através de suas persianas romanas e janelas sigilosas.

Eu tinha certeza de que havia muitas coisas para um ex-animal festeiro de trinta anos fazer nos subúrbios de Boston.

Infelizmente, não tinha ideia do que eram.

Não que isso importasse. Eu não poderia exatamente dançar minhas mágoas em uma festa no telhado, beber até um ponto de distração (que desmancha-prazeres você é, Baby Whitehall), ou até mesmo presentear-me com uma maratona de compras que terminava da mesma maneira que todas as farras de compras deveriam terminar – mastigando um pedido de *Wetzel's Pretzels*

*cheese dog bites*¹¹⁷ enquanto tentava equilibrar cento e cinquenta sacolas de compras, suas alças cravadas na carne dos meus antebraços.

Wellesley não era conhecida por seus shoppings e marcos culturais.

Ou para qualquer coisa, na verdade, além de estar perto de Boston.

Mas, o que mais me deprimia era que eu não *queria* nem cheirar linhas de cocaína com estrelas de rock em banheiros públicos ou cantar “Like a Virgin” em um bar de karaokê enquanto meus amigos tombavam com gosto, porque eu era tudo menos isso. Queria coisas chatas e estranhas. Como se aconchegar ao lado de Devon em seu maldito sofá de oito mil dólares (é claro que olhei no Google. O que sou eu, uma amadora?).

Queria assistir seus documentários chatos de quatro horas sobre sacolas plásticas sustentáveis e lesmas assassinas.

Estava enrolada em mim mesma na cama do quarto de hóspedes quando meu pai bateu à minha porta. Mamãe estava

¹¹⁷ Wetzel's Pretzels é uma franquia americana de restaurantes fast-food e cheese dog bites é um dos alimentos oferecidos no cardápio.

fora – ela agora fazia parte do comitê das Damas que Almoçam. A ironia, claro, era que as senhoras não almoçavam. Comiam saladas sem molho e discutiam assuntos sérios, como *The Dukans* ou a *Zone Diet*¹¹⁸.

Acho que ele queria ver se ainda estávamos conversando.

Nós estávamos?

— Belly-Belle, — ele canta. — Vou pescar. Que tal você se juntar ao seu velho? Não há como errar com ar fresco e chá gelado adoçado.

— Passo, — murmuro em meu travesseiro.

— Ah, vamos, garota. — Admiro sua capacidade de fingir que ontem não aconteceu e ao mesmo tempo me chatear por *causa* de ontem.

— Estou ocupada hoje.

— Você não parece ocupada para mim.

— Você não sabe nada sobre a minha vida, pai.

¹¹⁸ The Dukans e Zone Diet são tipos de dietas para emagrecimento.

— Eu sei tudo sobre sua vida, Belly-Belle. Eu sei sobre seu clube, sobre seus encontros, sobre seus amigos, sobre seus medos. Eu sei, por exemplo, que você está infeliz agora, e não pode ser apenas sobre mim. Você passou a vida toda fingindo que não aconteceu. Algo está comendo você. Deixe-me ajudar.

A coisa era que ele não podia ajudar.

Ninguém poderia ajudar a causa perdida que era Emmabelle Penrose.

A megera que não se importava tanto com sexo afinal, mas com intimidade. Eu queria saber como era pertencer a alguém. Mas não qualquer um. Para um libertino diabólico de olhos azuis.

— Ugh, por que você está tão obcecado por mim? — Gemo, forçando-me a sair da cama e arrastando meus pés pelo chão. Tive problemas com um par de shorts jeans, deixando-os desabotados por causa de Baby Whitehall, e coloquei um top branco folgado e com babados. Eu não parecia pronta para pescar qualquer coisa que não fosse elogios sobre minhas pernas assassinas, mas aqui estávamos nós.

A viagem para o Lago Waban passou em silêncio, pontuada por papai fazendo perguntas sobre Devon, trabalho e Persy. Respondi com o entusiasmo de uma mulher que enfrenta o corredor da morte – e com a mesma vivacidade. Assim que

chegamos, ele alugou um barco, jogou todo o seu equipamento de pesca nele e remou até o meio do lago.

No barco, reclamei da minha licença maternidade antecipada de Madame Mayhem. Papai disse-me que o trabalho era uma distração da vida e que a vida não era uma distração do trabalho, e que minhas prioridades estavam todas erradas. Parecia uma frase inspiradora de John Lennon, mas ele estava se esforçando tanto que não o repreendi por isso.

— E, além disso, precisamos conhecer esse tal de Devon. — Papai virou o boné para trás, tentando me fazer rir, sem sucesso.

— Por quê? — Torço meu nariz. — Não estamos juntos.

— Vocês estarão. — Papai gira o carretel de pesca, puxando-o enquanto alguma coisa na água girava, tentando escapar.

Bufo, observando enquanto ele puxa o peixe – uma coisa de escamas prateadas, de aparência indefesa. Papai pegou uma faca de filé, cortando a garganta do peixe e deixando-o sangrar na água. O peixe parou de bater, sucumbindo ao seu destino. Papai embrulhou o peixe em um filme plástico e o jogou em um recipiente cheio de gelo.

— Como você sabe? — Pergunto.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Pescar?

— Não, que Devon e eu vamos acabar juntos. — Mexo-me desconfortavelmente do outro lado do barco.

— Oh. Eu só sei.

— Isso não é uma resposta.

— Claro que sim, querida. — Ele sorri para mim com amor, entregando-me a faca de filé e um pacote de lenços umedecidos em álcool para limpá-la. — E é uma boa também.

Cerca de uma hora depois de nossa sessão de pescaria, esbarramos em um dos novos amigos de papai da cidade. *Literalmente*. Nosso barco beijou o dele enquanto ele acidentalmente derivou em nossa direção. Papai imediatamente estendeu a mão para mim, certificando-se de que eu não escorregasse ou me machucasse. Então ele riu, seus olhos se iluminando.

— Ei, Bryan.

— John! Pensei que o veria por aqui.

— O tempo está bom demais para deixar passar. Você conheceu minha filha? — O orgulho na voz de papai era tangível, enviando arrepios de prazer pela minha espinha.

— Não posso dizer que sim. Senhora. — Bryan abaixou o chapéu de palha.



Houve uma introdução, seguida de trinta minutos de conversa de pesca. Bocejei, olhando ao nosso redor. Compreendi que algumas pessoas apreciavam a natureza e sua tranquilidade. Pessoalmente, eu não poderia viver em nenhum lugar onde o ar não estivesse poluído e o crime não estivesse nem um pouco fora de controle.

Decidi finalmente ligar meu telefone e verificar minhas mensagens. Eu não fazia isso há dias, embora usasse o telefone fixo dos meus pais para ligar para Persy, Ash e Sailor.

Rolei pelo meu telefone quando uma mensagem apareceu na minha tela. Era fresca de vinte minutos atrás.

Devon: Onde você está?

Era hora de encarar a música. Bem, os gritos, realmente.

Belle: Pescando.

Devon: PESCA?

Belle: Sim.

Devon: Este código é para alguma coisa?

Belle: Tire sua mente da sarjeta.



Devon: Ei, você foi a única a colocá-la lá em primeiro lugar.

Devon: Você tem muito a responder, mocinha.

Belle: Ui. Chame-me de mocinha novamente. Alguém acabou de me chamar de senhora.

Devon: Dê-me seus detalhes. Eu vou lidar com ele.

Devon: Onde você está pescando?

Meus olhos arrastaram para cima da tela, e olhei ao meu redor. O meio do nada era uma resposta suficiente?

Belle: Não importa. Eu vou te encontrar. Nós precisamos conversar.

Eu ia dizer a ele que tinha cometido um erro terrível, que estava arrependida, que era uma idiota (havia uma boa chance de eu dizer isso *duas vezes*), que recebi – e prontamente queimei – o cheque que Louisa tinha me dado, e por favor, por favor, por favor, por favor, *ele* poderia me levar de volta.

Aprendi minha lição. Papai me marcou, e o Sr. Locken me estripou, mas aparentemente, eu ainda tinha um coração batendo por trás das pesadas camadas de fachada. E aquele coração pertencia a ele.



Devon: Não venha.

Belle:...?

Mas ele nunca respondeu.

Não venha.

Sem explicação, sem nada.

Então *é claro* que eu ia.

Estava indo apenas para irritá-lo! O bastardo. Estava indo para lá agora. Bem, talvez vestisse algo um pouco mais digno do que um par de shorts jeans que eu não conseguia abotoar e uma camisa que gritava *acabei de passar os últimos dias com meus melhores amigos, Easy Cheese¹¹⁹ e Dancing with the Stars¹²⁰*.

— Pai, eu tenho que ir.

Papai e Bryan tiveram uma conversa curta, mas significativa, usando apenas as sobrancelhas, perplexos que alguém quisesse fazer *outra coisa* além de ficar sentado de braços

¹¹⁹ Spray de queijo.

¹²⁰ Competição de dança; no Brasil há algo parecido com o Dança dos Famosos.



cruzados no meio de uma enorme bolha de água e esperar que os peixes mordessem suas iscas.

— OK, querida. Deixe-me encerrar isso.

— Não, eu vou sozinha.

— Tem certeza? — ele pergunta.

Não fazia sentido ele se juntar a mim. Estava trocando de roupa e indo direto para Boston para exigir que Devon Whitehall me permitisse voltar para ele e me amar.

— Positivo.

— Tudo bem. Você pode pegar o carro. Bryan vai me dar uma carona para casa.

— Impressionante. Que cara legal. — Não muito bom, já que ele me chamou de senhora, mas também não é o pior, eu acho.

Papai remou de volta para a margem, colocou-me no banco do motorista e beijou meu cabelo. — Cuide-se, garota.

Corri de volta para a casa dos meus pais. No caminho, garanti a mim mesma que tudo ficaria bem. Iria direto para Devon e tinha minha arma comigo o tempo todo. Eu permaneceria segura e talvez abordasse o assunto de nos



mudarmos para outro lugar, onde metade da população não estivesse tentando me matar.

Quando voltei para a casa dos meus pais, a primeira coisa que fiz depois de trancar a porta foi jogar minha bolsa em uma mesa lateral. Tirei algumas peças de roupa enquanto subia para o quarto de hóspedes, já decidindo que usaria o mini-vestido verde esmeralda que fazia meus olhos e peitos saltarem.

Andando descalça pelo piso de madeira, parei quando cheguei à soleira do quarto de hóspedes.

Havia alguém sentado na beira da minha cama.

Pulei para trás, resistindo à vontade de gritar e chamar a atenção.

Frank.

Dando meia-volta, desci a escada correndo, voltando para o patamar para pegar a arma dentro da minha bolsa. Ele me agarrou pelos ombros e me puxou de volta. Meus pés estavam no ar. Minhas costas bateram contra seu peito. Ele passou um braço em volta do meu pescoço em um estrangulamento e apertou, cortando meu suprimento de ar. Meus dedos cravaram em seu braço, arranhando para fazê-lo soltar. Tentei gritar, mas tudo que minha boca produziu foi um silvo baixo e doloroso.



Baby Whitehall, pensei freneticamente. *Eu tenho que salvar meu bebê.*

Colocando minhas aulas de Krav Maga em bom uso, estendi a mão para tentar segurar seu braço oposto, mas ele foi mais rápido, juntando minhas mãos e apertando-as atrás das minhas costas.

— Acho que não. Você arruinou minha vida. Já é hora de eu arruinar a sua.

Sua respiração patinou ao lado do meu pescoço. Cheirava a tabaco e refrigerante açucarado. Tentei afundar meus dentes em seu braço, mas ele se afastou rapidamente, reajustando seu aperto no meu pescoço com um braço e embalando minha barriga grávida no outro.

— Shhh. — Seus dentes roçaram a concha da minha orelha.
— Não me faça fazer algo que eu vou me arrepender.

E então eu senti.

O metal frio e afiado roçando o fundo da minha barriga.

Congelei como uma estátua. Fechei os olhos, o ar chacoalhando em meus pulmões.

Ele ia me dar uma cesariana prematura se eu não fizesse o que ele disse.

Baby Whitehall agitou-se na minha barriga excitada, acordada e ciente da comoção.

Sinto muito, bebê Whitehall. Eu sinto muito, muito, muito.

— Você vai ser uma boa menina? — A respiração de Frank soprou contra a lateral do meu pescoço.

Balancei a cabeça, o gosto amargo de bile explodindo na minha boca. Minha mãe não deveria estar em casa por mais duas horas, e papai poderia passar o dia inteiro no lago. Persy não apareceria sem nos avisar primeiro.

Eu estava oficialmente, completamente e regamente ferrada.

— Agora estamos conversando. — Frank empurrou-me para frente, fazendo-me tropeçar no primeiro degrau. Descemos as escadas em silêncio, meus joelhos batendo juntos de medo. Ele me sentou na frente da lareira, pegou um rolo de fita adesiva da parte de trás de sua calça jeans e prendeu meus pulsos e pés para que eu ficasse imóvel no sofá. Ele arrancou a camisa do meu corpo, o tecido cortando minha pele, deixando marcas vermelhas em seu rastro. Eu estava vestindo nada além de minha calcinha e sutiã.

— Fique aqui. — Ele mexeu o dedo indicador no meu rosto, em seguida, começou a pisar ao redor da casa, barricando as



portas. Ele não teve que fazer mais do que empurrar algumas cadeiras contra as portas da frente e do quintal. Papai tinha uma mentalidade de que o inimigo está sobre nós e tornou a casa à prova da Guerra Mundial.

Eu sabia que não havia como entrar e sair deste lugar sem desmontá-lo primeiro.

Frank jogou as chaves que eu tinha usado para trancar a porta no bolso, movendo-se em direção a uma das janelas, batendo nela com os nós dos dedos.

— Vidros triplos. — Ele assobiou, erguendo as sobrancelhas e acenando para mim com aprovação. — Muito bem, John Penrose. Esses são caros *“pra”* caralho.

Ele sabia o nome do meu pai. Aposto que o bastardo sabia muito sobre minha vida desde que descobriu que eu estava aqui.

Examinei meus arredores. Era hora de ser criativa. A única saída para mim era através do duto central de ar. Era grande o suficiente para eu caber, mas ainda teria que derrubar o respiradouro, o que era basicamente impossível, já que minhas mãos e pernas estavam amarradas.

Os olhos de Frank viajaram para a mesma saída de ar que eu estava olhando. Ele riu. — Nem pense nisso. Agora vamos conversar.



Ele caminhou até a poltrona em frente ao sofá em que eu estava sentada e se sentou. Pelos sacos de Doritos abertos e latas de refrigerante rachadas espalhadas pela mesa de centro, percebi que ele se sentiu em casa antes da minha chegada.

Se nada mais, pelo menos agora eu sabia quem era o responsável por tornar minha vida um inferno nos últimos meses.

Estava esperando que Jesus viesse até mim e me dissesse — *Agora não é sua hora, criança,* — porque todos os outros indicadores apontavam para minha morte precoce e trágica.

Ugh. Ser dispensada por um ex-funcionário descontente era uma maneira tão embaraçosa de morrer.

— Como posso ajudá-lo, Frank? — Pergunto, profissionalmente, o que foi difícil, considerando as circunstâncias.

Baby Whitehall estremeceu como um louco no meu estômago, e pensei, com uma mistura de devastação e alegria, o quanto eu queria que isso continuasse. A vibração. Os chutes. E o que vinha depois. Pela primeira vez na minha vida, eu tinha algo pelo que lutar.

Duas coisas.

Havia Devon também. E por mais que me assustasse admitir para mim mesma, ele não era como os homens que me decepcionaram. Troquei minha alma com o diabo no dia em que me vinguei do treinador. Paguei pelo prazer de tirar uma vida com minha juventude, com minha alegria, com minha inocência. A falta de todos os três tornou impossível para mim me apegar a um homem. Mas Devon Whitehall não era apenas um homem. Ele era muito mais.

— Você pode começar me dizendo o que diabos eu fiz com você! — Frank pegou a faca com a qual me ameaçou e apontou para mim do outro lado da sala, cuspidando cada palavra. — Por que você me demitiu quando eu tinha uma namorada grávida em casa? As contas médicas da minha mãe... você sabe, ela faleceu duas semanas antes de você me demitir. Tirei uma semana de folga. Você nem me enviou um cartão de condolências. Nada.

Franzindo os lábios, fechei os olhos e pensei naquele período de tempo. Quando eu não estava trabalhando, estava festejando. *Muito*. Houve uma série de festas em casa, depois eventos beneficentes, depois um fim de semana de lua-de-bebê para as meninas em Cabo para Persy e Aisling. Eu dependia de Ross para interpretar mamãe e papai no Madame Mayhem e não me importava muito com o que estava acontecendo na vida das outras pessoas. Estava ocupada mantendo-me distraída porque era assim que eu lidava sempre que as memórias do Sr. Locken e

o que eu tinha feito com ele ressurgiam. Não me importava com nada nem ninguém além de mim mesma.

Pior de tudo, eu não me lembrava de ter ouvido que a mãe de Frank havia falecido.

— Sinto muito pela sua perda. — Tentei parecer calma, mas minhas palavras tropeçaram umas nas outras. — Eu realmente sinto. Mas, Frank, eu não sabia sobre sua mãe ou sua namorada. Certamente não sobre sua dívida. Eu tenho um mínimo de trinta funcionários em minha folha de pagamento a qualquer momento. Tudo o que eu sabia era que você passou a mão e assediou uma das garotas burlescas.

— Isso é o que ela disse. — Ele enviou sua faca contra a mesa de café entre nós. A lâmina beijou o vidro, e a coisa se estilhaçou ruidosamente. — Você foi e disse a todos os repórteres locais que eu tentei estuprá-la. Não consegui um emprego. Nem mesmo um temporário. Nem lavar a louça! Você me humilhou!

Engoli um grito.

Baby Whitehall parecia dedos dedilhando teclas de piano, correndo da esquerda para a direita e depois para a esquerda novamente.

— Frank, eu *vi* você, — insisto, exasperada. — Sua mão estava na curva de sua bunda. Sua outra mão estava enfiada entre as pernas dela.

Lembrei-me de como ambos reagiram quando entrei em cena. Como ela estava em lágrimas. Como ele estava em choque.

— Eu não estava assediando ela. — Frank saiu correndo da espreguiçadeira bege, pegando uma lata de refrigerante e jogando-a contra a parede. O líquido laranja espirrou nele como uma pintura abstrata, pingando no chão. Eu queria acreditar que um dos vizinhos poderia ouvir a comoção e pedir ajuda, mas sabia que as casas eram muito distantes uma da outra para que isso acontecesse. Maldito subúrbio de classe média.

— Nós estávamos tendo um caso. Christine e eu estávamos tendo um caso. Eu estava apalpando-a quando você nos encontrou, e ela ficou com medo, porque sabia que você era um tipo de chefe sem besteira e também porque era sabido no clube que minha namorada estava grávida. Ela não queria parecer uma destruidora de lares ou uma vadia, embora, para constar, ela fosse as duas coisas, então ela inventou aquela história de que eu a assediei!

Fiquei profundamente ressentida com sua caracterização de Christine, embora não concordasse com o comportamento dela. Levava dois para dançar tango, e ninguém forçou esse idiota a ter

um caso com ela. Claro, este não era o momento de retaliar enviando bombas da verdade em sua direção.

— Eu não sabia de tudo isso. — Odiava o quão pequena minha voz era.

— Sim, bem, isso é porque você nunca se importou em dar a mínima para qualquer coisa que não fosse seu clube, suas festas, suas roupas e seus encontros de uma noite. Christine foi atrás de mim. Ela sabia que eu tinha acesso ao calendário e agenda de Ross. Eu mexi com isso, dando a ela melhores horas e turnos quando ele não estava olhando. — Ele pegou sua faca do oceano de vidro quebrado no meio da sala, limpando-a na lateral de seu jeans.

Movi-me desconfortavelmente no sofá. A fita adesiva estava cavando em meus pulsos, e eu queria esticar minhas pernas.

— Olha, Frank, desculpe-me se...

— Eu não acabei! — ele ruge, ficando na minha cara. Suas bochechas estavam coradas, seus olhos dançando com loucura. — Eu perdi tudo. Minha namorada descobriu – claro que ela descobriu. Afinal, fui demitido publicamente, e ninguém me contrataria. Toda vez que saíamos de casa, um repórter ou um fotógrafo perambulava por perto, porque todo mundo gosta de uma história de naufrágio de um cara com uma namorada adolescente grávida que assediou uma garota burlesca e levou



uma surra do gerente de um clube por isso. Minha namorada não foi embora, mas ela não iria deixar essa merda passar. — Christine, a puta, deixou o show burlesco e voltou para Cincinnati para se casar com algum velho fodido. Ele está prestes a ter uma surpresa quando perceber que o bebê que ela está cozinhando para ele pertence a mim. E eu? Fiquei viciado em fentanil. Porque, você sabe, por que diabos não? — Ele gargalha sem tom.

Oh, garoto.

— Se você tivesse me contado...

— Você não teria feito nada, — ele late e eu sabia que era a verdade. — Você odeia os homens. Todo mundo sabe disso. Todo o mundo!

Eu queria vomitar. Todo esse tempo, eu era parcialmente responsável pela condição de sua namorada. Lembrei-me de vê-la no *buybuy Baby*. Como ela parecia angustiada.

Ele começou a chutar as coisas enquanto falava, determinado a infligir tanta destruição a mim e as minhas coisas. — As coisas ficaram muito ruins em casa. Depois de um tempo, simplesmente levantei e fui embora. Como meu pai fez antes de eu nascer. Eu não podia lidar com isso. E agora há este ciclo, você vê. Que você criou. Meu filho virá a este mundo sem nada, enquanto seu filho virá a este mundo com tudo. E por quê?



Porque você tem um rosto bonito? Uma bunda firme? Porque sua irmã se casou com um cara rico e agora vocês duas estão se divertindo como milionárias o dia todo?

Eu sabia onde isso estava indo, e não gostava. Nem um pouco.

— Você foi o único que foi atrás de mim. Mas... mas quem era aquele homem que veio até Madame Mayhem para me ameaçar?

— Meu padrasto. — Frank deu de ombros. — Fez-me um favor. Bom cara, hein?

— E o homem do Boston Common?

— Boston Common? — Ele franziu a testa. — Ninguém foi atrás de você lá.

Minha cabeça estava girando. Havia algumas pessoas atrás de mim. Frank estava imparável, no entanto, e não estava exatamente com vontade de responder a mais nenhuma das minhas perguntas.

— Bem, estou aqui para te dizer se meu bebê não vai ter um futuro – e eu certamente não posso dar a ele um futuro...— sua lâmina encontrou meu coração, movendo-se pela minha pele em direção à minha barriga enquanto ele se agachava diante de mim, —... então o seu também não vai ter um.



— Frank, por favor...

A faca parou na minha barriga.

Ele sorriu enquanto enfiava a lâmina nela, rasgando a pele.

E foi aí que uma das paredes da sala desmoronou.

Devon

Cheguei à casa suburbana dos pais Penrose para encontrar a caminhonete do pai de Belle estacionada na frente. Embora não estivesse necessariamente em meus planos tentar conquistar o Sr. Penrose explicando que minha mãe havia enviado pessoas para ameaçar sua filha e que eu poderia ou não ter planejado casar-me com outra pessoa em algum momento, eu ia ter que lidar com ele. Depois que informasse a Belle que iríamos nos casar esta semana e parar com essa bobagem, é claro.

Caminhei até a porta, determinado, e ergui os dedos para bater na porta.



Nesse momento, um estrondo soou do lado de dentro. Parecia vidro estilhaçando-se. Aproximei-me de uma das janelas, espiando para dentro.

Belle estava sentada no sofá, quase toda nua e com fita adesiva enquanto um cara com cara de Frank (eu nunca tinha visto o homem, mas novamente, raciocínio dedutivo) estava acima de uma pilha de vidro, uma faca a seus pés. Pressionei minhas mãos no vidro e rugi, mas eles não podiam me ouvir. Eu poderia dizer pela espessura do vidro, e pela forma embaçada como eu os vi, que era muito grosso.

Corri para a porta e tentei arrombar a fechadura, mas, *porra*, ela não se mexeu. Também não era uma porta frágil. Era uma daquelas portas de segurança de aço que Cillian havia instalado em sua mansão no dia em que Astor nasceu. Eu não poderia chutar essa merda se eu tivesse os quadríceps do The Rock.

Freneticamente, rodei a casa, tentando encontrar uma maneira de arrombar. Inclinei a cabeça e olhei para cima para ver se as janelas do segundo andar estavam abertas ou talvez não com vidros triplos. Sem essa sorte.

Após uma rápida inspeção, percebi que a única maneira de entrar era pela ventilação. Só havia um problema: lugares confinados e eu não éramos exatamente bons amigos.



Olhando para o orifício de exaustão na lateral da casa, lembrei-me de que não tinha escolha. Que era eu morrendo em um espaço menor que o elevador ou Belle... *Porra*, eu não conseguia nem começar a pensar no que poderia acontecer com ela.

Puxando meu telefone do bolso, liguei para o 911 e expliquei a situação, dando-lhes o endereço, então me agachei no buraco e arrastei-me para dentro.

Não era o tipo de duto de ar que você via nos filmes. O labirinto de metal quadrado e interminável no qual você podia rastejar confortavelmente. Era um labirinto redondo e frágil que só podia carregar meu peso porque estava entre tijolos, a superfície irregular em todas as direções. Parecia como se esgueirando no cu de alguém. Tive que rastejar-me sobre meus cotovelos e joelhos, juntando poeira, mofo, sujeira e ácaros em meu terno Cucinelli, que passou de azul marinho para cinza.

Minha garganta estava cheia de sujeira, e cada um dos meus músculos parecia tenso e trêmulo. Colocar-me nesta posição foi algo que eu nunca pensei que faria. Mas eu precisava. Tinha que salvá-la. Para ajudar a aliviar a dor, fechei os olhos e continuei empurrando. Às vezes caí em um beco sem saída e me manobrei para a esquerda, para a direita, para cima e para baixo até encontrar a próxima curva para pegar o que me levaria para o outro lado.

Você não vai morrer.

Você não vai morrer.

Você não vai morrer.

Empurrei mais forte, mais rápido, minhas pernas sentindo câibras e meus bíceps doendo. Depois de alguns metros, ouvi vozes novamente. Foi só então que ousei abrir os olhos. Picaram com suor e poeira. O ventilador do ar-condicionado olhou para mim. Eu estava a apenas alguns metros de distância.

A voz se ergueu debaixo dela.

— Se você tivesse me dito... — Emmabelle tentou, sua voz corajosa e forte e tudo o que ela era que eu tanto amava.

— Você não teria feito nada, — ele rugiu.

Empurrei-me mais longe, contorcendo-me como um verme em direção à abertura do duto de ar.

— Bem, eu estou aqui para lhe dizer que se meu bebê não vai ter um futuro – e eu certamente não posso dar a ele um futuro, então o seu também não terá...

Assim que ele disse isso, abri o duto de ar e caí direto por ele, trazendo metade da parede para baixo comigo.

Levantei-me, mesmo que uma dor aguda e lancinante na minha perna esquerda me dissesse que eu quase certamente a havia quebrado.

Frank se virou, e usei o elemento surpresa para atacá-lo, jogando todo o meu peso contra ele e pegando sua faca. Infelizmente, ele teve a vantagem de não precisar rastejar para este lugar segundos atrás. Ele enfiou a faca no meu ombro, girando-a. Soltei um rosnado, empurrando meus dedos em suas órbitas oculares. Eu não tinha ideia do que estava fazendo. Eu só sabia que não ia morrer antes de saber que Emmabelle estava segura.

Da minha periferia, podia ver Belle pulando do sofá para a cozinha desajeitadamente, ainda amarrada nos tornozelos e pulsos. Uma linha de sangue descia sob seu umbigo, desaparecendo em sua calcinha. Minha mente ficou acelerada. Se algo acontecesse com aquele bebê... *meu* bebê...

— Ahhh! — Frank estava gritando, soltando a faca – que ainda estava, a propósito, no meu ombro – agitando os braços no ar impotente. — Meus olhos! Meus olhos!

Havia uma poça de sangue quente debaixo de nós, e eu sabia que pertencia a mim. Não conseguia mais mantê-lo. Concentrando-me, tentei arrancar um de seus globos oculares, o que não foi tão fácil quanto eles faziam parecer, já que suas órbitas eram de osso puro e denso e eu tive que quebrá-las.



— Pare! — Frank rugiu. — Pare!

Mas então foi ele quem parou.

Na verdade, ele caiu bem em cima de mim, enfiando a faca ainda mais fundo no meu ombro enquanto desabava.

Havia uma faca de carne presa em suas costas. E acima dele, estava Emmabelle, respirando com dificuldade.

Agora, decidi, era o momento perfeito para sucumbir à inconsciência.

Então foi isso que eu fiz.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Devon

Acordei em uma cama de hospital.

Tudo doía.

Tudo, exceto meu ombro, que eu não conseguia sentir. Dei uma espiada nele, franzindo a testa, e vi que estava enfaixado e em uma tipoia.

Meus olhos vagaram ao redor da sala, que parecia ser interminável, armários de carvalho claro de parede a parede e equipamentos médicos.

Cillian estava na frente de uma janela com vista para o estacionamento, falando baixinho ao telefone. Hunter estava sentado em uma poltrona ao lado dele, digitando em seu laptop, e eu podia ouvir a voz de Sam vindo do corredor.

Meus companheiros estavam aqui.



Minha família, naturalmente, não estava.

Mas o que realmente me preocupava era *Sweven*.

— Emmabel.

Essa foi a primeira palavra que saiu da minha boca.

Cillian girou, seu olhar frio característico rolando sobre mim como um pingente de gelo.

— Ela está bem, — ele assegurou-me. — Persephone finalmente conseguiu afastá-la do seu lado para fazer alguns exames. Os médicos a estão mantendo para observação.

— Eu preciso vê-la.

— Ela está três quartos abaixo. — Hunter ergueu os olhos de seu laptop, fechando-o.

Olhei para ele à queima-roupa e disse novamente: — *Preciso* vê-la.

— Está bem, está bem. Uma cadela louca com alguns problemas não resolvidos com o papai chegando, — Hunter murmurou, colocando seu laptop na mesa de madeira de carvalho claro e correndo para fora da sala.



Fechei os olhos, deixando cair minha cabeça de volta para o travesseiro. — Isso é tudo que meu maldito seguro de saúde americano me comprou? Este lugar está a uma fruteira de ser a cozinha de alguém dos anos 90.

— Agradeça que a madeira pela qual você está cercado não seja um caixão, — Cillian corta.

A porta se abriu e Sam entrou. Eu nunca fiquei abertamente feliz em ver o cara, mas agora eu estava completamente desapontado. Eu estava esperando Belle.

Ele fechou a porta atrás dele, segurando seu telefone. — Tenho certeza de que você gostaria de saber que meu serviço não é mais necessário. Simon também está fora. Frank está morto — graças à mulher perturbada por quem você está apaixonado — e o homem que sua mãe contratou, Rick Lawhon, está sendo cuidado.

Eu sabia que era o código para definir nos fiordes. Brennan era um assassino extremamente prolífico. Se alguma vez chegássemos a um problema de superpopulação nos Estados Unidos, eu não tinha dúvidas de que ele seria o cara para consertá-lo.

— Eu preciso vê-la. — Decidi simplesmente repetir isso até que Belle fosse colocada na minha frente, viva, bem e felizmente grávida. Ainda assim, eu não podia perguntar a nenhum deles se

o bebê estava bem. A pergunta parecia muito íntima, e não confiava em mim mesmo para não chorar, não importa a resposta.

— Persephone está empurrando sua cadeira de rodas pelo corredor agora, — diz Sam.

Cadeira de rodas?

— Passando. Por favor, abra espaço, — Persy gorjea naquele momento. Cillian corre para abrir a porta para ela, e ela entra, empurrando *Sweven* para dentro.

Emmabelle parecia cansada em um vestido de hospital azul-claro. Suas mãos estavam dobradas na frente dela. Eu não podia ver seu estômago desse ângulo.

Persephone a estacionou na beira da minha cama de hospital.

Engoli em seco, tudo dentro de mim queimando.

— Saíam todos. Eu preciso falar com Belle.

Todos eles saíram.

Belle encarou-me por um momento, piscando lentamente, como se eu fosse um completo estranho.

Inferno sangrento, esperava que ela não tivesse perdido a memória. Eu tinha acabado de cometer um ato heroico, possivelmente o *único* ato heroico que eu já cometi – passado, presente e futuro – e precisava que ela soubesse disso para que pudéssemos parar de brincar.

— O bebê... — comecei, então parei. Uma parte de mim estava com medo de saber. Eu *vi* sangue antes de desmaiar na casa dos pais dela.

Ela se inclinou para frente, descansando sua mão fria e úmida contra a minha quente na cama. — Ela está bem.

Balancei a cabeça gravemente, minha mandíbula tensa para não chorar de alívio, como uma garotinha.

— Bom. E você? Como você está se sentindo? — Pergunto.

— Eu também estou bem.

— Amável.

Silêncio. Tentei contrair meus dedos para colocar minha mão em cima da dela. Mas todo o meu braço e ombro pareciam imóveis.

— Estou paralisado? — Pergunto em conversa.



— Não. — Ela sorri, seus olhos brilhando. — Mas você está sob a influência de analgésicos, cara.

— Maravilhoso. — Sorrio cansado.

Nós dois rimos.

— Você entrou em um duto de ar por mim, — Belle engasga com as palavras. — E você é claustrofóbico.

Finalmente, fui reconhecido por minha grandeza.

— Você estava em perigo. — Dou de ombros com meu ombro saudável. — Fui um acéfalo.

Isso a faz cair em lágrimas. Ela enterrou a cabeça no linho ao lado das minhas pernas, seu corpo inteiro tremendo de soluços.

— Eu sinto muito, Devon. Estraguei tudo, não foi?

— Ah, cale-se, querida. Claro que não. — Faço um esforço para mover minha mão – e desta vez consigo – acariciando seu cabelo.

Para constar, ela com certeza *estragou* tudo, mas eu estava sendo um cavalheiro quanto a isso.

— Além disso, a que você está se referindo exatamente quando diz que estragou tudo? — Limpo minha garganta.

Ela olha para cima, enxugando as lágrimas com as costas da manga, fungando. — Eu peguei um cheque de Louisa... — Ela soluça.

— Eu sei. — Continuei a acariciar sua bochecha. — Ela me disse.

— E então eu deixei você sem nem me explicar.

— Sim. Sim. Eu estava lá durante todo o show, lembra? — Eu sorrio.

Ela parou. Inclinou a cabeça. Franzindo o cenho.

— Devon, por que você não está com raiva de mim? — ela exige. — Não está certo você aceitar esse tipo de comportamento. O que você é, um capacho?

— Um capacho, não, — eu digo, divertido, — mas estou apaixonado por uma mulher que sofreu um trauma grave quando era pequena. O amor falhou com você muitas vezes. Você nunca foi tímida sobre isso. Fui eu quem te empurrou para fora da sua zona de conforto.

— Minha zona de conforto é uma merda. — Ela ergue uma sobrancelha, parecendo cada vez mais com ela mesma. Tentei



não rir, inclinando minha cabeça contra o travesseiro enquanto a estudava.

— Eu sei, *Sweven*.

— Achei que você nunca mais me chamaria assim. — Seus olhos se enchem de lágrimas frescas.

— Por quê? — Agora eu *rio*.

— Porque eu disse para você se casar com outra pessoa.

— Eu não sei como dizer isso a você... — Entrelaço meus dedos nos dela —... mas nem tudo que você vai me dizer para fazer será seguido obedientemente.

Há um silêncio contemplativo, no qual ambos percebemos que tínhamos sorte de estar aqui, nesta sala, vivos.

— Eu queimei o cheque, — ela funga, finalmente.

— Eu sei. — Não tinha dúvidas de que ela rejeitaria receber dinheiro de Louisa, mesmo que ela ficasse tentada por um momento ou dois. E foi por isso que continuei lutando por ela, mesmo quando as coisas pareciam terríveis. — Por que você está em uma cadeira de rodas?

— Política hospitalar.

— Por que você não usou a arma? — Perguntei do nada.

Ela se encolheu. Isso nos levou de volta àquela cena, quando Frank a atacou.

— Eu estava com muito medo de te matar acidentalmente. Não queria arriscar.

— Essa é a coisa mais romântica que você já me disse.

— E também... — ela respirou fundo, fechando os olhos — ... minhas mãos estão longe de estar limpas neste departamento. — Ela abriu os olhos novamente, e ela parecia diferente desta vez. Complexa, poderosa, perigosa. Uma Valquíria. Jurei que ela era quinze centímetros mais alta do que eu naquele momento. — Conheço as consequências e complexidades de tirar uma vida. Eu não queria fazer isso a menos que fosse absolutamente necessário. — Ela se levanta na cama, aninhando-se ao meu lado. Seu estômago duro e redondo pressionado contra o meu lado. Meu pau imediatamente se levantou em apreciação. Ela entrelaçou os braços em cima de mim, tomando cuidado para não tocar meu ombro, e pressionou a boca no meu ouvido.

— Devon Whitehall, você é o homem mais lindo, engraçado, inteligente, espirituoso do planeta Terra, e eu estou loucamente apaixonada por você. Desde o momento em que nossos caminhos se cruzaram. E me dói dizer que não acho que nenhum homem



possa estar à altura de você, e é por isso que eu deveria parar de lutar contra isso.

— Malditamente certo. — Viro-me para beijar seus lábios suavemente. — *Sweven*.

— Não, — ela diz.

Afasto-me dela, franzindo a testa. — Você não sabe o que eu estava prestes a perguntar.

— Sim, eu sei, e a resposta é não. Eu quero te perguntar isso. Mas quero fazê-lo corretamente. Ajoelhada. — Belle aperta os lábios.

— Há coisas muito mais interessantes que você pode fazer de joelhos por mim, querida. Permita-me esta indulgência.

— Nada feito, gostosão. — Ela se inclina para beijar meu nariz, em seguida, dá uma mordida zombeteira. — Mas eu te amo.

— Também te amo.

— Devon... — ela hesita. *Ah, não*, pensei. Eu não poderia aguentar mais.

— Sim, meu amor?



— Posso te dizer uma coisa?

— Claro.

— Frank não é a única pessoa que matei na minha vida. Eu só quero ficar limpa, antes de darmos o próximo passo.

Merda. Bem, se havia um corpo do qual precisávamos nos livrar, suponho que seria exatamente assim. Pessoalmente, eu não era fã de pessoas sendo mortas, por qualquer motivo, mas por Belle... bem, quero dizer, o que um homem poderia fazer?

— Eu vou cuidar disso, — corto.

Ela olha para mim de forma engraçada e então começa a rir. O que foi tão engraçado? Mas então ela diz: — Não, não. Não é recente. Aconteceu há muito tempo. Foi a pessoa que abusou de mim.

— Seu pai? — Pergunto confuso.

Agora ela parecia desordenada. — O meu pai? Ele não abusou de mim.

— Achei que vocês dois tinham um relacionamento estranho.

— Sim. Guardei rancor porque ele traiu minha mãe.



— Oh, — eu digo por falta de uma resposta melhor. —
Então, me fale sobre a outra pessoa.

E ela falou.

Ela me contou sobre o Sr. Locken, sobre sua juventude, sobre o estupro, sobre o aborto e sobre sua vingança. No final de tudo, peguei-a em meus braços e beijei-a com tanta ferocidade que pensei que nós dois iríamos queimar vivos.

— Você ainda me ama, então? — Ela pergunta incerta.

— Amor é uma palavra muito fraca para o que sinto por você, *Sweven*.

— Obrigada por me fazer perder o apetite. Você deve começar seu próprio método de dieta. — Sailor entra na sala seguida por Persephone e Aisling, seus maridos não muito atrás. De repente, a sala estava cheia de pessoas que estavam lá para mim, e só então percebi que eu *tinha* uma família. Nós simplesmente não éramos parentes de sangue.

— Vocês dois vão se casar? — Sam encostou-se ao pé da cama, passando um braço sobre o ombro de Aisling.

— Ainda não, eu preciso propor a ele primeiro. — Belle apoia a cabeça no meu ombro, e doeu como todas as vadias do planeta Terra, mas, obviamente, eu não disse nada.



— Vejam só. Nem casados, e ela já usa as calças nesse relacionamento. — Hunter aponta o polegar em sua direção, rindo.

— Conhecendo Devon, ele encontrará uma maneira de tirá-la delas. — Cillian sorri – e por um segundo parecia quase humano.

Todos riram.

Essa era a essência da família.



Duas semanas depois, desembarquei na Inglaterra.

Desta vez com Belle.

Ela estava em seu segundo trimestre, o momento perfeito para viajar – de acordo com o Dr. Bjorn, pelo menos.

— Eu não sei o que é pior, minha prisão de ventre ou minha azia, — o amor da minha vida tornou-se poética quando deslizou no Range Rover esperando por nós em Heathrow. Desta vez, optei

por dirigir por Londres. Preferia conduzir meus negócios sem correr o risco de ser descoberto pelos tabloides.

— Vou pedir para Joanne marcar uma consulta com o doutor Bjorn assim que voltarmos para casa. — Beijei o lado de sua cabeça, ligando o carro.

— Obrigada.

— Você está experimentando algum desejo ainda? Alguma coisa que você gostaria? — Desviei o Range Rover em uma fila de um quilômetro e meio para sair dos limites do aeroporto.

— Podcasts de crimes reais e carvão contam como desejos?

— *Sweven*.

— Relaxe, — ela boceja, juntando seus cabelos loiros como gelo em um coque alto. — Sem desejos estranhos. Além do sexo.

Tive o prazer de agradá-la nesse departamento.

Belle voltou para o meu apartamento assim que recebemos alta do hospital, e desta vez não houve jogos entre nós. Nenhum perseguidor maluco também, um desenvolvimento adorável. Infelizmente, a mulher ainda não facilitou as coisas para mim. Duas semanas se passaram desde que eu quase a pedi em casamento no hospital, e ela ainda não tinha feito a pergunta. Estava tentando respeitar os valores feministas dela, e talvez



também estivesse um pouco nervoso que ela fosse arrancar minhas bolas se eu perguntasse novamente.

— Oh! Você poderia, por favor, pedir a Joanne para perguntar ao Dr. Bjorn se é normal eu ter tornozelos do tamanho de garrafas de água?

Poderia dizer que Belle estava com vontade de listar todas as maneiras pelas quais Baby Whitehall transformou seu corpo em seu próprio Motel 6, quando London chamou sua atenção. Ela respirou fundo, suas pupilas dilatando, engolindo aquelas íris azuis. — Puta merda, Dev. Este lugar parece um cenário de Harry Potter.

Olhei em volta para ver pilhas e mais pilhas de apartamentos miseráveis e intermináveis.

— Vou pedir a Joanne para marcar uma consulta com o oftalmologista enquanto ela está nisso.

— Calado. É *lindo*.

— Eu vou te mostrar o *lindo* assim que sairmos do escritório do meu advogado em Knightsbridge.

— Na verdade... — ela virou-se para olhar para mim, sorrindo, — ... estou indo sozinha para uma maratona de compras. Tenho que chegar às lojas rápido e com força para fazer todas as minhas compras.

— Vou levar apenas algumas horas. — Faço uma careta.

Embora Frank e Rick estivessem fora de cena, eu ainda estava preocupado que Emmabelle fosse o alvo. Louisa estava em algum lugar selvagem, amargurada por sua missão não cumprida.

— Por mais que eu adorasse *ouvir* dois velhotes dividindo milhões de libras entre instituições de caridade... — ela bate os cílios teatralmente como se isso fosse um sonho tornado realidade, — ... eu acho que estou bem.

Encontraria Harry Tindall para entregar minha herança para instituições de caridade de minha escolha. Se a riqueza de Whitehall estivesse indo pelo ralo, eu queria descarregá-la para organizações que importavam para mim.

— Não há ninguém para cuidar de você, — argumento.

Ela ergue uma sobrancelha. — Oi. Prazer em conhecê-lo. Belle. Vivo comigo mesma há trinta anos. *Ainda viva.*

— Apenas por pouco, — zombo.

— Eu vou fazer compras, — ela cimenta.

— Eu não vou rastejar em mais dutos de ar para você, — aviso, mas sabia que estava prestes a ceder.

— O quê? Nem mesmo elevadores de comida? — Então, antes que eu pudesse responder, ela dá um tapinha na barriga. — Não se preocupe, baby Whitehall. Uma vez que esse velho esteja fora do nosso caminho, estaremos nos alimentando de combustível fóssil e mistérios de assassinato.

Deixei-a ir.

Desta vez sabendo que ela voltaria.



A reunião com Harry Tindall durou três horas e meia.

Eu checava periodicamente meu telefone para garantir que Belle estava bem. E por 'periodicamente' quero dizer, claro, a cada quinze segundos.

Foi principalmente produtivo no sentido de que garanti que a riqueza Whitehall tivesse sido doada para a Cruz Vermelha Britânica, BHF¹²¹ e MacMillan Cancer Support. Se dependesse de

¹²¹ British Heart Foundation.

Edwin Whitehall, o dinheiro teria ido direto para organizações de caça, laboratórios de testes em animais e vários grupos terroristas. O homem tinha menos coração do que uma água-viva, e eu não tinha dúvidas de sua capacidade de piorar a condição humana, mesmo do além-túmulo.

— Isto tem isenção de impostos escrito por toda parte, — Tindall ronronou, equilibrando a pilha de três toneladas de documentos em sua mesa em uma pilha organizada. — Espero que seu CPA¹²² nos Estados Unidos saiba como tirar o máximo proveito disso.

Levantei-me. — Não estou fazendo isso por dinheiro.

— Eu sei, — diz ele desculpando-se, — o que é revigorante.

Dirijo-me para a porta, ansioso para voltar para Emmabelle.

— Devon, espere.

Tindall se levanta e cambaleia até a porta, fazendo uma careta, como se estivesse prestes a dizer algo que não deveria.

Parei no limiar, lançando-lhe um olhar. Eu sabia que ele provavelmente estava menos do que impressionado com a forma

¹²² Custo por aquisição.



como escolhi lidar com o testamento e, francamente, eu não poderia dar a mínima para o assunto.

Ele torceu o bigode entre os dedos, um gesto de vilão que me fez abafar uma risada.

— Eu só queria que você soubesse que, apesar de tudo, você se saiu fantasticamente bem, considerando sua... *educação*. Ou falta, na verdade. Edwin era um amigo querido, mas também era um homem difícil.

— Eufemismo do milênio. — Dou um tapinha em seu ombro. — No entanto, eu aprecio isso.

— Não, sério. — Ele agarra a porta, pisando na minha frente, bloqueando minha saída. — Pelo que vale, estou feliz que você não tenha sucumbido à pressão. Os Butcharts são... um grupo excêntrico. Eu não ligaria meu destino ao deles.

— Alguém pensaria que você gostaria que Louisa e eu tivéssemos o casamento de uma década. — Como amigo do meu falecido pai, eu quis dizer.

— Estaria errado, — diz Tindall, inclinando a cabeça modestamente. — Você é um marquês agora, Devon. Você não precisa de ninguém para afirmar seu título.

— Na verdade, — eu digo, — também não preciso do título.

Eu sorrio, dando um passo para fora de sua porta, já sentindo meus pulmões se expandindo com ar fresco e algo mais.

Algo que eu nunca tinha sentido antes.

Liberdade.



Embora eu lamentasse que preferisse manter um longo e apaixonado caso com um processador de alimentos, Emmabelle insistiu que fôssemos visitar minha mãe no Whitehall Court Castle antes de deixarmos o Reino Unido.

— A última pessoa que ela quer ver sou eu, — gemo enquanto dirijo para Kent no piloto automático. Lancei-lhe um olhar. Ela estava enterrada em sacolas de compras verdes e douradas da Harrods. — Na verdade, a última pessoa que ela quer ver é *você*, — solto uma risada. — Você é um lembrete de todas as coisas que deram errado com o plano dela. Se você espera um abraço e um chá de bebê espontâneo, vai se decepcionar.



— Sua mãe pode engolir isso. — *Sweven* revira os olhos, verificando o batom escarlate no espelho do passageiro. — Quero ver onde você cresceu.

— Mesmo se eu odiar o lugar?

— *Especialmente* porque você odeia.

Chegamos pouco antes de a escuridão chegar. As colinas verdes de Kent apareceram. Avistei o castelo de longe. Parecia mais escuro do que eu me lembrava, dobrando-se em si mesmo como uma violeta encolhendo.

Como se soubesse como eu tinha virado as costas para o nome Whitehall e não iria me perdoar.

— Droga, cara. Você faz os Fitzpatricks parecerem os babacas da rua que podiam pagar férias não domésticas e uma piscina no chão, — Belle ri. — Isso é rico-rico. Tipo, riqueza mamãe-posso-usar-uma-tiara-de-diamante para o café da manhã.

— Eu deveria ter ostentado minha riqueza? — Olhei-a de lado, levantando uma sobrancelha.

— Você está brincando comigo? — Ela joga os braços sobre meu pescoço, beijando minha bochecha. As bolsas da Harrods caindo entre nós, o símbolo do amor. — Eu estava morrendo de medo de Devon medianamente rico. Você sabe como eu ficaria



intimidada se soubesse que você estava empregando limpadores de bunda e pessoas cujo trabalho inteiro é soprar ar frio no seu chá?

Nesse ponto, perco o fio da conversa. Sobre o que ela estava falando?

Puxei o Range Rover pelo portão da frente, desliguei o motor e saí. *Sweven* contornou a frente do carro e se juntou a mim.

Ainda era tecnicamente minha propriedade. Algumas semanas atrás, eu tinha planejado entregá-lo à minha mãe. Agora, ela tinha perdido esse privilégio também. Chame-me mesquinho, mas não gostei de como ela enviou alguém para afugentar minha namorada. Então o acordo atual era que mamãe, Cecilia e Drew deveriam dar o fora de lá até o final do mês. Para onde, eu não fazia ideia nem desejo de saber.

Peguei a mão de Belle quando notei os caminhões. Havia três deles estacionados em uma fileira organizada em frente à entrada, os porta-malas abertos. Jovens de macacão gritavam uns com os outros em polonês enquanto atiravam móveis neles.

— Devon? — A voz da minha irmã soou da floresta. Virei-me para vê-la saindo da espessa cortina de árvores, levantando a saia em uma mão. — É realmente você?

Ela correu em minha direção. Meu coração ficou preso na garganta. Só por um segundo, ela parecia a Cece com quem cresci. A que eu segurei pelas pernas e fingi que sua massa de cachos loiros era um cabo de vassoura, varrendo o chão com eles enquanto ela ria. Fiz fusquinha em sua barriga nua e disse-lhe para parar de peidar. Ensinei a ela como estalar os dedos e assobiar “Patience” do Guns N’ Roses – e não apenas o refrão.

— Cecilia. Esta é minha parceira, Emmabelle.

Cecilia parou de repente, medindo Belle da cabeça aos pés. Eu vi *Sweven* através dos olhos dela. Uma mulher deslumbrante e autodidata vestida como se estivesse pronta para a sessão de fotos da capa da Vogue.

— Oi. — Cece sorri, oferecendo a Belle sua mão timidamente. Belle a usou para puxar Cecilia em um abraço, abraçando-a com força.

— Você é linda, — Cecilia deixou escapar depois de conseguir escapar do abraço de Belle.

— Obrigada! E você está... segurando um pula-pula? — Belle coloca o lábio inferior para fora, seus olhos se arregalando um pouco.

Cecilia ri, e percebo que ela *estava* segurando um pula-pula. Brilho instantaneamente. — Costumávamos correr na floresta

com pula-pulas para dificultar, — expliquei. — Ganhei todas as vezes.

— Todas. As. Vezes. — Cecilia geme, dando um soco simulado no meu braço. — Mesmo depois que ele foi para o internato e eu praticava diariamente. No minuto em que ele voltava, ele me deixava comendo poeira. Eu queria fazer isso uma última vez, antes... bem... — Cecilia virou-se para sorrir para mim. Havia tristeza ali, sim, mas nenhuma raiva ou malícia.

— Já está de mudança? — Pergunto.

Ela assente. — Mamãe não pode se dar ao luxo de ficar aqui. As contas são demais. Não há razão para adiar o inevitável. Ela está indo para Londres para ficar com uma amiga.

— E você e Drew?

Cece limpa mechas suadas de ouro de sua testa. — Drew encontrou um emprego! Você pode acreditar?

— Não, — eu digo categoricamente.

Cec ri. — Sim! Ele está começando do zero. Assistente administrativo de um banco privado em Canary Wharf. Você consegue imaginá-lo pegando café e lavando a seco das pessoas?

Eu não podia, na verdade, mas fiquei feliz por ele ter conseguido fazer uso de si mesmo assim.

— Eu me inscrevi na universidade. Acho que vou me tornar uma veterinária. — Ela sorri timidamente.

— Eu vou pagar, — ofereço. Afinal, Cece não fazia parte dos planos de mamãe e Louisa para Belle.

— Agradeço. — Ela estende a mão para apertar meu braço. — Mas um pouco de dívida estudantil não matou ninguém da última vez que verifiquei, e é hora de eu fazer algo por conta própria, você não acha?

Mamãe decide fazer sua grande entrada nessa cena estranha naquele momento, saindo carregando uma caixa cheia de bugigangas.

— Cecilia? O que diabos é toda essa comoção? Eu...

Belle vira-se para olhá-la. No minuto em que seus olhos se encontram, duas coisas ficam claras para mim:

1. Ambas sabiam quem era a outra.
2. Se alguém fosse matar alguém, eu apostaria meu dinheiro em *Sweven* e nem mesmo consideraria um investimento de alto risco.

— Oh. — Mamãe coloca a caixa no chão e pressiona os dedos na boca como se estivéssemos ambos nus, parados ali em sua garagem.

Minha mãe não conseguia parar de olhar para a barriga de Emmabelle. Esta última, em troca, esfregou-a protetoramente, como se a mulher na frente dela fosse tentar arrebatá-lo bebê se ela não tomasse cuidado. Sua barriga ainda tinha uma cicatriz rasa e fraca de toda a provação com Frank, mas Belle disse-me que amava ainda mais agora. A história por trás de sua gravidez. Como nosso filho era precioso e raro.

— Belle queria ver onde eu cresci antes de partirmos. Cuidei do testamento hoje. Está tudo feito. — Coloco um braço sobre o ombro da minha namorada.

Minha mãe ainda olhava para a barriga de Belle com desejo violento e faminto.

— Espero que seja do seu agrado. — Ela dá um passo em direção à barriga – e à mulher a que estava ligada – reconhecendo-a pela primeira vez. — Está livre para você usar. Estamos nos mudando. Você nos pegou em um momento inconveniente. Desculpe, não posso oferecer-lhe nenhum refresco. Minha cozinha está toda embalada.

— É sempre um fracasso quando *toda* a cozinha está embalada. Eu sempre deixo, tipo, três, totalmente abastecidas. Apenas no caso. — Emmabelle oferece-lhe um sorriso felino, tirando um pirulito atrás da orelha – como um cigarro – desembrulhando-o e enfiando-o no canto da boca.



Ela era uma trapaceira. Um arco-íris inesperado em uma pintura cinzenta e sombria. Uma mulher de muitos rostos, muitas formas e muitos chapéus.

A mãe a engoliu com os olhos, fascinada. — Todas as mulheres americanas são sarcásticas?

— Não, Senhora. Só as boas.

— Seu sotaque é tão... *preguiçoso*.

— Você deveria ver minha rotina de exercícios. — Belle chupou com força o pirulito, olhando ao redor, como se estivesse descobrindo o que queria fazer com o lugar. — Ah, e a sua parece que você nasceu para repreender crianças pequenas por pedirem uma segunda porção de mingau.

Isso me rendeu uma risadinha.

— Ouvi dizer que você é uma stripper. — A mãe inclinou o queixo para cima, mas não havia desafio nela. Apenas fascínio.

Dou um passo à frente, pronto para lhe dar uma surra verbal.

Belle coloca a mão na minha.

— Eu não sou uma stripper, mas como alguém que conhece algumas, posso te dizer que nenhuma stripper que eu já conheci



ficou para trás em suas contas. Elas geralmente fazem isso para pagar a faculdade ou apenas para ganhar dinheiro rápido. Muitas gorjetas. Não bata antes de experimentar.

Minha mãe assente. Ela ficou impressionada apesar de seus melhores esforços.

— Você é diferente do que eu imaginava.

— Você nunca deveria ter duvidado. Seu filho tem muito bom gosto.

Mamãe se vira para olhar para mim.

— Eu não a odeio, Devvie, — ela diz com uma boa porção de resignação.

— Gostaria de poder dizer o mesmo sobre você, Sra. Whitehall. — A voz de Belle chama sua atenção, e seus olhares se encontram. — Mas você machucou o amor da minha vida, e temos uma briga aberta para resolver.

— Nós vamos. — Mamãe assente brevemente, movendo-se em nossa direção quase cautelosamente. — Primeiro, posso tocar sua barriga? É oh-tão-cheia de bebê. E olhando para vocês dois, eu só sei que a criança será linda.

— Você pode passar a mão, Sra. W, — *Sweven* avisa, — mas isso não significa que você está fora da minha lista de merda.



Meu Deus, eu amava essa mulher.

Minha mãe coloca as mãos na barriga de Belle e sorri para ela. — Ela está chutando.

— Como você sabe que é ela? — Pergunto.

— Uma mulher sabe. — Ela se afasta, sorrindo para nós enigmaticamente.

Não havia mais nada a dizer realmente. Isso não era parte de uma reconciliação ou de um ramo de oliveira. Foi um adeus tranquilo e digno. Um adeus que deveria ter acontecido há duas décadas.

Minha mãe juntou minhas mãos nas dela, e eu deixei. Uma última vez.

— Eu só quero que você saiba, eu te amo, Devon. Do meu jeito indireto.

Eu acreditei nela.

Mas às vezes, um pouco de amor simplesmente não era suficiente.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Devon

— Por que a maioria das companhias aéreas não tem mais assentos de primeira classe? — Emmabelle faz beicinho ao meu lado no voo de volta para casa mais tarde naquela noite. Ela estava mastigando frutas secas.

Virei uma página do Wall Street Journal, tomando um gole do meu Bloody Mary, possivelmente a única virgem que já havia consumido. Eu teria ido para o uísque, mas Belle era o tipo de mulher que insistia que eu simpatizasse com ela permanecendo sóbria.

— Para começar, quase não havia diferença entre a primeira classe e a executiva. Acrescente a isso o fato de que os assentos da classe executiva, por definição, contam como uma despesa de trabalho, e você entenderá por que a maioria das companhias aéreas ocidentais não quer ser incomodada. Por que pergunta? — Olho para ela.

Ela se mexe desconfortavelmente em seu assento, olhando para a esquerda e para a direita.

— Não há espaço suficiente para as pernas.

Bato no meu colo, dobrando o papel e colocando-o debaixo do braço. — Coloque seus pés em mim. Problema resolvido.

— Não, não por isso. Ah, merda. Porra. Quero dizer... isso é besteira, — ela zomba, esfregando a testa.

— Por favor, continue. — Sento-me. — Eu amo quando você sussurra palavras doces para mim.

Mas ela não o faz. Ela esperou até que estivéssemos exatamente no meio do caminho entre o Reino Unido e os Estados Unidos. Abaixo de nós, não havia nada além da gigantesca e profunda extensão do Atlântico. Tudo o que nos mantinha no ar era um minúsculo tubo de metal e fé. E de repente, percebi exatamente a analogia que ela estava tentando fazer.

Aquele casamento era sobre dar e receber.

Sobre fazer concessões e se encontrar no meio do caminho.

— OK. Não me odeie se eu estragar tudo. Ou se eu não conseguir me levantar ou qualquer coisa. Este bebê está mexendo com meu centro de gravidade. — Belle pega uma coisa



quadrada de veludo de sua bolsa e levanta-se, antes de se agachar sobre um joelho e gemer de aborrecimento.

Sentei-me ereto, cada osso do meu corpo gritando para eu prestar atenção.

Todos na classe executiva voltaram seus olhares sonolentos em nossa direção.

— Devon Whitehall, você é o melhor homem que eu já conheci aos trancos e barrancos. Estou apaixonada por você desde o primeiro momento em que nossos olhares se encontraram. Quero envelhecer com você, estar com você nos bons e maus momentos, ter seu sobrenome. Eu sei que tenho sido... difícil nos últimos meses, mas prometo que sou uma mulher mudada. Por favor, você me daria a honra de se tornar meu marido?

— Sim.

Havia mais a ser dito.

Mas, por enquanto, esta palavra parecia resumir tudo.

As pessoas aplaudiam dos assentos ao nosso lado. Uma mulher tirou uma foto da coisa toda em seu telefone. Mas, de alguma forma eu não poderia me importar menos se acabássemos na capa de um tabloide.



— Ah, Dev. — Belle cobriu a boca com as mãos, lágrimas brotando em seus olhos. — Isso é incrível. Agora, por favor, você pode me ajudar a levantar?

EPÍLOGO

Belle

— Você sabia que quando um tamboril macho e fêmea acasalam, eles se fundem e compartilham corpos para sempre? Quando o tamboril encontra uma participante disposta, ele trava e se funde com ela. Ele perde os olhos e uma carga de seus órgãos internos até que eles compartilhem uma corrente sanguínea. — Devon acaricia minha mão amorosamente, olhando para mim de seu assento ao lado da minha cama de hospital.

— Uau, — eu digo secamente, prendendo a respiração para parar a dor. — Soa familiar.

Viro-me para a enfermeira fingindo que ela não está lá, que sorri para nós dois como *se tivesse* acabado de dar à luz, colocando meu prontuário de volta na beirada da cama. — Acabei de sentir outra contração, e essa foi baaaaaa...

Tão ruim que pensei que meu estômago estava prestes a se rasgar em dois.

— Quando o Doutor Bjorn vem? — Devon exigiu, estimulando a ação. — Minha esposa está com dor.

— Sua esposa não é a primeira mulher a dar à luz, — observa a enfermeira prestes a levar um soco. Ela se move para afogar os travesseiros atrás de mim. — Dois médicos diferentes vieram para uma avaliação e disseram que está tudo perfeitamente bem. O Dr. Bjorn está lidando com trânsito leve. Ele estará aqui em alguns minutos. Você sempre pode optar por uma epidural. — Ela olha para mim, encolhendo os ombros.

— Você está brincando comigo? Quero que essa criança saiba o quanto eu sofri por ela e mantenha isso sobre sua cabeça por toda a eternidade.

Ela ri.

Eu não sei por quê.

Eu *não* estou brincando.

— Querida, estamos bem. Você ainda tem tempo, — Devon murmura, acariciando meu cabelo do meu rosto. É tudo legal e romântico, e ainda assim estou prestes a empurrar um humano de quatro quilos para fora de mim sem nenhum remédio. Afasto a mão dele. — Vá buscar o Doutor Bjorn.



— Como desejar, Sra. Whitehall. — Ele não consegue sair da sala rápido o suficiente, e permaneço com a enfermeira olhando para mim como se eu fosse louca.

Devon e eu nos casamos logo depois que voltamos da Inglaterra. Foi uma cerimônia pequena e íntima em Madame Mayhem. As damas de honra usavam lingerie vermelha e ligas e não podiam dizer nada sobre isso. Meu casamento – minhas regras. Sam Brennan quase deu um soco nas paredes da sala quando viu sua esposa conduzindo-me pelo corredor de lingerie.

As coisas têm sido realmente incríveis entre nós. Quase demais. Às vezes acordo de manhã e penso: *Hoje vai ser o dia em que vou estragar tudo e desistir dele.* Ou mais frequentemente, *hoje vai ser o dia em que ele me deixa.* Que ele finalmente entende que estou muito danificada, muito quebrada, ou simplesmente demais.

Mas, de alguma forma, nenhuma dessas coisas acontece, e termino meus dias da mesma maneira: debruçada sobre meu marido, compartilhando nossas histórias e experiências do dia, assistindo TV, rindo e revelando pedaço após pedaço um do outro.

Sei que chegará o dia em que deixarei de me preocupar com o fato de que ele também me quebrará. Esse dia pode não ser hoje, nem mesmo amanhã, mas chegará.



Devon Whitehall, afinal, é o homem que me ensinou a lição de vida mais importante – que você ainda pode acreditar.

— Consegui um médico para você. — Devon irrompe na sala agora, ofegante. — Um que você conhece, nada menos.

— É o Doutor Bjorn? — Questiono, contorcendo-me na minha cama de hospital. — Sou só eu ou o bebê está meio para fora? — Algo está acontecendo entre minhas pernas, mas por razões óbvias, não estou em posição física para me abaixar e verificar.

— Melhor, — diz Devon, e ele e Aisling aparecem na minha frente.

Meu rosto cai. — Eu não vou deixar essa cadela ver minha vagina!

Mas ela já está caminhando até a pequena pia e lavando as mãos, colocando um par de luvas de plástico limpas. — Já vi piores.

— Oh, eu não quero dizer isso. Parece fantástica. Eu simplesmente não sinto que estou pronta para levar nosso relacionamento para o próximo nível, — bufo.

Mas então há outra contração, e eu grito, e Devon e Aisling correm em minha direção.

— *Sweven*, — Devon pronuncia com dor, enxugando o suor da minha testa com amor. — Sinto muito por ter colocado você nesta posição.

— Você me colocou em vinte e sete diferentes. É por isso que estamos aqui, — brinco.

— Ainda não quer minha ajuda? — Aisling levanta uma sobrancelha. — Porque estou feliz em chamar outro médico.

— Doutora Lynne está aqui, — a enfermeira Ninguém Perguntou se voluntaria inutilmente. Não conheço a Dra. Lynne. E o doutor Bjorn está obviamente muito ocupado enfrentando o trânsito de Boston.

— Tudo bem! — Jogo minhas mãos no ar. — Tudo bem. Apenas tire esse bebê de mim, Ash!

Devon pega minha mão, Aisling começa a trabalhar, e vinte minutos depois – justo quando o doutor Bjorn entra na sala cheio de desculpas – nasce Nicola Zara Constance Whitehall (e antes de perguntarem: *claro* que acrescentei Constance para garantir que todos saibam que ela é da realaleza).

Não estou exagerando quando digo que minha recém-nascida é a mais bonita que já vi. Com pele lisa e rosada, olhos brilhantes e os lábios mais rosados. Ela é frágil, inocente e perfeita. Eu quero protegê-la de todos os danos possíveis. Sei que



não posso, mas pelo menos por enquanto, eu posso. Mas, para mais tarde, quando ela crescer, tudo o que posso fazer é tentar criá-la para ser tão forte quanto sua mãe.

— Meu Deus, ela se parece com a mãe. — Devon beija-me, depois Nicola, então abraça Aisling.

Com meu lindo bebê em meus braços e meus amigos e familiares esperando do lado de fora, eu sei de uma coisa: nem tudo vai ficar bem.

Porque já está perfeito.

Devon

Seis meses depois.

Eu doo o Whitehall Court Castle para a *English Heritage Foundation*. Torna-se um museu. Uma parte de mim – uma parte extremamente minúscula de mim – está triste por eu estar desistindo do título de marquês. Que não estarei na Inglaterra para garantir que Nicola herde algum tipo de título. Mas a maior parte de mim está feliz por estar fora deste lugar que eu nunca poderia realmente chamar de lar.



Nicola está crescendo em um ritmo acelerado. Atualmente, ela está ostentando um choque de cachos brancos que parecem suspeitosamente com macarrão Ramen. Ela tenta afundar suas gengivas em qualquer coisa que ela possa colocar suas mãos gordinhas e é uma delícia completa.

Emmabelle voltou ao trabalho há um mês. Ela nomeou Ross como gerente oficial do Madame Mayhem e agora está se concentrando em seu mais recente empreendimento. Ela abriu uma organização sem fins lucrativos para mulheres e homens que foram agredidos sexualmente, fornecendo terapia e ajuda para encontrar trabalho e se recuperar.

Sua nova secretária, na verdade – a pessoa que substituirá Simon e fará todo o trabalho administrativo e de arquivamento – é Donna Hammond, ex-namorada de Frank. Ela tem um menino agora. O nome dele é Thomas e, às vezes, quando ele e Nicola estão na mesma sala, eles se encaram com expressões amplas de espera-você-é-um-pequeno-humano-também.

Agora estou pegando minha esposa na casa dos pais dela. Nicola cochila alegremente na parte de trás do meu Bentley. Pego meu sogro regando as plantas na varanda da frente e abro a janela do passageiro.

— Ei, John, você poderia dizer a Belle que estou aqui fora?



Ele ergue os olhos das flores, sorri e acena com a cabeça. Jogando a mangueira na grama, ele entra na casa e volta com minha esposa. Seus braços estão entrelaçados, e ele abre o banco do passageiro para ela e a beija na têmpora antes de dar um passo para trás.

— Dirija com segurança, — ele instrui, espiando Nicola no banco de trás, sorrindo. — Ela está crescendo tão rápido.

— Não crescem todos, — murmura Belle.

— Eu te amo, Belly-Belle.

— Te amo, papai.

Belle e eu dirigimos para o Aeroporto Internacional Logan. Durante toda a viagem, meu estômago está em nós.

— Vai ficar tudo bem, — Belle assegura-me, esfregando minha coxa.

— Eu sei. Faz pouco tempo.

— Ela ainda é sua família, — minha esposa aponta.

Eu sei disso também.

Quando chegamos ao aeroporto e tiramos Nicola de seu assento de carro e a colocamos na transportadora amarrada em



Belle, minha esposa automaticamente se dirige para a escada do estacionamento para o andar principal.

— Não. — Agarro a mão dela, apertando. — Vamos pegar o elevador.

Ela vira a cabeça, franzindo a testa. — Tem certeza?

— Positivo, querida.

Esperamos no portão apropriado e, embora eu tenha deixado os problemas da minha família para trás, ainda estou nervoso. O elevador de alimentos foi lacrado logo depois que eu assumi o controle da propriedade. Ajudou a aliviar um pouco da minha ansiedade sobre minha claustrofobia, mas não toda.

Quando Cecilia ligou-me e perguntou se podia vir ver o bebê Nicola, eu disse que sim. Ela não era, afinal, minha mãe nem meu pai. Ela nunca tentou me matar. Quando perguntei a Belle se deveria me oferecer para pagar o voo e as acomodações de Cecilia, ela disse: — Absolutamente não. Deixe-a mostrar a você que ela mudou.

E ela tem. Cecilia pagou tudo para esta viagem com o dinheiro que ganha trabalhando em uma biblioteca perto da universidade que frequenta. Ela é uma mulher mudada.

Quando vejo minha irmã saindo do portão do terminal, corro em direção a ela, com o coração mais leve. Ela parece a



mesma – talvez ela tenha perdido alguns quilos – mas seu sorriso é diferente. Genuíno. Despreocupado.

Nós nos encontramos no meio do caminho, compartilhamos um abraço esmagador, e ela chora no meu ombro. Eu deixo-a. Sei que ela sente isso também. Órfã. Afinal, quando tudo estava resolvido e decidido, Ursula também lhe deu as costas e foi morar em Londres com uma amiga.

— Obrigada por me dar outra chance, — Cecilia murmura em meu ombro.

— Obrigado por querer uma.

Sinto a mão de minha esposa nas minhas costas, apoiando-me, abraçando-me por trás, certificando-se de que nunca estou fora de equilíbrio.

— Vamos, — Belle diz suavemente. — Vamos fazer algumas novas memórias de família.

Então nós fazemos.

Fim





AGRADECIMENTOS

O problema de um doce adeus é que você nunca está totalmente preparado para isso. A série Boston Belles tem sido boa para mim, no sentido de que as relações entre os personagens não precisavam de nenhum incentivo real. Eles se enroscaram e se deram bem imediatamente no minuto em que os coloquei na mesma sala. Foi um alívio, mas também uma preocupação, porque como você se despede das pessoas que se sentem tão parecidas com sua família?

Estes personagens podem ser fictícios, mas as pessoas que os ajudaram a dar-lhes vida estão muito vivas. Elas são talentosas, trabalhadoras, e merecem uma salva de palmas.

Antes de tudo, eu gostaria de agradecer a Tijuana Turner, minha PA, meu alfa-leitor, alfa-manager e tudo o que está entre eles. E às mulheres ao nosso redor que me apoiam incondicionalmente e com amor feroz e ardente: Ratula Roy, Vanessa Villegas, Yamina Kirky, Marta Bor, e Sarah Plocher.

À minha designer gráfica, Letitia Hasser, que sempre arrasa absolutamente, e à Stacey Blake, minha formatadora, que borrifava pó mágico em tudo o que ela toca - obrigada.



Aos meus editores: Cate Hogan, Mara White, Max Dobson, e Sarah Plocher. Eu não poderia ter feito isto sem vocês (e me refiro a todos vocês. É preciso uma aldeia e meia).

Para minha agente, Kimberly Brower, por ser muito mais do que uma agente. Espero que vocês saibam o quanto são apreciados.

Gostaria de agradecer aos blogueiros e aos leitores que apoiaram esta série e, especialmente, acreditaram em mim. Vocês são os melhores e eu não consigo imaginar minha vida sem vocês.

Finalmente, se você pudesse dispensar alguns segundos para deixar uma breve e honesta revisão, eu apreciaria muito.

Cuidem-se e fiquem atentos. Este é o fim, mas também o começo de uma nova série...

L.J. Shen, xoxo